

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu



Migração circular como fator de manutenção
das línguas de herança entre descendentes de japoneses

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

(Versão Corrigida)

São Paulo - 2023

Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu

Migração circular como fator de manutenção
das línguas de herança entre descendentes de japoneses

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, da Universidade São Paulo, para fins de obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

(Versão Corrigida)

São Paulo - 2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K67m	<p>Komatsu, Patrícia Elisa Kuniko Kondo Migração circular como fator de manutenção das línguas de herança entre descendentes de japoneses / Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu; orientadora Maria Célia Lima-Hernandes - São Paulo, 2023. 260 f.</p> <p>Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.</p> <p>1. Aquisição de linguagem. 2. Japonês Língua de Herança. 3. Português Língua de Herança. 4. Migração circular. 5. Autoetnografia. I. Lima-Hernandes, Maria Célia, orient. II. Título.</p>
------	---

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência da orientadora

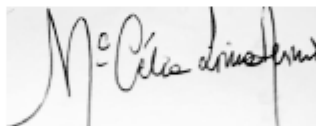
Nome da aluna: Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu

Data da defesa: 30/06/2023

Nome do Profa. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Célia Lima-Hernandes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 19/08/2023.



Orientadora da Tese

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu

Título: Migração circular como fator de manutenção das línguas de herança entre descendentes de japoneses. Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, da Universidade São Paulo, para fins de obtenção do título de Doutora.

Aprovada em: 30/06/2023

Banca Examinadora Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

Instituição: FFLCH - USP Assinatura: _____

Prof. Dr. Martin Jayo

Instituição: EACH - USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente

Instituição: UFRPE

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Patrícia de Jesus Carvalhinhos

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

A meus pais, exemplos de vida, que me trouxeram para o Brasil quando eu era criança.

À memória de Augusto Massato Kondo Komatsu, o filho falecido. Apesar de todos cuidados que dedicamos a ele e dos recursos avançados da medicina, ele não resistiu à doença congênita e veio a óbito. Em consequência desse triste fato fiquei inerte e muito depressiva. No entanto, hoje reflito que sua existência não foi em vão. Ele não chegou a articular qualquer palavra em português ou japonês, assim mesmo foi capaz de reforçar os laços de solidariedade entre os membros de nossa família e motivou meu filho mais velho, Ernesto Akito, a praticar o exercício da Medicina, curar o sofrimento físico, e a Fabíola Yumi, noiva do monge budista Gyouun Vieira, cada vez mais compreensiva com quem a cerca e ajuda curar a doença da alma. Por isso, não devo ficar triste, por pensar que ele nasceu e partiu desse mundo, cumprindo sua missão. Sinto-me tranquila e grata ao recordar seu rosto singelo e alegre nos momentos em que ele estava bem. Por muito tempo conservei sua fotografia no meu altar doméstico, conforme a tradição do budismo e a ele dedico esta tese de doutorado.

A meus queridos netos, Pedro Shinji e Theo Seiji, minha principal fonte de motivação.

Agradecimentos

À orientadora e amiga, Prof.^a Dr.^a Maria Célia Lima-Hernandes, pela competência e dedicação com que acompanhou este processo, desde o nascer da ideia até a redação final da tese. Ao Prof. Dr. Martin Jayo e à Prof.^a Dr.^a Patrícia Carvalhinhos, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

Às minhas estimadas amigas e estimados amigos do grupo de pesquisa LinC - Heritage Lggs que acompanharam a minha trajetória desde sempre, em simpósios presenciais e reuniões on-line durante todo o período de distanciamento social causado pela pandemia de Covid-19.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de Doutorado.

Durante os anos de preparo para o curso de doutorado e desenvolvimento desta pesquisa, muitas outras pessoas participaram deste processo, dentre as quais, algumas de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa: Prof. Dr. Alfredo Bosi (*in memorian*), Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior, Prof. Dr. Ichirou Oshima, Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago, Profa. Dra. Reiko Shinogi, Prof. Dr. Roberval Teixeira-E-Silva, Prof. Dr. Seiji Hirano, Prof. Dr. Teruo Hirayama, Prof.^a Dr.^a Tizuko Morchida Kishimoto.

Agradeço aos informantes bilíngues, por concederem entrevistas para o embasamento da pesquisa, em especial ao Sr. Takashi Morita, sobrevivente da bomba de Hiroshima, cuja família chegou ao Brasil na mesma época que a minha. A meu ex-aluno de japonês, Paulo Nomura, sempre pronto para colaborar.

Ao pessoal do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (DLCV), e da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, especialmente a Regina Celi Sant Ana e coordenadores, secretariado pelo auxílio e estrutura provida durante todo o curso de Doutorado.

Agradeço a meu pai (*in memorian*) pela coragem de trazer nossa família do Japão para o Brasil em busca de melhores condições de vida.

À minha mãe (*in memorian*) por me ensinar a língua japonesa e transmitir a religião budista que me serve de guia.

A meu recentemente falecido esposo Hyogen Komatsu (*in memorian*), companheiro de muitas viagens.

Finalmente, agradeço a meu filho Ernesto Akito e a minha filha Fabíola Yumi, por servirem de exemplos de bilinguismo e garantirem a manutenção da Língua de Herança que deixarei para eles.

Saímos no dia vinte e sete do Terceiro Mês. O céu da alvorada envolto em vapores, a lua em minguante e já sem brilho, via-se vagamente o monte Fujiyama. A imagem dos ramos das cerejeiras em flor de Ueno e Yanaka me entristeceram e perguntei se alguma vez voltaria a vê-los.

(Bashô, 1983, p. 51)

Título: Migração circular como fator de manutenção das línguas de herança entre descendentes de japoneses [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023.

Resumo

A pesquisa discute as peculiaridades da aquisição e manutenção do japonês e do português como línguas de herança (LH). São discutidas as formas de aprendizagem da linguagem até atingir o bilinguismo. Primeiramente, foi realizado um percurso histórico sobre a imigração japonesa no Brasil e, também, considerações sobre a comunidade de trabalhadores brasileiros no Japão. Observa-se que há um fluxo constante entre esses dois países de línguas, radicalmente, diferentes, com a inversão do sentido da imigração que teve início em 1908, podendo ser caracterizada como “**migração circular**”. A chegada de imigrantes japoneses ao Brasil foi interrompida durante a Segunda Guerra Mundial e retomada em 1953. Enquanto, a partir dos anos de 1980 ocorreu o deslocamento no sentido contrário, quando brasileiros descendentes de imigrantes japoneses partiram para o Japão como trabalhadores temporários (decasséguis). Nesse contexto, foi estudada a aprendizagem do japonês e português entre a comunidade de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil. Tendo como referência questões da aquisição de linguagem, bilinguismo e Língua de Herança num contexto multicultural, realizou-se uma pesquisa de campo sobre a situação dos descendentes de japoneses e falantes de japonês no Brasil. A metodologia tem como referência a própria vivência da pesquisadora, ao recorrer a uma abordagem autoetnográfica.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva, Aquisição de linguagem, Bilinguismo, Língua de Herança, Japonês no Brasil, Português no Japão, Migração circular, Autoetnografia.

Title: Circular migration as a maintenance factor of heritage languages among Japanese descendants [thesis]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023.

Abstract

The research discusses the peculiarities of the acquisition and maintenance of Japanese and Portuguese as heritage languages (HL). The process of learning two languages as a child are discussed until reaching bilingualism. First, a historical approach was made on Japanese immigration in Brazil and, also, considerations on the Brazilian community in Japan. It is observed that there is a constant flow between these two countries with quite different languages, with the inversion of the flow of immigration that began in 1908. The arrival of Japanese immigrants in Brazil was interrupted during the Second World War but resumed in 1953. While, in the 1980s, migration in the opposite direction occurred, when Brazilian descendants of Japanese immigrants start going to Japan as temporary workers (*decasséguis*). Thus, characterized as a form of circular migration. In this context, the learning of Japanese and Portuguese in the community of descendants of Japanese immigrants in Brazil was studied. Taking as a reference issues of language acquisition, bilingualism, and heritage language in a multicultural context – a field research was carried out on the situation of descendants of Japanese and Japanese speakers in Brazil. The methodology is based on the researcher's own experience, using an autoethnographic approach.

Keywords: Cognitive Linguistics, language acquisition, Bilingualism, Heritage Language, Japanese in Brazil, Portuguese in Japan, Circular migration, Autoethnography.

Lista de Figuras

1. Kuniko Kondo, Teatro de <i>Nou</i> , Ginza Nougakudou, Japão, 1973.....	18
2. Grupo de Capoeira Regional Tempo – Mestre Toni.....	37
3. Estimativa de Brasileiros Residentes no Exterior, 2013.....	45
4. Cartaz de companhia japonesa de imigração, 1925.....	47
5. Jovens japonesas em trânsito pela Hospedaria de Imigrantes do Brás, s/d.....	49
6. Centro de Hiroshima, Igreja cristã Hiroshima Ryûgawa, 1945.....	50
7. Plataforma da Estação Urakami, Nagasaki, 1945.....	51
8. Moradores de rua na cidade de Tóquio, 1945.....	52
9. Comemoração do aniversário de Silvia Lumy Akioka, Fukuoka, Japão.....	61
10. Renan Eiji, primeiro brasileiro com licença para advogar no Japão, 2019.....	65
11. Luffy, personagem brasileiro de animê, 2018.....	83
12. Imagens estereotipadas dos japoneses: A ofensiva japonesa no Brasil, 1942.....	106
13. Grupo de moças de Kaikan de Pereira Barreto, São Paulo.....	109
14. Homenagem aos imigrantes centenários, 2017.....	117
15. Chiyoko Matsumoto, homenageada pelo Consul Geral do Japão, 2017.....	117
16. Paulo Nomura e Lidiane, no restaurante Taiyoo, bairro da Saúde, 2019.....	118
17. Sepultamento de Margarida Mineko, 04 de abril de 2019.....	120
18. O pai, Sr. Masanosuke e a mãe Hatsue, a filha adotiva de Margarida Mineko.....	120
19. O Sr. Masanosuke faz discurso em japonês sobre o passado da filha.....	121
20. Edson Kazuo, viúvo de Margarida Mineko, faz discurso em português.....	121
21. Junko Watanabe, Yasuko Saito e Takashi Morita, 2019.....	132
22. Cena da peça <i>Três brevivente de Hiroshima</i> , Santos, 2019.....	134
23. Takashi Morita, <i>Três Sobrevivente de Hiroshima</i> , São Paulo.....	135
24. Noivado de Akira Kondo com Hatsu Kato, em 1930.....	140
25. Templo Matriz Yuseiji, Kyoto, Japão.....	147
26. Revista japonesa para adolescentes, 1958.....	160
27. Álbum de recordações, com a dedicatória da Profa. Carmelinda, 1958.....	162
28. Turma de alunas da escola São Paulo Saihou Jogakuin, fundada em 1935.....	165
29. Kabuki, estilo de teatro japonês, surgido em 1603.....	170
30. Yoshu Chikanobu, Cerimônia do Chá em Kyoto, Era Meiji (1868 a 1913).....	171
31. Festa de despedida no Pavilhão japonês, 1972.....	175
32. Chegada ao Aeroporto de Tóquio-Narita, 1972.....	176
33. Kuniko Kondo como professora de português, Tóquio, 1973.....	177
34. Matéria do Jornal Asahi Shimbun, Tóquio, 02 de junho de 1973.....	178
35. Comemoração do Ano Novo, residência do Prof. Dr. Teruo Hirayama.....	180
36. Kuniko, veste kimono, <i>furisode</i> e segura raquete (<i>Hagoita</i>), 01 jan. 1973.....	181
37. Partida do porto de Yokohama do Nippon Maru, 1973.....	181
38. Casamento na Igreja Católica Santo Ivo, São Paulo, 08 dez. 1974.....	183
39. Kuniko Kondo Komatsu e Hyogen Komatsu, casamento, 08 dez. 1974.....	184
40. Kuniko Kondo Komatsu e Hyogen Komatsu, com padrinhos, 08 dez. 1974.....	184
41. Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP), 1976.....	185
42. Patrícia Kondo Komatsu com alunos do EE Prof. Alberto Levy, 2001.....	187
43. Colegas de diferentes origens, Romênia, Brasil, Nepal e Índia, 2000.....	188
44. Recepção oferecida pela comunidade japonesa ao Presidente da JICA.....	189
45. Cerimônia do Chá (<i>Hatsugama</i>), Escola Urasenke janeiro de 2002.....	190
46. Nascimento do primeiro filho, Ernesto Akito, São Paulo, 1975.....	191
47. A vovó Hatsu Kondo brinca com o bebê, Ernesto Akito, 1975.....	192
48. A mãe, Kuniko, alimentando Ernesto Akito, bebê de 100 dias, 1976.....	192

49. O bebê Ernesto Akito, Hyogen Komatsu, Patrícia Kuniko e uma vizinha.....	193
50. O bebê Ernesto Akito, brincando com a vovó Hatsu Kondo (<i>Obaachan</i>).....	193
51. Primeiro aniversário de Ernesto Akito, 01 nov. 1976.....	194
52. Primeiro aniversário de Ernesto Akito, os padrinhos Roberto e Suely Knysak.....	194
53. Filho Ernesto Akito com babá nordestina, São Paulo, 1977.....	195
54. Fabíola Yumi, com 3 meses, São Paulo, 1978.....	196
55. Família Komatsu, Atlanta, EUA, em trânsito para o Japão, 1978.....	197
56. Akito e Yumi, os irmãos brincam em casa. Oogo, Gunma, Japão 1979.....	200
57. Fabíola Yumi, brinca com a vizinha no aniversário de 1 ano, Japão,.....	201
58. Fabíola Yumi, brincando na neve, Gunma, Japão, 1981.....	202
59. Foto de família com o bebê, Augusto Massato no colo, 1986.....	207
60. Ernesto Akito Kondo Komatsu, com Príncipe Hitachi, São Paulo, 1986.....	209
61. Heian Jinguu, Santuário Heian em Kyoto, agosto de 1987.....	212
62. Ernesto Akito e Fabíola Yumi, Nara, primeira Capital do Japão.....	212
63. Ernesto Akito Kondo Komatsu, Sagamihara Oonoshougakkou, Japão.....	213
64. Ernesto Akito, Leeds Castle, Inglaterra, 1997.....	217
65. Formatura de Ernesto Akito, FMUSP, São Paulo, 2000.....	217
66. Ernesto Akito Kondo Komatsu, treino com Tsuyuki sensei, Tóquio, 2001.....	218
67. Notícia de jornal japonês sobre medicina oriental, Tóquio, 2001.....	219
68. Fabíola Yumi, Apresentação de música Pop no Bar Avenida Club, 2005.....	221
69. Fabíola Yumi, festa junina com Pedro Shinji e Daniela Akemi, 2018.....	222
70. Fabíola Yumi, Festa de aniversário, 30 abr. 2017.....	222
71. Ernesto Akito e Fabíola Yumi, visita a um Santuário Xintoísta (Jinja).....	223
72. Ernesto Akito e Fabíola Yumi, Centro Comercial Akihabara, Tóquio.....	223
73. Ernesto Akito e Fabíola Yumi, lavando as mãos, no Santuário Xintoísta.....	224
74. Fabíola Yumi, com grupo de jovens do HBS, São Paulo, 2018.....	225
75. Fabíola Yumi Komatsu, Grande Culto, Templo Nikkyoji, 10 jul. 2022.....	226
76. Fabíola Yumi, 15ª Caminhada pela liberdade religiosa, Rio, 2022.....	227
77. Fabíola Yumi com Monge Gyouun Vieira, Rio, 2022.....	227
78. Hyogen Komatsu, Kuniko Kondo Komatsu e parentes, São Paulo.....	228
79. Bispa Myoushuu Kondo, Templo Nyorenji, Curitiba, 2021.....	229
80. Cegonhas de dobradura de papel (<i>origami</i>) com cristais.....	234
81. Visita dos filhos Ernesto Akito e Fabíola Yumi com Viviane e Pedro Shinji.....	235
82. Jogo com tampinhas coloridas, preparadas pela Patrícia Kondo Komatsu.....	236
83. Jogo com caixas de várias formas preparadas pela Patrícia Kondo Komatsu.....	236
84. Convite para a festa de um ano de Theo Seiji, 12 novembro 2014.....	237
85. Desenho de Pedro Shinji, escrito em japonês, desejando Feliz Natal.....	238
86. Desenho de Theo Seiji, escrito em japonês, <i>rômaji</i> , desejando Feliz Natal.....	239
87. 44º Aniversário de Ernesto Akito, restaurante Gendai.....	240
88. Pedro Shinji com troféu e Theo Seiji com a medalha, Colégio Santa Amália.....	241
89. <i>Obaachan</i> Patrícia com Pedro Shinji e Theo Seiji. 2022.....	242
90. Pedro Shinji e Theo Seiji, na casa da <i>obaachan</i> Patrícia. 2023.....	243
91. Vista do jardim dos fundos de casa, 2022.....	244
92. Casal de pássaros, vista parcial do jardim dos fundos de casa, 2022.....	245
93. Natal em família, Patrícia Kuniko, Shinji, Seiji e o primo Guilherme.....	246
94. Centro Educacional Pioneiro, Vila Clementino, São Paulo, 2022.....	247

Lista de Tabelas

1. Atividade Econômica da Comunidade Brasileira no Japão.....	59
2. Declaração de Frequência de Regressos ao Brasil.....	66

Lista de Quadros

1. Tipos de Bilinguismo Conforme Savedra e Heye (1995)	91
2. Expansão Japonesa até 1942.....	112
3. Transcrição Fonética.....	230
4. Árvore Genealógica das Famílias Kato, Kondo e Komatsu.....	231

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – Fundamentação e dinâmica apreendida.....	30
1.1 Língua, cultura e sociedade.....	30
1.2 Interação social.....	33
1.3 O português brasileiro como Língua de Herança.....	35
1.4 Cultura de herança.....	36
1.5 Migração circular.....	37
1.6 O Dilema entre a LH e a língua majoritária.....	41
1.7 Consequências da migração circular.....	46
1.8 Retomada da imigração japonesa.....	49
1.9 O movimento decasségui.....	55
1.10 O sonho dos decasséguis.....	60
1.11 O difícil retorno.....	65
CAPÍTULO II – Fluidez linguístico-cultural, bilinguismo e LH.....	67
2.1 Linguística Cognitiva e aquisição da linguagem.....	67
2.2 Bilinguismo e desenvolvimento cognitivo.....	69
2.3 Mecanismos cognitivos.....	71
2.4 Língua, história e cultura.....	72
2.5 Aprender brincando.....	74
2.6 Educação formal.....	78
2.7 Mídia e tecnologia a serviço das abordagens didático-pedagógicas.....	81
2.8 A fluência em falantes bilíngues.....	83
2.9 A educação bilíngue.....	91
2.10 A Língua de Herança.....	95
2.11 Português como LH no Japão.....	97
CAPÍTULO III – Histórias de vida, cultura e LH.....	102
3.1 Os primeiros imigrantes japoneses.....	102
3.2 Pós-Segunda Guerra Mundial.....	110
3.3 Migração histórica e cultura de herança.....	115
3.4 Imigrantes japoneses – antes da Segunda Guerra Mundial.....	115
3.5 Imigrantes japoneses – após a Segunda Guerra Mundial.....	122
CAPÍTULO IV – LH e bilinguismo: uma reconstrução memorável.....	13
4.1 Infância.....	137
4.1.1 Antecedentes da vinda para o Brasil.....	139
4.1.2 A casa em que nasci e a religião budista - Honmon Butsuryu-Shu.....	142
4.1.3 Motivo para a emigração da família Kondo ao Brasil.....	145
4.1.4 De Tóquio a Kôbe.....	147
4.1.5 A travessia do Oceano Pacífico.....	148

4.1.6 A chegada ao Brasil.....	149
4.1.7 Parada na cidade de Santarém.....	151
4.1.8 Chegada a Belém do Pará.....	152
4.1.9 Mudança para São Paulo.....	154
4.2 A adolescência e os anos de formação.....	159
4.2.1 <i>Shindô-Renmei</i> e o Sr. Kawasaki.....	167
4.2.2 A Família Ikeda e a cultura japonesa.....	169
4.3 Secretária bilíngue na Indústria Toshiba-IRENE.....	172
4.3.1 First National City Bank e estudo na USP.....	172
4.3.2 A Sra. Emiko e o Sr. Fujii.....	173
4.4 Bolsa de estudos no Japão.....	176
4.4.1 Noivado e casamento.....	182
4.4.2 Naturalizada brasileira e ensino de língua japonesa.....	186
4.5 Ernesto Akito e Fabíola Yumi.....	191
4.5.1 Alegrias e dificuldades entre Brasil e Japão.....	206
4.6 A família estendida.....	227
4.7 Epílogo.....	244
Considerações Finais.....	249
Referências Bibliográficas.....	254

INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus no Brasil teve início em meados de março de 2020 e, depois de passados um ano e quatro meses, ainda não se sabia quando iria terminar. Eu já tinha tomado duas doses da vacina Corona Vac em início de abril de 2021 e tomei também a vacina contra Influenza no mês de julho, mas a preocupação com o vírus continuava. No noticiário do dia 27 de julho, o *Jornal Nacional*, programa de notícias da Tevé Globo, notificou que estava surgindo uma nova onda de contágio causada pela variante Delta do vírus, que seria mais forte, com 15 pessoas já diagnosticadas na Capital paulista.

Naquela época, quando rezava, pedia ao Altar Sagrado e a meus antepassados que protegessem o meu filho, Ernesto, que é o médico radiologista, para que não contraísse o vírus. Apesar de que ele não estivesse na linha de frente de combate à COVID-19, frequentava o Hospital Nipo-Brasileiro onde trabalha ao menos três vezes por semana. Então, quando rezava, agradecia à divindade, aos ancestrais e ao Altar Sagrado, pois felizmente ele não contraía o vírus no trabalho e, assim, não transmitira para a esposa nem para os filhos. Observei, contudo, que ele estava mais sério e preocupado. Aliás, todos nós estávamos preocupados e em estado de tensão nervosa, porque, mesmo aqueles que já tinham sido vacinados, estavam contraindo esse traiçoeiro vírus.

Todos os dias, ao acordar, dirijo-me com gratidão ao Altar por ter dormido bem, sem estar doente e continuar viva. Através da janela da sala, olho o sol e agradeço por dar-me serotonina, o hormônio da felicidade e a vitamina D. E faço alongamento na sacada dos fundos de casa, que é voltada para um jardim em que estão plantadas duas árvores. Digo que estou grata para as árvores pelo oxigênio com que encho os pulmões. Lá, na sacada, o sol aparece às 14 horas e se põe às 17 horas. São os momentos de que disponho para praticar o alongamento de pelo menos 20 minutos por dia. Por causa da pandemia, evito sair de casa, mas sinto falta de caminhar e fazer exercício físico. Essa falta pode fazer mal à saúde, causando doenças como diabetes, rigidez no organismo e afetar o sistema nervoso, porém, com o alongamento e com alguns outros exercícios, vou preservando a minha saúde.

Naquele dia, amanheceu chovendo, coisa que não acontecia há meses, e o índice de umidade do ar estava muito baixo, causando mal-estar. Apesar do frio, fiz alongamento

e, enquanto isso, fiquei meditando. Estávamos em isolamento social há bastante tempo. Quando saíamos, não sabíamos se tínhamos contraído o vírus. A nossa única maneira de proteção era o uso de máscara, lavar as mãos com o sabonete ao chegar em casa e, enquanto estamos fora, higienizamos as mãos constantemente com o álcool 70, que é o mais forte. Quando chegávamos em casa, a rotina incluía tomar banho e colocar as roupas usadas para lavar. Parece que estávamos enfrentando uma guerra contra um inimigo invisível.

Isso me fazia pensar sobre a época da Segunda Guerra Mundial, quando o povo japonês foi obrigado a viver na simplicidade, com a falta até mesmo do arroz, que é o principal prato da população japonesa, uma vez que o governo controlava o consumo, e quase todo o arroz produzido era reservado para os soldados que iam lutar fora do país contra os Aliados. No final da guerra, em março de 1945, iniciaram-se bombardeios dos aviões americanos sobre as grandes cidades do Japão, principalmente nas regiões onde havia muitas indústrias e lojas de mantimentos.

Esses aviões eram chamados de B-29. Quando voavam pelo céu, vinha o aviso para que o povo se escondesse nos abrigos subterrâneos, e quem não conseguisse se proteger tinha grande possibilidade de morrer. As casas foram destruídas ou queimadas porque a maioria dessas casas japonesas na época eram construídas com madeira.

Quem tinha dinheiro podia comprar uma casa no interior; quem não podia, no entanto, buscava a ajuda de parentes que moravam no interior. As famílias que não tinham essas opções permaneciam nas grandes cidades arriscando a própria vida. Em muitas dessas famílias, pai e os irmãos mais velhos estavam no Sudeste Asiático lutando contra os inimigos do Japão. Na casa, geralmente ficavam as mulheres com as crianças. Muitas mães morriam e as crianças sobreviventes se tornavam órfãos de guerra. Houve muitos casos assim no final da ocupação japonesa, na Manchúria, China. A Rússia tinha feito um pacto de não agressão com o Japão durante a Segunda Guerra Mundial, mas já no final da guerra decidiram invadir as colônias japonesas e pretendiam avançar para o Mar do Japão. Na fuga, muitas famílias japonesas não podiam levar os bebês ou crianças com menos de cinco anos, porque tinham que fugir escondidas dos russos com a ajuda de alguns chineses e acabaram deixando as crianças para famílias chinesas, prometendo que viriam buscá-las, logo após a guerra. Mas, isto foi impossível por questões políticas no pós-guerra (KOMATSU, 2019). Era uma triste realidade. O povo tinha que viver sempre com medo dos bombardeios e sofrer com a falta de comida e de outros bens essenciais para sua sobrevivência.

Lembrei-me do livro *Diário de Anne Frank*¹, cuja protagonista judia iniciou seus escritos aos 14 anos, quando teve de viver no esconderijo com a família na cidade de Amsterdã. Muitos judeus saíam da Europa para outros países a fim de fugir da perseguição, mas a família Frank não conseguiu deixar o país a tempo e fora obrigada a viver num esconderijo juntamente com outra família, que tinha um filho com 16 anos. A adolescente descrevia as dificuldades em viver confinada num esconderijo, que ficava no andar de cima do armazém de seu pai num prédio antigo. Durante a noite, podia acender uma lâmpada bem fraca, mas todas as janelas estavam cobertas com uma cortina preta para esconder a claridade. Havia total falta de mobilidade dentro do prédio, além da privação de espaço, de água e de alimentação. Quando sentia atração pelo rapaz de 16 anos com quem convivia diariamente, ela pensava na irmã de 16 anos, que talvez sentisse o mesmo sentimento em relação ao mesmo rapaz. É só mais uma história dos tempos de guerra, quando se tem que resistir e enfrentar a triste realidade.

Entretanto, a guerra mais cedo ou mais tarde sempre termina com a derrota e rendição de um dos países. No entanto, a pandemia não se resolve assim por acordo. É verdade que a vacina contra o coronavírus foi inventada em tempo recorde, em menos de um ano. No Brasil, houve atrasos, mas, aos poucos, a maioria da população foi sendo vacinada segundo grupos de idade, ao mesmo tempo em que a incerteza continuava. Novas variantes do vírus estavam surgindo com mais rápida propagação. Era uma batalha infundável entre os políticos, os cientistas e a doença, exigindo cuidados constantes e paciência de todos nós, tudo fazendo para não sucumbir a essa terrível doença e à morte.

É nesse contexto de confinamento em que redigi esta tese, que focaliza – por mais estranho que pareça – o tema da mobilidade de pessoas e a circularidade desse movimento. Essa dinâmica – pude notar – correlaciona-se com o surgimento de alguns fenômenos linguísticos, dentre os quais focalizo a fluidez do bilinguismo japonês e português em núcleos familiares remanescentes da família japonesa Kato-Kondo, e a relação disso com a Língua de Herança (doravante, LH).

Neste trabalho, são discutidas as peculiaridades da aquisição e da manutenção da língua/linguagem em um ambiente familiar bilíngue, sendo que alguma dessas línguas aprendidas desde a infância flutua, a depender do espaço dêitico, entre o conceito de

¹ Livro autobiográfico escrito pela menina judia de 14 anos, Anne Frank, durante a Segunda Guerra Mundial, entre 12 de junho de 1942 e 1.º de agosto de 1944. Tornou-se muito conhecido por narrar momentos vivenciados pelo grupo de judeus confinados em um esconderijo durante a ocupação nazista dos Países Baixos.

língua materna (LM) e de LH. Por outro lado, apresentam-se quadros históricos, em que a situação econômica e política favorece os movimentos migratórios, que, conseqüentemente, motivam o desenvolvimento do bilinguismo em vários níveis.

Figura 1 – Kuniko Kondo, interpretando *Shimai*, Teatro de *Nou*, Ginza Nougakudou, Japão, 1973.



Fonte: acervo pessoal.

Sou de origem japonesa e me naturalizei brasileira². Quando cheguei ao Brasil, com dez anos de idade, tive que aprender a língua portuguesa do Brasil. Aperfeiçoei os conhecimentos gramaticais e desenvolvi o domínio de escrita, até que consegui ser aprovada no vestibular para o curso de Letras da USP, nas áreas de língua portuguesa e de língua japonesa. Ao terminar a faculdade, fui contemplada com uma Bolsa de Estudos para o Japão, onde pude aprimorar a língua japonesa acadêmica e aprofundar os conhecimentos das tradições (Figura 1) e da literatura japonesa que fazem parte de minha cultura de herança.

Além de frequentar a Universidade Metropolitana de Tokyo, ministrava aulas de português para os futuros emigrantes que planejavam vir ao Brasil. Nessa mesma ocasião, conheci um funcionário do Departamento de Emigração do Governo japonês. Casei-me com ele e, em consequência disso, tive que intercalar períodos de quatro anos

² Ao chegar ao Brasil, em 1955, meu nome original era Kuniko Kondo. Recebi o apelido de Elisa no ano de 1968, quando eu tinha 17 anos, pois minhas amigas achavam difícil chamar-me de Kuniko. Após o casamento e a naturalização, em 05 de julho de 1976, passei a chamar Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu. Patrícia é tradução de “Kuni” que significa Pátria e “ko”, filha.

no Brasil e quatro anos no Japão, por causa dos compromissos assumidos pelo meu marido.

Nesse ambiente familiar, caracterizado por constantes viagens internacionais, eduquei um filho e uma filha como bilíngues simultâneos e adaptados às duas culturas diferentes. Também passei a compreender, por empatia, os problemas psicológicos e sociais de pessoas que vivem num ambiente multicultural e as implicações positivas e negativas para a formação da própria identidade.

Em minha Dissertação de Mestrado (KOMATSU, 2010), pesquisei sobre a História Social dos Imigrantes Japoneses que vieram ao Brasil no começo do século XX, aqueles primeiros imigrantes que chegaram a bordo do navio *Kasato Maru* em 18 de junho de 1908. Foi nessa mesma viagem em que veio a família do monge budista Tomojiro Ibaraki (1886-1971), que com muita dificuldade conseguiu a introdução da *Honmon Butsuryu-shu* no Brasil. Essa é a religião que sigo desde o nascimento, segui durante a infância, porque já era praticada pela minha mãe no Japão e continuamos a segui-la aqui em São Paulo. Atualmente, meu filho e a minha filha também são fiéis dessa religião.

Para dar sustentação teórica às constatações no ambiente familiar, iniciei a pesquisa com o levantamento bibliográfico sobre fenômenos da Linguística Cognitiva aplicados à aquisição da linguagem, ao bilinguismo e à Língua de Herança, contribuindo, assim, para a fundamentação teórica desta tese de Doutorado. A partir daí, iniciei a pesquisa de campo com falantes de língua japonesa nas diversas comunidades de imigrantes japoneses e de seus descendentes em São Paulo, entre as quais as dos templos budistas e das Associações da comunidade japonesa radicada em São Paulo. Eu pretendia fazer entrevistas nas escolas de ensino de língua japonesa, mas, com a chegada da pandemia de COVID-19, não foi mais possível dar continuidade à pesquisa de campo. Também pretendia ir ao Japão a fim de realizar uma pesquisa de campo para conhecer a situação do português falado e escrito pelos trabalhadores brasileiros e por seus filhos, tal como previsto no projeto original de ingresso no Curso de Doutorado, mas tudo isso tornou-se repentinamente inviável. Optei por utilizar as informações obtidas pela internet e com alguns trabalhadores brasileiros retornados do Japão. A partir daí, lido com documentos históricos de algumas famílias conhecidas, dentre as quais a minha própria, família Kondo-Komatsu, somados aos dados recolhidos antes do período de isolamento.

O *design* original do projeto de pesquisa, no entanto, previa que, a partir dos dados obtidos na pesquisa de campo, seriam feitas reflexões sobre a língua japonesa e língua portuguesa no Brasil faladas pelos *nikkeis*. A partir daí, precisaria identificar os

contextos em que conversavam nessas línguas e em que realizavam a alternância de código (*code-switching*), assim como descrever os contextos em que a língua portuguesa seria usada no Japão como Língua de Herança. Tudo isso passou a ser observado por meio do aplicativo WhatsApp, nos avisos de eventos das associações e conversas entre bilíngues. Essas fases, naturalmente, implicam a sistematização dos dados obtidos e a elaboração do texto final para a defesa da tese. Além da pesquisa bibliográfica e dos documentos que pude reunir, algumas entrevistas já tinham sido realizadas com os imigrantes vindos do Japão e com seus descendentes no Brasil, duas famílias que vieram antes da II Guerra Mundial e da família Morita, que veio após a II guerra, em 1956. Adicionalmente, incluí entrevistas com os filhos dos brasileiros trabalhadores temporários retornados do Japão, para identificar o nível de conhecimento do português e o japonês adquiridos. Pela importância destes fenômenos e de meus interesses pessoais, escolhi o tema “Bilinguismo e Língua de Herança: Japonês - Português”.

Com a mudança dos rumos da tese no contexto pandêmico, comecei refletir sobre essas questões e me surpreendendo cada vez mais com respostas que a trajetória de minha própria família permitia elaborar. Seria possível, então, utilizar a história social da imigração de minha própria família – obviamente, um privilégio que me permitiria o contato com os agentes dessa história e o acesso aos documentos que pontilham os eventos correlacionados à minha vida pessoal – para instruir os argumentos necessários para uma pesquisa de Doutorado? A resposta está justamente na forma como surgiu a ideia deste trabalho investigativo.

Comecei constatando, em meu percurso cotidiano, a existência de algumas pessoas de origem japonesa que eram bilíngues, além de alguns retornados do Japão, onde foram trabalhadores temporários. Pude interagir com eles e recolhi informações sobre suas vivências culturais e seu desempenho como bilíngue do japonês e português. Todos eles haviam sido contatados durante a pesquisa de campo antes da chegada da pandemia do coronavírus, além dos contatos que travei com os idosos e alguns falantes bilíngues. Fui constatando que tudo o que reunia tinha respaldo em documentação histórica e em relatos de vidas pessoais. Posteriormente, em casa, ao organizar os materiais colhidos no trabalho de campo, senti que todo o relato se conectava perfeitamente com a história de minha família. Então, já trancada em casa devido à Pandemia, revirava caixas e caixas guardadas com fotografias que dispunham sobre a história, eventos sociais e percurso familiar. A história que eu enxergava ali era diversa de indivíduo para indivíduo, embora

todos partissem de um mesmo núcleo familiar no momento progressivo da chegada ao Brasil.

Comecei a buscar uma forma de aproveitar esses documentos há tempos guardados. Deles pude extrair uma história paralela aos depoimentos de alguns dos representados naqueles papéis e fotografias. A foto é um gatilho para motivar o falar de lembranças. Comecei a remexer esses documentos e a cotejar as histórias ouvidas. Uma riqueza foi se revelando. Em colóquios do grupo de pesquisa Linguagem e Cognição (LinC-USP), identificamos uma abordagem que é inspirada no método científico plasmado na complexidade. Nessa abordagem, a objetividade característica da Ciência Tradicional deixa de ser condição *sine qua non* e, em sintonia com as reflexões de Maturana e Varela (2001) sobre “biologia do conhecer” e a “ecologia implicada”, emerge uma visada diferente que reifica o processo e o observador como parte do experimento científico. Se o olhar do pesquisador é que lapida o objeto observado, como excluir sua contribuição para a pesquisa que desenvolve? Esta questão norteou o *design* do método que desenvolvi.

E como toda forma de se expressar um conteúdo está articulada a preferências do dizer de sua época, será possível notar que, nesta tese, fortalece-se uma tendência que se acentua atualmente no meio acadêmico originada na Antropologia, que é a “autoetnografia”³. Trata-se de uma orientação metodológica de apelo subjetivo que tem se espalhado por outros campos do conhecimento, a exemplo da Literatura e da Arte documental via filmes documentários. Nessa perspectiva, “o sujeito aponta a câmera para si mesmo e seu corpo, produzindo uma autorrepresentação que de uma individualidade reflete sobre o coletivo” (SANTOS, 2012). Isso revela uma mudança de perspectiva, como observa Bruno Latour:

Fazíamos a antropologia dos outros, mas não de nós mesmos, com exceção das margens, dos marginais de nossa sociedade, do que sobreviveu: da magia, das festas, da sociabilidade. Mas jamais fazíamos a antropologia do centro que constitui nossas atividades. (LATOURE, *apud* SANTOS, 2012, p. 23).

³ A autoetnografia é uma abordagem teórica, metodológica e principalmente textual, que visa a que o pesquisador experiencie, reflita e represente, através da evocação, a relação do *self* com o meio cultural; contraste a experiência individual com a experiência coletiva e, assim, construa o espaço propício para expor as políticas da identidade e faça refletir sobre a justiça social. Ao investigar essas relações, o método autoetnográfico funde a narrativa pessoal com a exploração sociocultural. De um modo geral, a investigação e escrita autoetnográfica tem sido praticada por jornalistas e romancistas, historiadores e biógrafos, e viajantes. Contudo, o desenvolvimento e aplicação desta metodologia entre os acadêmicos das disciplinas humanísticas é mais recente.

<https://knoow.net/ciencsocioaishuman/sociologia/autoetnografia/> Acesso em: 17/12/2022

A “**autobiografia**” é uma forma clássica da produção literária. Confissões (2004) obra de Santo Agostinho nascido em 354 d.C., pode ser considerada como uma das primeiras autobiografias que se tem notícia na história da Literatura ocidental. Escrita por esse influente teólogo e filósofo cristão do século IV, esse texto teve grande influência sobre outros autores que o tomaram como modelo. Desde então, inúmeras personalidades dedicaram seus últimos anos de vida para escrever suas autobiografias.

A “**autoetnografia**”, por sua vez, é uma nova abordagem de pesquisa atual que combina elementos da etnografia e da reflexão pessoal da própria pesquisadora para explorar e descrever a experiência de vida de uma pessoa dentro de um determinado contexto sociocultural, ou étnico. É um método qualitativo que busca compreender e interpretar a cultura e as práticas sociais através da perspectiva da pesquisadora, utilizando sua própria experiência de vida como fonte de dados. Ao realizar uma autoetnografia, a pesquisadora mergulha em sua própria vivência, reflexões e memórias, a fim de compreender as influências culturais, sociais e históricas que moldaram sua identidade e suas interações com os outros. A pesquisa geralmente envolve uma narrativa pessoal em que a pesquisadora descreve eventos, experiências e interações significativas, bem como as reflexões e interpretações que surgem a partir delas.

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 218)

Portanto, a autoetnografia destaca a subjetividade autoral e reconhece que a experiência individual é influenciada por fatores sociais, culturais e históricos mais amplos. Pode fornecer uma perspectiva única e aprofundada sobre uma determinada cultura ou contexto social, permitindo *insights* valiosos sobre temas como identidade, poder, relações sociais e mudança social.

Enquanto a autobiografia busca a veracidade dos fatos, a autoetnografia não pretende ser objetiva no sentido tradicional da pesquisa científica. Em vez disso, busca compreender a subjetividade da própria autora e explorar como sua experiência pessoal que está interligada com a cultura e o contexto social. A autoetnografia também pode ser uma forma de autoexpressão e empoderamento, permitindo que pesquisadores

compartilhem suas histórias e perspectivas de forma autêntica, combinando elementos da etnografia e da reflexão pessoal para investigar a cultura e as práticas sociais a partir de uma perspectiva individual.

[...] o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. (SANTOS, 2017, p. 219)

A partir dessa “abordagem integrativa”, começamos a verificar que a paisagem foi se desenhando juntamente com o objeto, pois os contextos revelam-se como uma espécie de mapa provisório altamente dependente dos entrelaçamentos e redes percebidas nos eventos descritos. Agregamos, então, essa abordagem dinâmica e sua lógica difusa ao que seria o caminho científico que rejeita uma única linearidade descritiva, mas, em contrapartida, favorece o surgimento de uma multidimensionalidade típica de contextos complexos, auto-organizados, os quais emergem na descrição elaborada pelo pesquisador, tal como uma antropóloga o faria.

O método por si próprio, no entanto, não se constitui como uma novidade no meio acadêmico. Filipović (2017, on-line) tratou do tema, extensivamente, e delineou os próprios passos em cada etapa de pesquisa como uma forma de atender a uma ordem implícita, já que uma verdade é irrefutável: tudo está conectado a tudo. Isso não significa dizer que o caos se instaure e o método se sacrifique. Ao contrário, não se impõem de fora para dentro, nem *a priori*, procedimentos metodológicos; mapeia-se cada situação/evento considerando elementos-contextos significativos que permitam apreender e explicar o objeto de forma holística.

Com o *insight* que tive durante aquela fase decisiva desta pesquisa, elaborei um relatório sobre o progresso do trabalho e o submeti a uma banca examinadora composta por dois especialistas da USP⁴. Esse relatório abrigava alguns elementos-contextos que fui reconhecendo nos mapas previamente desenhados. Posteriormente, ajustes foram

⁴ Agradeço às críticas e às sugestões formuladas, a partir da atenta leitura da proposta de tese, pelos Professores Doutores Patricia Carvalhinhos e Martin Jayo.

realizados. Eu estava consciente de que novas leituras poderiam abrir inéditas veredas de reflexão e de que seria equívoca a ideia de acesso a todos os fatos/pessoas/contextos que permitiram conhecer essa realidade global e homogênea, mesmo porque realidades são fluidas e conectadas de forma insólita, provisória e dinâmica. Dei início à fase seguinte de pesquisa, correndo todos os riscos científicos que qualquer pesquisa inovadora prevê.

Como a formação do pesquisador orienta o seu olhar, é justamente esse olhar que determina o jargão empregado e condiciona a forma de organizar as informações. Venho de uma formação em Linguística Cognitiva. Ao longo de minha formação, passei a compreender que é notável o papel da cognição no fenômeno da aquisição da linguagem e no desempenho linguístico desde o nascimento, a primeira infância, até chegar à idade adulta (processo ontogênico). Reconheço a relevância da capacidade plena de raciocínio, de escrita e de expressão verbal em variados estudos sobre enquadramentos bilíngues de aquisição de linguagem, porém também tenho a consciência de que, muitas vezes, haveria a estreita relação disso tudo com o papel psicológico e social da linguagem como instrumento da comunicação humana.

Outro fator bastante ignorado na ciência moderna é o papel do pesquisador “de dentro”, que age como um antropólogo em campo⁵. Há dados e informações que somente podem ser acessados da forma mais íntima se houver o estreitamento de laços ou a aproximação cultural do pesquisador com as realidades que ele descreve. Nesta tese, que é autoral, que é inédita, atende a todos os cuidados científicos necessários para que o tema seja tratado com isenção; no entanto, posso garantir que o que vemos na história do outro está refletido na história de qualquer membro desse grupo familiar, ainda que de forma gradiente quando se considera o mesmo critério para a averiguação do conjunto. Nesse sentido, cerquei-me de fundamentos teóricos suficientes para garantir o não-

⁵ Lima-Hernandes (2022, spp.) discute esse conceito de “pesquisas de dentro” como sustentação primordial para o acesso à comunidade de Língua de Herança: “No campo das Línguas de Herança, as mães inicialmente reuniam-se para criar um ambiente de trocas de que participavam seus filhos, que já tinham a língua local como a língua materna. Assim, a língua materna dos pais era, na verdade, uma Língua de Herança para seus filhos. Passaram como Piaget a observar o desenvolvimento da língua portuguesa em seus filhos. Mas, por decisão dessas mães, a manutenção da Língua de Herança era uma questão de honra. Precisavam que seus filhos se comunicassem com os familiares que teriam permanecido em seu país de origem. Algumas mães, dado o apoio do governo local, conseguiram criar associações que passaram a ensinar a Língua de Herança e a incentivar o contato com a cultura ancestral (Jennings e Lima-Hernandes, 2015). Desse primeiro passo ao que hoje vemos na ciência, não foi preciso longo tempo. Tudo foi muito rápido e com a grande ebulição social que trouxe massas imigratórias para os vários países, mais e mais passamos a compreender que era preciso descrever e contribuir para a inserção social desses jovens migrantes, que logo teriam seus filhos, os falantes de herança.” (no prelo)

enviesamento do olhar de pesquisadora, recorri a documentos históricos que permitissem a checagem das fontes e a ratificação dos depoimentos reunidos. Para além de tudo isso, lancei mão de um acervo pessoal que venho guardando há anos e que implica uma dinâmica de circularidade antes verificada nos pressupostos teóricos e nos perfis dos participantes e entrevistados. Até mesmo a forma como organizei a tese, em seus capítulos, é justificável pela intenção de evidenciar que o movimento individual está refletido em outros indivíduos, assim como pode ser lido em termos de grupos familiares diversos. As imagens incluídas poderiam ser lidas como fatos casualmente fotografados, mas não há o acaso onde as intenções se manifestam em atitudes e representações identitárias.

Os objetivos desta tese foram delineados e, a partir disso, elaborei um "esquema" do que seria esta tese. Apoiei-me nos fundamentos teóricos sobre o modo de escrita propostos por David Nunan e por Julie Choi (2010), divulgado no livro **Language and Culture: Reflexive Narratives and Emergency of Identity**. Naquele contexto, os pesquisadores relataram suas histórias em primeira pessoa, tal como decidi fazer aqui. Com essa estratégia discursiva, Nunan e Choi (2010) colocam em causa o envolvimento do pesquisador, discutem o papel da narrativa no ambiente científico, além de terem propiciado a reflexão sobre as identidades multiculturais. E eu, de minha parte, pude experimentar uma nova forma do fazer científico, num embate identitário muito mais intenso e árduo do que no silêncio de um Arquivo Histórico. No ambiente em que me encontrei, vagando entre presente e passado durante os últimos anos, forjei uma escrita entranhada e cosida pela reflexão identitária propiciada por um inescapável momento de Pandemia Mundial.

A título de ilustração, apresento a citação de um trecho do artigo "*On this writing: an Authotheoretic Account*", de Luke (2010, p.135): "Sim, temos muitas explicações disponíveis: que a escrita é um produto de inspiração, que de fato vozes de 'outros' podem estar falando através de mim". Nesse trecho, o autor reconhece a permeabilidade das vozes e das instâncias de onde se fala. E como redijo esta introdução após ter finalizado a redação da tese, consigo alcançar um lugar de observação privilegiado. Esse lugar me permite verificar a aplicação dessa concepção muito mais fortemente representada no modo de escrita do capítulo IV, em que relato a "autoetnografia" pautada tematicamente pelos objetivos da tese. Ao mesmo tempo em que é uma narrativa sobre o percurso de uma família de imigrantes vindos ao Brasil após

a II Guerra, é também minha história familiar que se reverbera e se implica. Tratarei mais detidamente sobre esse tema adiante.

Pesquisar o bilinguismo no Brasil, no contexto da comunidade dos imigrantes japoneses e de seus descendentes, incluindo seus desafios na aquisição/manutenção do japonês como Língua de Herança, é o que me move parcialmente neste Doutorado. A outra parte decorre do interesse do revés dessa situação no Japão, ou seja, examinar o bilinguismo presente na comunidade de trabalhadores brasileiros no Japão e os desafios na aquisição/manutenção do português como LH. Para isso, torna-se necessário refletir sobre a história social dos imigrantes japoneses no Brasil, principalmente sobre aqueles que chegaram antes da II Guerra e se estabeleceram no Estado de São Paulo, a fim de entender de que forma essa comunidade foi capaz de manter a língua japonesa como Língua de Herança e perpetuá-la entre seus descendentes.

Embora um dos focos de estudo seja a aquisição de linguagem, torna-se relevante lembrar que esse tema será abordado num enquadramento voltado às dinâmicas familiares e não exclusivamente voltada ao indivíduo. É por isso que considero os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais envolvidos nesse processo. Ademais, como todo fenômeno surge num contexto típico de sua época, não pude ignorar o fenômeno da globalização e as facilidades implicadas nos meios de transporte e das telecomunicações alcançadas no século XX. Concomitantemente, as ofertas de empregos nos países mais desenvolvidos apresentam-se como oportunidades de trabalho bem remunerado, o que, por sua vez, ecoa no mundo como um atrativo poderoso que move pessoas a migrarem dos países periféricos ou que estejam em situação adversa para outros lugares que ofereçam melhores condições⁶. Todos esses fatores têm aumentado os deslocamentos demográficos em nível transnacional, incluindo-se também o fenômeno da migração forçada, causada por conflitos e por dificuldades econômicas. Acelera-se, assim, o deslocamento de populações autóctones que carregam consigo um rico patrimônio linguístico e cultural que vive em risco de desaparecimento nas gerações seguintes.

No âmbito restrito deste trabalho, a questão da LH é discutida tendo-se como referência a língua japonesa falada na comunidade dos descendentes de imigrantes japoneses no Brasil; em contraste, com o português falado pelos filhos de trabalhadores

⁶ Não discuto aqui se “melhores condições” equivalem a uma busca de melhor qualidade de vida ou se traduz numa fuga das condições precárias que conduzem à penúria, ou de qualquer opressão política.

brasileiros no Japão. Torna-se por isso necessário refletir sobre a história social da imigração japonesa no Brasil, principalmente, no Estado de São Paulo, a fim de entender de que forma a comunidade de descendentes dos primeiros imigrantes japoneses conseguiram manter sua LH e conservar sua cultura. Observa-se que essa conjuntura histórico-social conduziu a uma situação de “**migração circular**” em que se tem como resultante um ambiente social muito favorável para o fenômeno do bilinguismo tanto linguístico quanto cultural.

É dessas reflexões que venho fazendo há anos que delinheio o objetivo desta tese que é identificar fatos e erigir argumentos que permitam discutir a manutenção da LH no contexto das famílias japonesas imigradas ao Brasil. Busco responder à questão: que fatos, extraídos de minhas próprias vivências e das experiências pessoais de imigrantes japoneses entrevistados, permitiram desenhar um movimento de circularidade? Uma hipótese que surge a partir daí é de que as experiências pessoais ligadas à motivação para a migração podem ser um fator relevante para compreender o peso da circularidade.

No primeiro capítulo, **Fundamentação e dinâmica apreendida**, esclarecemos como língua, cultura e sociedade estão imbricadas na aprendizagem de uma segunda língua até atingir o bilinguismo. O fenômeno da “migração circular” é um exemplo de como fatores históricos e econômicos interferem na vida das famílias que, ao se deslocarem em busca de trabalho e de oportunidades, ficam expostas a diferentes línguas num ambiente que favorece o desenvolvimento do bilinguismo.

No segundo capítulo, **Fluidez linguístico-cultural, bilinguismo e Língua de Herança**, apresento a forma como observei os fatos sociais e históricos absorvidos pelos indivíduos, em nível familiar e individual, envolvendo aí questões de bilinguismo e desenvolvimento cognitivo, identidade cultural e LH.

No terceiro capítulo, **Histórias de vida, cultura e LH**, concentrei-me nos relatos pessoais de famílias binacionais que estiveram no ambiente ideal para o desenvolvimento do bilinguismo e para a preservação da língua e da cultura de herança, na comunidade japonesa em São Paulo.

No quarto capítulo, **Língua de Herança e bilinguismo: uma reconstrução memorável**, fecho com a história de minha própria família, baseada em memórias pessoais, já que, como imigrante japonesa que chegou ao Brasil aos dez anos, aprendi o português falado e escrito no Brasil, e ingressei na universidade no Curso de Letras da USP. A despeito disso, mantive em uso minha língua materna, tornando-me bilíngue e

sendo capaz de transmitir aos meus filhos e netos a língua que herdei de meus antepassados.

Esta tese consubstancia-se, assim, como uma contribuição à consolidação do termo “Língua de Herança”, que vem sendo atualmente introduzido na área da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, especialmente. As vantagens dessa nova terminologia tornam-se bastante evidentes no caso da presente pesquisa, uma vez que o contexto sociocultural é de grande relevância para os falantes bilíngues, seja no Brasil, seja no Japão.

A necessidade de ampliar as pesquisas sobre o bilinguismo se justifica, também, por ser um assunto relacionado aos deslocamentos humanos de um país para outro por motivos econômicos, políticos e sociais; sendo uma questão muito discutida atualmente. Uma vez que, para a adaptação num país estrangeiro, frequentemente, é indispensável o aprendizado de uma nova língua, que se torna uma segunda ou terceira língua para o deslocado, discutir o bilinguismo resultante desse movimento pede que se amplie o enquadramento do fato em suas circunstâncias dêiticas.

Quanto aos recursos da Linguística Cognitiva, aqui amplamente mobilizados como fundamentação teórica, vale lembrar que a abordagem da Linguística Cognitiva vem ganhando proeminência desde o início dos anos de 1970, destacando-se que o desenvolvimento da linguagem depende do uso da mente e dos conhecimentos a ela associados, como a Psicologia, a Genética, a Neurociência, a Biologia, a Educação associada a uma variedade de experiências. Daí a valorização do conhecimento do mundo e da percepção pessoal do entorno e do contexto cultural. Essa perspectiva assumida pela Linguística Cognitiva produz consequências de longo alcance, por exemplo, implicações e aplicações pedagógicas no ensino da língua materna e no das línguas estrangeiras (Taylor, 1993), mas não somente, porque implica pessoas em convivência. Assim, essa abordagem ganha cada vez mais importância no estudo da aquisição da língua materna e em outros fenômenos como o bilinguismo no contexto de um mundo globalizado, o que implica os vários campos de planejamento de políticas públicas.

Embora não seja a principal meta desta tese discutir a necessidade de se reverem políticas públicas de acolhimento ou de ensino a falantes de LH, dentre outros campos de relevância para o crescimento do país, os resultados que aqui exponho permitem construir poderosos argumentos para políticas que envolvem a imigração para o Brasil porque implicam ações de inserção social, de política e educacional para os futuros construtores de um país mais rico e super diverso culturalmente. Igualmente útil tornam-se as questões

implicadas nesta tese para as políticas de Estado voltadas a cidadãos que emigraram do Brasil para outros países porque envolvem tanto um trabalho nacional de articulação de políticas de acolhimento e de aproveitamento de talentos para o país receptor, quanto a manutenção de socioculturais brasileiras nesses espaços. Nesse sentido, para além das políticas familiares tão relevantes entre imigrantes, esta tese constitui-se uma leitura fundamental para pessoas que atuam em áreas diversas das políticas de representação nacional, assim como nas políticas internas e de governança dos recursos humanos e imateriais. Assim, escrevi esta tese com a intenção de contribuir ao público.

CAPÍTULO I

Fundamentação e dinâmica apreendida

*É na Religião que ensina,
de modo suave e simples,
o que seria complicado
e difícil de entender.*
(Nissen Shounin - V. 2910)

Neste capítulo, abordamos o desenvolvimento cognitivo das crianças. Como uma parte da complexa questão da linguagem humana. De igual importância é a sua pertença sociocultural, um aspecto que vem sendo amplamente reconhecido pela Sociolinguística, Psicolinguística, Neurolinguística e Linguística Cognitiva. Entre essas áreas científicas, destacamos os recursos teóricos desta última, pois, hoje, sabemos que é notável o papel da cognição no fenômeno da aquisição da linguagem e na eficiência linguística desde o nascimento, a primeira infância e, também, para o desenvolvimento do indivíduo durante a adolescência até chegar à idade adulta, conforme Komatsu (2015). Outro tema que abordamos, também do âmbito da Linguística Cognitiva, é a capacidade plena de raciocínio. Porém, muitas vezes, é necessário, antes, compreender o papel psicológico e social da linguagem como instrumento da comunicação humana. Além da dinâmica social, é importante destacar, sobretudo, que a linguagem apresenta aspectos individuais, uma vez que cada um tem suas características biológicas e psicológicas decorrentes de seu percurso e, de modo especial, históricas atinentes à sua vida.

1.1 Língua, cultura e sociedade

Na aquisição da linguagem, o contexto sociocultural é revestido de grande relevância, justamente por contribuir com o conhecimento de mundo e a construção de um repertório que impacta o desenvolvimento cognitivo da criança especialmente desde o nascimento, mas também na primeira infância. Já desde os primeiros momentos, quando abre seus olhinhos, o bebê se depara com um universo repleto de objetos e de pessoas que circulam ao seu redor e a partir dos quais constrói representações identitárias. Para interagir com esse mundo tangível no qual se encontra imersa, a criança terá que começar por distinguir entre pessoas e objetos para, em seguida, se identificar com seus

semelhantes e estabelecer relações permanentes com os familiares por intermédio da linguagem, conforme afirma Resende, citando Tomasello (2003),

[...]para que ocorra a aquisição da linguagem, é necessário que a criança entenda os outros como agentes intencionais, participe do que chama de “cena de atenção conjunta” entenda as “intenções comunicativas” – que vai além de compreender apenas as intenções – de quem está participando com ela da cena de atenção conjunta, e inverta o papel com os outros, usando com eles o que eles usaram com ela (o que seria uma imitação a partir da compreensão do intensão do outro). (RESENDE 2015, p.107)

Esses aspectos ficarão ainda mais evidentes no caso do bilinguismo, que envolve dois códigos linguísticos diferentes e simultâneos, sendo cada um deles vinculado a culturas diversas. Por isso, no caso do bilinguismo, a demanda cognitiva tende a ser redobrada, podendo reduzir a velocidade de aquisição da linguagem, o que gera preocupação para os pais especialmente, assim como pode causar forte impacto na vida desses mesmos falantes. A esse respeito, Maturana explica que a atitude perante a cultura sempre dependerá da forma, como se conduzem os contatos sociais e da dinâmica quase sempre de impacto individual no que se refere à atuação das forças de conservação em redes:

As culturas são redes fechadas de conversações, conservadas geração após geração através do aprendizado das crianças que nelas vivem. Como tais, as culturas mudam se mudar a rede fechada de conversações que as crianças aprendem enquanto vivem nela, e uma nova rede fechada de conversações começar a ser conservada geração após geração através de seu viver. (MATURANA, 2001, p. 198)

Assim, embora quaisquer redes de conversação possam estar implicadas nesse postulado, pensar como isso se deu num contexto específico, como o da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial torna-se relevante, já que o caos que sobreveio, em seguida, produziu efeitos adversos na população. Emergem desse caos, então, os imigrantes, que, impossibilitados de voltarem à sua terra de origem, acabam por ampliar nas gerações seguintes as redes de conversação do mesmo modo que o fariam se tivessem retornado à sua pátria.

Aquele país que deixaram já não mais existia. Tudo mudou com as condições impostas pelos ocupantes norte-americanos. Foram introduzidos costumes modernos e a ideologia capitalista do mercado, o que os japoneses tiveram, afinal, que aceitar. Já os que permaneceram no Brasil definitivamente foram obrigados a se adaptar à realidade da nova pátria de adoção. Inevitavelmente, nessas condições, a assimilação dos japoneses ao Brasil tornou-se fato e, aos poucos, seus filhos e seus netos começaram a aprender a língua

portuguesa desde a infância, enquanto a língua japonesa passou a ser uma Língua de Herança, ou seja, a língua dos pais e avós, ouvida em casa ou em festividades da colônia. Por isso mesmo, essa mudança de estatuto da língua materna para LH ocorre com o esmaecimento da LH como língua de conversação cotidiana para muitos. Apesar desse esmaecimento, sempre houve os que aprenderam o japonês em escolas de língua japonesa, quando os pais tinham condições de custear esses estudos.

Como os imigrantes japoneses valorizavam a educação formal dos filhos, mesmo com grande sacrifício pessoal, grande parte dos filhos dos imigrantes da segunda geração (*nissei*) foi habilitada a ter uma formação universitária. Para isso, contribuiu o acesso ao ensino público na área de medicina, engenharia e direito que era oferecido gratuitamente pelo governo. Mas, nem todos conseguiram se beneficiar da mobilidade social intergeracional. Constrangidos pelas dificuldades econômicas do Brasil dos anos de 1980 e 1990, alguns dos descendentes daqueles primeiros imigrantes japoneses buscaram, então, retornar ao país deixado pelos pais e avós. Partiam em busca de trabalho no Japão que, na época, passou a ser a segunda potência econômica mundial.

Tornando-se trabalhadores temporários, passaram a ser conhecidos pelo rótulo “decasséguis”. Passaram a viver numa terra cujos nativos também não os aceitam como iguais. Então, mais uma vez, esses indivíduos sentem-se estranhos, agora na terra de seus antepassados, uma terra de que seus avós recordavam com grande nostalgia, mas que eles, naquele momento de retorno às origens, relataram sobre um Japão diferente. O país havia se modernizado por força da influência dos valores ocidentais, passando a adotar os hábitos da moderna sociedade de consumo.

A partir de então, começou a se formar no Japão uma significativa comunidade de imigrantes nipo-brasileiros e seus descendentes, os quais têm o português como Língua de Herança (PLH), falada na intimidade do lar e entre amigos, ou seja, “a língua de conversas que invariavelmente se confina em casa, entre familiares e parentes” (LIMA-HERNANDES e CIOCCHI-SASSI, 2015, p.103). Entretanto, os filhos de brasileiros já nascidos no Japão, ou para lá deslocados quando ainda muito pequenos vivem o dilema de utilizarem a língua portuguesa em casa e estarem envolvidos por uma sociedade de falantes da língua japonesa. Invertia-se, portanto, a situação vivida no Brasil pelos primeiros colonos japoneses que vieram para trabalhar nas lavouras de café. A partir daí, vive-se uma situação inédita, pois o PLH passa a ser falado por famílias de brasileiros que moram fora do Brasil e a ser transmitido aos filhos a partir de interações cotidianas.

As LH, assim, tornam-se um objeto de estudo de grande interesse na atualidade. Pode-se dizer que começou a se desenvolver na década de 1980 (MORONI, 2015, p. 29). Foi a partir de então que o Brasil passou a ser um país exportador de mão-de-obra, enviando trabalhadores principalmente para os Estados Unidos, Europa e Japão, invertendo, assim, o sentido do intenso ciclo imigratório do final do século XIX e início do século XX.

1.2 Interação social

Questões de gênero, racismo e diversidade cultural são temas bastante discutidos no meio acadêmico atualmente. No entanto, quando se trata de enfrentar esses assuntos no trabalho ou na sala de aula, é necessário dar respostas práticas, pois estamos lidando com seres humanos reais que nem sempre se comportam, conforme a noção que se lê nos manuais de educação. Pois, nunca podemos negar a existência das diferenças e das necessidades específicas de cada grupo humano, sejam eles compostos de adultos ou crianças. Na aprendizagem de uma língua, não podemos negar a existência das diferenças e necessidades específicas de cada indivíduo, adulto ou criança. Nesse ponto, temos que concordar com o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos no seguinte argumento: “temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (2016, p. 18-19). Questões como essas são cada vez mais importantes atualmente quando convivemos com a diversidade a cada momento.

Pensando nas crianças brasileiras, filhas de trabalhadores temporários no Japão, observamos que os pequenos brasileiros deveriam ser preparados de maneira análoga às crianças japonesas, recebendo as mesmas oportunidades, por exemplo, frequentar a escola de língua japonesa, oferecida pelo governo japonês, até atingir a universidade, para que sejam capazes de conseguir um bom posto de trabalho ao concluírem os estudos.

As primeiras atividades de ensino para crianças brasileiras surgiram no âmbito doméstico, em condições precárias, organizadas pelos próprios trabalhadores, para pequenos grupos de crianças com o intuito de possibilitar a aquisição de conhecimentos básicos (linguagem, história, geografia e matemática) conforme o sistema escolar no Brasil. A saída do ensino básico do âmbito doméstico permitiu a organização escolar enquanto empreendimento, abrindo perspectivas de profissionalização no âmbito educacional. A expansão e posterior consolidação da escolarização brasileira no Japão ocorreu com a entrada de escolas

filiais de grandes empreendimentos educacionais do Brasil. (KAWAMURA, 2013, p. 501)

No entanto, não se deve exigir dessas crianças que sejam culturalmente homogêneas, forçadas a aprender a língua majoritária, em detrimento da língua de seus pais e avós, levando ao apagamento de sua cultura de herança, ou seja, nos casos das crianças filhas de trabalhadores brasileiros, deixando em segundo plano a língua portuguesa e as tradições brasileiras. Outro problema é a ausência materna no lar, uma vez que, como trabalhadoras temporárias, nem sempre as mães podem acompanhar a educação dos filhos e lhes ensinar a Língua de Herança no contexto do lar.

No início da migração, os poucos filhos que acompanharam os brasileiros tinham como opção escolar apenas o sistema educacional japonês, onde permaneciam o dia todo sem entender nada, situação que se agravava com o aumento de famílias migrantes. Apesar do baixo custo e das facilidades de acesso, o desafio em face das regras disciplinares rígidas, a necessidade de comunicação no idioma local e os desencontros culturais entre os alunos brasileiros (e peruanos) e os estudantes japoneses, dificultavam a esperada inserção escolar dos filhos de migrantes. Principalmente no início da migração, as escolas locais não estavam preparadas para atender estudantes estrangeiros, sobretudo pela formação conservadora e nacionalista do sistema educacional e dos professores e dirigentes escolares. O sistema educacional exigia a formação dos estudantes conforme a cultura nipônica, buscando assim a “japonização” dos estrangeiros. Pais migrantes que buscam a permanência no país, por interesses de negócios ou por terem filhos nascidos no Japão, procuram colocar os filhos nesse sistema escolar japonês, mesmo com a atual opção das escolas brasileiras no Japão. (KAWAMURA, 2013, p. 496)

A escolha dos pais pela escola pública japonesa para os filhos se explica, em primeiro lugar, pelo fato de ser gratuita e ter boa qualidade de ensino. Em segundo lugar, se colocasse os filhos nas escolas brasileiras do Japão, o custo seria muito mais alto, tornando-se inviável dentro das limitações da renda familiar. “As primeiras escolas brasileiras no Japão foram criadas para que os filhos dos trabalhadores tivessem um lugar para ficar, isto porque o fator trabalho/economia é o mais importante” (SAKAMOTO, 2012, on-line).

Entretanto, a situação dessas crianças pode se tornar crítica, quando a família é forçada a retornar para o Brasil. Nesse caso, os filhos têm de enfrentar novamente as regras da escola brasileira, num novo desafio social e cognitivo, como acontece com as

famílias de trabalhadores brasileiros retornados. Nesse contexto, o ideal seria que as crianças filhas de imigrantes frequentassem a escola japonesa para que não ficassem isoladas da sociedade envolvente. Por outro lado, é necessário que aprendam o português em casa, ao mesmo tempo em que frequentam cursos de língua portuguesa para aprender a modalidade da língua escrita e praticar a leitura de obras de autores nacionais. Assim, serão capazes de adquirir seu conhecimento ao nível discursivo e, também, obter informações básicas sobre a história e geografia do Brasil, além de incorporar outros aspectos da cultura brasileira, para que possam, quando adolescentes, caso necessário, retomar os estudos no Brasil com tranquilidade.

1.3 O português brasileiro como Língua de Herança

A língua portuguesa falada pelas crianças brasileiras no Japão pode ser vista como língua materna (LM), ou a segunda língua (L2), conforme o caso, e o contexto familiar em que se insere. No entanto, há uma nova terminologia que vem sendo utilizada que se encaixa melhor nesses casos: “Língua de Herança” (LH). Como o próprio nome indica em seu sentido habitual, o termo “herança” remete à ideia de que alguém recebeu um patrimônio dos pais ou de gerações passadas, que pode ser algo precioso, do qual deve tomar posse como uma sucessão familiar e como uma necessidade “de limitação identitária” (JENNINGS-WINTERLE; LIMA-HERNANDES, 2015)⁷. As vantagens dessa nova terminologia são bastante evidentes no caso da presente pesquisa, uma vez que o contexto sociocultural é de grande relevância para o caso das crianças brasileiras bilíngues no Japão. Ao mesmo tempo, o atributo de ser um bem transmitido de pais para filhos aproxima a língua da ideia de ser um patrimônio imaterial, associado à cultura, à religião e aos hábitos do cotidiano.

É importante lembrar, que a língua é um instrumento fundamental de comunicação social. Uma vez que é por meio da linguagem verbal que ocorre a interação entre os membros de uma comunidade, fazendo com que o aprendiz adquira novas informações e conhecimentos de mundo. Mas a língua é também uma marca de identidade e reconhecimento social do grupo e do indivíduo. Uma criança que fala uma língua minoritária, por exemplo, pode ser positivamente valorizada entre os colegas ou negativamente hostilizada. Em certos casos, pode ser até mesmo vítima de *bullying*,

⁷ Veja também: Lima-Hernandes, 2016, p. 98.

sofrendo injúria e maus tratos, os quais podem se repetir cotidianamente no ambiente escolar ou fora dele. Esse tipo de tratamento pode ter como alvo a criança falante de uma língua estranha à comunidade local. Situações como estas podem causar ansiedade nas crianças falantes de uma língua minoritária e, ao longo do tempo, trazer danos psicológicos irreversíveis, bloqueando a aprendizagem e a manutenção da LH.

1.4 Culturas de herança

As lutas marciais são muito populares tanto no Japão quanto no Brasil. Judô e karatê fazem parte de uma tradição centenária do Japão e são hoje consideradas modalidades olímpicas. No Brasil, a capoeira, uma forma de luta musicada que se aproxima da dança ainda não conseguiu o mérito de ser incluída nos jogos olímpicos, apesar de que, atualmente, essa forma híbrida de arte marcial brasileira tenha se espalhado pelo mundo afora, introduzida pelos imigrantes brasileiros.

Atualmente no Japão, existem mais de 40 associações de capoeira. Como não poderia deixar de ser, essa forma artística de luta foi levada à Terra do Sol Nascente, graças ao grande número de imigrantes brasileiros que foram para lá (Figura - 2).

No ano de 1998 é apresentado ao Grupo Tempo através da A.C.M.B. um grupo de japoneses que vieram visitar e treinar Capoeira na cidade de Salvador durante um longo período. Entre eles, Lyuta (Ligeirinho), Shotaro (Moleque de Ouro) e Sayaka (Ligeirinha), que no ano de 2003 se filiaram ao grupo, surge então o Grupo Tempo Japão. Com uma relação sempre aberta e verdadeira, ao longo de sete anos de filiação, com sete Batizados realizados em Tóquio.⁸

Por outro lado, no Brasil, o judô igualmente possui importantes aspectos culturais que o acompanham. O “código de ética”⁹ associado a esse jogo ensina as crianças a entender a importância da hierarquia e a desenvolver o respeito mútuo pelos companheiros. A capoeira, por sua vez, também tem o seu código de conduta. Esses

⁸ Grupo de Capoeira Regional Tempo – Mestre Tony. Disponível em: <http://capoeiragrupo-tempo.blogspot.com/p/biografia-resumida-do-mestre-tony.html>

Acesso em: 27/12/2022

⁹ “O Código tem o objetivo de enfatizar os ideais de dignidade, integridade, o espírito de cooperação e conagração e, principalmente, de esportividade e competição justa que devem caracterizar a conduta de todos os que fazem parte da comunidade do Judô no País” (Art. 3º). Código Moral e de Ética do Judô. Confederação Brasileira de Judô (CBJ). Disponível em:

https://cbj.com.br/painel/arquivos/codigo_de_etica/153910010617codigo-de-etica-cbj.pdf Acesso em: 23/12/2022

princípios aprendidos no ambiente lúdico podem depois ser transferidos para o dia a dia das crianças em casa ou na escola. Assim, essas artes marciais podem ser vistas como uma forma de transmissão de princípios culturais e valorização da identidade grupal. A exemplo do que diz o Código de Conduta do Grupo Muzenza de Capoeira¹⁰: “É fundamental e obrigatório o respeito entre os integrantes do grupo, sempre lembrando a importância da hierarquia e obedecendo-a, pois, (*sic*) os mais graduados merecem toda a atenção por seu conhecimento e sabedoria acumulados”.

Figura 2 – Grupo de Capoeira Regional Tempo – Mestre Toni.



Fonte: Coisas do Japão.¹¹

1.5 Migração circular

Ao longo das décadas que se sucederam desde o início da imigração japonesa para o Brasil, a partir de 1908, efetivou-se a aprendizagem da língua portuguesa e a assimilação da cultura brasileira entre os descendentes daqueles que chegaram ao Brasil antes e depois da Segunda Guerra Mundial. No entanto, o sentido da migração se inverteu

¹⁰ Código de Conduta do Grupo Muzenza de Capoeira. Disponível em: <https://muzenza.com.br/site/codigo-de-conduta/> Acesso em: 28/11/2022

¹¹ Capoeira no Japão – a arte brasileira na terra do sol nascente. Coisas do Japão. Disponível em: <https://coisasdojapao.com/2017/10/capoeira-no-japao-arte-brasileira-na-terra-do-sol-nascente/#:~:text=Atualmente%20no%20Jap%C3%A3o%2C%20existem%20mais,no%20respeito%20m%C3%BAtu%C3%B3%20e%20amizade.> Acesso em: 27/12/2022

a partir do final da década de 1980. Ocorreu que, a partir de então, esses “*nisseis*” e “*sanseis*”¹², começaram a levar com eles a língua portuguesa para o Japão. Essa conjuntura histórico-social deu origem a uma situação *sui generis* de “**migração circular**”, a partir da qual se tem como resultado um ambiente muito favorável para o fenômeno do bilinguismo e a salvaguarda da LH.

É preciso lembrar que, no caso dos imigrantes japoneses que vieram para o Brasil com o propósito de trabalhar nas fazendas de café, no começo do século XX, com a intenção de voltar para a terra natal tão logo fizessem fortuna, houve a preocupação em educar os filhos na língua materna ancestral (o japonês). Assim, eles não tinham grande interesse em aprender e em ensinar a língua portuguesa para os filhos, mesmo morando e trabalhando no Brasil por tempo indeterminado. Isso trouxe conflitos psicológicos e uma profunda crise identitária, com o agravante de que, durante a Segunda Guerra Mundial, o Governo de Getúlio Vargas proibiu o ensino e uso para comunicação das línguas de origem dos imigrantes, principalmente, com relação aos alemães, italianos e japoneses (súditos do Eixo), que eram considerados inimigos do Brasil (KOMATSU, 2010).

Entre 1930 e 1945, o governo de Getúlio Vargas colocou em prática uma política imigratória restritiva e racista. Vetou, com base em argumentos racistas, a concessão de vistos aos judeus, ciganos, negros e japoneses. O discurso racista reunia atributos que, no seu conjunto, transformavam essas minorias em seres indesejáveis, “indigestos”. Em particular, não interessava ao Brasil receber os judeus que fugiam do nazifascismo porque – segundo as autoridades brasileiras – eles colocavam em risco o processo de construção da raça e da brasilidade. Essa posição, radical em sua essência, vinha atrelada a uma prática orientada para o futuro da nação, que deveria incentivar apenas a entrada de “bons” imigrantes, tendo como critérios elementos étnicos e ideológicos. (CARNEIRO, 2014, on-line)

Para termos uma ideia do nacionalismo imperante naquele período, lembramos que, até mesmo intelectuais progressistas como Mário de Andrade aderiram à tendência nacionalista. Quando ele era Secretário de Cultura em São Paulo escreveu um bilhete aos seus subordinados com o propósito de limitar, ou mesmo interditar, as obras em línguas estrangeiras nas bibliotecas populares, para “obrigar” os estrangeiros a se familiarizarem com a língua portuguesa:

Nas Bibliotecas Populares por o mínimo possível de obras em língua estrangeiras, para obrigar os proletários, geralmente estrangeiros, a se

¹² *Nissei*, descendente de imigrantes japoneses de segunda geração, *sansei*, de terceira geração.

familiarizarem com a língua nacional. Nas Bibl. Circulantes nenhum livro em língua estrangeira, nem revista.¹³

Medidas como estas de proibição do uso de línguas estrangeiras nas escolas, e até mesmo em bibliotecas, mostraram-se descabidas e criou-se com isso uma situação conflitante, principalmente em comunidades rurais de imigrantes no interior de São Paulo. Esses casos foram brilhantemente relatados por Fernando Morais (2001), no livro *Corações Sujos*. Nesse livro, foi descrita a história da trajetória da *Shindô- Renmei* (Liga dos Caminhos dos Súditos), uma espécie de “comunidade associativa” de imigrantes japoneses fundada em 1942 e que, entre os anos de 1946 e 1947, praticou uma onda brutal de assassinatos de compatriotas dentro da comunidade nipônica, no Estado de São Paulo, com motivações ideológicas e políticas.

Com a rendição do Japão na II Guerra Mundial, o que culminou com a má situação socioeconômica do país, os imigrantes não puderam realizar o sonho de retornar a sua terra de origem. Então não havia outra opção, senão se conformar e se adaptar aos costumes do país de acolhida. Isso causou uma histeria, verdadeiro pânico entre membros da comunidade dos imigrantes num primeiro momento, chegando ao cúmulo de negarem que o Japão tivesse perdido a guerra (KOMATSU, 2010).

Durante o período da II Guerra Mundial, a circulação dos jornais em língua japonesa publicados no Brasil foi interrompida, assim como foram proibidas conversas em japonês, possuir livros em japonês, reuniões e mesmo as viagens eram controladas (UEHARA, 2008, p. 105). Assim, os imigrantes tiveram que buscar sobreviver da melhor forma possível e, aos poucos, ocorreu a inevitável: a assimilação cultural e, conseqüentemente, aceitação da aprendizagem da língua portuguesa pelos filhos de japoneses e a integração à sociedade brasileira.

Por outro lado, com a volta à normalidade e a promulgação da nova Constituição Brasileira de 1946, a situação da comunidade japonesa retoma sua identidade que tinha sido frontalmente ameaçada. Prova disso é o reinício das publicações de jornais em língua japonesa, a partir de 1946, com a fundação do *São Paulo Shimbun*. No ano seguinte, inicia-se a publicação do *Jornal Paulista*. Em 1949, surgiu o *Diário Nippak*. Mas a fase mais difícil da história da imigração japonesa para o Brasil somente seria definitivamente superada quando, em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek anistiou todos os envolvidos nos conflitos motivados pelo grupo insurgente dos *Shindô- Renmei* e colocou

¹³ Bilhete manuscrito com anotação de Mário de Andrade. s./d. IEB/USP. Acervo Mário de Andrade. MA-CUL-027.

os poucos que estavam detidos em liberdade. Em 1953, foi retomada a imigração japonesa no Brasil, o que havia sido interrompida com a guerra. Entre os imigrantes vieram agricultores, professores do curso fundamental, técnicos e formação universitária.

Essa fase da imigração japonesa para o Brasil seria mais breve, pois no final do século XX, os descendentes daqueles primeiros imigrantes japoneses começaram a retornar ao país deixado pelos seus pais e avós. Para isso foram incentivados pelas dificuldades econômicas e a inflação descontrolada no Brasil que se agravaram a partir dos anos de 1980, considerada como uma “década perdida”. Também contribuiu para que fosse decidida no país uma alteração das leis de imigração para os descendentes de japoneses residentes no Brasil. Afetados por tudo isso, muitos jovens e casais de meia idade partiram em busca de trabalho no Japão. Além disso, naquele momento, o Japão se tornava a segunda potência econômica e industrial do mundo e necessitava importar mão-de-obra do estrangeiro.

O fenômeno *dekassegui*, como ficou conhecido, faz parte do contexto das migrações internacionais contemporâneas, fortalecidas, sobretudo, a partir da década de 1980 com os processos de reestruturação produtiva e globalização, em que os mercados internacionais de trabalho passaram a receber grande número de imigrantes, e o Brasil passou a apresentar processos de emigração em direção aos países desenvolvidos. Segundo Patarra (2009), “os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global”. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, p. 509)

A partir de então, essa massa composta de descendentes de imigrantes japoneses que se dirigiram para o Japão passou a ser enquadrada como trabalhadores temporários, ou *decasséguis*.

A palavra *dekassegui*, usada como termo para caracterizar e definir a imigração de brasileiros descendentes de japoneses no Japão, tem como significado na língua e cultura japonesa “o trabalhador que sai de sua terra natal a trabalho, com intenção de retorno à origem”. Esse termo ficou conhecido entre a mídia e nos estudos acadêmicos para designar esse fluxo migratório, pois os brasileiros que emigraram a trabalho para o Japão tinham como objetivo retornar ao Brasil dentro de um período pré-determinado. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, p. 509)

No entanto, eram frequentemente recebidos por uma sociedade que não os aceitava como iguais, apesar da fisionomia oriental e dos traços culturais que carregavam. Mais uma vez, esse grupo étnico-cultural se sentiu estranho, agora na terra de seus avós. Não obstante os sérios problemas estruturais a que estavam sujeitos os *decasséguis*, a

tendência ao deslocamento para o outro lado do mundo prosperou na comunidade de emigração japonesa, estabelecendo um fluxo migratório constante.

Esse fluxo migratório que tem início desde meados da década de 1980, mas é fortalecido e ampliado a partir de 1990 com a reforma da Lei de Controle de Imigração Japonesa, vem apresentando uma reconfiguração e uma rápida dinâmica em seu perfil, que passou de individual à familiar, e de temporário a uma indeterminação temporal com tendências a maior permanência. Essas dinâmicas também se apresentam sob a forma de uma maior visibilidade do surgimento e consolidação das redes sociais de brasileiros no Japão em anos recentes. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, pp. 509-510)

O resultado desse movimento **migratório circular** reflete-se na existência, hoje em dia no Japão, de uma significativa comunidade composta por brasileiros e seus descendentes, os quais têm a língua portuguesa como L H.

1.6 O dilema entre a LH e a língua majoritária

A alternância entre o uso da língua materna minoritária (português) e a língua majoritária envolvente (japonês) é uma situação que muitos imigrantes brasileiros têm que enfrentar no Japão para se adaptar à nova realidade. Seja como indivíduos, seja grupalmente, como chefes de família e seus dependentes, os recém-chegados são forçados a desenvolver o domínio de uma segunda língua para o uso diário no país de acolhida¹⁴, enquanto buscam manter a língua materna no ambiente familiar. Assim, as crianças nascidas na nova pátria, ficam expostas simultaneamente a duas línguas e culturas diferentes, a língua majoritária do país onde vivem e a Língua de Herança trazida do lugar de origem.

Mesmo que haja uma oferta de ensino do português como segunda língua (PSL) em escolas especialmente criadas para os filhos de brasileiros (KOMATSU, 2019B, pp. 71-72), chegará o momento em que os adolescentes terão que optar por completar sua educação formal em língua japonesa, ingressando em uma universidade no Japão, ou cursar o ensino superior em língua portuguesa. Nesse último caso, terão que retornar ao Brasil, pois, no Japão, não há ensino superior em língua portuguesa, apesar de existirem cursos de português como língua estrangeira em diversas universidades.

Esse processo é frequentemente permeado por questões de identidade e problemas sociais provocados pela adaptação ao novo ambiente de convívio, os quais

¹⁴ Língua majoritária, enquanto a língua materna do imigrante passa a ser uma língua minoritária.

podem resultar em problemas psicológicos e cognitivos para alguns. Por isso merecem ser estudados com atenção. O que se pode adiantar é que essa situação de pessoas expostas a mais de uma língua não é uma questão trivial, nem depende apenas da vontade de cada um individualmente.

Quando além de dominar duas línguas o indivíduo também se reconhece nas duas culturas envolvidas, então o bilinguismo passa a ser “bicultural”. Mas nem sempre isso acontece naturalmente, casos há em que o indivíduo renuncia a sua identidade cultural originária, adotando os valores e costumes sociais relacionados à cultura do país de acolhida. Isso pode ocorrer com os trabalhadores temporários, que, para sobreviver social e economicamente num ambiente hostil, acabam menosprezando a própria identidade cultural, a fim de se adaptarem, mais rapidamente, ao mercado de trabalho e ao novo ambiente que os envolve.

Dessa forma, consideramos que o campo social dos imigrantes brasileiros no Japão se constitui em espaços peculiares, por apresentar uma dimensão transnacional (FAIST, 2000) e pressupõe uma adaptação no destino de forma paradoxal: sendo por um lado, cada vez mais familiar, no sentido de proximidade com o *habitus* e costumes brasileiros em território japonês, e segura, pela estabilidade social que a sociedade japonesa pode propiciar. E, por outro lado, essa adaptação acaba por ser também distante, no sentido de não integração à sociedade japonesa e em relação à expectativa de retorno ao Brasil, por inseguranças em questões macroestruturais: econômicas, sociais e políticas. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, p. 510)

Há casos de filhos de imigrantes, principalmente adolescentes, que renegam a cultura de seus antepassados, a fim de se integrarem mais facilmente ao novo círculo de colegas e amigos. Entretanto, quando os filhos são ainda pequenos, ou nascidos no país de acolhida, poderá ocorrer mais facilmente a aquisição da linguagem do país de acolhida e a adaptação social de modo mais suave, por meio de jogos e brincadeiras com os coleguinhas. Dessa maneira, a assimilação da nova língua e cultura ocorre na idade mais favorável para essa aprendizagem e desenrola-se, gradativamente, com menor probabilidade da emergência de problemas psicossociais. Ao passo que uma situação de pressão psicológica e imposição de novos costumes pode causar desarmonia e insegurança para os filhos dos imigrantes inseridos no seio de uma comunidade estranha, principalmente para os adolescentes e pré-adolescentes que já vivem o drama pessoal de se adaptarem ao mundo dos adultos. Nesse contexto, essas crianças e jovens imigrantes necessitam da aceitação dos membros da nova comunidade envolvente, o que nem sempre

acontece, pois devem recriar no país de acolhida seus novos mitos, inventando assim um contexto favorável a eles, onde se sintam à vontade.

No mundo de hoje, com a predominância do neoliberalismo, a situação do imigrante é cada vez mais complexa. Uma vez que a aceitação do estrangeiro no país de acolhida não vai muito além da tolerância. Formas de discriminação disfarçadas estão constantemente presentes no dia-a-dia dos novos membros da comunidade. Assim como “os judeus eram acusados de promoverem a guerra, os negros, de contribuírem para o atraso do Brasil e os japoneses, de serem “inassimiláveis como enxofre”, por viverem enquistados dificultando a assimilação” (Carneiro, 2014, on-line). Nesse sentido, a lógica social cruel da adaptação do estrangeiro (*gaijin* - 外人) não mudou significativamente.

Tanto o imigrante japonês como os judeus eram bem-vindos desde que se integrassem ao “nós”, atendendo às regras impostas pelos ordenadores da sociedade brasileira. Se no primeiro momento foram interpretados como inoportunos por sua "raça", durante a Segunda Guerra Mundial foram questionados por suas identidades étnicas e interesses imperialistas. (CARNEIRO, 2014, on-line)

Considerado um ente estranho, valendo apenas pelos serviços prestados, resta para o imigrante a realização de tarefas braçais e perigosas que os nacionais se recusam a realizar. Mesmo sendo descendentes de japoneses, os trabalhadores brasileiros no Japão são chamados de *gaijin*, da mesma forma que outros estrangeiros vindos das Filipinas ou do Sudeste Asiático. Resta ao imigrante se contentar em ser apenas tolerado pela comunidade brasileira em que vive, onde muitas vezes são levados a se conformar com uma situação de exclusão social. Como afirma o neurobiólogo chileno Humberto Maturana, tolerância e aceitação são coisas bastante diferentes, uma vez que “tolerância não é aceitação”. Tolerância não é respeito. Tolerância é negação postergada, ou a negação agora com uma ação postergada” (MATURANA, 2001, p. 117). No Brasil da Primeira República (1889-1930) a situação não era muito diferente.

No final do século XIX e início do XX, por exemplo, o estado de São Paulo chegou a incentivar a vinda de trabalhadores estrangeiros para as fazendas de café, cujos contratos eram, em grande parte, subvencionados pelo governo. O discurso oficial e científico acerca do imigrante ideal se fez, principalmente durante esse período, fundamentado na ideia de assimilação e fusibilidade. Desde o início desse processo de incentivo à imigração ficou evidente que não interessava ao Estado republicano manter em território nacional aquelas comunidades que optassem por preservar a sua identidade étnica e política. Essa situação explica o fato de, em distintos momentos da

história republicana, a resistência à assimilação ter gerado situações de conflito. Interessava sim às elites agrárias e políticas a conformidade e a subserviência. (CARNEIRO, 2014, on-line)

Em tal situação tão incômoda para o imigrante, o bilinguismo e a conservação da Língua de Herança se manifestam como elementos de autopreservação cultural e psicológica do indivíduo, “considerando-se que a dimensão do mundo do falante hodierno atravessa fronteiras, é ingente que os indivíduos se constituam bilíngues ou multilíngues, se possível for” (JENNINGS-WINTERLE & LIMA-HERNANDES, 2015, p. 9).

Com a Crise Econômica Internacional em 2007 e 2008, a situação dos imigrantes brasileiros no Japão se reverteu, reforçando mais uma vez a circularidade. Conforme Shishito e Shishito (2013), o período que sucede à crise apresenta uma queda significativa no número de brasileiros no Japão, uma vez que entre 2008 e 2009 houve uma redução de cerca de 45 mil brasileiros lá residentes.

No período inicial da crise – quando o governo brasileiro começou a se preocupar com o crescente fluxo de retorno de brasileiros vindos do Japão – estimava-se que até a metade do ano de 2009 voltariam cerca de 70 mil brasileiros; pode-se observar, assim, que o retorno foi uma das estratégias de enfrentar a situação de crise em contexto migratório, mas ele aconteceu em proporções menores do que o esperado pelo governo brasileiro, mesmo com a medida de “Auxílio de retorno a Pátria” adotada pelo governo japonês no início de 2009. Entre 2009 e 2010 houve uma redução de cerca de 36 mil brasileiros no Japão, somando nesses dois anos que sucederam a crise uma diminuição de 82 mil na população brasileira residente naquele país. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, p. 516)

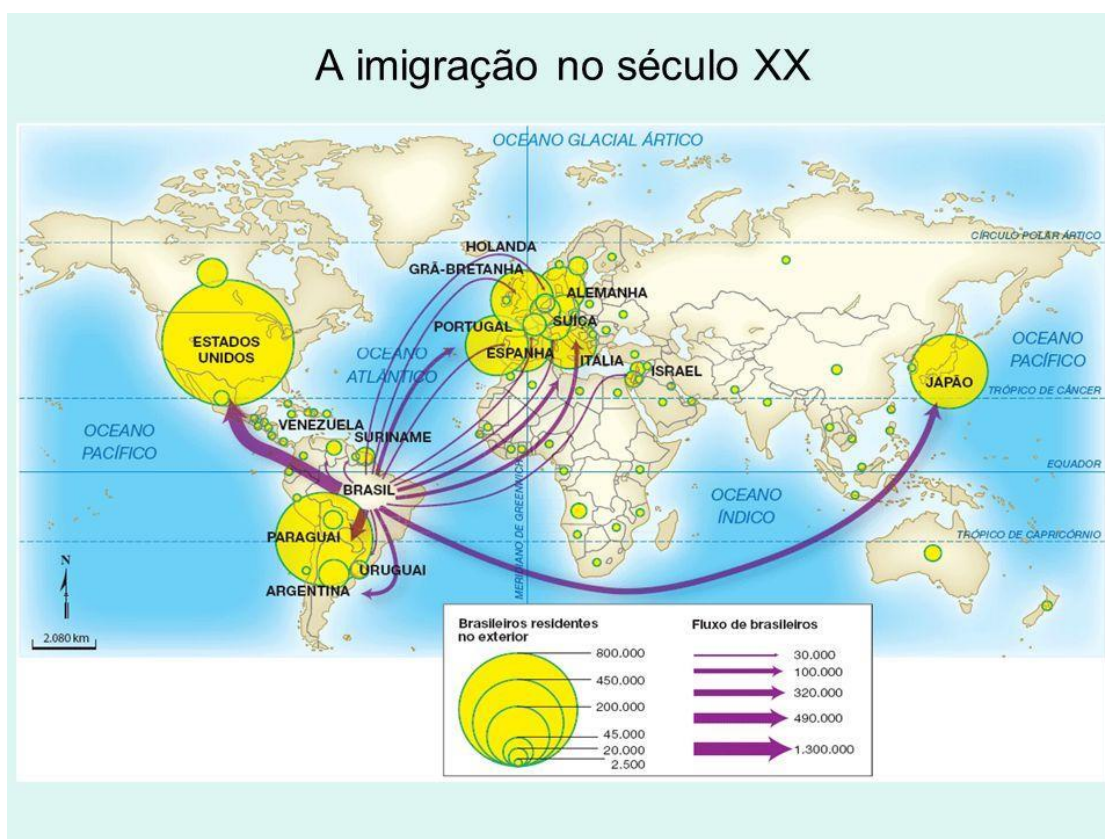
Nesse contexto de vai e vem, é grande a probabilidade de que os filhos dos imigrantes que acompanharam seus pais ou são nascidos na nova terra venham a ser adultos bilíngues e conhecedores de duas culturas diferentes. Pois são filhos de pais bilíngues, e, portanto, estão expostos a duas culturas diferentes: a de herança e a da nova pátria de acolhimento. Embora, por razões de desajustes estruturais, como não ter tempo para contato com os japoneses, nem todos os trabalhadores brasileiros no Japão tenham condições de aprender a língua japonesa e assimilar a cultura nipônica.

A questão da falta de conhecimento da língua japonesa e a obtenção de um nível necessário apenas para conseguir se comunicar basicamente e para a obtenção de empregos – aliada a dificuldade em estudar o idioma japonês por estarem inseridos em longas jornadas de trabalho – corrobora com a nossa perspectiva de que a inserção dos brasileiros no Japão se dá de uma forma peculiar, não com integração à sociedade de destino, mas na formação de um campo específico desses imigrantes que convivem com os compatriotas através das redes sociais,

produzindo e reproduzindo o *habitus* específico desse grupo que interage também para a produção e reprodução desse campo social. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, pp. 519-520)

Nunca é demais enfatizar a importância da língua em situações sociais como essas, pois “nós, seres humanos, existimos como tais na linguagem, e tudo o que fazemos como seres humanos fazemos como diferentes maneiras de funcionar na linguagem” (MATURANA, 2001, p. 130-131). No caso dos imigrantes brasileiros no Japão, sujeitos ao regime da circularidade, essa dinâmica possui um caráter bifásico.

Figura 3 – Estimativa de Brasileiros Residentes no Exterior, 2013.



Fonte 4: Slide Player.¹⁵

A figura acima mostra o quadro geral do fluxo migratório de brasileiros no exterior, mas temos que considerar que cada deslocamento tem seu próprio contexto específico, dependendo de fatores geográficos, históricos e pessoais. Mais do que tratar dos indivíduos envolvidos nas dinâmicas migratórias, causa-nos interesse o tipo de

¹⁵ Prof. Everaldo, Campo Grande, 2014. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/287502/> Acesso em: 17/12/2022

movimento que esses indivíduos fazem e o resultado que isso conduz em termos linguísticos. É o que será tratado na seção seguinte.

1.7 Consequências da migração circular

Oficialmente, a história da imigração japonesa no Brasil teve início em 1908, com a chegada ao porto de Santos do famoso navio *Kasato Maru*¹⁶. A partir daí deram entrada no país centenas de imigrantes que ansiavam por uma vida diferente daquela que levavam em suas províncias de origem, no Japão. Agricultores, trabalhadores manuais especializados em pequenos ofícios e mesmo alguns intelectuais, que não se encaixavam no sistema japonês da época, após a Revolução Meiji ocorrida em 1868. O Governo japonês incentivou essa emigração de seus nacionais, e formaram-se companhias de imigração que incentivaram a ida para o Brasil, como se observa abaixo (Figura 4).

Os japoneses esperavam encontrar num país distante uma nova forma de viver e de ver o mundo. “O objetivo dos imigrantes era economizar dinheiro trabalhando nas plantações de café onde as árvores dão dinheiro e voltar triunfantes ao Japão” (UEHARA, 2008, p. 22). Naquela época, o café era conhecido como o “ouro verde”, sendo o Brasil seu maior produtor mundial, o que fazia com que os fazendeiros enriquecessem, ao mesmo tempo em que gerava uma grande demanda de mão-de-obra. Em resposta a isso, no final do século XIX e nas primeiras décadas do novo século a política migratória do governo paulista visava a fornecer trabalhadores para a atividade agrícola em expansão. Entre os anos de 1908 e 1958, a parcela majoritária desses imigrantes esteve concentrada em atividades de produção agrícola no estado de São Paulo.

Assim, esse processo migratório era fortemente incentivado e, na maioria das vezes, até subsidiado pelo governo¹⁷. Basta dizer que, no começo do século XX, foi

¹⁶ O *Kasato Maru* era um navio de origem russa (com capacidade de 6.000 ton.), foi confiscado pelo Japão durante a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e posteriormente adaptado para transportar pessoas. O *Kasato Maru* trouxe ao Brasil os primeiros 781 imigrantes contratados. Atracou no Porto de Santos em 18.06.1908, após uma viagem de 52 dias. (Cem anos da Imigração Japonesa no Brasil, Comissão da comissão da compilação da Historiografia dos 100 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Fukyo-sya, 2008).

¹⁷ Para o governo japonês, a emigração representava a possibilidade de aliviar as tensões sociais provocadas pela crescente marginalização de amplos setores da população, agravadas ainda mais pela explosão demográfica verificada na época. Não foi à toa que os primeiros contingentes de imigrantes tenham sido recrutados entre os desempregados e indigentes espalhados pelas cidades japonesas, sendo sua saída estimulada pelo governo. Para isso, fundaram-se as Companhias de Emigração – empresas privadas, mas com incentivo político-econômico do governo do Japão, podendo representá-lo junto a países contratantes de mão-de-obra. Eram elas que negociavam os candidatos, providenciavam os meios de transporte e se responsabilizavam pelo cumprimento dos contratos. Também

firmado um acordo entre os governos brasileiro e japonês para financiar o transporte de imigrantes japoneses para o Brasil, pois a economia local precisava de mão-de-obra para trabalhar nos cafezais, enquanto faltavam empregos no Japão. “Os imigrantes japoneses deviam emigrar agrupados em três elementos, sendo o casal e pelo menos uma criança, filho ou não, acima de 14 anos” (KOMATSU, 2010, p. 38).

Figura 4 – Cartaz de companhia japonesa de imigração, 1925. Onde se lê: "Agora vamos levando a família, para a América do Sul".



Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa.¹⁸

Até o ano de 1941, o Brasil recebeu mais de 160 mil japoneses, que, no início, encontraram muitas dificuldades de adaptação em razão das diferenças culturais e insatisfação quanto às condições de trabalho, moradia e remuneração. Isso gerou conflitos, sucessivas greves, fugas noturnas e rescisões de contrato em cada uma das fazendas.

Na Fazenda São Martinho, após a ocorrência de motins, greves, revoltas e fugas, sete famílias foram expulsas. Em solidariedade, mais 12 famílias abandonaram a fazenda. Segundo Tomoo Handa, tudo contrariava o imigrante “desde a alimentação, a moradia, o clima e a

eram elas que, para expandir seus negócios recrutando o maior número possível de candidatos à emigração, difundiam a imagem paradisíaca do país de destino. Assim, os primeiros imigrantes que aqui chegaram acreditavam que tinham desembarcado no “Novo Eldorado”, a fantástica “terra das árvores de frutos de ouro”. Disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/b09japao.html>, Acesso em: 25/03/2023

¹⁸ Disponível em: <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/b09japao.html> acesso em: 03/12/2022

atmosfera da fazenda, até o jeitão de superioridade do administrador, a arrogância do fiscal e o mau atendimento do intérprete”¹⁹.

Também houve divergências entre os próprios japoneses. Os cafeicultores haviam estabelecido uma exigência contratual de permitir a entrada somente a famílias constituídas de, pelo menos, três membros de 15 a 50 anos de idade, acreditando com isso facilitar a adaptação dos imigrantes às fazendas e dificultar-lhes as fugas e as rescisões de contrato. Essa exigência, no entanto, foi burlada por um engenhoso expediente: a formação de “famílias artificiais”, na ocasião do embarque. Essa situação podia fazer com que essa “família” se desagregasse depois de cumprido o prazo do contrato. “Devido às dificuldades de relacionamento, os membros “artificiais” rebelaram-se contra a tutela do “chefe de família”, abandonando as fazendas para procurar outras formas de atividade econômica”²⁰.

A maioria das famílias permaneceu em São Paulo, especialmente no interior do estado, onde era produzida a maior parte do café brasileiro destinado à exportação. Depois do desembarque em porto de Santos, “tomavam um trem que os conduzia à Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo”²¹. “Não havia quem não sofresse um choque cultural, não só pela diferença do idioma, como pelo cheiro forte de carne-seca ou salame, café amargo e doce, etc.” (UEHARA, 2008, p. 23). Depois de passar alguns dias na Hospedaria de Imigrantes do Brás (Figura 5), eram distribuídos pelas diversas fazendas de café com as quais haviam assinado contrato desde a saída do Japão²².

Dizem que os imigrantes europeus em primeiro lugar construíam igreja e os japoneses construíam o “Nihonjinkai” (Associação de Japoneses). Um dos trabalhos importantes da Nihonjinkai era o estabelecimento de escola de língua japonesa, destinada a fazer com que as crianças não esquecessem o idioma japonês ao voltar para o Japão. (UEHARA, 2008, p. 65)

¹⁹ <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/b09japao.html>

²⁰ <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/b09japao.html>

²¹ Atualmente, o antigo prédio da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo aloja o Memorial do Imigrante do Estado de São Paulo.

²² Esse primeiro contingente de trabalhadores, após rápida passagem pela Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, foi assim distribuído no interior do Estado: Fazenda Floresta, na região de Itu (173 pessoas provenientes da ilha de Okinawa); Fazenda Canaã, a 40 km de Ribeirão Preto (152 pessoas, também de Okinawa); Fazenda Dumont, na estação Dumont da Mogiana (210 pessoas de Fukushima, Kumamoto e Hiroshima); Fazenda Guataparã, entre Ribeirão Preto e Araraquara (88 pessoas de Kagoshima, Kochi e Niigata); Fazenda São Martinho, na estação Martinho Prado da ferrovia Paulista (101 pessoas de Kagoshima); e Fazenda Sobrado, próxima a São Manoel (48 pessoas de Yamaguchi e Aichi). <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore/b09japao.html>. Acesso em: 25/03/2023

Figura 5 – Jovens japonesas em trânsito pela Hospedaria de Imigrantes do Brás, s/d.



Fonte: Museu da Imigração Japonesa.²³

Num segundo momento, verificamos um movimento de transição da situação dos imigrantes japoneses em direção a melhores posições na estrutura vigente. Pois, “progressivamente os imigrantes japoneses abandonaram a condição de colonos e passaram a se concentrar em categorias como as de arrendatários, locatários ou proprietários de terras” (TANIGUTI, 2014, p.168). Houve um momento tenso, em que a imigração de cidadãos japoneses para o Brasil foi interrompida, por causa da situação catastrófica causada pela Segunda Guerra Mundial. Mas essa crise será superada na década de 1950, como veremos a seguir. Aos poucos, as barreiras linguísticas e culturais também foram sendo superadas.

1.8 Retomada da imigração japonesa

A partir de 1953, ocorreu a retomada da imigração no período do Pós-guerra. Naqueles dias, o Japão ainda sofria o impacto do conflito que terminou tragicamente, em

²³Museu da Imigração Japonesa, São Paulo. Disponível em: <https://www.museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/hospedaria-de-historias-o-kasato-maru-e-a-hospedaria-de-imigrantes-do-bras> Acesso em: 25/03/2023

1945, com o lançamento de duas bombas atômicas, enquanto no Brasil praticava-se uma política desenvolvimentista com grandes esperanças de prosperidade.

No início do mês de agosto de 1945, o Japão havia proposto aos Aliados uma rendição, mas foram surpreendidos com a ação agressiva dos EUA, que não aceitavam nada menos do que uma rendição incondicional. Dias depois, para o espanto da comunidade internacional, os norte-americanos lançaram duas bombas atômicas sobre o Japão, a primeira sobre a cidade de Hiroshima no dia 6 de agosto (Figura 6), a segunda, sobre a cidade de Nagasaki, em 9 de agosto (Figura 7), cometendo uma grave violação ao Direito Internacional Humanitário. Centenas de milhares de seres humanos, animais e plantas desapareceram num único instante. Enquanto os efeitos da radiação foram devastadores a longo prazo para essas cidades e para as pessoas que lá viviam.

Os sobreviventes sofreram os efeitos da radiação: quedas de cabelos, leucemia e câncer de pele foram os mais comuns; vários de seus descendentes nasceram com terríveis doenças e deformidades físicas. Por isso, para muitos, a decisão do governo norte-americano de lançar as duas bombas atômicas sobre o Japão foi um crime de guerra e como tal devia ser julgado. (BOULOS, 2011, p. 690).

Figura 6 – Centro de Hiroshima, Igreja cristã Hiroshima Ryûgawa, 1945.



Fonte: Editora Kusanone²⁴. Foto: Shigeo Hayashi

Sem alternativas, diante desta situação os militares japoneses que sustentavam a continuidade da guerra tiveram que aceitar a Rendição Incondicional, seguida pela ocupação norte-americana que estabeleceu bases militares no território japonês. Por sua parte, o Japão se comprometeu a abdicar do militarismo e adotar o sistema político e

²⁴ **Os homens que fotografaram Hiroshima e Nagasaki depois do ataque da bomba atômica.** Tóquio: Kusanone Shuppan Kai, 1997, p.17.

econômico capitalista. Esse desfecho trágico deu início a uma nova era para o país, com a alteração de sua Constituição e aquiescência às novas normas impostas pelo Ocidente.

Figura 7 – Plataforma da Estação Urakami, Nagasaki, 1945.



Fonte: Editora Kusanone²⁵. Foto: Yasunosuke Yamabata

Com a derrota na guerra, o Japão já estava sofrendo grandes prejuízos materiais e humanos, e ainda tinha que aceitar a ocupação norte-americana que duraria mais 7 anos acompanhada de sanções, conforme nos relata Aquino:

A derrota na Segunda Guerra Mundial, além de deixar um enorme saldo ruim (perdeu a marinha mercante, o Império foi desfeito, etc.), acarretou a ocupação do país pelos norte-americanos. Sob a direção do general MacArthur, empreenderam-se reformas radicais, sobressaindo-se: a dissolução dos *zaibatsus* (grandes trustes); a reforma agrária de 1946, que pôs fim às grandes propriedades e converteu 70% do campesinato em proprietários de pequenos lotes de terra; a extinção das indústrias bélicas; o desarmamento e a desmilitarização do país e a promulgação da Constituição de 1947, estabelecendo um regime parlamentar com poderes limitados para o imperador. (AQUINO, 2009, p. 483)

Os soldados retornados das campanhas da Manchúria, China, dos países do Sudeste Asiático, não encontraram suas residências como haviam deixado, porque grandes cidades foram bombardeadas várias vezes por ataques aéreos com a utilização do

²⁵ **Os homens que fotografaram consequência de após ataque da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki.** Tóquio: Kusanone Shuppan Kai, 1997, p. 76.

avião B-29. Muitos tornaram-se, então, moradores de rua na cidade de Tóquio (Figura 8), como se observa na figura abaixo²⁶.

Figura 8 – Moradores de rua na cidade de Tóquio, 1945.



Fonte: UOL, Brasil Escola.

Essa situação sociopolítica e as grandes dificuldades econômicas pela qual o Japão passou no imediato Pós-guerra teve reflexos diretos na vida das famílias e acabou provocando um novo fluxo migratório. Com a retomada da imigração japonesa para o Brasil em 1953, muitos japoneses decidiram partir para tentar uma nova vida num país que, na época, se mostrava promissor. No capítulo terceiro, veremos a história de vida do Sr. Morita, um sobrevivente da bomba de Hiroshima que migrou com a família para o Brasil, em 1956. Estabelecido na Capital paulista, anos mais tarde, ele fundou uma associação dedicada às vítimas da bomba atômica (*Hibakushas*). A filha do Sr. Morita, Yasuko Saito, foi ao Japão como bolsista no mesmo ano em que eu também fui, em 1972. Isso tudo demonstra, mais uma vez, a circularidade do fluxo migratório entre esses dois países distantes, em consequência de fatos históricos e econômicos.

A partir dos anos de 1970, a situação política e econômica do Japão mudou de figura. O país consegue recuperar-se rapidamente, surpreendendo o mundo com o

²⁶ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/japao-apos-segunda-guerra-mundial.htm>
Acesso em: 24/12/2022

chamado “Milagre Econômico Japonês”²⁷. “Impulsionado, primeiramente, pela assistência dos EUA e consolidado pelo intervencionismo do governo japonês. Por outro lado, as guerras da Coreia e do Vietnã colocaram o Japão num espaço geopolítico privilegiado” (AQUINO, 2009, p. 484). Naquele período, os norte-americanos estavam muito preocupados com o avanço ideológico da União Soviética sobre a China, o Extremo Oriente e o Sudeste Asiático. Encasquetado com a mentalidade da época (1954), o presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, chegou a propor a “Teoria do Efeito Dominó”, em cuja base está a ideia de que, “se qualquer país caísse sob a influência do comunismo, os países circundantes também cairiam como se fossem uma fileira de peças de dominó em pé”²⁸.

Com o início da Guerra Fria e o avanço do socialismo nos países asiáticos, a política de ocupação do Japão sofreu profundas alterações.

A política de ‘reforma e castigo’ começou a se modificar com o início da Guerra Fria, sobretudo a partir da vitória de Mao na China (1949) e do início da Guerra da Coreia (1950), quando, de inimigo vencido, o Japão tornou-se aliado dos EUA. ‘Reduziram-se as reparações exigidas, atenuaram-se as leis antitrustes, que em 1950 foram revogadas, e concederam ajuda financeira para a reconstrução’. (AQUINO, 2009, p. 483, grifos do autor).

O fato é que, em poucos anos, o Japão se fortaleceu e acabou se convertendo na segunda potência mundial. Se, logo após a Segunda Guerra Mundial as dificuldades econômicas repeliaram os japoneses de seu país de origem rumo ao Peru, Brasil e América do Norte, a volta da prosperidade fez com que seus descendentes percorressem o caminho inverso em busca de trabalho, atraídos pela afluência da economia japonesa. É nesse contexto que podemos então falar de uma “migração circular”:

Uma das características da emigração brasileira para o Japão é a natureza circular do movimento. É bastante significativo o número de indivíduos que passam uma temporada naquele país, movidos, como já foi dito, pelo “espírito decasségui” de acumular uma poupança no exterior de modo a refazer suas vidas no Brasil. (COSTA, 2007, p. 75)

²⁷ O modelo japonês de gestão e desenvolvimento econômico caracterizou-se pelo crescimento do país no período pós-guerra, que foi responsável pela operacionalização de um sistema econômico baseado nos avanços tecnológicos e que colocou o Japão no segundo lugar entre as maiores economias do mundo durante os anos 1990. Disponível em:

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/modelo-japones-ascensao-crise.htm> Acesso em: 24/12/2022

²⁸ Max Altman. Hoje na História: 1954 - Dwight Eisenhower apresenta ao mundo 'Teoria do Efeito Dominó'. In: Opera Mundi, 7 de abr de 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/28199/hoje-na-historia-1954-dwight-eisenhower-apresenta-ao-mundo-teoria-do-efeito-domino>

As consequências da fase anterior, entretanto, permanecem presentes. O Brasil possui hoje a maior comunidade de pessoas de ascendência japonesa fora da Ásia. As principais contribuições dos japoneses à sociedade brasileira estão vinculadas à agricultura, e estas podem ser classificadas em três tipos: primeiramente, a introdução de novas culturas, novas sementes e novas variedades vegetais como, por exemplo, a introdução da alface, do alho, da batata e do tomate; em segundo lugar, a inovação das técnicas de produção, que pode ser verificada pela agricultura de periferia e do modelo de plantação de maçãs e outras espécies vegetais com vistas à expansão agrícola; e, em terceiro lugar, a criação de cooperativas agrícolas, como é o caso da Cooperativa Agrícola de Cotia, a maior da América do Sul, que estabeleceu um novo mecanismo para a distribuição da produção. “Os japoneses também assumiram a dianteira da agricultura no Brasil quando participaram do programa do governo de abertura da mata de cerrado na região centro-oeste” (UEHARA, 2008, p. 157).

O interesse dos brasileiros pela culinária japonesa também merece destaque. O que era exótico tornou-se familiar. “Até mesmo nos restaurantes do Bairro Oriental, atualmente não só os fregueses como também os cozinheiros são constituídos de maior número de brasileiros do que japoneses” (UEHARA, 2008, p. 171). Os restaurantes especializados em comida japonesa espalharam-se por todo o país. Muitos brasileiros descendentes de japoneses que retornaram do Japão, onde foram trabalhar como temporários (decasséguis), conseguiram amearhar um pequeno capital e abrir aqui seu próprio negócio na área da gastronomia.

Atualmente, existem na cidade de São Paulo mais de 600 restaurantes japoneses. Desde a década de 70, brasileiros degustando sushi e sashimi com palitinhos já não são raridade. Hoje, não só os clientes, como também os profissionais que preparam a comida não possuem necessariamente ascendência japonesa, o que nos faz pensar que não se trata de um fenômeno passageiro, mas de uma tendência de longa duração. (UEHARA, 2008, p. 157).

No período subsequente ao milagre econômico japonês, o país deixa de enviar mão-de-obra para o Brasil e passa a exportar capitais e tecnologia.

[...] veio a primeira onda de investimentos japoneses no Brasil, marcada por grandes projetos levados a cabo pelos dois países, como a Usiminas (siderurgia) e o estaleiro Ishikawa-jima. Até 1976, mais de 500 empresas japonesas haviam feito seus empreendimentos no Brasil na

época do “milagre brasileiro”, caracterizando a segunda onda de investimentos. (UEHARA, 2008, p. 157)

Os japoneses que vieram para o Brasil nessa fase são técnicos especializados e alto-funcionários de empresas transnacionais e do Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro²⁹. A comunidade dos imigrantes japoneses enriquece e ganha um novo *status*, “tinha seus próprios bancos e suas próprias cooperativas” (UEHARA, 2008, p. 157).

1.9 O movimento decasségui

Nos anos de 1980, com a crise econômica sem precedentes deflagrada no Brasil que chegou a ser considerada como uma “década perdida” (MARANGONI, 2012, on-line)³⁰, as conquistas alcançadas pela comunidade nipo-brasileira passam a ser ameaçadas. Como resultado, o sentido da imigração inverte-se mais uma vez, pois a falta de mão-de-obra para trabalhos pesados no Japão passou a ser um atrativo para estrangeiros. Então, os jovens descendentes de imigrantes japoneses decidiram partir em busca de uma oportunidade melhor de emprego no Japão que, mesmo se tratando de trabalho braçal, seria relativamente bem remunerado, se comparado com o que receberiam no Brasil naquele momento.

O Brasil sentia de maneira profunda os impactos da crise mundial do sistema capitalista iniciada na década de 70 que, entre outros efeitos, aumentou significativamente a taxa de desemprego no país. O Japão, berço das inovações tecnológicas correspondentes ao período pós-fordista, via seu desenvolvimento econômico comprometido pela falta de mão-de-obra para suas indústrias em expansão. Houve, portanto, um encontro de interesses entre as partes que culminou com o início do movimento. (FUJII, on-line).³¹

²⁹ O PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados), foi instituído em 1979. O programa foi constituído de cooperação financeira e cooperação técnica e teve como objetivo tornar a região dos Cerrados produtiva, aproveitando todo seu potencial. <https://www.jica.go.jp/brazil/portuguese/office/publications/c8h0vm00001w9k8-att/prodecer.pdf>

³⁰ Os anos 1980, na América Latina, ficaram conhecidos como “a década perdida”, no âmbito da economia. Das taxas de crescimento do PIB à aceleração da inflação, passando pela produção industrial, poder de compra dos salários, nível de emprego, balanço de pagamentos e inúmeros outros indicadores, o resultado do período é medíocre. MARANGONI, Gilberto. “Anos 1980, década perdida ou ganha?”. IPEA – Desafios do Desenvolvimento, Ano 9. Edição 72 - 15/06/2012. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2759:catid=28 Acesso em: 04/12/2022

³¹ Fujii, William Kiyoshi: Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão (1908-2008).

Alguns, acalentavam o desejo de conhecer a terra dos avós, mas a razão que mais pesou na decisão de partir foi o interesse financeiro imediato, em contraste com a carência de oportunidades no Brasil de então. Muitos pensavam em juntar uma poupança substancial para montar seu próprio negócio num futuro próximo, quando retornassem para o Brasil. É interessante lembrar que o interesse econômico também era o motivo principal dos primeiros imigrantes japoneses quando saíram do Japão nas primeiras décadas do século XX. Porém, a situação no final do século era bem diferente.

Teve assim início o novo fluxo migratório de nipo-brasileiros em sentido inverso. A gênese desse movimento no período mencionado está relacionada, entre outros aspectos, à realidade socioeconômica diferenciada entre os dois países. Mas um outro fato fundamental para o movimento decasségui foi a alteração da Lei de Imigração na legislação japonesa³², que passou a facilitar a permanência dos descendentes, ainda que não concedesse a plena cidadania. Filhos e netos de imigrantes japoneses, de primeira ou segunda geração (*nissei, sansei*)³³, partiram então para o trabalho temporário no Japão. Portanto, a relativização da lei de imigração facilitou a entrada desses descendentes de japoneses que haviam cruzado os mares no sentido contrário.

A emigração desses brasileiros para o Japão poderia representar, no contexto da chamada “era das migrações”, uma experiência rara, por ser composta majoritariamente por um grupo étnico específico e definido, que retorna, num espaço geracional relativamente curto, à terra de sua ascendência, num processo que alguns chamam de *return migration*. São poucos os exemplos similares encontrados no quadro dos mais de 190 milhões de migrantes que se estima haver hoje no mundo, entre os quais se pode mencionar a volta de alemães étnicos da Europa Oriental à Alemanha reunificada, ou dos holandeses étnicos que retornam das Índias Ocidentais e do Suriname aos Países Baixos. (COSTA, 2007, p.18)

A partir daí, o “movimento decasségui” foi crescendo, representado por um numeroso contingente de imigrantes brasileiros que se concentravam em cidades industriais do Japão, como Oizumi, Hamamatsu, Shizuoka e região de Aichi³⁴ – a fim de realizar trabalhos braçais em fábricas e montadoras. Inverte-se, assim, o ciclo migratório

³² Oficialmente, o Japão não admite imigrantes. Mas, em 1990, o país mudou a lei para poder receber mão de obra formada por descendentes de japoneses até a terceira geração, e ofereceu-lhes visto de residência permanente.

³³ A Constituição Japonesa é *Jus Sanguinis*, isto é, aqueles que têm sangue japonês seriam considerados japoneses; mas o governo japonês aceita a permanência até a terceira geração, em que um dos cônjuges seja de sangue japonês.

³⁴ Aichi, lê-se Aiti

trazendo consequências de longo alcance nas vidas das famílias de origem japonesa estabelecidas no Brasil.

Em fins dos anos oitenta, a premente necessidade de mão de obra para manter a sobrevivência das pequenas e médias empresas, levou empresários japoneses a buscar trabalhadores fora do país. A proibição do uso de mão de obra estrangeira e o maior controle governamental reorientaram a busca por trabalhadores de origem japonesa no Exterior. Empresários, governo e a maioria da população adotavam a ideia equivocada de que os descendentes estavam imbuídos de forte influência cultural japonesa, principalmente o conhecimento do idioma, reforçada por laços sanguíneos. A própria emenda da Lei da Imigração de 1993, flexibilizando a entrada de trabalhadores com ascendência nipônica, para atender aos anseios empresariais, reforça a socialmente valorizada consanguinidade como critério seletivo básico ao ingresso de migrantes no Japão. (KAWAMURA, 2013, p. 496)

Dessa maneira, com a flexibilização da Lei da Imigração editada em 1993, *Nisseis* e *sanseis*³⁵ acompanhados de seus cônjuges também descendentes de japoneses, ou de outras etnias, puderam ingressar legalmente no país para trabalhar, abrindo caminho para o vertiginoso crescimento do movimento migratório que alcançou mais de 300.000 brasileiros vivendo no Japão, no período de 1988-2005, segundo o Ministério da Justiça do Japão (cf. FUJII, 2008). Kawamura (2013) discorre, da seguinte forma, sobre esse período de grande ebulição social:

A migração de brasileiros ao Japão tornou-se mais visível, não apenas por sua superioridade numérica, mas também porque o Brasil engloba o maior contingente populacional de origem japonesa vivendo no Exterior. A superioridade numérica chegou a ofuscar a presença de outros latino-americanos, que eram confundidos com brasileiros pelos nativos. Com o tempo, os peruanos, o segundo maior grupo com ascendência nipônica no Exterior, passaram a ter visibilidade, convivendo em grupos próprios, o que veio influenciar a interação entre ambos os grupos latino-americanos e destes com a sociedade japonesa. As diferentes heranças sociais e culturais que os descendentes de japoneses na América Latina têm recebido nas sociedades de origem (Brasil, Peru, Argentina, Bolívia, Colômbia e outros) os diferenciam culturalmente entre si, a despeito da mesma origem étnica. (KAWAMURA, 2013, pp. 495-496)

³⁵ Issei *i* = primeiro, um; sei = geração: japonês de primeira geração que vive fora do Japão. Nissei *ni* = segundo, dois; sei = geração: descendente de japonês de segunda geração Sansei *san* = terceiro, três; sei = geração: descendente de japonês de NN terceira geração Nikkei *ni* de /*Nippon*/ = Japão; *kei* = linhagem: japonês ou descendente no exterior.

Nos primeiros anos do século XXI, contudo, o movimento decasségui começou a indicar sinais de enfraquecimento, verificável, de modo especial, na redução dos deslocamentos. Parece que o interesse dos nipo-brasileiros decididos a passar pela experiência migratória no Japão estava se esgotando. A economia japonesa passou de emergente para um ciclo de estagnação que foi agravado pela crise econômica mundial de 2008. A partir daí, o fluxo inverte-se mais uma vez, com os trabalhadores temporários retornando ao Brasil.

Ademais, embora o retorno ao país de origem tenha sido uma estratégia bastante usada nos primeiros meses após a eclosão da crise, fato sobre o qual o Estado japonês atuou diretamente, constata-se, a partir da observação dos dados de entrada e saída de brasileiros no Japão durante e logo após a crise, de forma geral, incidiu pontualmente sobre o fluxo. O uso das redes sociais se apresentou como parte das estratégias de permanência no Japão, no entanto as formas de moradia e conhecimento do idioma também se apresentaram como fatores importantes de influência na permanência do grupo entrevistado no destino no período da crise econômica internacional. (SHISHITO; SHISHITO, 2013, p. 520)

Assim, “apesar da semelhança física e da influência da tradicional cultura japonesa em sua formação, encontram-se distantes da atual cultura do trabalho japonesa, contrariando as expectativas iniciais dos empresários e do governo japonês” (KAWAMURA, 1999, p.124). Por isso, no interior da comunidade brasileira, ocorrem manifestações de desencontros por parte da população local. No cotidiano, os choques culturais nunca chegaram a ser superados. Apesar de haver “uma comunidade brasileira residente no Japão de mais de 300.000 nacionais, que já supera o número de japoneses que se fixaram no Brasil no século XX, cerca de 250.000” (COSTA, 2007, p. 17).

Na tabela 01 é possível reconhecer as profissões e competências assumidas pelos trabalhadores temporários brasileiros no Japão, numa estimativa de 2007, portanto no período anterior à crise financeira internacional. Verifiquemos que uma maioria se atrela a serviços de operários, provavelmente, os que não demandam a fluência na língua japonesa.

Tabela 01 – Atividade Econômica da Comunidade Brasileira no Japão

Profissões e funções	quantidade	porcentagem
Operário/Serviços Manuais	1.045	66,06%
Serviços Administrativos	83	5,25%
Do lar	54	3,41%
Intérprete/Tradutor	33	2,09%
Comércio	27	1,71%
Agente de Turismo	23	1,45%
Bancário	18	1,14%
Serviços Técnicos	18	1,14%
Estudante	17	1,07%
Educador	14	0,88%
Serviços Gerais	11	0,70%

Fonte: Fundação Alexandre de Gusmão, MRI. (COSTA, 2007, p. 85)

Por outro lado, com a crise econômica passamos a observar novas estratégias das empresas contratadoras para atrair um segmento da comunidade nipo-brasileira, até então pouco envolvido no movimento, os jovens universitários. Sob a fachada de programa de férias, estágio ou algo parecido, a inserção desses jovens no movimento de kassegui começou a crescer, revelando uma das especificidades do fenômeno da imigração circular, que são as constantes transformações em sua dinâmica.

A maioria dos de kasseguis trabalha nas fábricas ou na confecção de refeições prontas, compensando assim a escassez de mão-de-obra na indústria japonesa. Os de kasseguis que escolheram permanecer no arquipélago definitivamente devem enfrentar questões como a formação dos filhos e a imagem negativa que os japoneses têm a respeito desses migrantes, criada a partir do aumento da criminalidade nas áreas de concentração de latinos. Essas preocupações, assim como a necessidade de reformas nas leis japonesas, têm sido assunto de várias discussões envolvendo o futuro das relações entre os dois países. (UEHARA, 2008, p. 174)

Há um aumento de imigrantes brasileiros no país, os quais estão começando a alcançar postos inacessíveis a seus pais, quase três décadas após o início desse movimento

migratório. Hoje, conquistam espaços como professores, artistas ou até mesmo executivos de empresas. “Os decasséguis sempre tiveram sua imagem associada ao macacão das fábricas. E embora sejam considerados imigrantes, continuam estrangeiros e não têm obrigação de matricular as crianças na escola” (KAMATA, 2019).

1.10 O sonho dos decasséguis

Para entender a vida e os sonhos dos trabalhadores temporários no Japão, vamos reproduzir o relato de Silvia Lumy Akioka³⁶, uma brasileira que permaneceu um ano e meio no Japão como decasségui (Figura 9). Seus avôs maternos deixaram a terra natal, Província de Fukuoka, no Japão, em busca de uma vida melhor no Brasil assim como outros milhares de imigrantes. Ela relembra os tempos como decasségui ao visitar a cidade na qual residem muitos brasileiros e brasileiras:

O dia começa bem cedo. Começava mais cedo ainda para minha querida mãe, que preparava com carinho nosso *obentô*. Que saudades de sua comida! Acordamos cedo para esperar o ônibus da empreiteira. Levava cerca de quarenta minutos para chegar à fábrica e nesse percurso, o motorista passava pontualmente em vários pontos para buscar outros *decasséguis* também. No caminho, geralmente íamos ouvindo música ou dormindo. (AKIOKA, 2020, on-line)

Ao chegar às instalações da fábrica, ela batia o cartão de ponto, guardava seus pertences e fazia *taisô*, no pátio externo. *Taisô* é a ginástica laboral, odiada por alguns principalmente no inverno, repetida três vezes ao dia, antes do início do trabalho, no meio da manhã e no meio da tarde. Essa é uma atividade recomendada para espantar o sono e aliviar o cansaço causado por movimentos repetitivos.

Depois de entrar na fábrica e colocar o jaleco, passávamos nossas horas colando peças de aparelhos eletrônicos – celulares, *notebooks*, televisores e impressoras. Trabalhávamos sentadas e por isso era considerado um trabalho bem leve. As vagas nesta fábrica eram famosas e procuradas. Geralmente, o expediente ia até o fim da tarde, mas cheguei a ficar até 10h da noite e tivemos muitos finais de semana de trabalho. Eu preferia trabalhar o quanto pudesse, não me importava em trabalhar nos finais de semana, porque isso fazia com que me sentisse bem, já que estava ali a trabalho e, é claro, receberia mais no final do mês. (AKIOKA, 2020, on-line)

³⁶ Silvia Lumy Akioka é sansei. Foi decasségui aos 17 anos e em outra ocasião, bolsista na província de Fukuoka, quando publicou a série “[O ano de uma brasileira no outro lado do mundo](http://www.discovernikkei.org/pt/journal/author/akioka-silvia/)”. Disponível em: <http://www.discovernikkei.org/pt/journal/author/akioka-silvia/> Acesso em: 07/01/2020

Figura 9 – Comemoração do aniversário de Silvia Lumy Akioka com colegas da fábrica, Fukuoka, Japão.



Fonte: Descubra Nikkei – os imigrantes japoneses e seus descendentes.³⁷

Durante o expediente, Silvia não tinha muito no que se pensar, a não ser sonhar com um futuro melhor quando retornasse ao Brasil. Era um trabalho muito repetitivo e ela sentia como se suas capacidades estivessem atrofiando. Não era permitido conversar, só se fosse baixinho, para ninguém reclamar. Então, sempre quando possível, ela conversava sobre como era a vida no Brasil, sobre seus sonhos e planos. Nos primeiros dias, sentia muitas dores nos ombros e nas mãos, mas depois de um mês, acostumou-se e já não as sentia mais. Uma das recompensas que ela se dava era ir comer num restaurante. Assim foram passando os dias, sempre com a ideia de voltar para o Brasil e realizar os projetos que havia planejado. Ela se conformava ao pensar que não era a única a enfrentar essa vida dura.

Havia também o turno noturno. Alguns funcionários trocavam o dia pela noite, entrando na fábrica às 8 horas da noite e saindo às 7 horas da manhã, quando a outra turma de funcionários chegava. Para mim, aquilo seria uma rotina muito mais desgastante, mas havia pessoas que preferiam o trabalho noturno. (AKIOKA, 2020, on-line)

³⁷ AKIOKA, Silvia Lumy. Capítulo 8: Lembranças de uma ex-dekasegúi. Descubra Nikkei – os imigrantes japoneses e seus descendentes, 28 Jan 2010. Disponível em: <http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2010/1/28/brasileira-outro-lado-do-mundo/> Acesso em: 22/12/2022

Silvia era a funcionária mais nova da fábrica, chegou com 17 anos. Permitiram que ela fizesse horas extras quando completou 17 anos e meio. Conversando com as outras moças, sentiu que era necessário ter forças, não queria deixar acontecer o que acontecera com algumas outras colegas: perder a previsão de retorno ao Brasil, ou engravidar, gastar as economias e precisar ficar mais tempo. Mas não era necessário muito esforço, pois a única coisa que desejava era voltar a estudar. Só pensava nisso. Chegou a conhecer dois rapazes, mas, como eles não tinham ambições na vida e planos, sentiu que não valia a pena pensar em ter um relacionamento mais sério com eles. Inserida no grupo de imigrantes brasileiros, o domínio da língua japonesa quase não fazia falta.

Era tudo bastante acessível no dia-a-dia e mesmo não sabendo muito a língua japonesa, isso acabava fazendo falta só em alguns momentos. Nosso líder de seção também era brasileiro, o que facilitava a comunicação no ambiente. Já havia estudado um pouco de japonês no Brasil, mas apliquei e aperfeiçoei um pouquíssimo. Precisei usar a língua japonesa em poucas oportunidades, por exemplo, em lojas e restaurantes. (AKIOKA, 2020, on-line)

As cidades com alta concentração de trabalhadores brasileiros têm lojas que oferecem produtos vindos do Brasil, açougue, padaria e lanchonete, obviamente com atendimento em português. Há revistas em português direcionadas para os decasséguis, com muitos anúncios de serviços referentes às suas necessidades, venda de celulares e outros aparelhos eletrônicos, transportadoras de mudanças para o Brasil, roupas e perfumes brasileiros. Também existia uma espécie de locadora ambulante, de filmes legendados em português e mesmo novelas brasileiras gravadas. Um caminhãozinho passava de porta em porta para oferecer o aluguel das fitas. Quando ela voltou para o Brasil, tinha adquirido um conhecimento muito básico sobre o Japão em todos os aspectos. Teve oportunidade de fazer algumas viagens pelo Japão para conhecer lugares turísticos: “De lugares famosos, conheci o Monte Fujiyama, Tokyo Disneyland, Suzuka Circuit e a Universal Studios. De culinária, apreciei o básico - sushi, sashimi, udon” (AKIOKA, 2020, on-line).

Os filhos de decasséguis têm a opção de frequentar escolas brasileiras no Japão. A irmã mais nova de Silvia estudou em uma delas, “pois achávamos que dois anos era pouco tempo para se adaptar em uma escola japonesa e seria sacrificante demais para uma garota de 13 anos” (AKIOKA, 2020, on-line). No caso dela, os dois anos transformaram-se em quatro e, quando ela ingressou no colegial, Silvia temia que a irmã abandonasse os sonhos de voltar ao Brasil e que se conformasse com a vida medíocre que estava levando

no Japão, contentando-se com o trabalho repetitivo no chão de fábrica. O que acontece com muitos decasséguis.

Isso é realmente muito comum. Há pais que acham conveniente que os filhos trabalhem como eles, para não terem gastos com as mensalidades da escola. Já os filhos, convivendo com decasséguis, deixam de ter pessoas para se espelhar, para imaginar um futuro diferente e acabam também achando fácil obter dinheiro para o que quiserem comprar, ainda mais no mundo dos eletrônicos. Felizmente, com a devida orientação de minha mãe e sua própria força de vontade, isso não aconteceu em nossa família e minha irmã retornou ao Brasil para cursar o 3º ano do Ensino Médio. (AKIOKA, 2020, on-line)

Entretanto, Silvia nunca desistiu de seu plano de voltar a estudar assim que retornasse ao Brasil, por isso acabou não cumprindo a meta inicial de ficar 2 anos no Japão. Voltou depois de 1 ano e meio. Felizmente, as coisas seguiram conforme ela imaginara. O cursinho pré-vestibular durou 5 meses, durante esse período ela estudava o dia todo, só parando para as refeições. Sentia-se impotente às vezes, por ver alguns estudantes frequentando o cursinho há anos ou meses a mais que ela, e pensava: “Fiquei um ano e meio praticamente sem estudar, como é que irei disputar uma vaga na universidade, sendo que tantos deles estudam há mais tempo que eu?” (AKIOKA, 2020, on-line). Mesmo assim, ela não desanimou. Pensava que mesmo não sendo aprovada, quanto mais estudasse, mais estaria adiantando para o ano seguinte. Com muito alívio e alegria, finalmente conseguiu uma vaga para estudar numa universidade pública.

A maioria dos decasséguis aceitam fazer os trabalhos rejeitados pelos japoneses natos. Trabalhos braçais, tarefas tediosas nas linhas de montagem e atividades que incluem riscos à saúde. Sua imagem é correntemente associada ao macacão das fábricas. E embora sejam imigrantes documentados, continuam sendo considerados como estrangeiros (*gaijin*) e não têm obrigação de matricular os filhos na escola japonesa.³⁸

A maioria dos migrantes desconhece os padrões de conduta e linguagem atualmente adotados no Japão – mesmo com a vivência dentro de antigos valores, costumes e língua trazidos por imigrantes nipônicos para a América Latina, considerados retrógrados pelos japoneses – o que dificulta sua inserção ao sistema de trabalho e de vivência no país de destino. De sua parte, a sociedade local mantém distância em relação ao “diferente” e “desconhecido”, principalmente onde o provincianismo ainda dita as normas, com o objetivo de preservar seus costumes, condutas e valores tradicionais integrados à vida cotidiana, esta já isolada por séculos do Exterior. A rápida inserção

³⁸ *Gaijin* *gai* = fora; *jin* = pessoa: estrangeiro. *Burajirujin* *burajiru* = Brasil; *jin* = pessoa: pessoa de nacionalidade brasileira

econômica e tecnológica do país no processo de globalização não ocorreu da mesma forma na tradição, ao contrário, a modernização foi acompanhada da incorporação de aspectos culturais tradicionais no trabalho e na vivência cotidiana. (KAWAMURA, 2013, p. 496)

Mas, aos poucos, a situação vai mudando. Alguns filhos de decasségus passaram a frequentar a escola japonesa, superando as grandes dificuldades de adaptação e já conseguem uma colocação melhor no concorrido mercado de trabalho³⁹. Entretanto, o preconceito e o choque entre culturas não podem ser negados.

Divergências entre grupos migrantes e cidadãos locais aconteciam frequentemente no trabalho, na vizinhança e na escola dos filhos. Condutas vistas como rotineiras no Brasil e consideradas desrespeitosas aos semelhantes, como voz e música em alto som, brigas, manifestações de namoro em público assustavam os japoneses acostumados ao silêncio, ao recato de suas expressões emotivas e intimidades em recintos privados. (KAWAMURA, 2013, p. 496)

Registra-se um aumento de imigrantes brasileiros no Japão que está começando a alcançar postos inacessíveis a seus pais três décadas após o início da migração regular àquele país asiático. É o caso de Renan Eiji Teruya, que aos 27 anos (Figura 10), foi o primeiro brasileiro a ser aprovado no exame da Ordem dos Advogados do Japão.

Fez a prova em 2016, quando havia 6.899 candidatos, e foi um dos 1.583 que passaram. "Nunca estudei tanto na minha vida", relembra. Ele já passou por um treinamento específico a fim de se especializar na área e está pronto para atuar na profissão. Renan, que migrou ao Japão com oito anos, acompanhando a mãe Regina. Para ascender profissionalmente, ele conta que precisou se esforçar em dobro em relação aos japoneses. Conseguiu vaga na universidade pública de Aichi, onde se formou em 2014, e depois obteve a aprovação para a Ordem dos Advogados. Renan quer atuar na área de Direito do Trabalho para ajudar os estrangeiros, principalmente os brasileiros no Japão. (KAMATA, 2019, on-line)⁴⁰

Obviamente, o caso de Renan não é o mais comum entre os decasségus ainda hoje, no entanto, só o fato de ele ter rompido as barreiras da mobilidade social intergeracional já é um motivo de otimismo para as gerações futuras.

³⁹ **Filhos de brasileiros no Japão começam a superar barreiras no mercado de trabalho qualificado** - Fatima Kamata, de Tóquio para a BBC News Brasil, 9 junho 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48522436> Acesso em: 05/12/2022 Acesso em: 26/03/2023

⁴⁰ Idem, Ibidem.

Figura 10 – Renan Eiji, primeiro brasileiro a obter licença para advogar no Japão, 2019.



Fonte: BBC Brasil - Os filhos de brasileiros no Japão começam a superar barreiras no mercado de trabalho qualificado.⁴¹

1.11 O difícil retorno

A crise econômica de 2008, ao afetar negativamente o contexto econômico de vários países de destino da emigração brasileira, constituiu um dos fatores que intensificaram o retorno ao país de origem. Segundo as estudiosas na migração circular Sônia Pereira e Sueli Siqueira, “as dimensões emocional, afetiva e familiar interagem com a dimensão econômica na tomada de decisão de retornar” (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p.119)⁴². Se a situação econômica e social motiva a migração, os fatores psicológicos acabam determinando as atitudes individuais assumidas pelo migrante.

O estranhamento no reencontro com a família e em relação aos costumes, a sensação de não se reconhecer pertencente ao seu local de origem tornam-se angustiantes. O espaço geográfico e social, as pessoas idealizadas durante os anos de emigração já não são os mesmos. O migrante vivência de maneira diferenciada a situação de emigração, mesmo que o projeto tenha sido elaborado pela família ou comunidade,

⁴¹ KAMATA, Fatima. Filhos de brasileiros no Japão começam a superar barreiras no mercado de trabalho qualificado. BBC News Brasil, 9 de jun. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48522436?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR0VtXyyAFgvhFjaFMDpeif744pAyk-WiWDR9qRCIDWgCBtx4ROKjzjei38 Acesso em: 05/12/2022

⁴² Veja também: Defining and Measuring Circular Migration. Disponível em: <https://www.unece.org/index.php?id=44717>

a experiência não é vivida de modo homogêneo por todos. As mudanças ocorrem em função das diferentes trajetórias de cada um. (Idem, p. 20)

O retorno ao Brasil pode ser bastante difícil, porque envolve um período de readaptação ao cotidiano brasileiro.

Tabela 2 – Declaração de Frequência de Regressos ao Brasil

Número de Vezes que voltou ao Brasil	Percentual do total que respondeu afirmativamente	Tempo médio de residência no Japão (anos)	Tempo Médio de Cada Temporada no Japão (anos)
1	38,46%	8,27	4,13
2	24,94%	9,55	3,18
3	19,55%	10,85	2,71
4	8,43%	11,37	2,27
5	4,72%	12,41	2,06
6	2,13%	12,47	1,78

Fonte: Ministério das Relações Exteriores (COSTA, 2007, p. 76)

Acostumados, no Japão, aos níveis baixos de criminalidade e a avançada organização social, em contraste com a situação experimentada no Brasil, os decasséguis retornados têm, frequentemente, que enfrentar o desemprego e o ostracismo social. Ao passo que a poupança tão duramente acumulada se esvai rapidamente. A burocracia empresarial vigente e a falta de preparo para constituir um negócio próprio num ambiente de concorrência muito acirrada, em vários casos, leva à perda de todos os rendimentos economizados.

Muitos, assim, se vêm compelidos a novamente tentar a vida no Japão, ou para uma temporada mais longa, até que as condições no Brasil lhes permitam voltar em situação mais favorável, ou para tentar recuperar, num período mais curto, o dinheiro perdido num investimento malsucedido. As estatísticas da imigração japonesa, como visto na seção anterior, apontam para um número significativo de reentradas de brasileiros a cada ano, em torno de 40.000 desde 2000. Uma parcela indeterminada, evidentemente, é composta de pessoas que vão passar férias ou uma temporada. (COSTA, 2007, p. 75)

O fracasso da empreitada pode conduzir, assim, os mais obstinados a uma nova investida que pode resultar na partida mais uma vez em direção à terra dos antepassados nipônicos. Mais uma vez, verificamos a manutenção da dinâmica prevista na circularidade. Obviamente, essa dinâmica traz consigo várias consequências para habilidades e fluência linguística. No entanto, não é somente o movimento o que garante a adesão linguístico-cultural. É sobre isso que trato no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

Fluidez linguístico-cultural, bilinguismos e Língua de Herança

*Não esqueça que a semente,
se for plantada, irá brotar.
Mas a que não for semeada
jamais poderá germinar.
(Nissen Shounin - V. 3306)*

Para compreender os efeitos das dinâmicas circulares, destacamos o fenômeno do bilinguismo entre os filhos e os descendentes de imigrantes. Esse fenômeno necessariamente conduz à investigação dos mecanismos cognitivos envolvidos, ressaltando, de modo especial, o importante papel das experiências vivenciadas e do empenho de esforço para a aquisição de linguagem no contexto sociocultural. Por isso, neste capítulo, discutiremos os fatores culturais e afetivos durante a aquisição e manutenção da Língua de Herança (LH) japonesa e brasileira. O confronto entre a teoria e a pesquisa de campo conduziu à análise das situações de falantes bilíngues simultâneos, na medida em que coloco em causa qual das línguas se considera a dominante. Verifiquei, ao longo do estudo, diversos níveis de eficácia, em diferentes frequências de uso, com resultados que podem denunciar a mistura das duas línguas (*code-switching*), sem ignorar os diferentes graus de complexidade lexical e letramento atingidos pelo falante.

2.1 Linguística Cognitiva e aquisição da linguagem

Um tema que vem sendo atualmente estudado pela Linguística Cognitiva é o da capacidade plena de raciocínio, escrita e expressão verbal. Porém, muitas vezes é necessário, antes, compreender o papel psicológico e social da linguagem como instrumento da comunicação humana. É relevante destacar, ainda, que a linguagem guarda em si aspectos individuais, uma vez que cada um tem suas características pessoais

e acaba articulando a linguagem usando um ponto diferenciado, o que resulta em prosódias variadas (idioleto).

Givón, na parte II-12.3.3 de seu livro **The Genesis of Syntactic Complexity** (2009), afirma que a aquisição de habilidades comunicativas da criança de 9 meses é semelhante a códigos comunicativos que evoluíram, gradualmente, ao longo de seis milhões de anos, na linha de fonologia dos primatas hominídeos.

Child language acquisition, at ca. 9 months essentially from a launching pad that is strikingly similar to pre-human primate cognition. That is, with a rich and rapidly expanding pre-linguistic cognitive representation, both semantic and episodic. At the level of lexical-semantic memory, the child's representation spans the physical-external, the visceral and mental-internal, and the social-relational universe. In all major characteristics, this is the same launching pad from which human language has evolved. What is more, what the child will now acquire are the hominid primate line – phonology and grammar. But the time scale of child language development is that of ontogeny, not phylogeny⁴³. (GIVÓN, 2009, p. 314)

Pela importância atribuída aos aspectos funcionais do fenômeno linguístico e pelo desenvolvimento de uma análise linguística baseada na observação do uso linguístico formulada por Langacker (1987), caracterizada como língua em uso. A Linguística Cognitiva opõe-se ao conceito chomskyano de “competência linguística”; uma vez que os autores vinculados à Linguística Cognitiva assumem uma postura que é pragmaticamente orientada, tanto teórica como metodologicamente.

Nesse contexto, a Linguística Cognitiva entra em contato com diversas fontes teóricas, sendo grande a contribuição da linguística funcional e tipológica, tal como tem sido desenvolvida por Givón (1995). Porém a linguística cognitiva vai além da pragmática linguística, não se limitando a restringir a língua a um instrumento de ação e do comportamento humano. Daí a importância que certos autores da Ciência Cognitiva

⁴³ Nossa tradução: A aquisição da linguagem infantil, com aproximadamente 9 meses, começa, essencialmente, a partir de um ponto de partida que é surpreendentemente semelhante à cognição pré-humana dos primatas. Ou seja, com uma representação cognitiva linguística rica e em rápida expansão, tanto semântica como episódica. Ao nível da memória lexical-semântica, a representação da criança abrange o universo físico-externo, visceral e mental-interno e social-relacional. Em todas as principais características, este é o mesmo ponto de partida do qual a linguagem humana evoluiu. Além do mais, o que a criança agora adquirirá são os mesmos dois códigos comunicativos que evoluíram, gradualmente ao longo de 6 milhões de anos, na linha da fonologia e gramática dos primatas hominídeos. Mas a escala de tempo do desenvolvimento da linguagem infantil é a da ontogenia, não a filogenia. Vide GIVÓN, T. **The Genesis of Syntactic Complexity**, 2009, p. 314.

atribuem à semântica na análise linguística ao tentar demonstrar a natureza enciclopédica e respectivamente inerente à significação linguística (GEERAERTS, 1995, p. 113).

Uma das ideias importantes na Linguística Cognitiva é a de que grande parte do conhecimento humano não é estático, mas fundamenta-se em padrões dinâmicos e imagéticos dos movimentos no espaço, da manipulação dos objetos e de interações perceptivas – os chamados “esquemas imagéticos”, tradução do inglês: “*image schemas*” (LAKOFF, 1990). Assim, a linguagem é estudada como um sistema para a categorização do mundo. Nela naturalmente se refletem capacidades cognitivas gerais ao lado da experiência individual, social e cultural, no sentido de a linguagem estar intimamente associada ao conhecimento de mundo.

2.2 Bilinguismo e desenvolvimento cognitivo

Há bilíngues que pela opção dos pais, desde a infância, estudaram uma segunda língua ao lado da aquisição da língua materna. Nesse caso, a aprendizagem ocorreu sem deslocamento de um país para outro; mas para ser um bilíngue simultâneo, é fundamental viver por algum tempo no país falante dessa língua, para aperfeiçoamento da pronúncia, fluência na fala e escrita no plano discursivo, além de ter contato com as soluções discursivo-pragmáticas adotadas pelos falantes em situação de imersão em várias situações interativas propiciadas pelo contexto sociocultural da língua em questão.

A necessidade de pesquisas sobre o bilinguismo se justifica, também, por ser um dos assuntos intimamente relacionados aos deslocamentos humanos de um país para outro por motivos econômicos, políticos e sociais. Esta é uma questão muito discutida na atualidade porque é um fenômeno de grande importância política e social. Em termos linguísticos, chama a atenção o fato de que para a adaptação num país estrangeiro, frequentemente, torna-se necessária a aprendizagem de uma nova língua, que se torna uma segunda ou terceira língua para o imigrante, favorecendo assim o bilinguismo a partir dessas circunstâncias existenciais.

Há diferentes fatores sociológicos e culturais envolvidos nesse processo. Por exemplo, o principal fator a impulsionar a emigração de muitos brasileiros, descendentes de japoneses, para a antiga pátria de seus antepassados, foi a situação econômica adversa que assolou o Brasil no final da década de 1980. Assim, a busca por melhores condições de vida pautou o próprio perfil da nascente comunidade brasileira no Japão. Em princípio, eram grupos de jovens e casais de meia idade, no auge da vida produtiva, que partiam

com o objetivo de trabalhar nas empresas japonesas, pretendendo com isso acumular um pequeno capital para, no regresso ao Brasil, num futuro próximo, comprarem alguma propriedade ou iniciarem seu próprio negócio. Contudo, repetindo a história de seus avós, que vieram ao Brasil para “fazer a América”, com a intenção de logo regressar à sua província de origem, muitos nipo-brasileiros resolveram se fixar definitivamente no Japão, enquanto outros retornaram ao Brasil antes mesmo de conseguir o desejado capital inicial.

A perspectiva é, a curto ou longo prazo, um dia retornar para seu ponto de partida. Em vários fluxos migratórios, de curta ou longa distância, de trabalhadores desqualificados ou altamente qualificados, homens ou mulheres, o desejo do retorno concreto está presente, seja ele um retorno para visitar ou um retorno permanente. No entanto, durante a migração novas experiências são vividas e o projeto inicial muitas vezes é reelaborado, o retorno adiado ou abandonado. Noutros casos, pode até ser antecipado ou mesmo ‘forçado’ - por exemplo, por deportação nos casos mais extremos - quando o projeto migratório falha ou se verifica uma alteração nas circunstâncias do migrante (questões familiares ou problemas de saúde). (PEREIRA; SIQUEIRA, 2013, p. 117) ⁴⁴

No caso das crianças brasileiras que passaram por essa experiência, ao acompanhar os pais na viagem ao Japão, algumas já tinham uma vivência de falar japonês em casa, enquanto falavam português na escola brasileira. No Japão, esse ambiente linguístico se inverteu – passando a falar português em casa e japonês na escola. Apesar de existirem escolas particulares no Japão dedicadas ao ensino dos filhos dos imigrantes, muitos pais acabaram por optar pela escola japonesa, onde o curso é gratuito e se projeta um futuro garantido para as crianças, pois mais cedo ou mais tarde elas terão que enfrentar a sociedade japonesa e o ambiente da cultura dominante.

É nesse contexto que se coloca a questão do português como Língua de Herança entre a comunidade de trabalhadores brasileiros no Japão, onde as crianças falam português em casa, ao mesmo tempo que são envolvidas pela comunidade japonesa falante da língua majoritária. Deve-se também levar em conta o dilema sofrido pelos filhos desses brasileiros no Japão, diante da possibilidade de um possível retorno ao Brasil, pois, neste caso, precisarão dominar o português para competir no contexto da sociedade brasileira, com características culturais muito diversas. Nessa perspectiva, o

⁴⁴ (PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. “Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos”. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n41/07.pdf> Acesso em: 05/12/ 2022

português brasileiro como Língua de Herança no Japão é a contrapartida do japonês Língua de Herança, língua falada pelos descendentes de imigrantes japoneses na comunidade japonesa no Brasil.

2.3 Mecanismos cognitivos

Em uma perspectiva interdisciplinar, os recursos da Linguística Cognitiva podem servir como fundamentação teórica de uma análise aprofundada do fenômeno da Língua de Herança. Vale a pena lembrar que a abordagem oferecida por essa teoria vem ganhando proeminência desde o início dos anos de 1970. Destacando-se que, para entender o processo de aprendizagem da linguagem, é necessário observar o desenvolvimento da mente da criança e obter os conhecimentos necessários das disciplinas associadas à Linguística Cognitiva, como a Psicologia, Genética, Neurociência e a Biologia. Além disso, é fundamental a valorização do “conhecimento de mundo”, da percepção pessoal do entorno, do ambiente familiar e do contexto cultural do indivíduo bilíngue, de tal modo que “nosso estar na linguagem, nosso conversar, tem consequências em nossa fisiologia, e o que acontece em nossa fisiologia tem consequências em nosso conversar” (MATURANA, 2001, p. 100).

Segundo Taylor (1995), vale a pena lembrar a perspectiva assumida pela Linguística Cognitiva que tem consequências de longo alcance, por exemplo, implicações e aplicações pedagógicas no ensino da língua materna e no das línguas estrangeiras. Maturana (2001) por sua vez destaca o papel da cognição no fenômeno da aquisição da linguagem e no desempenho linguístico desde o nascimento, a primeira infância e seu desenvolvimento durante a adolescência até chegar à idade adulta. Para ele essa reflexão como fenômeno não pode acontecer fora da linguagem.

E não pode acontecer fora da linguagem porque sem linguagem não existe um espaço operacional que permita a distinção do dentro e do fora, que permita a operação "reflexão". Então, é na linguagem que surge o eu. (MATURANA, 2001, p.100)

Para evitar a possibilidade de isolamento da criança num ambiente que pode ser hostil, os pais devem preparar, antecipadamente, as crianças em casa para o momento do enfrentamento com o mundo exterior, apresentando a cultura e a língua majoritária da sociedade em que a família está inserida por meio de materiais adequados, livros infantis, desenhos animados, contando histórias da tradição popular, brincadeiras e outros.

Somente assim, a criança poderá sentir menor impacto da transição, podendo futuramente dominar as duas línguas e compreender as duas culturas, tornando-se um adulto bilíngue, sem o desestímulo para o uso social da língua local.

Se tomarmos a terminologia usada para conceituar a aprendizagem da língua portuguesa, em vários contextos, podemos avaliar as diferentes situações e o interesse do aprendiz quanto aos usos específicos e o grau de pertença, familiaridade ou interação do falante com relação à língua. Observamos que o PLH é apenas uma das possibilidades do fenômeno do bilinguismo, podendo variar em pertença (relativa) dependendo do grau de assimilação e afetividade dos próprios falantes.

A partir daí, podemos situar a pesquisa como uma área de estudos sobre o português brasileiro como Língua de Herança (PBLH), que é o caso dos filhos de trabalhadores brasileiros no Japão. O nível de pertença para eles é relativo dependendo de quanto os pais usam a língua portuguesa no lar, assim como em relacionamentos sociais estabelecidos fora de casa com parentes e amigos. Em qualquer dos casos, em se tratando de Língua de Herança, a cultura e a interação social serão fundamentais.

A atenção à diversidade dos alunos é muito importante, mesmo sabendo que todos são filhos de brasileiros e que têm o português brasileiro como LH, o grau de pertença à língua pode variar dependendo da situação de cada aprendiz, assim como o tipo de interação a que estão sujeitos no lar. Podemos questionar se ambos os pais são brasileiros (descendentes de japoneses), ou se a mãe é descendente de japoneses enquanto o pai é estrangeiro? A mãe tem tempo de conversar com os filhos ou trabalha em tempo integral? O pai faz questão de conversar em português em casa ou quer que os filhos aprendam logo a língua do país de acolhida para não ter problemas na escola?

Para que haja respeito pela diversidade entre os aprendizes, é necessário que o professor leve em conta o grau de utilização da língua portuguesa em casa e com parentes e amigos, além do estilo de aprendizagem mais adequado para cada um.

2.4 Língua, história e cultura

O fator cultural no contexto de LH nunca pode ser menosprezado. Quando morava no exterior, eu observava como os estrangeiros se interessavam espontaneamente pela língua portuguesa e aprendiam várias expressões idiomáticas, ao ouvir música popular brasileira de compositores famosos como Noel Rosa, Chico Buarque e Caetano Veloso.

O que não dizer dos filhos de brasileiros que crescem ouvindo a música popular brasileira tocada dentro da própria casa pelos pais em momentos de nostalgia.

Há casos em que o brasileiro só vem realmente a apreciar a cultura brasileira quando passa a residir no exterior. Pessoas que raramente comiam feijoada, quando moravam no Brasil, começam a apreciar essa iguaria nas festas da comunidade de brasileiros no exterior. Tratando-se da aprendizagem do português brasileiro para estrangeiros (PBE), quanto mais os aprendizes tiverem interesse pela cultura brasileira e praticarem a interação social com brasileiros nativos, torna-se mais fácil a assimilação da língua falada no país.

Para as crianças brasileiras no exterior, as canções infantis e a música brasileira, com as suas letras poéticas e sentimentais seriam um excelente método a ser adotado no ensino da língua portuguesa como LH. Assim os pequenos aprendem a língua de seus pais ao mesmo tempo em que se familiarizam com sua cultura de herança. Festas e festivais temáticos são uma boa oportunidade para que os descendentes se aproximem da cultura de seu país de origem. A exemplo de comemorações de datas nacionais e eventos como o Carnaval.

Em meados dos anos 90 começou a ser realizado um desfile de escolas de Samba na cidade de Oizumi, em Gunma, considerada a principal “colônia nipo-brasileira” no Japão. Diferentemente do carnaval de Asakusa, organizado pelos fãs da música brasileira no Japão, o carnaval de Oizumi chama a atenção por ser um evento organizado pelos próprios brasileiros a fim de divulgar a cultura de seu país. (UEHARA, 2008, p. 177)

Cursos de capoeira também têm demonstrado ser uma experiência bem-sucedida para a divulgação da cultura brasileira no exterior, e tem sido uma oferta que ocorre de modo espontâneo e festivo. Sabe-se que, no Japão, existem mais de 40 associações de capoeira. Depois da copa do mundo de 2014, o interesse dos japoneses pela cultura brasileira aumentou⁴⁵. É uma atividade que vai muito além do simples treinamento esportivo. Sendo uma espécie *sui generis* de luta marcial, envolve também outras manifestações culturais, tais como a dança e a música. Além disso, por ser um jogo inteligente e divertido serve de ponto de encontro para as crianças e jovens brasileiros no exterior, como ocorre no Japão na comunidade dos filhos dos trabalhadores temporários,

⁴⁵ “Capoeira no Japão – a arte brasileira na terra do sol nascente”. In: Coisas do Japão. Disponível em: <https://www.coisasdojapao.com/2017/10/capoeira-no-japao-arte-brasileira-na-terra-do-sol-nascente/> Acesso em: 17/05/2018.

sendo uma rara oportunidade para vivenciar vários aspectos da cultura brasileira de que são herdeiros e a partir daí estabelecer uma plataforma de amizades e estabelecer as bases para o respeito mútuo.

2.5 Aprender brincando

Parece ser um senso comum o fato de que a principal atividade das crianças é brincar. A brincadeira é uma atividade que contribui diretamente para o desenvolvimento cognitivo da criança antes e durante o período de escolarização. É por meio desse tipo de atividade prazerosa, cuja motivação está no próprio processo, que a criança começa a interagir com o mundo dos objetos criados pelos adultos. Por outro lado, existe por parte da criança uma grande necessidade de imitar os gestos dos pais ou irmãos mais velhos, “ela se esforça para agir como um adulto” (LEONTIEV, 1988, p. 121). Porém, o mundo dos objetos que ocupam o espaço ao seu redor está além de sua capacidade física, uma vez que ainda não domina as habilidades para lidar com eles. A solução que a criança encontra para esse impasse é usar a imaginação mergulhando num mundo de faz de conta.

Como se resolve esta contradição, a discrepância entre sua necessidade de agir, por um lado, e a impossibilidade de executar as operações exigidas pelas ações, por outro? Pode esta contradição ser resolvida? Ela pode ser solucionada, mas, para a criança, apenas por um único tipo de atividade, a saber, a atividade lúdica, em um jogo. (LEONTIEV, 1988, p. 121)

Recorrendo à imaginação, as crianças transformam um cabo de vassoura num cavalo ou uma caixa de madeira em um carro de corrida. O mecanismo utilizado é semelhante àqueles que os atores usam no teatro para colocar em cena um personagem criado pelo dramaturgo, onde uma coroa de papelão pintada de dourado é capaz de transformar um ator no Rei Lear – de tal maneira que consegue emocionar toda uma plateia. Tradicionalmente chama-se “mimese” (Aristóteles)⁴⁶ a esse processo de imitação que está na origem do drama clássico. Mas para a criança que ainda é incapaz de desenvolver teorias complicadas sobre o mundo adulto, tudo se resolve no seu teatrinho particular.

⁴⁶ Aristóteles em Poética irá tratar a **mimese** como temática principal de sua obra, e atribui a mimese dois significados: o da imitação e o da emulação. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mimesis>. Acesso em: 21/09/18.

Por outro lado, não deixa de ser surpreendente que o jogo seja estudado por um grande historiador e filósofo da área da cultura como Johan Huizinga. Embora não seja uma atividade utilitária que possa ser incluída na cadeia produtiva, isso não quer dizer que a brincadeira não seja uma atividade complexa e, tal qual a linguagem verbal que envolve tanto a capacidade cognitiva quanto um esforço físico, a gestualidade e o uso do aparelho fonador. Huizinga deixa claro sua perspectiva a esse respeito:

Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa “imaginação” da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa “imaginação”. Observamos a ação destas no próprio jogo, procurando assim compreendê-lo como fator cultural da vida. (HUIZINGA, 2004, p. 7)

Por se tratar de um signo, a imagem pode ser lida e interpretada conforme nos ensina a Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914), uma disciplina que estuda a construção do significado. Nesse contexto, o processo envolvido no jogo é muito semelhante ao processo utilizado por nós no caso da linguagem, ou seja, recorremos a formas simbólicas para construir os sentidos em nosso entorno e para interagir uns com os outros. Esse parece ser o requisito básico da linguagem, como também do jogo.

A diferença está no fato de que as regras do jogo são um acordo provisório e espacialmente localizado entre os participantes da interação, quando decidem aderir a um determinado jogo – enquanto a linguagem é sustentada em códigos genéricos convencionais, socialmente normalizados aos quais os interlocutores estão sujeitos, não podendo mudar essas regras ou suspendê-las, ao menos temporariamente. Isso não quer dizer que as regras do jogo não sejam levadas a sério por se tratar de uma brincadeira. Pelo contrário, “os jogos infantis, o futebol ou o xadrez são executados dentro da mais profunda seriedade, não se verificando nos jogadores a menor tendência para o riso” (HUIZINGA, 2004, p. 8). No caso da linguagem, não é muito diferente, pois conforme esse autor, “por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras” (idem, p. 7). Esse é um princípio geral da linguagem à qual a criança fica diretamente exposta.

Por isso, muito antes da educação formal oferecida pelas instituições escolares, há uma aprendizagem que se inicia na primeira infância, mas que nem sempre é observável. Nesse contexto, a participação nas atividades da vida cotidiana é um fator importante, pois “é participando que se aprende” (BROUGÈRE, 2012, p. 307). Esse aprendizado

ocorre desde bebê, na família e na comunidade onde a criança vive. A criança observa as tarefas domésticas da mãe, as brincadeiras dos irmãos, ou a voz disciplinadora do pai; mesmo que não tome parte na ação, a criança está aprendendo. Nesse sentido, Gilles Brougère postula as “múltiplas aprendizagens que podiam resultar da imersão na vida cotidiana” (2012, p. 307). O autor atribui o sucesso desse tipo de aprendizagem à participação:

Participar é envolver-se numa atividade compartilhada. Isso implica o reconhecimento mútuo dessa participação que se torna legítima. Por trás da participação há, pois, grupos que lhe dão sentido e lhe conferem um contexto, grupos que os teóricos dessa concepção da aprendizagem denominaram “comunidades de prática”. (BROUGÈRE, 2012, p. 308)

Esse tipo de conhecimento é adquirido, em grande parte, tacitamente. Daí a importância da observação. Trata-se da transmissão de conhecimentos que não envolvem a escrita, mas baseiam-se em gestos e na comunicação oral. “O novato observa o que os outros fazem antes de se lançar por sua vez. Pode-se ver esse princípio em ação nos jogos de recreio” (BROUGÈRE, 2012, p. 309).

Essa educação através da observação e da participação, sem a ajuda de textos ou livros didáticos, é uma característica das sociedades tradicionais, como os povos indígenas, o que não quer dizer que tenha menos importância nas sociedades modernas. Em geral, os pais dão grande ênfase à educação escolar formal, mas o conhecimento tácito “permanece presente nas famílias para aprendizagens como a língua” (BROUGÈRE, 2012, p. 313). De tal maneira que, quando a criança vai para a escola, já domina bastante bem a língua materna, faltando o desenvolvimento da escrita e a assimilação das normas da língua culta.

Costumes e práticas culturais também são transmitidos pela participação em atividades familiares ou comunitárias. Por isso é fundamental que uma criança, que vive numa terra estrangeira, onde sua língua e cultura são minoritárias, permaneça em contato com a comunidade de origem. “Esse espaço reúne possibilidades de encontro real através dos quais expatriados têm garantido o direito ao cultivo e transmissão de sua identidade e língua materna” (JENNINGS-WINTERLE; LIMA-HERNANDES, 2015, p. 14). Caso contrário, corre-se o risco de perder definitivamente o contato com a cultura e a LH de seus pais e antepassados.

Ao refletir sobre o bilinguismo, retomo o tema da analogia entre as regras do jogo e as regras da linguagem, posto que a distância entre as duas línguas (o japonês e o português do Brasil) tornaria peculiar o processo de aquisição das estruturas sintáticas e

do modo de escrita em uma e outra língua tão diferentes entre si. Jogos e brinquedos podem ser utilizados para diminuir essa distância, uma vez que eles podem ajudar a desenvolver a capacidade cognitiva das crianças e de aprendizes adultos em situações atípicas em que – suponho – sejam menores os bloqueios interativos. Apesar de que cada jogo possui suas próprias regras, a natureza lúdica em si pode ser favorável ao processo necessário no campo de ensino/aprendizagem de uma segunda língua (ESL). Lembremo-nos de que, tanto nos procedimentos lúdicos quanto na aprendizagem de línguas, está implicada a aceitação das regras procedimentais, nem sempre coincidentes com as regras cotidianas.

A título de ilustração, posso relatar um caso em minha própria família: meu primeiro neto, aos cinco anos, empilhava meticulosamente caixas de papelão uma sobre as outras tentando organizá-las. Depois de alguns meses, a brincadeira dele mudou, passando a enfileirar as caixas, dizendo que elas eram o seu trenzinho de brinquedo; naquele momento, ofereci a ele dois controles remotos velhos para servir de comando, o que ele aceitou imediatamente.

Posteriormente, o irmão mais novo, de três anos à época, começou também a participar da brincadeira, sentando-se na última caixa como passageiro, então ofereci a ele uma máquina fotográfica velha que passou a ser usada como se fosse uma filmadora. Nessa brincadeira, a avó (*obaachan*) participava e falava com os netinhos em japonês, a fim de conectar o interesse das crianças pela Língua de Herança, no caso o japonês.

Nessa breve ilustração, é possível observar como a brincadeira das crianças pode evoluir da fase de relacionamento com os objetos para a socialização e uso da língua falada – envolvendo outras pessoas, numa encenação que pode durar meses, onde se representam aspectos reais do mundo dos adultos com o uso da imaginação e o emprego da linguagem verbal.

É interessante notar que esse processo de imitação está igualmente na base da transmissão da cultura de geração para geração. Os mais jovens reproduzem o comportamento dos mais velhos sem mesmo perguntar pelo significado desse gesto, como relatei no caso dos meus dois netinhos. Por isso, fatos como estes que parecem desprezíveis são de grande interesse para uma pesquisa sobre a LH que envolve psicologia, cognição, identidade e principalmente os aspectos culturais associados à LH.

2.6 Educação formal

Vimos como os falantes nativos adquirem naturalmente a língua materna em casa, armazenando-a na memória de longa duração (MLD), num processo inconsciente, durante os primeiros anos da infância, sendo que essa aquisição indelével permanece ativa até a vida adulta. Quando ambos os pais são bilíngues, talvez seja possível considerar ambas as línguas como maternas, nesse caso o falante teria duas LH.

O conhecimento da faculdade da linguagem seria, assim, desenvolvido pela criança até a idade de cinco a seis anos, mesmo antes de frequentar a escola para a aprendizagem formal, conforme coloca Pinker:

A linguagem um processo complexo, uma habilidade especializada, que se desenvolve na criança espontaneamente, sem esforço consciente ou instrução formal, sendo implantada, sem consciência de sua lógica subjacente; sendo qualitativamente a mesma em todos os indivíduos, distinta de habilidades mais gerais para processar a informação ou comportar-se de forma inteligente. Por estas razões, alguns cientistas cognitivistas descreveram a língua como uma faculdade psicológica, um órgão mental, um sistema natural, e um módulo computacional. Mas eu prefiro o termo amplamente conhecido: "instinto". Este transmite a ideia de que as pessoas aprendem a falar mais ou menos da mesma maneira que as aranhas aprendem a tecer suas teias. (PINKER, 1994, p. 18)

Após aprenderem a língua materna por imersão em casa, as crianças necessitam, posteriormente, da aprendizagem formal com o uso de métodos aplicados ao ensino de línguas, para adquirirem, gradativamente, o conhecimento de regras gramaticais, como ortografia, sintaxe, até atingirem um nível discursivo elevado. Do contrário, seu domínio da capacidade linguística estará fadado a permanecer num estágio mais ou menos elementar, com as características da linguagem infantil, principalmente se não houver avanço no letramento. Algo semelhante pode ocorrer, igualmente, caso não haja uma manutenção da língua materna depois da primeira infância, isto é, o apagamento quase total da LH, deixando desvinculados dos contextos de herança apenas alguns traços culturais, tais como costumes tradicionais, alimentação e a crença religiosa praticada pela família. Precisamos levar em conta que o processo de aquisição pode se estender por toda a vida (*lifelong learning*). Uma vez que existem estratégias que dependem de inputs da vida adulta.

Sendo a LH aquela que se começa a aprender com os pais, avós, irmãos, parentes e amigos, será que se pode dizer que essa é uma língua que se aprende brincando em casa? Certamente o letramento realizado na língua materna se inicia no lar, ainda que o processo

de alfabetização se complete somente com a educação formal, na escola. No caso do bilinguismo, para se chegar ao domínio completo das duas línguas, é indispensável a educação formal que se vivencia na escola, no convívio cultural e por meio da leitura de livros.

Para se atingir a eficiência linguística em duas línguas e desenvolver a habilidade escrita em ambas (*biliteracy*), é importante levar em conta a idade em que a criança saiu do ambiente onde a língua materna era predominante e chegou ao país de acolhida, onde a língua majoritária deve ser aprendida como L2.

*Therefore, those who left their countries of origin at age nine or younger faced greater difficulties in developing writing skills in their L1, compared to their peers who came to Japan as older learners. Because it takes cognitive maturity to develop writing abilities, the age of arrival to an L2 environment (or rather, age of leaving an L1 environment) is a critical factor in investigating the development of L1 literacy and its influence on biliteracy development*⁴⁷ (SANO, Aiko; NAKAJIMA, Kazuko, p. 66)

Se os acontecimentos históricos e políticos motivam o bilinguismo a nível da comunidade e a posição social coloca a família em situação vulnerável que motiva o deslocamento, no que toca ao indivíduo, os aspectos vinculados à cognição e à emoção são determinantes para sua forma de pensar o mundo. Por isso é importante destacar o papel desempenhado por traumas e emoções na aprendizagem e manutenção da LH, seja num contexto monolíngue ou bilíngue e, nesse sentido, vem bem a calhar o que defende Maturana (2001, p. 109):

Muitas crianças aparecem com dificuldades para aprender a ler, por exemplo, e se diz: problemas de inteligência. O que acontece? Diz-se que os meninos aprendem mais devagar que as meninas. Talvez isto não esteja correto, mas onde está a diferença? Eu diria que a diferença está na emoção. Minha mãe se irrita quando digo que aprendi a ler aos nove anos, mas é verdade. Eu fugia da escola. Ela me dizia: "Você tem que aprender a ler", e eu dizia: "Eu, não." "Todas as crianças aprendem." "Mas eu não." Eu fugia da escola. E a verdade é que, quando aprendi a ler, aprendi a ler em uma semana, movido pela inveja. Claro, movido pela inveja! Porque cheguei à metade do ano sem aprender a ler. Todas as criancinhas já haviam aprendido a ler e colocavam uns cartõezinhos com seus nomes em diferentes cores, e eu via que o meu não estava ali — e me deu tanta inveja que aprendi a ler. Em uma semana aprendi a

⁴⁷ Nossa tradução: Portanto, aqueles que deixaram seus países de origem com nove anos ou menos enfrentaram maiores dificuldades no desenvolvimento de habilidades de escrita em sua L1, em comparação com seus pares que vieram para o Japão como aprendizes mais velhos. Como é preciso maturidade cognitiva para desenvolver habilidades de escrita, a idade de chegada a um ambiente de L2 (ou melhor, idade de saída de um ambiente de L1) é um fator crítico na investigação do desenvolvimento do letramento em L1 e sua influência no desenvolvimento do biletamento. (SANO, Aiko; NAKAJIMA, Kazuko, p. 66)

ler, e os irmãos maristas me promoveram, no ano seguinte, do jardim de infância à terceira série. A história mostra que eu não aprendi a ler não porque era burro, mas porque não tinha a emoção. E frequentemente, quando a dinâmica emocional da criança não coincide com a nossa, nós a relegamos, a negamos, a consideramos burra, porque seu interesse, sua paixão, está em outra parte. (MATURANA, 2001, p. 109)

Tradicionalmente, na educação formal, usava-se a palavra “alfabetização” para designar o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Porém, como alternativa hoje temos o termo “letramento” (*literacy*), tradução direta do inglês – cujo emprego no Brasil foi atribuído à professora Mary Kato, em 1986 (KISHIMOTO, 2010, p.134). Esse termo exige uma abordagem abrangente, pois envolve questões de identidade cultural e características do meio social onde a criança vive. “*Developing literacy skills in both majority and the heritage language is critically important for culturally and linguistically diverse students*”⁴⁸ (SANO, Aiko; NAKAJIMA, Kazuko *et al.*, 2014, p. 60). Outro entendimento entre os pesquisadores da aquisição de linguagem é de que o letramento tem início bem antes da pré-escola (4-5 anos).

O termo “emergência” surge no final dos anos 1970 e início dos 1980, indicando que as crianças já constroem hipóteses sobre a escrita mesmo sem saber ler e escrever. Há uma relação estreita entre a expressão motora, a oralidade, a leitura e a escrita. Brincando um bebê explora as coisas ao seu redor. O som é um deles. O mundo social oferece experiências de linguagem e, pela memória, crianças pequenas iniciam a repetição de palavras pelo prazer da sonoridade. (KISHIMOTO, 2010, p. 137)

Isso quer dizer que o letramento começa em casa, no ambiente doméstico com os pais, irmãos, avós e parentes. As crianças ficam continuamente atentas a tudo o que se passa ao seu redor desde os primeiros meses de vida. Ouvem a voz da mãe conversando com o pai, a brincadeira entre os irmãos; captam fragmentos da novela a que os avós assistem e outros estímulos, tais como músicas e desenhos animados. Tudo isso compõe o mundo de que a criança deseja participar, mas ainda não tem os meios convencionais para se comunicar, o que às vezes causa-lhes certa irritação, manifestando-se o seu sentimento por meio de choro ou outras atitudes.

⁴⁸ Nossa tradução de: O desenvolvimento de habilidades de alfabetização, tanto na língua majoritária quanto na Língua de Herança é extremamente importante para alunos com diversidade cultural e linguística. (SANO, Aiko; NAKAJIMA, Kazuko *et al.*, 2014, p. 60).

Para além do lar, há uma comunidade envolvente que pode parecer intimidadora para os filhos dos imigrantes. É a partir desse complexo contexto social que a criança vai receber informações sobre a cultura e a língua que futuramente utilizará socialmente. À medida que ela vai se apropriando da linguagem, vai se sentindo mais à vontade. Porém, num primeiro momento pode haver um conflito entre a cultura da família e o ambiente externo, principalmente quando a língua materna não coincide com a língua majoritária da comunidade envolvente. Isso se dá, especialmente, nos casos em que se constata a presença de imigrantes ou de populações com alta taxa de deslocamento. Além dos ambientes dentro de casa e fora dela, existe ainda o universo da mídia.

2.7 Mídia e tecnologia a serviço das abordagens didático-pedagógicas

Quem viveu como eu nos anos de 1980 deve se lembrar dos laboratórios de idiomas, onde se experienciávamos uma língua estrangeira através de exaustivas repetições, ou seja, *oral drills*. Nessas sessões, o aluno repetia o enunciado conforme ouvia ou respondia a questões programadas, podendo depois ouvir as respostas gravadas. Ou, então, tinha que preencher lacunas ou reformular um enunciado gravado pelo professor. A tecnologia era avançada para a época, mas o método era behaviorista, seguindo o esquema rígido do estímulo e resposta (E-R).

Desde então, a tecnologia disponível na aprendizagem de línguas evoluiu muito. Vários métodos alternativos estão à disposição do aprendiz, com o auxílio de dispositivos computadorizados, ou em rede. Alguns deles são bastante lúdicos, incluindo jogos interativos (*games*). As opções passam a ser mais variadas e solicitam a criatividade do aluno, simulação e troca de papéis através de dramatizações. Tem similar avaliação Schmoll (ano, 2016, p. 5), ao afirmar que, “Se os jogos de papéis ou tarefas propostas pelo professor conseguem motivar os alunos, presumimos que seja por serem mais abertos, dando maior margem de liberdade do que nos exercícios tradicionais”. Mas ainda assim a aprendizagem sempre passa por um *design* de aprendizagem pré-programado visando ao domínio de uma linguagem estereotipada.

Com o acesso à internet as opções são ainda mais diversificadas, possibilitando a interatividade à distância, através de intervenções orais e mensagens de texto. Assim, “apareceram sites educativos explorando as possibilidades de fóruns e blogs para levar os aprendizes não apenas a se comunicarem entre si, mas principalmente a interagir com falantes nativos” (SCHMOLL, 2016, p. 5). A vantagem desse recurso é evidente, pois o

aprendiz da língua estrangeira tem a oportunidade de experimentar a língua “em uso” em situações naturais. Além dessas estratégias didático-pedagógicas, às situações de conversação podem ser acrescentados os jogos computadorizados.

Nesse mesmo espírito, a utilização de jogos computacionais para fins pedagógicos permite a saída do contexto da sala de aula. O aluno muda de status tornando-se um jogador e é possível, pelo menos em parte, fazê-lo esquecer o conteúdo sério, deixando-se levar pelos dispositivos lúdicos e, portanto, sendo colocado em uma atitude lúdica. As supostas contribuições são numerosas e apresentadas de uma maneira mais empírica do que científica. A principal vantagem apresentada é motivar o aprendente e desestimar risco de errar na língua-alvo, bem como a avaliação, porque [*sic*] se houver uma falha, o jogador-aprendiz deve, à primeira vista, considerar que ele perdeu o jogo e não que falhou do ponto de vista linguístico. (SCHMOLL, 2016, p. 6)

Outro uso da tecnologia são as plataformas digitais que oferecem jogos interativos e podem ser praticados em casa, preferencialmente com o acompanhamento dos pais. Por isso, é importante que estes também aprendam a lidar com as tecnologias digitais para orientar os filhos. Nas famílias bilíngues, cuja língua materna é diferente da língua majoritária, aconselha-se que os pais exponham os filhos a vídeos e jogos eletrônicos também na língua minoritária, ou seja, na LH. Caso contrário, as crianças podem ficar com a falsa impressão de que aprender a língua majoritária (o inglês por ex.), com auxílio das mídias eletrônicas, é muito mais divertido do que aprender a língua falada pelos seus pais e avós, a qual somente encontra-se registrada em velhos livros empoeirados na estante e cuja aprendizagem ocorre com base em material didático desatualizado e sem atrativos.

Não se deve esquecer a contribuição da televisão a cabo, como é o caso da estatal NHK⁴⁹ (*Nippon Housou Kyoku*) e da Globo Internacional⁵⁰. “As transmissões internacionais da rede de TV japonesa NHK vêm sendo feitas há vários anos, de maneira que uma pessoa no Brasil possa ter acesso às mesmas informações que os japoneses têm” (UEHARA, 2008, p. 174). Os desenhos em quadrinhos e desenhos animados japoneses (Figura 11), mundialmente conhecidos como “*mangá*” e “*Animê*”, também são uma forma de provocar o interesse dos pequenos aprendizes de japonês.

⁴⁹ NHK (Nippon Housou Kyoku) é uma Emissora de TV Estatal Japonesa que pode ser assistida no Brasil por assinantes de TV a cabo.

⁵⁰ Depois de duas décadas de transmissão para a comunidade brasileira no Japão, a Globo encerrou sua programação em 2019. Disponível em: <https://globointernacional.globo.com/Asia/Paginas/comunicado-especial-para-os-assinantes-do-japao.aspx> Acesso em 14/04/2023

Os mangás e animês produzidos no Japão dominaram o mundo. Não entraram diretamente do Japão, mas através da Europa e Estados Unidos pela internet. São amplamente aceitos, principalmente pelos jovens, independentemente de serem descendentes ou não. Há também intercâmbio com desenhistas de mangás japoneses e têm se tornado uma mania entre os brasileiros. (UEHARA, 2008, p. 178)

Figura 11 – Luffy, personagem brasileiro de animê, 2018.



Fonte: Anime Magazine.⁵¹

Por outro lado, é fundamental que as crianças em idade de aprendizagem e aquisição de linguagem participem de situações reais e percebam o mundo a sua volta, evitando que a LH se reduza a interações que ocorrem numa bolha doméstica em contraste com a sociedade abrangente.

2.8 A fluência em falantes bilíngues

A significação, definida a partir do campo semântico, depende de determinadas estruturas de conhecimento e da experiência à qual a comunicação está associada. Trata-se de um nicho individualmente construído e compartilhado pelos membros de um grupo

⁵¹ Oito personagens brasileiros de anime. In: Anime Magazine, 30/04/2018. Disponível em: <https://yohstore.com.br/54588/8-personagens-brasileiros-nos-animés/>

social, associado a um modelo cultural. É no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que, na Linguística Cognitiva, as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas. A linguagem é estudada como um sistema para a categorização do mundo, e nela naturalmente se refletem capacidades cognitivas gerais e a experiência individual, a começar pela experiência do próprio corpo, até o comportamento social e cultural.

Não só no âmbito da Linguística Cognitiva, como também na área da Inteligência Artificial, os “*frames*” são concebidos como estruturas de conhecimento relacionadas com determinadas situações de interação, que se refletem linguisticamente nas relações lexicais entre verbos, na sintaxe e nas orações. Outra noção complementar é a de “*script*”, que designa sequências extensas de eventos ligados por cadeias causais. Próxima da noção de “frame”, mas, mais como uma estrutura cognitiva básica e universal, é a de “evento”, como tem sido teorizada por Talmy (1978), e sua análise a estrutura conceitual do evento de movimento, Modo e/ou a Causa, ou mesmo na percepção das categorias cognitivas sustentadas pelos estudos sobre gramaticalização (HEINE, CLAUDI e HÜNNMEYER, 1991).

Essa ideia, embora incipiente, já estava presente entre os estruturalistas. Ferdinand de Saussure, precursor do estruturalismo, citou em uma de suas conferências que é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna. Essa ideia introduzida por ele repercute até hoje entre linguistas; afinal, a língua materna vai se sedimentando no cérebro em termos de complexidade, aos poucos, ao longo do tempo, após repetidas experiências cotidianas. Então, a prática da língua no ambiente doméstico é fundamental para que a aprendizagem se consolide.

Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se compreende de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. (SAUSSURE, 1969, p. 27)

Por outro lado, caso não ocorra uma aprendizagem formal, a língua materna adquirida na infância, usada somente em casa, tende a estacionar num nível de linguagem coloquial e infantil, nunca atingindo o nível literário, ou a “norma culta”. Para um aperfeiçoamento da língua verbal, é necessária a continuidade nos estudos que amplia o desempenho dos falantes, tornando-os bilíngues completos, de modo que se consiga finalmente dominar em níveis quase idênticos duas línguas, e em diversas modalidades comunicativas: fala, compreensão, leitura, escrita, escrita literária, linguagem técnica ou acadêmica.

O desempenho linguístico começa a ser exercitado a partir da primeira infância, independentemente da classe social ou país de origem. Sabemos disso, mas resta-nos saber o seguinte: como os seres humanos são capazes de aprender duas línguas ao mesmo tempo? O fato é que as crianças conseguem armazenar na mente as primeiras normas incorporadas à língua materna sem prestar atenção a essas regularidades. Falantes nativos bilíngues podem aprender duas línguas em planos sociodiscursivos semelhantes, isso poderia ocorrer em casa, podendo mesmo chegar a dominar ambas as línguas equivalentemente. Desde que continuem se dedicando aos estudos e à leitura de livros, estabelecendo assim o contato com a língua escrita, assimilam a gramática, até chegar a um nível discursivo altamente complexo. Por outro lado, a língua materna adquirida somente em casa tende a estacionar num ambiente coloquial em que o léxico é restrito, ao passo que a continuidade nos estudos contribui para o bom desempenho dos falantes em diferentes contextos de *inputs*, acoplando habilidades diversas. Os adultos verdadeiramente bilíngues conseguem, dessa maneira, dominar em níveis quase idênticos as duas línguas e se comunicar em vários níveis, além de absorver experiências em diferentes tipos textuais.

A aprendizagem em casa com a ajuda dos pais e parentes próximos caracteriza-se como uma situação imersiva. Porém níveis iguais de desempenho raramente são alcançados nas habilidades de conversação e de escrita. Ter capacidade bilíngue não é o mesmo que ser um bilíngue funcional. Uma das limitações da educação bilíngue de imersão é que, para muitos alunos, a segunda língua pode se tornar um fenômeno apenas escolar. Fora do ambiente da escola, os alunos que experienciam a aprendizagem em sistema bilíngue tende a não usar a segunda língua mais do que os outros alunos que seguem o ensino convencional. Aqueles alunos são fluentes numa segunda língua, mas tendem a não se comunicar nessa língua adicional no dia a dia de sua comunidade.

A potencialidade não conduz necessariamente à produção, da mesma maneira que o conhecimento de regras gramaticais não garante a fluência no discurso informal. A falta de oportunidade de uso da segunda língua em situações cotidianas e uma escassez de ocasiões culturais para o uso espontâneo e proposital da segunda língua pode ser a explicação. Por isso, os programas de imersão não só deveriam formar pessoas bilíngues, mas também alargar os horizontes culturais dos aprendizes e sensibilizá-los para a cultura e os valores associados à segunda língua. Mas nem sempre isso ocorre de modo que os falantes bilíngues se sintam à vontade entre diferentes ambientes linguísticos.

Ao tomar o bilinguismo como um fenômeno psicolinguístico, observo que se trata de um atributo individual, que consiste na capacidade de um determinado falante dominar ao menos duas línguas simultaneamente. No entanto, esse fato linguístico se desenvolve regularmente num determinado contexto histórico e cultural. E o grau de competência desenvolvido pelo falante pode variar conforme o caso, assim como seu desempenho nas modalidades de uso da linguagem em seu cotidiano. Trata-se, portanto, de características pessoais do desenvolvimento cognitivo de alguém que, ao longo de sua vida, esteve exposto a duas línguas diferentes, envolvendo aspectos sociais e culturais no interior de determinada comunidade, numa situação historicamente datada. Não há, assim, como refutar que há um processo de aquisição geral compartilhado pela ontogenia humana. Contudo, há elementos da filogenia que depõem a favor da necessidade da interação para a adesão a certos usos, tal como Givón (2005) refere ao tratar nos neurônios espelho e Maturana ao apresentar a co-ontogenia:

[...] a linguagem, como um fenômeno biológico, em sua origem filogenética e em sua constituição ontogenética, é uma operação num domínio de coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações que surgiu como um resultado da coexistência íntima em coordenações de ações na linhagem de primatas bípedes à qual pertencemos, e que tem que ser estabilizada novamente em cada criança durante sua co-ontogenia com os adultos com os quais ele ou ela cresce. (MATURANA, 2001, p. 131)

Cada área de pesquisa tem seu enfoque metodológico para lidar com o fenômeno do bilinguismo. A Sociolinguística, por exemplo, situa a linguagem a partir de um determinado contexto comunitário e cultural, levando em conta os papéis que o falante pode assumir frente ao meio em que está inserido. Como um fenômeno socialmente dinâmico, o bilinguismo refere-se à habilidade do falante de mover-se entre dois círculos de pessoas. De acordo com o ambiente em que se encontra, comunica-se num padrão de linguagem diferente. Sendo que pode ser falante de uma língua minoritária circundada por uma sociedade que utiliza para seus fins práticos e profissionais uma determinada língua majoritária, que por isso adquire prestígio privilegiado em relação à língua minoritária.

Alguns fenômenos *sui generis* decorrem desse ingresso simultâneo em dois mundos. Vários campos do saber dedicam-se a estudá-los com respostas bastante promissoras em termos de aplicação. A Psicolinguística, por exemplo, estuda os processos mentais associados ao desenvolvimento da personalidade bilíngue, a exemplo do funcionamento do cérebro bilíngue em relação ao monolíngue, a mistura e a alternância de códigos (*code-switching*), as afasias dos políglotas ou a capacidade de tradução simultânea e consecutiva. Há conhecimentos dessa área que já não podem ser exclusividade temática voltada ao campo da aquisição.

A Sociolinguística há anos estuda o contato linguístico e tem oferecido respostas interessantes para a elaboração de vários modelos de análise com intenção de classificar o bilinguismo conforme certos termos de referência. Quanto ao tempo de exposição à segunda língua, o bilinguismo pode ser “precoce” ou “tardio”, conforme as línguas forem adquiridas na primeira infância ou um pouco mais tarde, a partir da adolescência. Dependendo dos métodos de aprendizagem, o bilinguismo pode ser “primário” ou “secundário”, quando é espontaneamente assimilado do ambiente familiar ou adquirido através da educação formal numa escola bilíngue. Ao atingir diferentes níveis de fluência, o bilinguismo pode ser “relativo”, “sustentado” ou “equilibrado”, com relação à língua majoritária – de acordo com as competências desenvolvidas pode ser avaliado como “equivalente”, ou “desigual”, em cada uma das línguas. Pode ainda ser um bilinguismo “aditivo” ou “subtrativo”, quando as duas línguas se reforçam mutuamente ou no caso em que uma corrompe a outra. A habilidade do falante pode ser “receptiva”, “produtiva”, com “dupla alfabetização”, com habilidades “receptivas” ou “produtivas”, com alfabetização em ambas as línguas ou não. Na competência cultural pode ocorrer a “aculturação”, sendo cada idioma associado a uma determinada cultura. Ou ainda, com pouca aculturação, sem a fixação de hábitos característicos de cada uma das culturas. Casos há em que o bilinguismo pode ser apenas funcional com baixa alfabetização, mas com forte aculturação, resultando em forte identidade cultural. Cognitivamente, o bilinguismo pode ser “integrado” ou “coordenado”, no caso de duas línguas adquiridas simultaneamente com pais bilíngues, ou pelo ambiente na primeira infância, utilizando as mesmas áreas do cérebro ou vice-versa, ou utilizando diferentes áreas do cérebro como é o caso quando a língua adicional for aprendida durante ou após a adolescência.

A pesquisa psicolinguística acredita que, mesmo em idade precoce, a partir dos três anos, existe alguma forma de “consciência metalinguística” que evolui progressivamente, com a aceitabilidade pragmática e eficácia comunicativa. A descoberta

de regularidades gramaticais elementares de língua adicional, em contraste ou analogia com língua materna, observação de fatos linguísticos, hipóteses explicativas, análise espontânea, processos indutivos, permite evidenciar que as crianças, especialmente, quando em contato com duas ou mais línguas diferentes, sabem refletir metalinguisticamente, descobrindo, por exemplo, que a mesma forma tem funções diferentes, ou a mesma função pode ser expressa em diferentes formas.

A importância do ambiente familiar não pode ser subestimada. Desde os primeiros dias o bebê encontra-se exposto à linguagem predominante no ambiente em que se insere. Os filhos de pais bilíngues ouvem as duas línguas indiscriminadamente. É muito comum que a mãe converse com o bebê numa linguagem simplificada e cheia de onomatopeias, denominada “*baby talk*”.

O processo de aquisição da linguagem pela criança é intrigante para qualquer adulto que, no convívio direto com uma criança, se apercebe da facilidade e da rapidez com que a mesma aprende e domina a língua da comunidade a que pertence. [...] Para que tal aconteça, e a apenas é necessário que a criança seja exposta a sons da fala situações de interação em que esses sons ocorram na convivência cotidiana com falantes. (SIM-SIM, on-line)

A dimensão da "temporalidade" é particularmente interessante do ponto de vista psicolinguístico em crianças de 10 anos, uma vez que o foco do sistema conceitual de referência temporal é uma premissa indispensável para uma compreensão profunda do sistema de cada língua. A consciência e a representação da duração, da sucessão, da simultaneidade das ações são habilidades cognitivas fundamentais que são fortalecidas pela comparação das diferentes realizações superficiais de língua materna e segunda língua, ou das duas línguas com as quais a criança está simultaneamente em contato. Outro fenômeno frequentemente observado em crianças bilíngues também diz respeito aos fenômenos de interferência, mistura e alternância de códigos. Esses fenômenos linguísticos podem ser enquadrados como línguas em contato.

No PBLH está implícito o conhecimento não só da língua, mas também da cultura brasileira que lhe dá sustentação. Apesar de se poder dizer que a LH é aquela que se fala em casa, a sua aquisição e manutenção numa situação de bilinguismo depende também de fatores históricos e sociais. Considerar a imigração japonesa no Brasil, por exemplo, implica reportar o contexto histórico e social da mobilidade circular entre os dois países – já que esse movimento é um marco na caracterização de falantes bilíngues de japonês-português.

Especula-se a hipótese de que o bilinguismo precoce tenha como consequência o desempenho menos efetivo de crianças imigrantes bilíngues em comparação com pares monolíngues. Para isso é preciso demonstrar que a falha escolar e o baixo desenvolvimento cognitivo são devidos à exposição a uma segunda língua muito cedo, antes que o sistema linguístico da primeira tenha sido completamente adquirido. O “atraso” no início da produção oral da criança bilíngue, bem como as interferências contínuas entre um idioma e outro (lançamentos, transferências negativas, mixagem e mistura de códigos) pareciam confirmar essa tese. Entretanto esses resultados foram logo questionados por meio da análise do tipo de testes a que as crianças eram submetidas: o conhecimento imperfeito da língua em que os testes foram apresentados determinou os resultados medíocres ou negativos de crianças bilíngues relativo à fala e ao uso verbal; e os resultados dos testes de inteligência não foram muito diferentes daqueles dos pares monolíngues (TITONE, 1993; MATURANA, 2001).

Sobre o bilinguismo precoce, estes autores renunciaram à conexão entre o bilinguismo e o “quociente intelectual” (QI), concentrando-se na relação entre o bilinguismo e o desenvolvimento cognitivo. De fato, nenhuma pesquisa recente indica que o bilinguismo possa ser uma desvantagem para a criança, seja do ponto de vista emocional e social, seja da perspectiva do desenvolvimento da personalidade. Os problemas que são associados a esse contexto são causados, na maioria das vezes, durante a socialização da criança na situação familiar, na escola ou no ambiente extracurricular, relações com os colegas, com o grupo étnico de pertencimento, estereótipos e preconceitos. Nesse contexto, é preciso lembrar que as emoções são parte constitutiva do desenvolvimento do falante. Conforme esclarece Maturana:

Como seres humanos, crescemos e vivemos em coordenações consensuais de emoções e de ações, que se entrelaçam umas às outras e formam redes fechadas de coordenações consensuais de emoções e linguagem. Nestas redes fechadas de coordenações consensuais de emoções e linguagem, nossas ações e o fluxo de nossas ações na linguagem mudam ao mudarem nossas emoções, e nossas emoções e o fluxo de nosso emocionar mudam ao mudarem nossas coordenações de ações na linguagem. Chamo de *conversa* nossa operação nesse fluxo entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de *conversações* as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos. (MATURANA, 2001, p. 132)

Um dos defensores mais inflexíveis do bilinguismo precoce e suas vantagens para o desenvolvimento cognitivo é o linguista italiano Renzo Titone (1993), que discute o bilinguismo precoce e a educação bilíngue ⁵², reportando ideias que Piaget (1970), Bruner (1987) e Vygotsky (1988) já haviam desenvolvido nesse sentido com base em: (a) **razões neurológicas**: a grande plasticidade neurocerebral e a lateralização hemisférica incompleta na infância permite a aquisição de dois sistemas de comportamento verbal diferentes, com duplo estímulo (cognitivo, fonético, articulatório, acústico). Além disso, a exposição precoce a dois sistemas de interação parece favorecer um efeito de equilíbrio entre as atividades dos dois hemisférios; (b) **razões evolutivas**: na primeira infância há, predominantemente, uma assimilação subconsciente das línguas, baseada na imitação e na automação verbal, duas dimensões específicas do estado sensório-motor que caracteriza a criança de modo preliminar aos desenvolvimentos subsequentes na aprendizagem de línguas tipo mais cognitivo; (c) **razões psicológicas e sociolinguísticas**: o impulso para a comunicação, muito forte na primeira idade, representa uma condição indispensável para a autopreservação. A aquisição de uma segunda língua expande essas possibilidades por oferecer outras alternativas.

De fato, se como afirma Maturana (2001, p. 154): “existimos na linguagem, e nossa experiência como seres humanos acontece na linguagem num fluir de coordenações consensuais de ações que produzimos na linguagem”, então o domínio de duas línguas predispõe o falante para a ampliação de seus horizontes cognitivos e culturais. A esse respeito, afirma Maturana o seguinte:

A linguagem é um modo de viver juntos num fluir de coordenação consensual de coordenações consensuais de comportamentos, e é como tal um domínio de coordenações de coordenações de ações. Assim, tudo o que nós seres humanos fazemos, nós fazemos na linguagem. Então, os objetos surgem na linguagem como modos de coordenação de nossos afazeres na linguagem; os diferentes mundos que vivemos surgem na linguagem como diferentes domínios de afazeres nas coordenações de nossos afazeres na linguagem; os diferentes domínios de afazeres que vivemos como diferentes tipos de atividades humanas, sejam eles concretos ou abstratos, manipuláveis ou imaginados, práticos ou teóricos, ocorrem como domínios de coordenações consensuais de coordenações de ações em diferentes domínios de ações que surgem em nosso viver na linguagem. Assim, o linguajar é nosso modo de existir como seres humanos. (MATURANA, 2001, p. 178)

⁵² TITONE, Renzo. Bilinguismo precoce e educazione bilingue. Editora Armando, 1993.

Para a criança é mais fácil do que para o adulto aproximar línguas e culturas diferentes e assimilá-las simultaneamente em profundidade. Mesmo assim, referindo-se à pessoa considerada como um todo, há riscos de quebra da dinâmica sistêmica de constituição e conservação da cultura em questão, pois:

Cada cultura é definida por uma configuração particular de emocionar, que guia as ações de seus membros, e é conservada por essas ações e pelo aprendizado, da configuração do emocionar que a define, por parte das crianças. Se a dinâmica sistêmica de constituição e conservação de uma cultura é quebrada, a cultura se acaba. (MATURANA, 2001, p. 197)

Nos seus primeiros cinco anos de vida, a criança é caracterizada pela flexibilidade de seu sistema de interação com o mundo. Isso também facilita a socialização verbal em uma segunda língua, favorecendo a abertura do intelecto ao mundo, as atitudes emocionais e a empatia, bem como a reflexão metalinguística sobre as diferenças linguísticas e culturais entre as línguas em questão. Quanto a sua tipologia, Savedra e Heye (1995) classificam esquematicamente o bilinguismo, a fim de ter um quadro geral desse fenômeno linguístico.

Quadro 1 – Tipos de Bilinguismo Conforme Savedra e Heye (1995)

Bilinguismo do tipo Lab	Resulta da aquisição simultânea de duas línguas (La e Lb), sendo assim, ambas consideradas L1.
Bilinguismo do tipo La + Lb	Resulta da aquisição de uma segunda língua (Lb) posteriormente a primeira língua (La); porém, antes desta ter atingido maturidade linguística.
Bilinguismo do tipo LM+LE	Resulta do aprendizado de uma língua (Lb, L2 ou LE) após a primeira língua (L1, La) ter atingido maturidade linguística. Neste caso, Lb, L2 ou LE está subordinada à L1 ou La.

2.9 A educação bilíngue

A partir dos anos de 1980, o debate sobre a educação bilíngue abriu-se para o contexto migratório. Crianças filhas de imigrantes são colocadas em escolas com diferentes graus de competência linguística entre seus pares. Esses fatos foram estudados

por Jim Cummins⁵³ da Universidade de Toronto, o qual identificou o desenvolvimento cognitivo nas duas línguas através de suas próprias habilidades de estudo antes de a criança ter acesso aos conteúdos disciplinares.

Em contexto de língua de acolhimento, na fase inicial, em que se desenvolvem as habilidades básicas de comunicação na língua do país de acolhimento, a criança interage com o mundo exterior a sua volta e satisfaz as necessidades ligadas ao contexto *Basic Interpersonal Communicative Skills* (BICS). A essa fase inicial segue-se uma segunda, na qual a criança desenvolve ou expõe suas habilidades lógico-cognitivas na língua adicional, associada a um domínio linguístico-comunicativo avançado, Proficiência Cognitiva da Linguagem Acadêmica (CALP).

Segundo Cummins (1984), a criança deve atingir um nível mínimo de competência em língua adicional (BICS) para evitar as desvantagens cognitivas associadas à sua experiência bilíngue na escola e para começar a se beneficiar das positivas. Além disso, enquanto essas habilidades superficiais se desenvolvem independentemente se seja na LM ou na língua adicional, o domínio avançado, mais exigente em um nível intelectual e cognitivo (CALP), se desenvolve apenas relacionando as duas línguas. Essa sequência identificada impeliu Cummins a defender que a educação bilíngue ocorra com a manutenção das línguas de origem das crianças imigrantes.

Atualmente, o debate não diz respeito apenas à afirmação dos aspectos geralmente positivos ou negativos do bilinguismo precoce e da educação bilíngue. Incorpora-se a reflexão sobre os aspectos sociolinguísticos, fenômenos psicolinguísticos e neurolinguísticos diretamente relacionados. Estabeleceu-se a ideia de que o bilinguismo, em si, não é um fator de desenvolvimento ou de atraso cognitivo porque são as diferentes combinações de competências nas duas línguas que podem facilitar ou retardar a faculdade de aprendizagem. Isso ocorre conforme a capacidade mental de cada criança e auxílio dos pais e ambiente favorável onde elas vivem. Implica também as diferenças entre as duas línguas, tanto na fonética, gramática, sintaxe quanto na escrita, dificultando a aprendizagem e o domínio dessas duas línguas. Assim, a educação bilíngue é um assunto de interesse tanto no contexto migratório, quanto em áreas geográficas bilíngues como o Alto Adige⁵⁴, Itália, onde se fala italiano e alemão.

⁵³ CUMMINS, Jim. **Bilingualism and Special Education**. Clevedon, England: Multilingual Matters, 1984.

⁵⁴ Alto Adige: região situada no extremo norte da Itália. Tem mais de um milhão de habitantes e uma área de 13 607 km². A capital é Trento (em alemão *Trient*).

Uma das muitas vantagens do bilinguismo é que pode facilitar a aquisição de uma terceira ou quarta línguas adicionais, ocorrendo a transferência de habilidades de uma língua para a outra. Além disso, uma pessoa bilíngue está exposta às culturas de comunidades diferentes, tendo acesso a um maior “conhecimento de mundo” por meio de vivências e leituras feitas nas diferentes línguas. É importante destacar que o bilinguismo simultâneo significa o conhecimento profundo de duas línguas, tanto no plano da expressão, quanto no plano da compreensão e escrita, até atingir a fluência total do idioma. Entretanto, são variados os problemas decorrentes do bilinguismo os quais podem se manifestar desde o momento da aquisição da linguagem, por exemplo o atraso no desenvolvimento cognitivo da criança ou mesmo a confusão mental na idade adulta, mas isso poderá ocorrer somente em casos excepcionais.

Um dos fatores que se pode apontar para evitar esses problemas é a organização de um ambiente familiar favorável à aprendizagem de ambas as línguas para os filhos. Nesse contexto, podemos contar com a participação adequada dos pais e parentes mais próximos, tais como avós e irmãos mais velhos. Entretanto, as línguas adquiridas em casa tendem a estacionar numa fase da linguagem coloquial e no léxico restrito, como já argumentei. Para ampliar o domínio da língua/linguagem e desenvolver habilidades de leitura, compreensão e escrita, é necessário que os falantes bilíngues continuem se dedicando aos estudos da língua, lendo livros, jornais, filmes e outros gêneros e tipos textuais ou discursivos, para estabelecer um contato continuado com a língua do padrão culto, partindo de estudos gramaticais, da codificação sintático-semântica e evoluindo até chegar a um nível pragmático-discursivo pleno.

Quando não se dominam as duas culturas, desenvolve-se um tipo de bilinguismo em que se renuncia à identidade cultural originária, adotando-se os valores e costumes sociais associados à cultura da língua majoritária. Isso ocorre frequentemente com os imigrantes, que, para sobreviverem economicamente num ambiente hostil, acabam renunciando à identidade originária de modo a facilitar o convívio social no novo ambiente do país de acolhimento.

O deslocamento geográfico é um fator que afeta diretamente o bilinguismo. Ao mudar de um país para outro, os indivíduos sentem-se profundamente motivados a adquirir a língua dominante no novo ambiente. Entretanto, nos casos em que o deslocamento geográfico não ocorre, há casos de crianças filhas de casais bilíngues, em cujo lar convivem duas línguas. Nestes casos, é imperativo considerar que a criança de dois a cinco anos pode aprender como um fato natural uma outra língua em casa ou

mesmo na escola como língua estrangeira (PINKER, 1994), desde que tenha o apoio familiar de que necessita e o acesso aos bens culturais associados à LH.

Talvez possamos alojar o bilinguismo dentro dessa categoria de habilidades humanas naturalmente adquiridas, posto que, dadas as condições ideais, ela se desenvolve quase que instintivamente, desde que a criança seja exposta ao bilinguismo numa idade propícia à aquisição da linguagem (janela de oportunidade). Isso é esperado para o caso do bilinguismo precoce. Porém, não se pode dizer o mesmo dos adultos que buscam o bilinguismo como opção pessoal, pois esse caso implica um esforço bem maior para se atingir a total fluência nas duas línguas, daí ser um caso caracterizado como um bilinguismo tardio.

Como vimos anteriormente, o bilinguismo pode refletir o conhecimento profundo de duas línguas tanto no plano da expressão, quanto no plano da compreensão. Entretanto, é comum a existência de falantes de duas línguas que dominam a fala, mas permanecem semianalfabetos em uma das línguas, resultando em um bilinguismo desequilibrado. Além de ser uma escolha pessoal dos pais, é uma questão de identidade que poderá ter consequências de longo prazo para os descendentes. Uma vez que, na formação do falante bilíngue fundamental, o ambiente familiar e o apoio da comunidade em que a criança fica exposta são fatores de relevância para o sucesso:

In language acquisition, too, the emergence of clause-embedding is functionally driven, its appearance being in step with changes in the child's communicative ecology. Specifically, one type of clause-embedding (complex verb phrases) develops well before another (relative clauses), because they answer to different communicative needs that manifest themselves at different points in a child's development. Complex verb phrases are acquired in the context of early child communication, which is still highly context-dependent and dominated by manipulative speech acts and one-clause turns. The main communicative goal at this stage is getting things done in the here and now.⁵⁵ (GIVÓN, 2009, p. 154)

⁵⁵ DE SMET, Hendrik. University of Leuven / Research Foundation – Flanders. GIVÓN, Talmy: **The genesis of syntactic complexity**: Diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution. Amsterdam: John Benjamins, 2009. Disponível: <https://core.ac.uk/download/pdf/34479013.pdf> Nossa tradução: Na aquisição da linguagem, também, o surgimento da incorporação de cláusulas é impulsionado funcionalmente, sua aparência estando em sintonia com as mudanças na ecologia comunicativa da criança. Especificamente, um tipo de incorporação de cláusula (frases verbais complexas) se desenvolve bem antes de outro (cláusulas relativas), porque respondem a diferentes necessidades comunicativas que se manifestam em diferentes pontos no desenvolvimento da criança. Frases verbais complexas são adquiridas no contexto da comunicação na primeira infância, que ainda é altamente dependente do contexto e dominada por atos de fala manipulativos e turnos de uma única oração. O principal objetivo comunicativo nesta fase é fazer as coisas aqui e agora.

Assim, ser ou não bilíngue não depende somente da vontade pessoal ou força de vontade do falante, mas de sua história de vida, da origem de sua família e da trajetória percorrida, sem ignorar a situação econômica em que o indivíduo está inserido. O fato é que, nem sempre as famílias são capazes de decidir sozinhas sobre a capacitação linguística de seus próprios filhos; nesses casos, os fatores históricos e sociais também são determinantes.

2.10 A Língua de Herança

Há muitos estudos de pedagogia que tratam da aprendizagem escolar. Entretanto, a aprendizagem e a interação no lar, que são traços característicos do ambiente das LH, são menos favorecidos em termos de pesquisa. Na verdade, há muitos fatores que contribuem para constituição de uma língua como LH, mas as podemos agrupar segundo as causas desse fenômeno entre os fundamentos histórico-sociais, familiares ou individuais: sem a referência à história social não se pode compreender a situação econômica que motivou o deslocamento populacional, levando consigo a constituir um ambiente propício para sua língua materna se tornar LH e sem o contexto cultural favorável à manutenção da LH, ao longo do tempo, ela deixará de ser viável. Torna-se premente, justamente por isso, levar em conta o ambiente familiar que dá suporte para o bilinguismo se desenvolver, por isso recorreremos às teorias da Linguística Cognitiva, a fim de compreender a motivação e a capacidade individual que fazem com que uma pessoa desenvolva o bilinguismo e conserve a LH.

O primeiro passo importante é o reconhecimento científico das características da LH na formação do bilinguismo, principalmente entre os descendentes de imigrantes. A partir daí, é necessário dar visibilidade às necessidades específicas dos aprendizes. Essa foi a proposta das pesquisadoras Susan Oguro e Robyn Moloney (2012), ao analisar para o contexto australiano as experiências de aprendizes que tinham o japonês como LH, mas foram colocados inadequadamente em cursos projetados para aprendizes de japonês como língua estrangeira. pesquisa chegou a resultados interessantes ao constatar que os aprendizes de tinham o japonês como LH: *“in some cases, have withdrawn from taking*

any formal program of Japanese language study”⁵⁶ (OGURO, MOLONEY, 2012, on-line). Isso ocorre porque não há no programa um tratamento diferenciado na oferta de curso de língua estrangeira (LE) para os aprendizes que já trazem de casa a familiaridade com a língua estrangeira a ser oferecida. A provisão do sistema escolar não é capaz de reconhecer as competências e necessidades específicas que diferenciam os alunos que têm acesso à língua em casa daqueles que, simplesmente, aprendem a língua estrangeira como uma segunda ou terceira língua sem qualquer vínculo de pertencimento. Enquanto para o falante a LH também pode ser referida como "língua comunitária", "língua materna" e "língua ancestral".⁵⁷

A partir daí, as pesquisadoras destacaram as características e necessidades dos próprios aprendizes de LH. No entanto, embora esse grupo de alunos esteja se tornando mais visível, a oferta de oportunidades para eles dentro do sistema escolar nem sempre reflete esse reconhecimento. Os alunos que aprendem uma língua, que para eles não é nova, pois têm ligações afetivas com esta como LH, geralmente precisam se encaixar nas estruturas educacionais básicas disponíveis, oferecidas indiscriminadamente aos alunos como uma língua estrangeira (OGURO; MOLONEY, 2012, on-line).

Nos Estados Unidos e Canadá, países historicamente de intensa imigração, o interesse no ensino de LH vem crescendo bastante (KONDO-BROWN, 2008, on-line), na mesma proporção em que aumenta o número de imigrantes no país. Isso causou um aumento do direcionamento das pesquisas para esse novo conceito de língua, visando o atendimento da população de jovens imigrantes bilíngues.

OECD International Migration Outlook (2013) reported that more than 20% of the entire population in Canada were foreign born in 2011, and according to the 2006 Census of Canada more than one in ten spoke languages other than the two official languages of Canada at home. Such is not a situation peculiar to Canada but is a trend found across the world today (Baker, 2011). With such an increase in the number of migrants, there is a huge flux of students with culturally and

⁵⁶ Nossa tradução: em alguns casos desistiram de fazer qualquer programa formal de estudo da língua japonesa. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/328530128_Misplaced_Heritage_Learners_of_Japanese_in_Secondary_Schools Acesso em: 26/03/2023

⁵⁷ Hummel, Kirsten. **Introducing Second Language Acquisition**: perspectives and practices. John Wiley & Sons Inc. 2014. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Heritage_language_learning Acesso em: 13/12/2023 Acesso em: 31/03/2023

*linguistically diverse background present needs for special education support.*⁵⁸ (SANO; NAKAJIMA, 2014, p. 61)

Outro exemplo é o artigo publicado por Sakamoto (2006): “Balancing L1 maintenance and L2 learning Experiential narratives of Japanese immigrant families in Canada”, onde examina as razões para a manutenção da primeira língua (L1) entre famílias de imigrantes japoneses residentes em Toronto, Canadá, por meio da realização de pesquisa de suas histórias de vida:

*The findings indicate that L1 is viewed as a vehicle for establishing and retaining strong family cohesion while second language (L2) is seen as indispensable socio-economic capital (Bourdieu, 1991). As L1 is predominantly used orally at home, oral L1 development is nurtured while the written forms and honorific discourses are not actively used and enforced by some parents*⁵⁹. (SAKAMOTO, 2006, on-line)

A pesquisadora Mitsuyo Sakamoto (2006, on-line) também explica o fato de que “*bilinguality among immigrant families often disappears after two generations as the language of intimacy is quickly replaced by L2*”⁶⁰. Isso provavelmente poderia ser mitigado se houvesse entre os falantes da LH *a more collaborative and inclusive approach to assure ethnolinguistic vitality and continuity*⁶¹.

2.11 Português como LH no Japão

Assim como no Canadá, onde os filhos de imigrantes japoneses encontram dificuldades em equilibrar e manter sua LH, no Japão também são muitas as dificuldades enfrentadas pelas crianças brasileiras para conservar a LH num contexto de bilinguismo,

⁵⁸ Nossa tradução: OECD, International Migration Outlook (2013), relatou em 2011 que mais de 20% de toda a população do Canadá nasceu no exterior e, de acordo com o Censo do Canadá de 2006, mais de um em cada dez falavam idiomas diferentes dos dois idiomas oficiais do Canadá, em casa. Essa não é uma situação peculiar ao Canadá, mas é uma tendência encontrada em todo o mundo hoje (Baker, 2011). Com o aumento do número de migrantes, há um enorme fluxo de alunos com origens culturais e linguísticas diversas que apresentam necessidades de apoio educacional especial. (SANO; NAKAJIMA, 2014, p. 61)

⁵⁹ Nossa tradução: As descobertas indicam que L1 é vista como um veículo para estabelecer e manter uma forte coesão familiar, enquanto a segunda língua (L2) é vista como capital socioeconômico indispensável (Bourdieu, 1991). Como L1 é predominantemente usada oralmente em casa, o desenvolvimento oral de L1 é fortalecido, enquanto as formas escritas e discursivas honoríficas não são ativamente usadas e aplicadas por alguns pais.

⁶⁰ Nossa tradução: o bilinguismo entre as famílias de imigrantes geralmente desaparece após duas gerações, pois a linguagem da intimidade é rapidamente substituída pela L2.

⁶¹ Nossa tradução: uma abordagem mais colaborativa e inclusiva para garantir vitalidade etnolinguística no seio da comunidade para garantir sua vitalidade e continuidade.

uma vez que falam português do Brasil em casa, a língua falada com os pais e irmãos, e japonês fora do lar e na escola. Como vimos anteriormente, o domínio do bilinguismo é uma questão complexa, que, para ser entendida, não basta, somente, o conhecimento de teorias linguísticas, também é necessária a contribuição de outras disciplinas, principalmente, da Sociologia, que analisa a condição ambiental e socioeconômico da família, nível de instrução dos pais; da Etnologia, da Psicologia. Ao passo que as crianças com possíveis deficiências mentais ou dificuldades cognitivas vão precisar recorrer à Neurociência para equilibrar a aprendizagem de duas línguas simultaneamente até atingir o bilinguismo.

Além da aprendizagem da língua materna com os familiares, em casa, no Japão há algumas opções para continuar a aprendizagem da língua portuguesa em escolas brasileiras, especialmente criadas para servir a comunidade de trabalhadores temporários e suas famílias.

A questão do bilinguismo no Japão adquire conotações especiais de identidade e uma problemática pessoal de difícil resolução. Por isso as iniciativas oficiais esporádicas, seja do Governo do Brasil ou do Governo do Japão, não são suficientes no que tange à educação das crianças, para as que estão em idade pré-escolar e frequentam creches ou jardins de infância, 65% estão em estabelecimentos japoneses e 35% em escolinhas brasileiras. Já na faixa do ensino fundamental, a proporção é de 46% em escolas brasileiras e 54% em escolas japonesas e, para os jovens no ensino médio, 61% e 39% respectivamente. Este comportamento é explicado, [...] pela dificuldade de inserção de crianças estrangeiras no sistema educacional japonês, sobretudo para aquelas que chegam ao Japão tendo iniciado sua vida acadêmica no Brasil. (COSTA, 2007, p. 84)

Dessa forma, são muitos e variados os problemas decorrentes do bilinguismo num momento de aquisição da linguagem, concomitante, com o desenvolvimento cognitivo. A competência linguística é adquirida em torno dos cinco a seis anos de idade, enquanto seu desenvolvimento segue até os 12 anos. Já, o desempenho linguístico satisfatório só é possível nesse período a depender de como os pais induzem seus filhos a serem bilíngues num ambiente social favorável à aquisição simultânea das duas línguas, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma boa interação cognitiva, psicológica e social.

Além do apoio encontrado na família, notamos que os interessados invariavelmente recorrem a oportunidades oferecidas por associações civis e pelo poder público. O governo japonês apoia o estudo do japonês para os descendentes de imigrantes japoneses, embora também o faça para os brasileiros que tenham vontade de adquirir a

língua e a cultura japonesas. Os bolsistas que empreenderam o movimento circular tiveram esse apoio. A Fundação Japão figura como uma das apoiadoras no ensino de línguas e atividades culturais, assim como a JICA (Japan International Cooperation Agency) e o Consulado Geral do Japão fomenta essa circularidade pela mão do estudo e pesquisa. Os subsídios, invariavelmente, incluem a viagem, alojamento e despesas gerais de modo que o visitante ou falante de herança possa concentrar-se em sua imersão sociocultural.

Verifiquei, ainda, que a comunidade de descendentes de japoneses no Brasil encontra-se numa fase histórica consolidada. Há associações de províncias, Centro Cultural Brasil-Japão, um hospital que é referência nacional, a Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, o curso de língua japonesa nas escolas de educação infantil, Método Kumon, na Aliança Cultural, além de cursos universitários. Esse ambiente rico em possibilidades de contato linguístico oferece oportunidades aos falantes bilíngues que desejam explorar a sua língua e cultura de herança.

Se tomarmos como ponto de partida os primeiros imigrantes que chegaram no navio Kasato Maru, há mais de 100 anos, notamos que há uma razoável integração dos japoneses à cidade, mas seus descendentes, embora se encontrem em sua 6ª geração, ainda constituem núcleos familiares com outros descendentes dos japoneses. Quanto ao trabalho, esses cidadãos brasileiros e brasileiras de descendência japonesa, tanto aqueles falantes de japonês quanto os que não dominam a língua japonesa vão buscar oportunidades de trabalho no contexto da sociedade brasileira. E aqueles que tiveram uma formação acadêmica complementada com a bolsa de estudos no exterior terão maior oportunidade tanto na comunidade japonesa como na sociedade brasileira.

Do outro lado do mundo, no Japão, sabemos que a língua portuguesa que se ouve atualmente pelas ruas das cidades industriais japonesas é falada principalmente por imigrantes brasileiros, descendentes de japoneses, ou mestiços que têm ao menos um dos pais de origem japonesa. Somente para termos uma ideia da dimensão desse fenômeno migratório, na Província de Aichi são 50 mil, na Província de Shizuoka são 33,5 mil e na Província de Mie 15 mil⁶². Antes da Crise Financeira de 2008, a estimativa era de que 302.000 brasileiros viviam e trabalhavam no Japão⁶³; constituindo uma comunidade

⁶² Cidades com maior concentração de brasileiros. **Work Japan**. Disponível em:

<https://workjapan.com.br/cidades-com-maior-concentracao-de-brasileiros/> Acesso em: 28/12/2022

⁶³ Em 2005, o Ministério da Justiça estimou que 302.000 brasileiros viviam no Japão. Em 2012, esse número era de 215.000. O número de brasileiros residentes no Japão teria tido essa redução em 7 anos, devido à Crise econômica de 2008-2009, que havia tornado os empregos mais escassos, forçando muitos

composta, em sua maioria, por trabalhadores temporários (decasséguis) e suas famílias que levaram consigo sua cultura afro-latino-americana e o português brasileiro para lá. Somente a presença maciça representada pela comunidade de imigrantes brasileiros no Japão já justifica a importância do tema, assim como o interesse e a manutenção do português brasileiro como Língua de Herança (PBLH). Esperamos que esta Tese sirva para incentivar outras pesquisas na área.

A partir de 2008 e 2009, com a crise econômica internacional, os trabalhadores brasileiros no Japão ficam alarmados com a situação de desemprego e falta de moradia para aqueles que dependiam dos alojamentos oferecidos pelas empresas ou empreiteiras. No entanto, mesmo com as ameaças representadas pelas crises econômicas, a comunidade de brasileiros no Japão parece que se encontra bem estabelecida e não vai se dissolver de um momento para o outro. Nesse caso, a recomendação que faço aos pais com crianças pequenas no Japão, baseada em minha experiência pessoal, é de que eduquem seus filhos como cidadãos bilíngues. Matriculem na escola pública japonesa, porque o nível de instrução é ótimo e para garantir uma inserção na sociedade local caso permaneçam definitivamente no Japão, mas que não deixem de passar para eles a língua portuguesa e a cultura brasileira. Assim, caso retornem ao Brasil terão condições de se readaptar à sociedade nacional.

A educação através da observação e participação, sem a ajuda de livros, é uma característica não somente de sociedades tradicionais e povos indígenas, mas também das minorias linguísticas que aprendem sua Língua de Herança em casa. Uma vez que há um conhecimento tácito que passa de geração em geração de maneira quase imperceptível, e a língua pode fazer parte desse rico patrimônio. Nesse sentido, o contato com familiares é fundamental, daí a importância dos avós, tios e tias que conservam a Língua de Herança na intimidade do lar. No entanto, esse conhecimento vinculado a um determinado grupo social, em geral, se restringe à linguagem oral. Para que as crianças aprendam a língua escrita e conheçam a literatura nacional é necessário que os pais procurem enviar os filhos para uma escola bilíngue ou então custear um curso de português como segunda língua (PSL).

A conclusão a que chegamos é de que o bilinguismo constitui uma questão complexa que envolve tanto os fatores histórico-sociais quanto às características pessoais

brasileiros a retornar ao Brasil. Segundo dados da Bloomberg de julho de 2017, a população de origem brasileira no Japão montava a 180.923 pessoas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imigração_brasileira_no_Japão/ Acesso em: 14/04/2023

do indivíduo, como automotivação e capacidade cognitiva. Cada ocorrência de bilinguismo deve ser tratada como um caso diferente. Quando abordamos o bilinguismo português-japonês uma das características mais marcantes que o distingue de outros tipos de bilinguismo é a migração circular entre o Brasil e o Japão que teve início em 1908 e continua até os dias atuais.

Capítulo III

História de vida, Cultura e Língua de Herança

*A sabedoria mística do Buda Primordial
é elevada como as estrelas do céu.
Pratique a fé abandonando a vara
de bambu que tenta alcançá-la.
(Nissen Shounin - V. 2599)*

Para se ter ideia de como os acontecimentos a nível nacional e internacional interferem diretamente na história de vida das pessoas e nas línguas que falam, neste capítulo vamos detalhar a trajetória de famílias de origem japonesa em São Paulo, tanto aquelas que vieram para o Brasil antes da Segunda Guerra Mundial, quanto outra que chegou depois, quando houve a retomada da imigração japonesa, em 1953. Por outro lado, nem todas as famílias que vieram antes da Segunda Guerra ensinaram a língua japonesa para os filhos nascidos no Brasil, pois viveram tempos difíceis, inclusive com a proibição do ensino do japonês pelo Governo de Getúlio Vargas. Por isso muitos conservaram apenas as tradições e a cultura do país de origem, mas não são capazes de escrever em língua japonesa e apenas sabem falar ou conhecem algumas palavras do léxico japonês.

3.1 Os primeiros imigrantes japoneses

Em 1908, iniciou-se oficialmente a imigração japonesa para o Brasil com a chegada dos primeiros grupos de imigrantes vindos do Japão a bordo do navio Kasato Maru, como resultado de acordos entre os dois governos. Atualmente, o país possui a maior comunidade de descendentes de japoneses como grupo étnico fora do Japão⁶⁴.

⁶⁴ A população de japoneses e descendentes no Brasil somam mais de 1,6 milhão (no mundo são 3,6 milhões), segundo o relatório da CIA sobre o Japão e sobre o Brasil, ambos atualizados em fevereiro de 2019. Os números, no entanto, contrastam com o último censo realizado no Brasil, que aponta para cerca de 1,5 milhões de cidadãos de origem japonesa vivendo no Brasil – o censo foi compilado em junho de

Antes dos japoneses, imigrantes europeus já vinham tentando a sorte no Brasil, tendo como destino o Estado de São Paulo, onde a agricultura necessitava de mão-de-obra para trabalhar nos cafezais, principalmente, após a abolição do trabalho escravo que ocorreu em 1888.

A partir de 1886, após a criação da Sociedade Promotora da Imigração pelo Governo de São Paulo, intensificou-se o fluxo imigratório de italianos e portugueses para as fazendas de café. Estes, sobrevivendo em regime de semiescravidão, entraram em conflito com os proprietários de terras, interessados apenas no contrato de mão-de-obra barata. Caía por terra a imagem idílica do Brasil – de país-hospedeiro a todas as etnias – e que nem sempre correspondeu à realidade vivenciada pelos imigrantes radicados nas fazendas de café ou nos grandes centros urbanos.⁶⁵ (CARNEIRO, 2014, on-line)

A Lei n. 97, de 5 de outubro de 1892, permitia a livre entrada de imigrantes chineses e japoneses em território nacional, desde que não fossem “indigentes, mendigos, piratas, nem sujeitos à ação criminal em seus países” (CARNEIRO, 2014, on-line). A partir daí, as autoridades começaram a pensar nas vantagens e desvantagens da imigração de japoneses para o Brasil. Enquanto do lado japonês eram considerados os seguintes fatos:

- a) o Japão é um país montanhoso, onde há poucas terras para o plantio de arroz e demais cereais para as principais refeições;
- b) o costume tradicional considera que só o primogênito da família tinha o direito de herdar a terra dos pais, com a condição de cuidar deles na velhice;
- c) os demais filhos recebiam educação em outras áreas e, depois, precisavam se deslocar para as grandes cidades a fim de conseguir trabalho. Essa era a condição entre os filhos de famílias com boas condições financeiras;
- d) famílias rurais, mais pobres, que não possuíam terras, tornavam seus filhos rendeiros, mas somente o primeiro filho ficava na lavoura para ajudar os pais, enquanto os outros tinham que trabalhar em serviços braçais nas cidades grandes,

2017 e publicado no portal oficial do Governo do Brasil. Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/historia-do-japao/07/03/2019/5-paises-com-a-maior-comunidade-japonesa-fora-do-japao/#:~:text=O%20E%80%9CBairro%20da%20Liberdade%20E%80%9D%2C,brasileiros%20que%20vivem%20no%20Jap%C3%A3o>. Acesso em: 13/12/2022

⁶⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. Revista USP, no. 119, 2014. Disponível em: <https://jornal.usp.br/revistausp/revista-usp-119-textos-8-imigrantes-indesejaveis-a-ideologia-do-etiquetamento-durante-a-era-vargas/> Acesso em: 13/12/2022

ou então iam ser aprendizes em oficinas ou lojas, para aprenderem um ofício que garantisse seu próprio sustento.

Ademais, antes da Revolução Meiji, que ocorreu em 1868, quando foi abolido o antigo regime feudal, baseado no sistema de castas e de imobilidade social, característico da Dinastia Tokugawa, o povo vivia oprimido, principalmente, na zona rural. Essa Revolução contou com o apoio de grupos de samurais e intelectuais influentes que haviam viajado para os Estados Unidos e à Europa e perceberam que o Japão estava muito atrasado na área da educação, indústria, dos transportes ferroviários e marítimos. Decidiram, então, empreender um grande esforço para sair do isolamento e abrir as portas para as nações estrangeiras e ter relações políticas e comerciais com o resto do mundo. Com isso o Japão modernizou-se rapidamente. Porém, a mobilidade social e as mudanças bruscas causaram o deslocamento de populações rurais, o que resultou em ciclos migratórios para as cidades maiores e depois para o exterior.

Em 1904, Ryu Mizuno, considerado o pai da imigração japonesa, fundou a Empresa Imperial de Emigração, em Tóquio. Em 1907, veio ao Brasil para verificar as possibilidades de imigração de cidadãos japoneses para o Brasil e foi bem recebido pelo Governo Brasileiro. Isso poderia ser explicado pelo fato de o Japão ter vencido a guerra Russo-Japonesa, em 1905, o que modificou a imagem do povo japonês, passando a ser considerado como tendo um espírito forte por ter derrotado uma potência europeia. Depois de conversações preliminares com as autoridades locais, Mizuno firmou um acordo com o Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo para o envio de cerca de 3.000 imigrantes japoneses. Esses trabalhadores deveriam ser empregados nas fazendas de cultivo de café. A norma estabelecida entre os contratantes foi de que os imigrantes deviam compor pequenos grupos de três trabalhadores, sendo um casal de adultos e pelo menos uma criança acima de 14 anos, podendo esta ser filho ou não do casal, contanto que contasse com o consentimento dos pais do adolescente.

Mizuno convidou Shuhei Uetsuka, de 25 anos, recém-formado no curso de Direito, na Universidade Imperial de Tóquio, para atuar como advogado dos imigrantes e interpretar a legislação e normas legais do novo país adotado pelos imigrantes. Além dele, veio também o Monge Ibaraki, acompanhado da própria família, que foi quem introduziu a religião budista Honmon Butsuryu-Shu no Brasil (Komatsu, 2010, p. 38). A sua presença era considerada fundamental porque havia a necessidade de alguém que

orientasse espiritualmente os imigrantes durante a viagem e na adaptação ao país de acolhida. Como religioso, ele também deveria rezar para que tudo desse certo durante a viagem e que os imigrantes tivessem uma vida feliz na nova terra. Assim, Ibaragui Nissui Shounin iniciou a prática da religião budista *Honmon Butsuryu-shu* no Brasil (HBS do Brasil).⁶⁶

Mizuno foi ao Altar Sagrado (*Gohouzen*) do Templo Seiouji pedir que lhe cedesse um de seus discípulos para a viagem ao Brasil. Ele procurava “um jovem, humilde e determinado jovem” e escreveu o seguinte: “(...) Esta é uma grande oportunidade de levarmos o Darma Sagrado de Buda, à outra face da Terra. Muitos japoneses irão, precisarão desbravar novas terras e passar por inimagináveis obstáculos. Sem o suporte espiritual, a missão se tornará quase impossível. A partir da conversão dos próprios emigrantes, brasileiros nativos também se converterão e a religião terá contribuído para o progresso de uma nação.” (CORREIA, 2008, p. 49)

Desse modo, os primeiros imigrantes japoneses que chegaram em 18 de junho de 1908, ao porto de Santos, ao desembarcar do navio *Kasato Maru*, trouxeram com eles o legado da cultura japonesa, inclusive a religião budista, a culinária e, principalmente, o idioma japonês como Língua de Herança que seria deixado aos seus futuros descendentes. No entanto, a história social da imigração japonesa para o Brasil apresentou um lado de grandes sacrifícios e esperanças perdidas. No começo, tudo era muito difícil, a exaustiva rotina de trabalho, a dificuldade da língua e a estranheza de uma cultura muito diferente daquela à qual estavam acostumados. A correspondência com os familiares e amigos que ficaram no Japão era difícil e demorada, e às vezes havia dificuldade de acesso a uma agência de correios nas proximidades. Felizmente, a comunidade mantinha-se sempre unida, demonstrando solidariedade entre eles, pois havia um elo forte de identificação e amizade entre os conterrâneos.

Na década de 1910 a 1940, a Rua Conde de Sarzedas, no bairro de Liberdade, em São Paulo, tornou-se reduto de japoneses. No início, havia apenas algumas casas, onde se encontravam os japoneses mais antigos. Mizuno, que viera no navio *Kasato-maru*, junto com o monge Ibaragi, abriu um escritório de imigração com o auxílio de Uetsuka que jurou ajudá-lo em todos os momentos até a morte⁶⁷. (KOMATSU, 2010, p. 50)

A maioria dos imigrantes que deveriam trabalhar como agricultores foram para as plantações de café. Por isso, depois de subirem a serra do Mar, embarcavam na Estrada

⁶⁶ Atualmente, no Brasil adotou-se o nome dessa religião como Budismo Primordial, *Honmon Butsuryu-Shu* do Brasil.

⁶⁷ Verifica-se que esse juramento de fidelidade resgata um costume antigo do código dos samurais.

de Ferro Noroeste do Brasil, rumo ao interior de São Paulo. Distribuíram-se pela região de Bauru, Marília, Lins, e atingiram os extremos do estado na região de Presidente Prudente e Tupã. Depois de vencido o contrato de colheita de café, alguns se tornaram agricultores independentes e passaram a se dedicar às plantações de menta e de criação do bicho-da-seda.

Nas cidades maiores, a comunidade japonesa crescia, concentrando-se em alguns bairros comerciais onde se localizavam armazéns, farmácias, açougues, serralherias e quitandas, cujos proprietários também eram imigrantes japoneses, inclusive alguns destes negócios eram identificados com placas escritas em ideogramas japoneses.

A maioria dos imigrantes que vieram na década de 1930 a 1934 permaneceu no interior do estado, ocupados na agricultura por alguns anos, mas posteriormente decidiram mudar para a capital paulista⁶⁸. Esse ciclo da imigração japonesa para o Brasil foi bruscamente interrompido em 1941, devido à adesão brasileira à Segunda Guerra Mundial do lado dos Aliados⁶⁹, a partir de então os imigrantes japoneses começaram a serem vistos como inimigos do Brasil (Figura 12).

Figura 12 – Imagens estereotipadas dos japoneses: A ofensiva japonesa no Brasil, 1942.



Fonte: Acervo Tucci/SP

⁶⁸ Como no caso da Sra. Chiyoko (ch pronuncia-se / logo / *Tiyoko*) Matsuoka que veio do Japão em 1927; Masanosuke Shimomura veio em 1934 e o Sr. S. Hirai que veio em 1934. Esses imigrantes ficaram pouco tempo na fazenda.

⁶⁹ Os participantes da Segunda Guerra Mundial podem ser agrupados em dois grupos. Aliados: Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos eram os membros principais; Eixo: Alemanha, Itália e Japão eram os membros principais.

O navio Buenos Aires Maru foi a última embarcação a chegar ao Brasil, vinda do Japão, encerrando a primeira fase de um processo migratório iniciado, em 1908. Em seguida, devido à aliança com os Estados Unidos, o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Japão em 29 de fevereiro de 1942. Segue-se, a partir daí, um período muito difícil para os imigrantes japoneses, durante o governo do Presidente Getúlio Vargas⁷⁰. Aliás, desde o começo dos anos de 1930 já haviam sido estabelecidas cotas de imigração para limitar a entrada de certos grupos étnicos.

[...] o governo brasileiro estava interessado em preencher os espaços vazios do território nacional desde que as correntes imigratórias garantissem o branqueamento da população. A solução estava em impedir a entrada de negros, judeus e japoneses, principalmente, de forma a não aprofundar o abismo provocado pela “má-formação étnica” herdada do passado escravocrata e do liberalismo republicano. Assim, a adoção de políticas imigratórias restritivas se fez fundamentada na ideologia do trabalho e da segurança nacional, pensamento que persistiu durante todo o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e de Eurico Gaspar Dutra (1946-1954). (CARNEIRO, 2001, pp. 64-96)

Com a derrota do Japão na guerra, aquele país tradicional para onde os imigrantes japoneses pretendiam voltar já não existia mais, por imposição dos Estados Unidos. A partir daí, acelerou-se a assimilação da cultura brasileira e ensino da língua portuguesa para os filhos dos imigrantes. No pós-guerra tudo mudou rapidamente com a ocupação norte-americana. Enquanto no Brasil, com o passar do tempo, ocorreu a adaptação dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira, e a língua de origem falada pelas crianças brasileiras de ascendência japonesa (*nikkei*) passou a ser como uma segunda língua, principalmente, entre os descendentes da terceira e quarta geração, que muitos deixaram de se dedicar à aprendizagem de sua Língua de Herança. À medida em que os avós vindos com os primeiros grupos de imigrantes, antes da Segunda Guerra Mundial, ainda os filhos entendiam o japonês e dominavam escrita os que dedicavam nos estudos, mas muitos foram morrendo ou deixaram de estudar, assim grande parte dos descendentes foi abandonando a aprendizagem da língua japonesa.

⁷⁰ KOMATSU, Patrícia E.K.K. À espreita de “Súditos do Eixo” – Para a História Social dos Imigrantes Japoneses e a Situação do Português Paulista do Século XX. Dissertação do Mestrado, FFLCH-USP, 2010.

Conforme ficou registrado na história dos imigrantes japoneses no Brasil⁷¹, havia uma facção nacionalista que era chamada de *Shindô-renmei*, ou seja, *Kachigumi*⁷². Estes eram imigrantes que não aceitavam a derrota do Japão na Guerra do Pacífico. Enquanto os *Makegumi* eram mais bem informados por lerem em português, e por isso conheciam a verdadeira situação do Japão no Pós-Segunda Guerra Mundial. Os filhos desses imigrantes, nascidos no Brasil, frequentavam a escola brasileira e dominavam o português e eram capazes de ler os jornais brasileiros. Assim, eram capazes de explicar a derrota do Japão para os próprios pais, conforme Moraes (2021).

Uma vez que já eram descendentes de japoneses de segunda geração (*nissei*) e tinham recebido a educação escolar em língua portuguesa. Portanto se tornaram os primeiros bilíngues português-japonês nascidos no Brasil.

Seguindo a tendência do êxodo rural pela qual passou o Brasil a partir dos anos de 1950, a maioria dos antigos colonos japoneses deixaram as fazendas no interior, deslocando-se para grandes cidades⁷³. Na Capital paulista, formou-se um bairro tipicamente oriental na região da Liberdade, próximo ao centro da cidade. Paralelamente a isso, alguns imigrantes continuaram praticando a agricultura familiar ou outras atividades relacionadas ao cultivo no interior do estado, ao mesmo tempo em que enviavam os filhos para as cidades grandes, a fim de continuarem os estudos e seguirem algum curso universitário. A partir daí, ocorreu o domínio da língua portuguesa em todos os níveis e a assimilação da cultura brasileira entre os descendentes dos primeiros imigrantes japoneses.

No interior do Estado de São Paulo havia os *Kaikan*, espécie de clubes formados por imigrantes japoneses (Figura 13). Nas cidades pequenas a cultura de origem era protegida por um forte sentimento comunitário, mas também muito conservador. Como observamos no depoimento de Kinue Shizuno à jornalista Kátia Arima⁷⁴:

⁷¹ KOMATSU, Patrícia Elisa Kuniko Kondo. **À Espreita de “Súditos do Eixo” – Para a História Social dos Imigrantes Japoneses e a Situação do Português Paulista do Século XX**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2010.

⁷² A maioria do grupo *kachigumi* (lê-se *katigumi*) distinguia-se pelo respeito ao Imperador, ideologia e a cultura japonesa, por esse motivo educava os filhos sempre em língua japonesa.

⁷³ O êxodo rural no Brasil ocorreu, de forma mais intensa, em apenas duas décadas: entre 1950 e 1970, mantendo patamares relativamente elevados nas décadas seguintes e perdendo força total na entrada dos anos 2000. Segundo estudos publicados pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), o êxodo rural, nas duas primeiras décadas citadas, contribuiu com quase 20% de toda a urbanização do país, passando para 3,5% entre os anos 2000 e 2010. ALVES, E. et. al. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. *Revista de Política Agrícola (Embrapa)*. Ano XX – nº 2 – Abr./Maio/Jun. 2011. pp.80-88. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/Exodo-rural-no-brasil.htm> Acesso em: 26/03/2023

⁷⁴ SHIZUNO, Kinue. Minha História, Projeto incorporado ao Museu da Imigração

Quando eu tinha 11 anos, mudamos para a cidade de Pereira Barreto. Nessa época, ficava cuidando da casa, dos irmãos, e ia ao “*nihongo gakkou*” (escola de língua japonesa). O pensamento da maioria dos japoneses era machista, então as mulheres não tinham oportunidade de estudar. A obrigação era aprender a costurar e a cozinhar. (Shizuno, 2007, on-line)

Figura 13 – Grupo de moças no *kaikan* de Pereira Barreto (SP), s/d.



Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.⁷⁵

Uma parte significativa da comunidade imigrante japonesa conseguiu manter a língua nativa como LH falada pelos imigrantes e seus descendentes. Os traços étnicos e o mútuo reconhecimento fortaleceram a identidade grupal, permitindo a conservação da LH, mas ainda resta uma questão a responder: como foi possível manter essa língua de difícil escrita ideogramática e vinculada a uma cultura tão diferente num país que considera o português como única língua oficial? Para encontrar uma resposta possível, torna-se necessário o aprofundamento do conhecimento da história social e da geografia humana do Japão, pois os imigrantes japoneses buscaram manter fortes laços afetivos com a província de onde partiram seus pais ou avós.

Japonesa no Brasil. Depoimento à jornalista Kátia Arima, Enviada em: 11/10/2007. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/27/historia/40/> Acesso em: 26/03/2023

⁷⁵ Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social – Bunkyo. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/27/galeria/?foto=149> Acesso em: 16/12/2022

3.2 Pós-Segunda Guerra Mundial

No período que sucedeu à Segunda Guerra Mundial, após os primeiros anos de penúria econômica e desagregação social, o Japão passou por um período de desenvolvimento acelerado. Apenas 10 anos depois do fim da guerra, entre 1955 e 1956 o índice de produção industrial dobrou em relação ao anterior à guerra, consolidando a economia japonesa como uma das mais fortes do mundo capitalista, no final de 1960. Outra razão do rápido desenvolvimento do Japão foi o grande crescimento demográfico, pois entre 1945 e 1965, a população saltou de 73 para 101 milhões, possibilitando a utilização de numerosa mão-de-obra com baixo salário (Aquino, 2009,). Graças à importação de tecnologia, o atraso tecnológico do Japão pode ser superado.

Outra razão do bom nipônico foi a *importância maciça da tecnologia estrangeira*, particularmente para as indústrias químicas, elétricas e de fabricação de máquinas. Graças a isso o país pôde [sic] compensar o atraso técnico verificado com a guerra, quando as técnicas se voltaram para as indústrias bélicas: além do mais, na reconstrução industrial aplicou-se a tecnologia mais avançada, possibilitando elevado ritmo de produção. (AQUINO, 2009, p. 484)

A carência de matéria-prima, que havia sido um dos motivos do expansionismo japonês, foi finalmente contornada.

A manutenção de um *balanço comercial favorável* também explica o desenvolvimento japonês. Embora carente de matéria prima que precisa importar (carvão, petróleo, ferro, algodão etc.), o país reduziu os gastos com a importação de gêneros alimentícios devido à reforma agrária. Em contrapartida, a exportação de produtos industrializados vem aumentando continuamente, para isso contando inclusive com uma das maiores frotas mercantes do mundo. (AQUINO, 2009, p. 484)

Ao passo que os tratados com os EUA que proibiam o rearmamento do Japão liberaram recursos para os investimentos em educação.

[...], os japoneses têm resistido a uma política de rearmamento em grande escala. Essa recusa igualmente favoreceu o desenvolvimento econômico, que não se viu limitado pelo desvio de verbas para gastos militares, isto sem esquecer a possibilidade de ampliar os orçamentos com a educação, o que permitiu a melhoria profissional da mão de obra. (AQUINO, 2009, p. 485).

O sistema de trabalho antes chamado de Fordismo foi substituído pelo Toyotismo. Sobre isso Aquino (2009, p. 485) descreve que “Este é o sistema de trabalho desenvolvido originalmente pela Toyota, indústria automobilística japonesa, em que o trabalhador é

capacitado a realizar vinte movimentos em 18 segundos”. Por tudo o que foi citado acima e pela grande capacidade e disciplina de seu povo é que o Japão foi capaz de se reerguer e se transformar em uma das maiores potências econômicas do Mundo Capitalista.

Todos ficaram admirados ao ver como um país que foi tão devastado durante a Segunda Guerra Mundial, conseguiu se reerguer e se tornar a uma das maiores potências econômicas do mundo em período tão curto. Obviamente, a ajuda financeira foi um primeiro passo para o recomeço, mas a forma como o Governo japonês e a população reagiram foi de suma importância.

Os investimentos em indústrias de base, a recusa ao rearmamento militar e principalmente o reforço no orçamento destinado à educação foram os fatores que fizeram com que o país crescesse e se desenvolvesse de uma forma rápida e eficiente. Para os ocidentais, pode parecer que o Japão tinha descoberto uma fórmula mágica para vencer as adversidades, sejam elas impostas pelo homem ou pela natureza. Daí o termo usado na época, o Milagre econômico japonês. O Japão enterrou os 300.000 mortos do terremoto de 1923, limpou as ruínas que haviam deixado dois ou três milhões de desabrigados e reconstruiu uma cidade como a antiga, mas um pouco mais à prova de terremotos (Hobsbawn, 1996). Algo parecido ocorreu no Pós-Segunda-Guerra. Além de reconstruir o país, os japoneses conseguiram preservar para as gerações futuras as memórias de um momento de extrema devastação, mas que souberam sublimar, focando na prosperidade e no futuro.

Após a derrota na Segunda Guerra Mundial, o Japão foi obrigado a aceitar todos os termos impostos pelos Estados Unidos, uma vez que o país foi ocupado por tropas norte-americanas. Pois com a rendição incondicional, o Japão aceitou a presença militar dos EUA, que foi liderada pelo general Douglas MacArthur. Nesse contexto adverso, era necessário reconstruir a nação, que havia sido arrasada durante a guerra. A ocupação norte-americana no Japão durou até 1952, em seguida foram estabelecidas bases militares em Yokosuka, próximo a cidade de Yokohama, na província de Kanagawa e na ilha de Okinawa. Enquanto o Japão foi autorizado pelos Estados Unidos a manter apenas uma força de defesa interna composta por, no máximo, 350 mil.

A ocupação tinha como objetivo realizar a transição do Japão para um país pacífico e aliado aos interesses do Ocidente. Além disso, as bases americanas garantiriam o afastamento da influência soviética. A grande tarefa do Japão era reconstruir a infraestrutura e economia do país. Esse processo de reconstrução econômica do país foi

realizado, em parte, com ajuda financeira americana. Essa ajuda era uma maneira de alinhar os países em reconstrução com a política americana e, assim, impedir a expansão do comunismo.

No passado, o Japão tinha desenvolvido uma indústria pesada na Coréia (anexada em 1911) e, depois de 1931, na Manchúria e em Taiwan, porque essas colônias eram ricas em recursos e estavam suficientemente próximas da pátria, que era notoriamente pobre em matéria-prima (HOBSBAWM, 1996, p. 206). Tudo isso foi perdido com a guerra, e os japoneses tiveram que recomeçar tudo sobre outras bases.

Quadro 2 – Expansão Japonesa até 1942.



Fonte: História Militar Online (HMO).⁷⁶

Passados mais de setenta e cinco anos, Hiroshima encontra-se totalmente reconstruída como uma cidade moderna, com uma população de cerca de 2,8 milhões de habitantes⁷⁷. Tornou-se conhecida por abrigar a fábrica de carros Mazda, e no lugar da destruição floresceram canteiros de azaleias. Restou apenas uma ruína, o Domo de

⁷⁶ HMO – História Militar Online. Disponível em: <https://historiamilitaronline.com.br/index.php/2021/03/08/canibalismo-as-atrocidades-cometidas-pelo-japao-na-segunda-guerra-mundial/> Acesso em: 13/12/2022

⁷⁷ Hiroshima, uma cidade que sobreviveu à tragédia da bomba atômica. In: Japão em Foco. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/hiroshima-antes-e-depois-da-bomba-atomica/> acesso em: 30/03/2023

Hiroshima, um antigo palácio de exposições que foi cruelmente danificado e que não foi reconstruído, propositadamente, para permanecer como testemunho histórico da tragédia. Para os japoneses mais idosos, é difícil esquecer imagens chocantes e os dias difíceis que se sucederam⁷⁸.

Se retrocedermos no tempo, é possível estabelecer um paralelismo entre os acontecimentos históricos nacionais e internacionais em relação à história de vida das famílias de cada época e local enfocado. Por exemplo, no período inicial japonês da Era Meiji (1867), que conduziu à modernização da sociedade japonesa e à urbanização acentuada – naquela época, no Brasil, instalava-se a *The São Paulo Railway*, a primeira ferrovia construída no Estado de São Paulo, ligando Santos a Jundiaí, destinada ao transporte da produção de café e de passageiros, inclusive os imigrantes europeus e japoneses que chegavam ao Brasil, respondendo à demanda de mão de obra para trabalhar nas plantações do interior.

Assim, os excedentes populacionais do Japão devido à urbanização correspondiam à necessidade de trabalhadores nas fazendas de café, uma atividade econômica que se expandia no momento subsequente, até que, em 1908, deu-se a chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Porto de Santos. Em 1923, um forte terremoto em Tóquio deixou 300 mil mortos e muitos desabrigados, enquanto no Brasil o governo continuava com a política de valorização do café, exigindo ainda mais mão-de-obra imigrante. E esse movimento migratório segue até que uma crise internacional deflagrada com a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, o que interferiu em toda a economia mundial. Tanto foi assim que, em 1931, nada menos que 70 milhões de sacas de café foram queimadas em Santos por causa da crise da superprodução. Naquele momento, dava-se a invasão japonesa na Manchúria, uma nova alternativa para ocupar a mão-de-obra que sobrava no Japão e buscar matéria-prima para o crescimento industrial do país. O Brasil tornou-se sinônimo de falência do capitalismo e da profundidade da depressão, enquanto seus cafeicultores tentavam desesperadamente impedir a queda do preço, queimando café em vez de carvão em suas locomotivas a vapor (HOBSBAWM, 1996, p. 92).

Um acontecimento histórico surpreendente mudaria radicalmente o fluxo de imigração entre o Japão e o Brasil. No dia 7 de dezembro de 1941, o Japão atacou a base naval norte-americana em Pearl Harbor, Havaí, dando início à Guerra do Pacífico. A

⁷⁸ A vida depois da bomba. In: Made in Japan, 05 de agosto de 2005. Disponível em: <https://madeinjapan.com.br/2005/08/06/a-vida-depois-da-bomba/> acesso em: 30/03/2023

partir daí, a situação para os imigrantes japoneses passa a ser tensa. Depois de um período de indecisão, o presidente Getúlio Vargas decidiu, finalmente, aderir à guerra do lado dos países Aliados, contra as forças do Eixo, formada por Alemanha, Itália e Japão. A consequência imediata foi a interrupção da imigração japonesa para o Brasil e a perseguição de imigrantes alemães, italianos e japoneses que viviam há tempos nesse país.

Os filhos dos novos imigrantes que chegaram ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial, depois da retomada da imigração, a partir de 1953, dominavam a língua japonesa. Porém, alguns desses imigrantes resolveram retornar ao Japão depois de alguns anos de trabalho no Brasil, devido à rápida recuperação daquele país e seu excepcional crescimento econômico. A partir de então, a imigração em massa de japoneses para o Brasil foi declinando. O Nippon Maru, que aportou em Santos em 1973, foi o último navio transoceânico a transportar imigrantes japoneses por via marítima. Depois disso, os poucos japoneses que vieram para o Brasil eram, em sua maioria, técnicos, profissionais especializados e funcionários de empresas japonesas aqui estabelecidas.

Do lado brasileiro, a partir da emergência do Japão como potência mundial, o chamado “Milagre econômico japonês”⁷⁹ (1960-1991), houve muita procura de matrículas nas escolas, onde se ministravam cursos de japonês, desde o jardim de infância.⁸⁰ Citaremos como, por exemplo, o Centro Educacional Pioneiro e o Colégio Oshiman, ambos localizados na região do bairro da Vila Mariana, em São Paulo. Os pais passaram a demonstrar grande interesse em colocar os filhos nessas escolas, apesar do alto custo da mensalidade. A qualidade do ensino levou a uma imprevista demanda para além da comunidade dos descendentes de japoneses. A razão das famílias japonesas por essas escolas é justamente colocar seus filhos numa “escola bicultural”. Além das escolas básicas, a aquisição da língua japonesa também pode ser feita em instituições especializadas no ensino do japonês, nas pequenas escolas de Educação Infantil, que em japonês é chamada *Youtien*, e como na Aliança Cultural Brasil-Japão, ou método Kumon e em outras escolas menores no interior de São Paulo, custeadas por associações e clubes

⁷⁹ O Milagre econômico japonês (高度経済成長 *Kōdo keizai seichō*) caracterizou-se como um período de crescimento econômico recorde após a [Segunda Guerra Mundial](#), impulsionado primeiramente pela assistência dos [Estados Unidos](#) e consolidado pelo intervencionismo do governo japonês, em particular por meio de seu Ministério do Comércio e Indústria. Estes acordos deveram-se a fatores [geopolíticos](#) como impedir o avanço ideológico da URSS e China comunista sobre o país. Disponível em: https://web.archive.org/web/20090203114139/http://mundoestranho.abril.com.br/historia/pergunta_28786_1.shtml Acesso em: 15/12/2022

⁸⁰ Atualmente alterou para Educação Infantil, dividida em grupos: de Grupo 1 a Grupo 5.

nipo-brasileiros. Nesse caso, são os jovens que buscam esses cursos, interessados em conseguir bolsas de estudo para estudar no Japão, ou mesmo ter a oportunidade de ir trabalhar no Japão como trabalhadores temporários.

3.3 Migração histórica e cultura de herança

Há no Brasil, principalmente em São Paulo, uma comunidade histórica de imigrantes japoneses. Embora bem poucos descendentes dos primeiros imigrantes dominem a língua japonesa trazida pelos avós, alguns entre eles são bilíngues. As marcas culturais são bastante fortes, o que pode ser observado no comportamento grupal, na culinária e na religiosidade. É exatamente essa comunidade que alimenta o fluxo de migração de trabalhadores temporários para o Japão, beneficiando-se da flexibilização da lei de imigração que permite aos descendentes de imigrantes trabalharem no Japão. Algumas famílias levam filhos pequenos, ou formam uma nova família. Assim os filhos já são nascidos no país de acolhida e essas crianças têm grande chance de desenvolver um bilinguismo simultâneo, mesmo que oficialmente continuem sendo consideradas pela legislação japonesa como sendo crianças brasileiras, sem a possibilidade de dupla cidadania. Isso ocorre porque segundo a Constituição continua valendo o *jus sanguinis*. Na sequência vamos relatar alguns casos típicos de indivíduos pertencentes a essa comunidade nipo-brasileira.

3.4 Imigrantes japoneses – antes da Segunda Guerra Mundial

A senhora Chivoko Matsuoka, com mais de cem anos de idade, é proveniente da Província de Yamaguchi, ilha de Honshu. Imigrante da primeira fase da imigração japonesa, chegou ao Brasil bem antes da Segunda Guerra Mundial. Quando ela deixou o Japão, tinha 11 anos de idade. Desembarcou em Santos no dia 15 de junho de 1927, de onde seguiu para Ourinhos pela Estrada de Ferro Sorocabana⁸¹. Ela relatou, em entrevista⁸², que, quando chegou ao Brasil, foi para o interior de São Paulo, onde a família ia trabalhar numa Fazenda de café, mas não se lembra mais o nome do local. A entrevista foi em língua japonesa e tivemos que escrever as perguntas porque ela tinha dificuldade auditiva. Entretanto conseguiu ler os caracteres japoneses (*hiragana*) e alguns

⁸¹ De acordo com o Registro emitido pelo Consulado Geral em São Paulo.

⁸² Entrevista com a senhora Chiyoko Matsuoka, realizada pelo seu neto Paulo Nomura, em 2019.

ideogramas, pois estudou no Japão quando ainda criança, antes da vinda para o Brasil. Aos 12 anos começou a trabalhar na fazenda e, depois disso, nunca mais frequentou nem a escola japonesa nem a brasileira. Casou-se aos 18 anos e conversava em japonês com o marido e os pais dele. Também conversava em japonês com a filha mais velha, que nasceu em 1934. Foi a única filha que aprendeu a falar o japonês e conversava nessa língua com os pais⁸³. Já Vera Nomura, a irmã caçula que tem 20 anos de diferença em relação à irmã mais velha, entende um pouco a língua japonesa, mas não consegue falar.

Por ser muito idosa, a senhora Chiyoko passou a morar com os familiares, mas conversa somente num português elementar com a filha mais nova e os netos, apesar de ter vivido a maior parte de sua vida no Brasil. Encontra-se num estado avançado de surdez e por isso apresenta dificuldade em se comunicar. Entretanto, ainda conserva a memória da maioria dos fatos antigos. O neto chamado Paulo, filho de Vera Nomura, hoje está com 35 anos, é formado em engenharia de computação; aos 15 anos estudou a língua japonesa no Centro de Línguas da Escola Estadual “Alberto Levy”, onde foi aluno da pesquisadora. Paulo entende japonês e fala um pouco, com boa pronúncia. Ele pode ser considerado um bilíngue “não-simultâneo”, embora revele grande simpatia pela sua cultura de herança e mantenha o hábito de comer pelo menos uma vez por semana em algum restaurante japonês. Além disso, fez o curso de *sushiman* e sabe fazer vários pratos típicos da cozinha japonesa. A mãe tem a percepção de que o filho, Paulo, sabe japonês, por ter estudado no colégio. Também sabe que a filha e o filho caçula não estudaram japonês, o que impede que entendam muito pouco do japonês, sintam dificuldade de falar nesse idioma, mas sentem-se confortáveis em se comunicar no português do Brasil.

Não há mais nenhum sobrevivente das primeiras levas de imigrantes japoneses, que, a partir de 1908, desembarcaram no porto de Santos, vindos do Japão no navio *Kasato-maru*. Apesar disso, há alguns imigrantes centenários que chegaram ao Brasil antes da Segunda Guerra Mundial, como é o caso da senhora Chiyoko Matsuoka.

Em 15 de setembro de 2018, ocorreu uma homenagem promovida pelo Consulado do Japão em São Paulo aos imigrantes que atingiram a idade de 100 anos (Figura 14). A cerimônia teve lugar na Residência do Cônsul Geral do Japão em São Paulo. Chiyoko Matsuoka, então com 101 anos de idade, avó de Paulo Nomura, foi uma das

⁸³ Muitos casos de entrevistas foram verificados que, enquanto avós falantes de japonês estão vivos o primeiro filho ou netos comunicam-se em japonês, mas aos poucos perdem a fluência, se não continuarem seus estudos em japonês ou não souberem ler, e sentem-se mais cômodos quando conversam em português.

homenageadas (Figura 15). Ela recebeu um certificado em louvor da longa vida, concedido pelo Primeiro-Ministro japonês, Shinzou Abe, em 15 de setembro de 2017.

Figura 14 – homenagem aos imigrantes centenários, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Nomura.

Figura 15 – Chiyoko Matsumoto, homenageada pelo Consul Geral do Japão, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Nomura.

Lidiane, esposa de Paulo Nomura, é mestiça, filha de pai descendente de japoneses e de mãe brasileira. Formou-se em jornalismo e pratica a profissão, o que exige dela o domínio da escrita em língua portuguesa, ainda que não seja capaz de falar japonês, nem o entender. No trabalho e na vida diária, o casal só fala português em casa, mas ela aprecia muito a cultura e a cozinha japonesas, acompanhando sempre o marido quando

ele vai se alimentar em algum dos diversos restaurantes japoneses, em São Paulo (Figura 16).

Figura 16 – Paulo Nomura com a esposa Lidiane, no restaurante de comida japonesa, no bairro da Saúde, São Paulo, 2019.



Fonte: acervo pessoal

Masanosuke Shimomura, outro imigrante que chegou ao Brasil antes da Segunda Guerra Mundial, agora com mais de 90 anos de idade, nasceu em 1930, na Província de Hokkaidou⁸⁴. Lá viveu até os seis anos de idade. Chegou a Santos com a família no dia 27 de março de 1934. Daí foram transferidos para uma colônia agrícola japonesa em Promissão, região Noroeste do Estado de São Paulo, onde viveu até os 23 anos. Depois, veio morar na Capital, onde trabalhou no Mercado Municipal durante quatro anos. Ele conta que, naquela época, aprendeu a falar um pouco de português. Depois passou a se dedicar ao próprio negócio, uma quitanda, que administrou até os 60 anos de idade, aposentando-se em seguida. Na escola estudou apenas a língua japonesa, na fazenda, onde cresceu. Ele disse entender um pouco do português, mas não consegue falar muito bem.

A filha, Margarida Mineko, foi matriculada na Escola Showa no bairro de Pinheiros com cinco anos de idade, onde conheceu Edson Kazuo, que tinha também cinco

⁸⁴ Hokkaidou “h” é pronunciado como inglês. Fica ao norte do Japão, teve desmatamento e colonizado em algumas décadas antes da Revolução Meiji de 1868.

anos. Ela formou-se no Curso de Administração, da Fundação Getúlio Vargas, enquanto Edson Kazuo⁸⁵ se formou no curso de Odontologia da USP. Eles eram amigos de infância, e acabaram se casando 20 anos mais tarde. Demoraram para ter o primeiro filho; somente após cinco anos, Margarida conseguiu engravidar, mas, infelizmente, o menino nasceu morto. Após muita tristeza, ela resolveu adotar uma criança brasileira. Entretanto, um ano depois, o casal conseguiu finalmente ter seu próprio filho.

Na entrevista que realizamos com o Sr. Shimomura, ele disse que “matriculou a filha na escola japonesa, para aprender japonês, e ela conversava com ele somente em japonês, mas, entre colegas e fora de casa, preferia conversar em português”. Infelizmente, Margarida Mineko contraiu um câncer no intestino, vindo a falecer aos 60 anos no dia 04 de abril de 2019. No dia do sepultamento (Figuras 17), o Sr. Shimomura discursou em japonês (Figura 18), agradecendo a presença dos amigos e parentes, relatou: “Minha filha disse, antes de morrer, ‘*touchan abraça shite*’⁸⁶ e chorou e despediu-se”. Diferentemente, foi a forma de expressão do marido da falecida, Edson Kazuo (Figuras 19), que expressou um agradecimento sincero pela presença dos parentes e dos amigos em língua portuguesa, apesar de ser bilíngue.

Essa alternância entre as línguas portuguesa e japonesa (code-switching) que o Sr. Shimomura fez ao reproduzir as palavras da filha é comum na comunidade dos descendentes de imigrantes. Segundo a pesquisa sobre a alternância de código, ocorre, principalmente, com aqueles de primeira geração (Gardenal, 2008). Por exemplo, se os avisos das Associações são oficiais, então são escritos em português ou em japonês. Mas, quando é uma mensagem simples enviada por meio do WhatsApp, é comum iniciar as palavras de cumprimento em japonês escrito em caracteres ocidentais (*rômaji*), sendo o conteúdo em português e, no final, as palavras de agradecimento e despedida em japonês escrito em romaji novamente. Se o assunto for um convite a bazar ou de venda de convites de pratos japoneses, escreve-se */yatai/* ao invés de ‘barraca’. Há, nesses casos, a mistura das línguas japonesa e brasileira, verificando-se, assim, o hibridismo. Entretanto, nessa tese, o hibridismo não será foco de análise escrita.

⁸⁵ Edson Kazuo é o sobrinho da pesquisadora. Aceitou conceder a entrevista e falou durante uma hora sobre a escola onde estudara na infância, sobre os colegas da época, os quais ainda continuam amizade como se fossem irmãos.

⁸⁶ *Touchan* significa ‘paizinho’ na linguagem infantil em japonês. *Shite* é pedido, modo subjuntivo do verbo auxiliar em japonês, *suru* significa ‘fazer’, mas junto com um léxico em português “abraça” em “*abraça shite*” forma-se um verbo, significando abraça-me. Ela queria dizer em português brasileiro: “paizinho, me dê um forte abraço”.

Figuras 17 – Sepultamento de Margarida Mineko, com culto realizado pela sacerdotisa da religião Zen Budista, do Templo Higashi Honganji.



Figura 18 - O pai Masanosuke e a mãe Hatsue no Cemitério São Paulo, à esquerda a filha adotiva de Margarida Mineko e Edson Kazuo, 2019.



Fonte: acervo pessoal

Figuras 19 e 20 – Sr. Masanosuke, pai de Margarida Mineko, e o viúvo Edson Kazuo, 2019.



Fonte: acervo pessoal

3.5 Imigrantes japoneses – após a Segunda Guerra Mundial

A família Morita faz parte do conjunto de imigrantes que chegaram ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial. O Sr. Takashi Morita e sua esposa sofreram os efeitos da radiação deixada pela bomba atômica lançada sobre Hiroshima, e mesmo que não queiram, ainda conservam a memória dos fatos sinistros pelos quais passaram. O governo japonês criou um sistema de saúde para auxiliar as vítimas das bombas, entretanto o auxílio foi restrito aos residentes no Japão. O Sr. Takashi ficou revoltado com isso e foi uma das pessoas que mais defendeu o direito das vítimas de serem indenizadas e receberem tratamento médico por terem sido vítimas civis da bomba atômica, mesmo que tivessem deixado o Japão para viver no exterior.

Takashi nasceu na vila de Sagotani, interior da província de Hiroshima. Com 12 anos, concluiu o ensino básico e tornou-se aprendiz em uma relojoaria. Ele e sua futura esposa, Ayako, foram vítimas do ataque nuclear em Hiroshima. Unidos pela mesma tragédia se casaram e emigraram para o Brasil em 1954. Desse casamento resultou a educação de filhos bilíngues que se adaptaram à cultura brasileira, mas que conservaram a cultura e a Língua de Herança de seus antepassados. A filha do casal, Yasuko, formada em História na USP, ganhou uma Bolsa de Estudos pela Província de Hiroshima. Deu, assim, continuidade a um movimento de circularidade muito comum entre os descendentes de japoneses. De volta ao Brasil, ela passou a ajudar o pai na administração do negócio da família, uma mercearia de produtos japoneses no bairro da Saúde, em São Paulo.

A história de vida de Takashi Morita e de sua família pode ser tomada para um estudo de caso, pois favorece que uma análise comparada entre imigrantes japoneses no Brasil, que vieram após a Segunda Guerra Mundial, e os outros que vieram antes do conflito mundial. Os relatos aqui reproduzidos estão registrados em entrevista concedida à pesquisadora em fevereiro de 2020. A outra fonte é o livro publicado em 2017 pelo próprio Takashi Morita intitulado: **A última mensagem de Hiroshima: o que vi e como sobrevivi à bomba atômica.**

Ainda muito jovem, depois de formado na famosa Escola Nakano, em Tóquio, Takashi Morita tornou-se membro da *Kenpeitai*⁸⁷, uma instituição que fazia parte da

⁸⁷ A *Kenpeitai* foi o braço militar do Exército Imperial Japonês de 1881 a 1945. Era uma polícia militar convencional e uma força policial secreta. Nos territórios ocupados pelos japoneses como a região da Manchúria, China, os *kenpeitai* também investigavam e prendiam aqueles suspeitos de serem anti-japoneses.

Polícia do Exército Imperial Japonês na época da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, atuou bem pouco tempo como policial, porém foi o bastante para presenciar situações que o marcaram para sempre como o bombardeio massivo da capital nos dias 9 e 10 de março de 1945, um dos episódios mais sangrentos do conflito mundial. O ataque do dia 10 foi excepcionalmente arrasador, uma vez que contou com 130 dos poderosos aviões B-29, que lançaram mais de 10 mil bombas incendiárias sobre a cidade durante duas horas ininterruptas. Somente essa campanha militar dos Aliados resultou em 80 mil mortos, 110 mil feridos e mais de um milhão de desabrigados. No entanto, nada se compara à catástrofe da bomba atômica, lançada de surpresa sobre a cidade de Hiroshima, justamente o local onde Takashi Morita se encontrava a serviço da força militar que integrava. A educação de Takashi tinha sido similar à de tantos outros meninos japoneses, de acordo com as tradições do Japão anterior à guerra.

Desde o colégio, ou melhor, desde a primeira educação que recebemos em casa e nas escolas, aprendemos o *Yamato Damashii*, que é o espírito japonês. Fomos ensinados desde cedo a honrar nossas origens, o que envolve o amor à pátria, o respeito à hierarquia e à tradição, além da devoção irrestrita ao imperador, que era visto como uma divindade pelo povo japonês. Valores importantes nesse sentido também eram a lealdade e a coragem, características associadas aos grandes samurais. (MORITA, 2017, p. 16)

A época em que Morita viveu em seu país de origem foi um período de grandes transformações sociais e econômicas. O Japão seguia uma política de expansionismo militar, com o intuito de anexar territórios próximos na Ásia Oriental, a fim de garantir a independência econômica do país, assim como a supremacia militar e a liderança como potência regional. O povo japonês teve que aceitar esse modelo imposto de cima para baixo⁸⁸. Quem não aderisse a esse ideal era considerado “traidor da pátria”, sujeito a sérias consequências no futuro.

O povo japonês, em resposta, tendia cada vez mais ao militarismo e, tanto nas escolas como no ambiente profissional, falava-se incessantemente do País de Deuses, do Divino Imperador, do Líder da Ásia. Esses eram os pensamentos com que os japoneses eram doutrinados e não havia como contestá-los. Quando ainda era uma criança, em 1931, houve a invasão e ocupação da região da Manchúria e, em seguida, seria a vez da China. (MORITA, 2017, p.17)

⁸⁸ O militarismo e autoritarismo no Japão estabeleceram-se entre os anos de 1929-1940, ao iniciar-se a era Showa (1926-1989), periodização configurada pela transição de imperadores no poder.

A cidade de Hiroshima, onde morava o jovem Morita, era considerada uma importante região militar, especialmente pela indústria bélica ali existente. Por isso, prevendo ataques de forças inimigas sobre esse território estratégico, foi construída uma base aérea de observação, localizada na prefeitura da cidade. Nesse tempo, toda a população local deveria ser mobilizada no esforço de guerra. Os jovens foram chamados para trabalhar nas fábricas de armamentos. Porém, por sua vivacidade e inteligência, Takashi foi escalado para servir no Primeiro Posto de Vigilância Aérea de Hiroshima, sendo por isso liberado do trabalho nas fábricas.

No dia 1º de novembro de 1944, fui convocado pelo Exército para ser técnico de aviação no 97º Regimento da Força Aérea de Hamamatsu. A participação de todos era necessária. Jovens de quinze ou dezesseis anos alistavam-se voluntariamente para defender o império. Eu esperei até ser convocado já que prestava serviços voluntários no Posto de Vigilância Aérea de Hiroshima. (MORITA, 2017, p. 29)

Assim como tantas outras famílias em todo o Japão, a família Morita também foi diretamente afetada pela guerra. Akira, filho mais novo, que tinha apenas 17 anos, havia se alistado no grupo do Exército conhecido como *Kamikase*⁸⁹. Enquanto isso, as famílias japonesas que emigraram para outras partes do mundo também sofriam com as consequências da guerra. Assim que o conflito foi declarado, em 1941, os Estados Unidos ficaram temerosos com possíveis retaliações por parte de milhares de imigrantes japoneses em solo americano, tidos como inimigos internos. Para resolver a situação, o país tomou uma medida drástica: em 19 de fevereiro de 1942, o Congresso norte-americano, apoiado pelo então presidente Franklin Roosevelt, aprovou uma lei estabelecendo que os indivíduos de origem japonesa deveriam passar a viver em zonas militares reservadas. Assim, os japoneses deveriam ser conduzidos para as chamadas “zonas de evacuação” ou “campos de recolocação” dentro do território norte-americano. No Brasil, não foi muito diferente, depois da adesão do país à Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, pois aqui houve a perseguição aos japoneses, e ações motivadas pelo preconceito passaram a fazer parte do cotidiano dos imigrantes japoneses e de seus descendentes (cf. KOMATSU, 2010).

Takashi tinha parentes próximos, que viviam na Califórnia. Um irmão vivia lá, e ele passou a pensar se também poderia emigrar para os EUA. No entanto, o pai era contra

⁸⁹ Em japonês usa-se a palavra *tokkoutai* para denominar esse grupo de militares suicida, composto de pilotos de avião que deveriam lançar-se contra os navios inimigos.

essa ideia, e quis o destino que ele se encontrasse em serviço como policial militar na cidade de Hiroshima no dia 6 de agosto de 1945 quando ocorreu a grande tragédia:

Às 8h15, quando estávamos a caminho do abrigo, de súbito, uma força que parecia vir do além me arremessou cerca de dez metros para a frente. Literalmente voei, tamanho o impacto que me atingiu pelas costas. Nesse mesmo instante, fui envolvido por uma intensa luz branca. Toda a cidade foi envolvida por essa luz do terror. Quando fui atingido, estava a uma distância de 1,3 quilômetros do epicentro da bomba atômica. (MORITA, 2017, p. 54)

Ayako, sua futura esposa, também se encontrava na cidade de Hiroshima naquela terrível ocasião e vivenciou a tragédia da mesma maneira que ele.

Naquele fatídico 6 de agosto, Ayako chegou por volta das 7h30 ao Departamento de Saúde e Higiene e começou, antes dos seus trabalhos habituais, a fazer a limpeza da sala vazia, pois a maioria de seus colegas tinha ido ao centro da cidade. Às 8h15, ela percebeu uma intensa luz, e um impacto a lançou cerca de cinco metros para a frente. (MORITA, 2017, p. 91)

Inicialmente, algumas cidades japonesas foram selecionadas como alvos potenciais para um possível ataque atômico, sendo todas essas regiões muito populosas. A antiga cidade histórica, Kyoto, fazia parte dessa primeira lista sinistra. Ela era considerada importante por abrigar diversos templos e ter sido, por longo tempo, a capital do Império Japonês. Considerando que destruir uma cidade tão cheia de significado para os japoneses seria uma ofensa muito grave, e até mesmo pensando na ocupação do país após o fim da guerra, os beligerantes decidiram tirá-la da lista. Restaram, então, três opções: Hiroshima, Kokura e Nagasaki, sendo Hiroshima o alvo principal, por sua importância militar. Até aquele momento, os norte-americanos haviam poupado a cidade de Hiroshima dos bombardeios; isso ocorreu porque pensavam em utilizar a bomba atômica nesse local como forma de teste com a nova arma de destruição em massa. Queriam saber a dimensão exata de sua capacidade destrutiva. Além disso, a bomba só seria detonada sobre Hiroshima quando o tempo estivesse propício para a avaliação exata dos estragos por ela causados. Como disse o Sr. Morita, isso era um experimento, e os resultados tinham de ser avaliados. Com essa meta, três aviões seguiram rumo ao alvo, um com a bomba e dois para tirar fotografias aéreas. O belo dia de verão, com céu azul e sem nuvens, era o momento ideal para concretizar o objetivo dos norte-americanos.

Nagasaki, que sofreu o mesmo bombardeio atômico dias depois, era uma cidade tradicionalmente cristã, desde os tempos da chegada dos portugueses ao Japão, em 1543.

Por isso, a parte que foi atingida pela bomba estava repleta de monumentos históricos e igrejas. Atestam isso as fotos mostrando a destruição de Nagasaki, o que chocou o mundo ocidental, pois reproduziam imagens de símbolos católicos totalmente arrasados.

Quando da rendição do Japão, houve um acordo entre o governo japonês e os Estados Unidos. A partir daí, nem o país nem os sobreviventes teriam direito de reclamar do governo americano qualquer indenização pelo ataque nuclear que sofreram. Toda a responsabilidade seria do próprio Governo japonês, pois este deveria responder pelas consequências da guerra. Também foi decretado o chamado “*Press Code*”, estabelecendo um compromisso para que não fosse divulgado na imprensa detalhes do que havia acontecido e como estava a situação em Hiroshima. Não interessava aos norte-americanos naquele momento que o mundo soubesse sobre a grande catástrofe que a bomba atômica havia provocado no Japão. A maior parte do mundo, portanto, não tinha um verdadeiro conhecimento do pior ataque já realizado contra a humanidade. Além disso, nem os Estados Unidos nem o Japão sabiam ao certo quais eram as consequências da bomba atômica, nem para a cidade nem para a vida futura dos sobreviventes. Foi somente em 1947 que os Estados Unidos estabeleceram a *Atomic Bomb Casualty Commission*, com o objetivo de pesquisar os efeitos da radiação sobre os sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki. Mesmo assim, todos os experimentos realizados eram sigilosos, pois, mais do que colocar fim definitivo à guerra, os Estados Unidos pretendiam utilizar Hiroshima e Nagasaki como um ensaio, para verificar os efeitos dessa nova arma letal.

Os militares e a população em geral haviam sido doutrinados a acreditar que o Império Japonês era invencível, por isso jamais poderiam aceitar uma derrota tão avassaladora. No entanto, com a detonação das bombas, mesmo os mais obstinados não tiveram outra alternativa a não ser aceitar a rendição incondicional perante os Aliados, e enfrentar uma lenta recuperação do país após o término do conflito.

Enquanto as populações das outras regiões que sofreram bombardeios convencionais estavam conseguindo recuperar vidas normais e reconstruir suas cidades devastadas, nas cidades de Hiroshima e de Nagasaki havia uma população doente e marginalizada, em um nível assustador em relação às outras cidades. (MORITA, 2017, pp. 123-124)

Essa experiência de vida era algo que aproximava o jovem Morita e a sua futura esposa Ayako, pois ela compreendia seus sentimentos, assim como ele compreendia os dela. Essa conexão fez com que, cada vez mais, eles se afeiçoassem um pelo outro, até que Takashi decidiu pedi-la em casamento. Alguns anos mais tarde, e já com dois filhos

pequenos, eles emigraram para o Brasil, em 1956. Foi a dificuldade dos anos do pós-guerra e a decepção com o governo que não ajudava os sobreviventes da bomba que levou a família Morita a pensar em deixar o Japão e recomeçar uma nova vida em outro país.

Comecei a ficar desanimado com a situação e com o desamparo que nos encontrávamos. Haviam-se passado anos desde aquele fatídico 6 de agosto e ainda não ocorria nenhuma iniciativa por parte do governo japonês para auxiliar os sobreviventes. Sentia-me abandonado, como se tivéssemos cometido um crime e pagássemos por ele. Durante a guerra fomos leais ao império, trabalhamos pelos objetivos do país e, no entanto, quando mais precisávamos, havia nos virado as costas. Pensei se não era o momento de recomeçar em outro lugar, bem longe de qualquer lembrança relacionada à bomba atômica. (MORITA, 2017, p. 97)

Por isso, quando apareceu uma oportunidade real de partir para o Brasil, o Sr. Morita começou a pensar seriamente nessa possibilidade de emigração, como ele conta em detalhes no seu livro:

[...] recebi na relojoaria a visita de um simpático casal, o senhor e a senhora Setai. Era um casal de idosos que há algum tempo emigrara para o Brasil. Quando receberam a notícia de que o Japão havia perdido a guerra, não puderam acreditar, venderam tudo e voltaram ao país. Eles eram do grupo dos *Kachigumi*, aqueles que acreditavam que a derrota na guerra era uma farsa inventada pelos norte-americanos. No território japonês, entretanto, a derrota era muito evidente. Vendo o caos que assolava o país, o casal Setai não pôde continuar negando a realidade. Decidiram retornar ao Brasil, que, na mente deles, era o paraíso que tinham deixado para trás. (MORITA, 2017, p. 97)

A decisão não foi nada fácil; além disso, não dependia somente de sua própria vontade, mas também da de sua esposa Ayako. Quando Takashi começou, de fato, a considerar a viagem para o Brasil, ela se mostrou muito receosa. Perguntou para o marido por que não tentar a vida nos Estados Unidos, pois seus irmãos permaneceram lá após o término da guerra. Mas naquele momento isso não era possível, por causa de sua condição de ex-policia militar que não lhe permitia pisar em solo norte-americano (MORITA, 2017, 98).

Outro fator que influenciou na decisão de Takashi Morita de partir para o Brasil foi a Guerra da Coreia (1950-1953). Para quem tinha vivido o trauma da Segunda Guerra Mundial e da bomba atômica na cidade de Hiroshima, era assustador pensar que o Japão pudesse se envolver em um novo conflito internacional, agora ao lado dos norte-americanos. Por outro lado, havia um estímulo do governo para a emigração, com

propaganda sobre as vantagens oferecidas pelo Brasil. Assim, emigrar para o Brasil tornou-se um fato muito comum para os japoneses naquela época, principalmente, para aquelas famílias que voltaram da Manchúria e, também, para aquelas famílias que perderam suas casas nas grandes cidades.

[...] estava convicto de que era a escolha certa. Quanto mais pensava, mais tinha certeza: tanto na sede da província quanto na prefeitura de Hiroshima havia diversos cartazes incentivando a imigração para o Brasil, em virtude de um acordo entre os governos dos dois países. As imagens dos pôsteres mostravam um bonito país a ser descoberto. (MORITA, 2017, p. 100)

Nessa época, o governo financiava a emigração, mas o Sr. Morita comprou as passagens com recursos próprios. Como havia adquirido passagens para a família inteira, uma vez que vendeu a loja e os imóveis, podia escolher para onde desejava ir e, por indicação do senhor Settai⁹⁰, somada às promessas de uma grande metrópole em formação, seguiram para São Paulo.

Quando finalmente eles embarcaram para o Brasil, no início de 1956, o objetivo era retornar em dez anos para o Japão, assim como seus pais fizeram após viver nos Estados Unidos. No entanto, mais uma vez, o futuro reservava outros desígnios para a família Morita, e o casal só voltaria a Hiroshima muitos anos depois, em 1984. Nesse meio tempo, tiveram que enfrentar muitos desafios e aprender variadas coisas novas, inclusive uma língua totalmente diferente da que falavam.

Assim como a maioria daqueles que seguiam viagem, eu e minha família não sabíamos nada sobre a cultura do país em que iríamos morar. Após uma semana de preparação em Kobe, embarcamos a 2 de fevereiro no navio Burajiru-Marú, sem saber uma palavra de português. Nessa nova aventura, certamente teríamos muitos desafios a superar, mas, depois de sobreviver à bomba atômica, sentia-me forte o suficiente para enfrentar o que quer que fosse. (MORITA, 2017, p. 102)

Diversos japoneses que emigraram para outros países após o término da Segunda Guerra Mundial foram encorajados pelo próprio governo a fazê-lo, numa campanha enganadora em favor da busca de um futuro melhor no exterior.

⁹⁰ O casal Settai era idoso e emigrou para o Brasil antes da Segunda Mundial, quando recebeu a notícia de que o Japão havia perdido a guerra. Não podiam acreditar naquilo, por isso decidiram vender tudo que tinham e voltar para o Japão. O Sr. Settai era do grupo de *Kachigumi*, que não acreditava na derrota do Japão na guerra. Julgava ser uma farsa inventada pelos norte-americanos. Mas vendo a situação real, o caos que assolava o Japão naquele período, não conseguiu mais negar a realidade.

Se no Japão o Sr. Morita sofreu consequências diretas dos fatos históricos, aqui no Brasil podemos dizer que ele fez história. Insatisfeito com a situação dos sobreviventes na bomba atômica, primeiro no Japão e depois no Brasil, ele fundou, em 1984, uma associação em defesa dos direitos dos *Hibakushas*⁹¹.

Em 1984, eu estava prestes a começar uma batalha árdua: trazer aos *hibakushas* residentes no Brasil os benefícios que o governo japonês prestava aos que residiam em território nipônico. Afinal de contas, todos nós fomos vítimas da mesma tragédia, todos nós sobrevivemos às bombas atômicas de Hiroshima ou de Nagasaki. (MORITA, 2017, p. 123)

A partir de 1957, teve início o levantamento dos sobreviventes das bombas atômicas. Eram considerados *hibakushas* aqueles que estavam na cidade de Hiroshima entre os dias 6 e 9 de agosto de 1945 num determinado perímetro urbano e aqueles que entraram nesses locais no período de duas semanas.

Passada uma década, a população desses locais sofria de doenças peculiares e em número significativo, sendo alvo de estudos da equipe norte-americana da ABCC. Diante desse quadro, o governo japonês foi forçado a admitir que os *hibakushas* precisavam de auxílio governamental. (MORITA, 2017, p. 124)

Com o passar dos anos, a assistência aos *hibakushas* foi melhorada. Infelizmente, contudo, o auxílio sempre foi limitado aos que residiam em território japonês. Muitos pensavam e diziam abertamente que, ao sair do Japão, essas pessoas tinham abandonado o país, perdendo, assim, seus direitos como cidadãos plenos. Esse preconceito persistente existia até mesmo entre profissionais da área da saúde. Mas o Sr. Morita conseguiu se aproximar dessas pessoas e ganhar a confiança delas.

O primeiro passo seria identificar os *hibakushas* residentes no Brasil. Era preciso que eles viessem até nós, mas como fazer isso? A solução que encontramos foi publicar anúncios em jornais japoneses, e logo a iniciativa começou a surtir efeito, e muitas pessoas vieram nos procurar. (MORITA, 2017, p. 127)

Após diversas atividades, foi fundada, em 15 de julho de 1984, a *Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica no Brasil*. Em setembro do mesmo ano, esta associação já somava setenta membros, e o Sr. Morita e sua esposa, a Sra. Ayako, partiram para o

⁹¹ Esse termo denomina as vítimas sobreviventes das bombas atômicas, as quais levaram consigo, além do estigma e preconceito, as sequelas da forte radiação recebida.

Japão para realizar a primeira missão da associação em Hiroshima. Essa viagem, que foi inteiramente financiada com recursos próprios e com a ajuda dos filhos, além dos objetivos práticos, tinha também um significado afetivo muito forte para eles.

Havia 28 anos que tínhamos deixado nossa amada cidade, na época ainda com muitas lembranças da bomba atômica. Foi emocionante voltar a Hiroshima e ver o quanto a cidade estava mudada e bonita. Meu coração se encheu de alegria quando vi que Hiroshima havia recuperado toda a vida que a bomba atômica lhe havia tirado. (MORITA, 2017, p. 136)

Durante a permanência de três meses em sua terra natal, eles lutaram para obter suas carteiras de sobreviventes e tentaram divulgar a associação para conseguir algum tipo de auxílio. Foram a diversos órgãos oficiais, nos quais recebiam sempre a mesma resposta: eles tinham deixado seu país, portanto não podiam mais esperar qualquer auxílio do Japão. A sugestão era de que buscassem o governo brasileiro, que deveria ajudá-los. Podemos imaginar a indignação do casal diante dessa resposta, ainda que tentassem dizer que eram japoneses, e não brasileiros, de nada adiantava.

Durante nossa permanência de três meses, lutamos para obter nossas carteiras de sobrevivente e tentamos divulgar a nossa associação para conseguir algum tipo de auxílio. Fomos a diversos órgãos oficiais, nos quais recebíamos sempre a mesma resposta: “Vocês deixaram seu país natal, portanto não podem mais esperar o auxílio do Japão. Sugiro que recorram ao governo brasileiro, ele que deve ajudá-los!”. Vocês podem imaginar a nossa indignação diante dessa resposta. Ainda tentávamos dizer que éramos japoneses, não brasileiros; mas não adiantava. Era muito frustrante ver o descaso dos órgãos governamentais japoneses, que se recusavam a nos reconhecer como cidadãos japoneses. (MORITA, 2017, p. 130)

Felizmente, antes de retornarem sem nada ter para dizer aos *hibakushas* residentes no Brasil, o Sr. Tooro Tamura, conselheiro da associação, conseguiu agendar por meio de um parente, que era um político japonês bem relacionado, um encontro no Ministério do Exterior. O objetivo era solicitar a visita de uma comissão de médicos japoneses para que os sobreviventes que viviam no Brasil fossem examinados periodicamente, conforme já ocorria com aqueles que migraram para os Estados Unidos.

Em janeiro de 1985, dois meses após a petição feita por eles, o ministro do Exterior do Japão, Shintaro Abe – pai do futuro primeiro-ministro japonês Shinzo Abe – divulgou a informação de que uma comissão de médicos faria uma visita para atender os

sobreviventes da bomba atômica residentes na América Latina, e a cidade de São Paulo foi incluída nesse roteiro.

A primeira comitiva dos médicos japoneses estava chegando. A quantidade significativa de sobreviventes possibilitou ao governo japonês montar uma comitiva composta de médicos e diversos agentes do governo para a realização de consultas e pesquisas em São Paulo. [...] desde então, a cada dois anos, uma delegação médica do Japão vem ao Brasil para assistir o estado de saúde dos sobreviventes da bomba atômica [...] (MORITA, 2017, p. 132)

As consultas e visitas da delegação japonesa continuaram a ser feitas, porém ainda não havia tratamento disponível ou qualquer compensação financeira fornecida pelo governo japonês. Por isso, a delegação começou a receber muitas críticas, pois as consultas eram muito curtas e nenhum tratamento era oferecido. Afinal, para que as consultas se não disponibilizavam o tratamento? Na verdade, o tratamento só era possível para aqueles que se dispunham a ir até o Japão. Embora o governo japonês custeasse a viagem, muitos não tinham condição física para viajar. Portanto, não restava qualquer alternativa, senão processar o governo japonês. Foi o que fizeram.

Após uma série de causas ganhas nos tribunais, a situação veio a melhorar gradativamente. O auxílio financeiro só foi conquistado em 2005 e, desde então, o Sr. Morita e todos os outros membros da Associação receberam um auxílio financeiro para tratar da própria saúde. A quantia não era grande, mas representava para eles uma grande vitória; finalmente o Governo japonês havia reconhecido sua culpa e a necessidade de compensar todos aqueles que sofreram um dos piores ataques já feito contra civis em tempo de guerra⁹².

Na década de 1990, a convite do governo japonês, a associação intermediou a ida de médicos brasileiros para estagiar em Hiroshima e Nagasaki. Nesse estágio, os médicos que foram para o Japão entraram em contato com as últimas pesquisas na área das doenças causadas pela radiação, no Centro de Estudos da ABCC, então administrado por japoneses e norte-americanos. Esse intercâmbio se manteve regularmente. A cada ano eram escolhidos cerca de quatro profissionais da área médica para participar desse projeto. Nesse mesmo cenário, em 2008, ano em que se comemorou o centenário da

⁹² Em junho de 2015, o Sr. Morita recebeu o título de Cidadão Paulistano, na Câmara Municipal de São Paulo, graças à iniciativa do vereador Toninho Vespoli (PSOL-SP). Ele ficou muito emocionado com a homenagem recebida da cidade, que, em março de 1956, acolheu sua família.

imigração japonesa no Brasil, por iniciativa da associação e do Hospital Santa Cruz, foi assinado um acordo de irmandade com a Associação Paulista de Medicina⁹³.

O Hospital Santa Cruz e a Beneficência Nipo-Brasileira em São Paulo costumavam fazer *check-up* regulares de sobreviventes da Bomba Atômica. De acordo com a nova parceria firmada com o governo japonês, em março de 2019, o tratamento médico, após o *check-up*, também passava a ser custeado pelo Japão, para promover e acompanhar a saúde desses pacientes nesses dois hospitais.

Após 10 anos do término da Segunda Guerra Mundial, a busca e o cadastro dos sobreviventes das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki teve início, já que houve o reconhecimento por parte das autoridades japonesas das inúmeras consequências negativas que a radiação atômica provocava às pessoas que haviam sido expostas. Iniciou-se, portanto, o acompanhamento médico em centros especiais no Japão, o qual foi autorizado a ser feito pelo Hospital Santa Cruz desde 2004, devido à dificuldade dos pacientes enfrentarem longas viagens até o Japão para realização do acompanhamento de saúde.⁹⁴

Figura 21 – Junko Watanabe, Yasuko Saito e Takashi Morita. Foto: Marcos Santos.



Fonte: USP Imagens.⁹⁵

⁹³ Os *hibakushas* – sobreviventes das bombas de Hiroshima e Nagasaki – realizaram o *check-up* anual no HSC pelo 15º ano, em parceria com a Associação das Vítimas da Bomba Atômica no Brasil e com subsídio do governo japonês. Saúde Business. Disponível em:

<https://saudebusiness.com/voce-informa/hospital-santa-cruz-faz-check-up-de-vitimas-da-bomba-atmica/>
Acesso em: 15/12/2022

⁹⁴Hospital Santa Cruz faz *check-up* de vítimas da Bomba Atômica. Saúde Business.

<https://saudebusiness.com/voce-informa/hospital-santa-cruz-faz-check-up-de-vitimas-da-bomba-atmica/>
Acesso em: 28/11/2019.

⁹⁵ Disponível em: http://imagens.usp.br/?attachment_id=17963 Acesso em: 02/12/2022

Os filhos do casal Morita integraram-se à sociedade paulistana. A filha Yasuko (Figura 21) veio a estudar História na USP e ganhou uma bolsa de estudos para estudar no Japão. Tetsuji estudou Arquitetura. O Sr. Morita tem um neto de terceira geração (sansei), hoje nos seus 20 anos, filho de Yasuko, que vive no Japão. Ele foi para lá como bolsista, mas resolveu ficar definitivamente naquele país como imigrante brasileiro.

O Sr. Morita retornou ao Japão diversas vezes, principalmente para resolver questões relacionadas com as vítimas da bomba de Hiroshima. No entanto, faz mais de 10 anos de sua última viagem e ele acha a vida moderna no Japão atual muito agitada, argumento que usa para afirmar que não pretende retornar para lá. Yasuko Saito observa que, na ocasião dos ataques, não se sabia nada sobre os efeitos da radiação, e muitas vítimas sofreram com a desinformação e o preconceito.

Por 10 anos depois da guerra as vítimas da bomba atômica foram tratadas como vítimas normais de um evento normal da guerra. Antes do preconceito, eles tinham problemas de saúde que ninguém sabia o que era, principalmente as pessoas que não estavam no local, mas que entraram na cidade dentro de um espaço de tempo que se contaminaram com a radiação. Eles não tinham nada de ferimentos aparentes, só que começavam a ficar muito doentes, e era uma doença que ninguém conhecia.⁹⁶

Em 2019, o Sr. Morita estreou a peça de teatro intitulada *Os três sobreviventes de Hiroshima*⁹⁷. Os protagonistas do relato, além do Sr. Morita, eram outros dois sobreviventes da bomba, Junko Watanabe e Kunihiko Bonkorara (Figuras 22 e 23). A peça narra os acontecimentos de modo documental, com depoimentos baseados nas próprias lembranças das vítimas. Como imigrantes vindos no Pós-guerra, eles revelam o que aconteceu naquela tarde, sob o crivo de suas perspectivas e vivências. O cenário apresenta imagens chocantes dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki.

São contados os momentos da explosão nuclear à poucos metros de distância da bomba, os dias seguintes à tragédia e a imigração para o Brasil. A peça reconstrói a história do militar Takashi Morita (atualmente com 95 anos - na época com 21 anos) e dos civis Kunihiko Bonkohara e Junko Watanabe (com 5 e 2 anos respectivamente à época) que estavam em Hiroshima no dia do bombardeio. Fotos originais e canções da época executadas pelos sobreviventes compõem o clima da apresentação. O texto, ainda que trate de uma tragédia, leva uma

⁹⁶ Yasuko Saito (entrevista). Sobreviventes das bombas dos EUA sobre Hiroshima e Nagasaki lembram o agosto de 1945. Sputnik Brasil, 10/08/2015. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/20150810/1820182.html> Acesso em: 26/03/2023

⁹⁷ Diário do Litoral: disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/sobreviventes-de-hiroshima-protagonizam-peca-teatral/128175/>. Disponível em: 21/08/2019.

reflexão sobre a paz com uma mensagem forte de resiliência, perdão e superação.⁹⁸

Figura 22 – Cena da peça *Três Sobrevivente de Hiroshima*, Santos, 2019.



Fonte: O Globo – globo.com⁹⁹

A frase "Não queremos bomba atômica, queremos paz" é uma das falas da sobrevivente da tragédia, Junko Watanabe. Naquela manhã do dia 6 de agosto de 1945, ela tinha apenas dois anos de idade e brincava em uma vila a 18 km de Hiroshima. Ela se recorda de observar diversos papéis ao vento, muitos deles com aspecto queimado e, após isso, apenas escuridão.

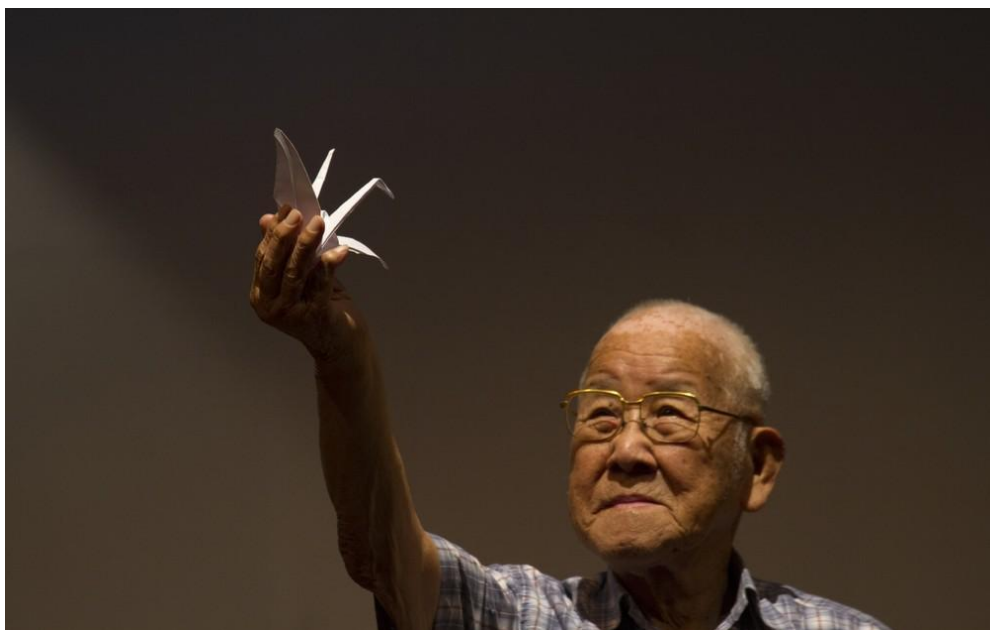
O diretor da peça *Os Três Sobreviventes de Hiroshima*, Rogério Nagai, também é descendente de japoneses. Graduado em Ciências da Computação pela Universidade Santa Cecília, aproximou-se do teatro ao fazer parte do Teatro experimental de pesquisas - TEP, um dos grupos mais antigos em atividade no município de Santos. Contemplados por uma lei de incentivo à cultura da região que tinha como objetivo produzir espetáculos teatrais que envolvessem a imigração japonesa, o dramaturgo optou por estudar o incidente ocorrido no final da Segunda Guerra Mundial, responsável por dizimar pelo

⁹⁸ Virada Sustentável – Teatro. Disponível em: <https://www.viradasustentavel.org.br/teatro> Acesso em: 26/12/2022

⁹⁹ Peça com sobreviventes de Hiroshima traz relatos impactantes. **O Globo - Rio Show**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rioshow/peca-com-sobreviventes-de-hiroshima-traz-relatos-impactantes-24057164> Acesso em: 15/12/2022

menos 140 mil pessoas. Neto de uma japonesa natural de Hiroshima, Rogério Nagai tinha como proposta colher depoimentos de filhos e netos de imigrantes japoneses. Para sua surpresa, ao entrar em contato com a *Associação Hibakusha Brasil pela Paz*, descobriu haver 116 pessoas que se adequavam ao perfil.

Figura 23 – Takashi Morita, *Três Sobreviventes de Hiroshima*, Virada Sustentável, Teatro Sérgio Cardoso, São Paulo, 2019.



Fonte: G1-Globo, foto: Bianca Brito.¹⁰⁰

Durante a peça, Takashi Morita exhibe a figura do *origami-tsuru*, uma cegonha, que remete a uma simbologia de esperança na longevidade, conforme tradições culturais japonesas. Essa família foi a última com que tive contato antes que a Covid19 chegasse ao Brasil. A partir dali, tal como ocorrera com Junko Watanabe no episódio da bomba atômica, eu passei a ver uma grande escuridão à minha frente. Quando a cidade parou, vi-me isolada da família, dos amigos, do mundo lá fora. Com a vida estagnada, somente o Altar Sagrado e as várias caixas empilhadas em minha sala, fechadas desde minha última mudança, faziam-me companhia. Ao abri-las um novo mundo – ainda que antigo e íntimo – passou a cochichar frequentemente que a história de tantos imigrantes também estava nas lembranças de minha própria vida.

¹⁰⁰ Rui do Amaral. Sobreviventes de Hiroshima relatam em peça luta pela vida após bomba: Vi o inferno. G1- Campinas e Região, 01/06/2019. <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/06/01/sobreviventes-de-hiroshima-relatam-em-peca-luta-pela-vida-apos-bomba-vi-o-inferno.ghtml>

CAPÍTULO IV

Língua de Herança e bilinguismo: uma reconstrução memorável

*Estava habituado a pensar
que existisse em outro lugar,
mas agora vejo o Mandala
como a minha própria alma.*
(Nissen Shounin - V. 3095)

Este último capítulo é uma experiência retrógrada que vivenciei a partir da reconstituição de minhas recordações e de meu ponto de vista. A autoetnografia é a referência metodológica, portanto busco ser tão fiel aos fatos quanto a memória e uma vasta documentação permitem. Tal como constatei na trajetória da família Morita, meus pais, meus irmãos e eu chegamos ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Apesar de ter percorrido trajetórias diferentes, nossas histórias se entrecruzaram em Tóquio e em São Paulo, em diversos momentos. Minha família desembarcou em Belém do Pará e, tempos depois, seguimos para São Paulo, enquanto a família Morita veio direto para a Capital paulista. Anos mais tarde, eu e a filha do casal, Yasuko, encontramos-nos no Japão, ela com uma bolsa de estudos da Província de Hiroshima e eu com uma da Prefeitura de Tóquio. Takashi Morita voltou ao Japão para reivindicar os direitos dos sobreviventes da bomba atômica, residentes no Brasil (*hibakushas*). Enquanto, meu filho Ernesto Akito, médico radiologista do Hospital Nipo-brasileiro, foi enviado ao Japão para realizar um estágio sobre as consequências da radioatividade nos corpos dos sobreviventes da bomba. Destaco os assuntos relacionados ao bilinguismo, à aprendizagem e à manutenção da Língua de Herança. São narrativas sobre uma menina que chegou ao Brasil com dez anos, teve dificuldade em aprender o português, mas se recusou a esquecer o japonês, sua materna que se tornou, paulatinamente, sua Língua de Herança, que deixou aos filhos e tem como meta deixar aos netos. O respeito ao povo brasileiro, a suas crenças e costumes, mas convive na intimidade com a religião do *Budismo Primordial Honmon Butsuryu-shu*, introduzida aos filhos por minha mãe. As fotografias servem como ancoragem da memória, os fatos mais marcantes trazem o local e a data completa, os demais apenas sinalizam o local e o ano.

4.1 Infância

Naquela tarde de princípios de março de 1955, as famílias dos imigrantes se despediam de parentes e amigos no Porto de Kôbe e embarcavam no navio Amerika Maru. Uns 30 ou 40 minutos depois, os marinheiros começaram a retirar a gigantesca escada que dava acesso ao convés. O navio iria atravessar dois largos oceanos, o Pacífico e o Atlântico, e por isso deveria estar muito bem equipado. Meus dois tios maternos estavam bastante tristes, assim como todos os outros que estavam no cais pareciam melancólicos, porque estavam se despedindo dos entes queridos que partiam para uma terra distante, talvez para nunca mais voltar. Mas os imigrantes que tinham recebido instruções oferecidas pelo governo japonês e assistiram a um filme que mostrava a beleza do lugar onde iam trabalhar estavam confiantes e alegres, pensando num futuro promissor.

O irmão mais velho da minha mãe, Masakichi Kato, desejava acompanhar a família e partir juntamente ao Brasil, mas a minha avó, *obaachan*, implorou para que ele não fosse embora e ficasse com ela no Japão, para cuidar dela na velhice. Ele acabou cedendo ao pedido da velha senhora e desistiu da viagem. Os dois tios eram muito carinhosos e costumavam brincar comigo, a irmãzinha e o irmãozinho. Sempre saíamos para fazer passeios pelas redondezas da casa.

Tocaram os tambores¹⁰¹, era chegada a hora da partida do navio, os passageiros estavam animados com a viagem, sorriam para esconder a tristeza no momento da despedida. Aqueles que estavam no cais atiravam serpentinas para os parentes e amigos, assim como os que estavam partindo também faziam o mesmo, atirando serpentinas em direção aos parentes e amigos parados no cais. Momentos depois, o navio deu sucessivos apitos e começou a se afastar devagarinho do porto, enquanto as serpentinas iam arrebentando e desapareciam ao cair no mar.

Eu tinha dez anos de idade naquela ocasião e, ao ver as serpentinas caídas no mar e perceber que o navio ia deixando o porto de Kobe, sentia que estava me afastando definitivamente do Japão, onde nasci e cresci. Eu olhava o arquipélago japonês que ia diminuindo de tamanho ao longe, tornando-se cada vez menor, até que ficou apenas um pontinho no horizonte. Eu pensei comigo mesma: “estou me separando da minha terra,

¹⁰¹ Tambores eram tocados durante as guerras internas no Japão para animar os guerreiros e avançar, corajosamente, contra inimigos.

parentes, professores e amigos que lá deixei e não sei nada sobre o novo país onde viverei, **terei que aprender uma nova língua** e novos hábitos, mas também **não queria esquecer minha língua materna, nem a cultura e os costumes do meu país**". Com lágrimas nos olhos, prometi para mim mesma: "jamais esquecerei a língua do meu país", pois, assim, eu teria algum laço com o Japão. Resolvi escrever um diário na língua que eu sabia, e ler livros japoneses para que nunca esquecesse, apesar de que adquiriria outros conhecimentos, na nova terra, onde viveria. Naquele momento, senti que estava sozinha a bordo do imenso navio, apesar de estar acompanhada de meus pais e irmãos, além de todos aqueles imigrantes que compartilhavam a mesma sorte. Mas naquele instante nada mais importava, pois estava muito concentrada nos meus próprios pensamentos e refletindo sobre o juramento que acabava de fazer a mim mesma.¹⁰²

Minhas irmãs, meus pais e os outros imigrantes deixaram o convés para conhecer os outros compartimentos do navio, principalmente, o restaurante, as pequenas lojas e, por último, as cabines. Sobre a cama de cada passageiro havia uma bolsinha de brinde, contendo escova de dente, creme dental e sabonete ao lado da toalha de banho. Esse era o presente de despedida que o governo japonês havia oferecido aos imigrantes por ocasião da viagem.

Antes do jantar, retirei um caderno da minha mochila e comecei a escrever a primeira página do meu diário, relatando sobre a despedida dos tios e da terra natal. Li as cartas das colegas de classe que escreveram em despedida. Uma delas dizia: "Logo virá a primavera e nós estaremos no 5º ano do curso fundamental, e você vai nos deixar e vai a um país muito longe...". De fato, para a visão da época, a imagem do Brasil era apenas de um país muito distante do Japão. Eu era representante de classe, por ter um caráter firme e ser bondosa com os colegas¹⁰³, tendo ainda sido eleita para ser tesoureira da classe, porque era boa em matemática e capaz de controlar e guardar o dinheiro que os alunos depositavam na caixinha, a fim de que essa quantia fosse usada, posteriormente, nas duas excursões que a escola promovia na primavera e no outono. Na época, o Japão tinha famílias pobres e, quando chegava o tempo da excursão, alguns pais não podiam custear as despesas. Para que todos os alunos pudessem participar, a ideia era guardar uma parte da mesada que as crianças recebiam dos pais para comprar os lanches para todos.

¹⁰² Esse forte sentimento motivou-me a manter a Língua de Herança que recebi de meus pais.

¹⁰³ O representante de classe era escolhido pelos colegas através de votação.

Prosseguindo na lembrança, quando ingressei no primeiro ano do curso fundamental, no final da aula do primeiro dia, o professor não pediu nenhuma lição de casa, mas falou: “Formem grupos de cinco pessoas para voltarem para casa. Quando estiverem no meio do caminho, colem pregos encontrados na rua e em terrenos vazios das fábricas destruídas; colem outros objetos de cobre que acharem e amanhã tragam para a sala de aula para serem reciclados”¹⁰⁴. Apesar de o professor pedir tais tarefas, a escola era bem equipada com um órgão na sala de aula para as lições de canto do primeiro ano; e havia também um piano no auditório, que ficava no palco para apresentações artísticas de canto, dança e teatro. Havia também uma piscina para aulas de educação física que, nas férias de verão, podia ser usada para fins recreativos. Jamais esqueci essas ideias de solidariedade e respeito ao meio ambiente que aprendi naqueles primeiros anos escolares no Japão, trazendo-as comigo para a nova pátria.

4.1.1 Antecedentes da vinda para o Brasil¹⁰⁵

Meu pai nasceu na Província de Nagano, uma região montanhosa, havendo pouca terra para o cultivo de arroz, que é o principal alimento do povo japonês. No entanto, o local produzia uma planta chamada “*soba*” para preparar um tipo especial de macarrão. As terras somente eram herdadas pelo primogênito da família. O povo da região preocupava-se com a instrução dos filhos, para que eles tivessem variadas profissões, já que não podiam sobreviver com a agricultura. Assim, meu pai mudou-se para Tóquio quando era muito jovem, onde estudou e formou-se como engenheiro elétrico. Pelo sobrenome *Kondo*, pode-se afirmar que seria descendente da casta dos samurais¹⁰⁶.

A minha mãe, Hatsu Kato, nasceu em Tóquio, e sua família vivia nessa cidade há mais de três gerações; os seus antepassados também pertenciam à casta dos samurais. Nasceu em 1911 (45 anos após a Revolução Meiji de 1868). Quando ela tinha 12 anos, aconteceu um poderoso terremoto em Tóquio, destruindo uma parte das casas na cidade, uma vez que a maioria das casas era de madeira, que se queimou com o incêndio (1923).

¹⁰⁴ Os pais trabalhavam e não havia perigo no trânsito local, por isso os alunos iam à escola sozinhos. Os materiais recicláveis eram usados para a fabricação de pequenos objetos como canetas-tinteiro e carrinhos de brinquedo para exportação.

¹⁰⁵ Veja também a árvore genealógica das Famílias Kato, Kondo e Komatsu, na página 131 desta tese.

¹⁰⁶ O ideograma 藤 /*fúji*/ lê-se, também, /*tou*/ ou /*dou*/. A omissão de “u” final nos registros de sobrenomes como Kondo, Kato deve ter acontecido, pois é pronunciado com a vogal **u** fraco. A família com o ideograma /*fúji*/ era composta de descendentes do Clã de 藤原 /*Fujiwara*/, que pertencia à poderosa casta dos samurais.

Na ocasião, a filha mais velha da família foi em busca de leite materno para o bebê, irmãozinho, uma vez que a mãe sofrera uma doença contagiosa, devido à falta de higiene no meio da cidade destruída. Conta-se que foi uma experiência medonha que a marcou muito, mesmo assim cresceu bonita e corajosa. Quando tinha 19 anos, conheceu um engenheiro recém-formado e o pai consentiu o noivado em breve (Figura 24), porque o jovem ia alistar-se como soldado, e para que ele não fosse para o quartel com a insegurança de perder a pessoa amada. Naquele momento, o Japão fervia em nacionalismo e militarismo, e na época era obrigatório para os rapazes prestarem o serviço militar.

Figura 24 – Noivado de Akira Kondo com Hatsu Kato, em 1930.



Acervo pessoal.

Após meu pai prestar o serviço militar, os jovens se casaram e, logo, o engenheiro recebeu um convite para ir a Lima, Peru, a fim de construir uma fábrica de lâmpadas. Lá nasceu o primeiro filho que se chamou Antônio Tomoharu. Minha mãe contava que aquela foi uma época de paz e felicidade na vida dela¹⁰⁷. Permaneceram durante quatro anos no Peru, mas tiveram que voltar ao Japão, porque meu tio, irmão do meu pai, era

¹⁰⁷ Esse fato foi um dos principais motivos que fez com que, no futuro, a família Kondo desejasse morar em algum país da América do Sul, e acabaram escolhendo o Brasil.

solteiro e queria voltar ao Japão, a fim de casar-se com uma japonesa. Meu tio era técnico especializado na fabricação do bulbo, a parte externa da lâmpada. Sem esse dispositivo estar bem-feito, a lâmpada ficaria defeituosa.

O fato é que voltaram ao Japão no ano de 1935, pensando que, logo após o casamento do irmão de meu pai, eles retornariam à cidade de Lima. Entretanto, rumores da II Guerra Mundial impediram o retorno da família ao Peru. Meus pais construíram em Tóquio uma casa e montaram uma microempresa de fabricação de lâmpadas. Tudo indicava que a família iria reiniciar uma vida tranquila. No entanto, o meu pai foi convocado para o exército, não para atuar na linha de frente, mas como engenheiro, incumbido de construir uma Fábrica de Lâmpadas para o governo japonês na Manchúria, China, para serem usadas na região. A minha mãe passou a tomar conta da empresa da família, em Tóquio, e foi capaz de dirigir e mantê-la e até conseguir um lucro razoável com a empresa, numa época em que o fornecimento de matérias-primas era difícil para manter o negócio.¹⁰⁸

A Guerra do Pacífico foi iniciada em 07 de dezembro de 1941, com o ataque japonês a Pearl Harbor, no Hawai. A partir de então, o Japão teve que lutar contra os Estados Unidos, que já era uma potência mundial com muitos recursos, diferentemente do Japão. Os americanos que dominavam o mar e os ares iniciaram vários ataques às grandes cidades japonesas. No início de 1944, houve rumores de que os americanos iam bombardear as maiores cidades para destruir as fábricas, lojas e residências. A população que vivia nas cidades teve que fugir em busca de abrigo com parentes ou amigos nas províncias do interior, solicitando acolhimento, mas nem sempre era fácil, pois mesmo no interior a alimentação era escassa¹⁰⁹. Felizmente, meu pai tinha uma certa reserva de dinheiro e pude comprar uma casa na Província de Ibaraki, próxima a Tóquio.

¹⁰⁸ Minha mãe sempre relatava essa lembrança da época para as filhas e contou também ao primeiro neto nascido no Brasil, Edson Kazuo, formado na Odontologia da USP, e hoje já com 60 anos. Quando foi entrevistado para esta pesquisa, falou durante uma hora e meia em português, mas, quando relatou essa história da conversa com a avó, falou em japonês. Disse que a lembrança dela não era de uma mulher empresária, mas, sim, de uma avó boazinha. Lembrava-se de que, antes de sair de casa para negociar com os empresários, ela rezava no altar sagrado, conforme a tradição do budismo, para que tomasse a decisão correta nos negócios. Ela queria ensinar ao neto a força de sua crença budista da religião *Honmon Butsuryu-shu*.

¹⁰⁹ O arroz e a os alimentos mais nutritivos eram reservados para os soldados japoneses, que combatiam fora do país, no Sudeste Asiático.

4.1.2 A casa em que nasci e a religião Budista - *Honmon Butsuryu-shu*

Nasci na Província de Ibaraki, a cerca de 100 km a nordeste de Tóquio. Antes que começassem os bombardeios, minha mãe, grávida, e minhas duas irmãs foram morar na casa comprada, mas sem dar tempo de fazer qualquer reforma, enquanto meu pai permanecera em Tóquio cuidando da empresa. O meu irmão de 14 anos, havia se candidatado para ser *Tokkôtai*¹¹⁰ (kamikaze), mas, como era o único filho homem da família, o governo japonês não o aceitou. Então ele foi estudar telecomunicação, a fim de receber notícias da União Soviética durante a guerra, uma vez que esse país havia prometido não quebrar o pacto de não-agressão contra o Japão. Ele foi enviado para Hokkaidou, ao norte do Japão, uma região fria, próxima da Rússia.

O empreiteiro perguntava para a minha mãe se ela não tinha medo de ficar naquela casa sozinha com as crianças. Ela ficou cismada com a pergunta e quis saber o motivo. O homem então respondeu que “A casa que a senhora comprou é uma casa mal-assombrada que tem a fama de que, entre as pessoas que moram nela, sempre alguém morre, principalmente os recém-nascidos”. Então minha mãe começou a rezar diariamente no altar que havia trazido de Tóquio, pedindo que o bebê nascesse bem, assim como pela saúde do filho e do marido. Ela era uma budista fervorosa e dedicava-se a rezar como se isso fosse uma missão. Após terminar a reforma da casa, ela e as meninas frequentaram o Templo Kaiunji de Mito, uma cidade conhecida da Província de Ibaraki. Assim, em 16 de julho de 1944, nasceu uma menina de físico perfeito, mas de saúde muito frágil. Minha mãe continuou rezando para que a recém-nascida crescesse com um espírito forte, pois o Japão estava em meio à Guerra do Pacífico, e o povo japonês levava uma vida muito difícil.

Perto do final da guerra, a casa e a fábrica em Tóquio foram destruídas. A minha família mudou-se para a cidade de Taira na Província de Fukushima, a fim de construir uma microempresa no ramo de fabricação de lâmpadas, pois para essa atividade necessitava de gás natural de rua que não havia na vila, onde nasci. Não podia voltar a Tóquio, porque a cidade ainda se encontrava em reconstrução. Entretanto, em todo o país havia má condição de recebimento de matéria-prima. Para sua aquisição, tinha que se pagar uma propina aos fornecedores e, por ser de alto custo, a empresa acabou entrando

¹¹⁰ *Tokkôtai* pronuncia-se */tokkoutai/* surgiu no Japão no final da Segunda Guerra Mundial, significando o nome de um grupo militar, composto por pilotos jovens de 14 a 18 anos. Eram treinados a pilotar, munidos de bombas e atiravam-se contra o alvo que eram os navios americanos, para evitar que os inimigos avançassem sobre o território japonês.

em falência. Eu me lembro remotamente da pequena cidade onde vivi. Lá havia muitas flores de cerejeiras nos dois lados do rio. Naquela época eu tinha por volta de cinco anos e a única boa lembrança da cidade eram essas flores e o nascimento de uma irmãzinha e um irmãozinho.

Aumentada, a família retornou a Tóquio sem dinheiro para comprar uma outra casa e ficamos hospedados num quarto da casa da irmã mais velha do meu pai. Enquanto meu pai trabalhava dia e noite, de segunda a domingo, minha mãe estudava a técnica de massagem chamada *shiatsu* (terapia de massagem manual). Assim que a minha irmã mais velha Eiko de 13 anos voltava da escola, mamãe saía para trabalhar como massagista, enquanto a garota cuidava dos irmãozinhos menores. Eu ganhei da minha prima uma bonequinha, da qual cuidava bem e aprendi a dar valor aos objetos ganhos com carinho.

Numa manhã, ainda estava escuro, mas a neve refletia a pouca luz e permitia a visão do caminho, lembro-me bem, apesar de meus 6 anos. Andava de mãos dadas com a minha mãe caminhando para o Templo, onde íamos assistir ao culto. Meus pequenos pés calçados de *geta*¹¹¹ estavam completamente gelados; a mamãe tinha que economizar dinheiro e por isso não comprara botas para mim. Ficou a lembrança de sentir que os meus pés estavam gelados, mas a maior lembrança era da mão calorosa de minha mãe a me conduzir. Felizmente, no Templo, havia aquecedor e muita gente encontrava-se rezando; sentia-me, então, acolhida com aquele calor. Após as orações, era costume oferecer-se uma canja de arroz quente (*okayu*), que eu adorava. Nunca mais esqueci daquele sabor, durante toda a vida; quando me sentia mal, sempre tomava esse tipo de canja. Frequentei o Templo com minha mãe durante um mês e ganhei um certificado de boa praticante, por ser uma criança que rezava e se comportava bem, afinal nasci no seio da religião budista.

Após um ano, meu pai conseguiu construir uma casa de madeira¹¹², no bairro de Kameido, Tóquio. No andar de cima, havia os quartos e, no andar de baixo, uma sala, a copa, a cozinha e o banheiro, e mais um espaço para funcionar como local de trabalho, onde seria a microempresa de fabricação de lâmpadas. Desta vez, o foco era fabricar lâmpadas natalinas para exportação. Entrei no Curso Fundamental aos sete anos, quando

¹¹¹ *Geta* lê-se /gueta/ é sandália de madeira.

¹¹² Na época, a maioria das casas residenciais japonesas era construída de madeira, porque no Japão havia abundância de árvores nas montanhas, por isso era o material de construção mais barato.

aprendi a ler e escrever *hiragana*¹¹³, *katakana*¹¹⁴ e alguns ideogramas¹¹⁵, assim como o alfabeto latino¹¹⁶. Quando aprendi o alfabeto latino, já aos nove anos, observei a marca de “*made in USA*”, então perguntei para meu pai: “Por que está escrito *made in USA* e não *in Japan*?”. O pai respondeu: “Porque o Japão perdeu a Guerra e tornou-se uma colônia dos Estados Unidos”.

A vida dos japoneses era difícil após a guerra, principalmente para os soldados retornados que perderam seus empregos. Anteriormente, eles tinham emprego fixo, mas, ao receber a solicitação do governo para servir o exército, foram obrigados a aceitar já que era uma deferência familiar contribuir com o país, por isso a família e os amigos diziam “parabéns pela convocação”. Os que tinham saúde frágil e os deficientes não eram convocados, já que os selecionados se tornariam soldados do exército e seriam enviados para os países do Sudeste Asiático. Os homens de 18 a 45 anos saíram do Japão para lutar contra os inimigos, que eram americanos, ingleses e australianos, os chamados Aliados. Talvez isso tenha sido a estratégia do governo americano, para deixar crianças, mulheres e idosos no Japão. No final da guerra, quando o Exército e a Aeronáutica tinham poucos aviões e munições, começaram a recrutar os jovens de 14 a 18 anos para serem membros do *Tokkôtai*. Os jovens munidos de armas explosivas pilotavam um aviãozinho para lançar-se no navio americano, a fim de evitar que os soldados americanos entrassem no Japão. As primeiras batalhas aconteceram na ilha de Okinawa, de onde ouvem-se tristes histórias.

Quando os soldados voltaram da guerra, as empresas nas quais tinham trabalhado anteriormente estavam destruídas ou falidas. Então, tiveram que se sujeitar a trabalhar em qualquer serviço, como operários de serviço braçal, pois o governo japonês oferecia emprego como diarista na reconstrução das cidades destruídas.

Um dia, apareceu na empresa do meu pai um senhor recém-chegado da guerra que era viciado em ópio e por isso não conseguia emprego. Ele dizia ter usado a droga porque não aguentava as dores dos ferimentos. A minha mãe, que era religiosa, resolveu empregá-lo por compaixão, mas um dia ele ficou muito agitado e violento numa crise de

¹¹³ *Hiragana* é o alfabeto japonês usado para escrever as palavras por extenso, quando não se usa os ideogramas de origem chinesa.

¹¹⁴ *Katakana* é o alfabeto japonês, usado especialmente para escrever as palavras emprestadas do léxico de línguas estrangeiras.

¹¹⁵ Os **Ideogramas** podem ter várias leituras; no primeiro ano do curso fundamental aprende-se alguns ideogramas mais simples.

¹¹⁶ Aprendia-se também o alfabeto latino, *rômaji*, no terceiro ano do curso fundamental.

abstinência, precisando tomar o ópio. Minha mãe ficou sem saber o que fazer e teve que chamar a Polícia, a fim de levá-lo para alguma instituição adequada para o tratamento.

Um outro caso triste vivenciado foi com relação à mesadinha que eu recebia para adquirir o lanche para a parte de tarde. Eu gostava de assistir ao teatro de figuras de papel, feito por um homem que trazia uma caixa na garupa da bicicleta contendo salgadinhos e doces. A tampa da caixa servia como suporte para colocar cartolina de desenhos e ele contava a história de acordo com a figura. A história não terminava no mesmo dia, era sempre em capítulos e todos os dias tinha que assistir a continuação. Como ele vinha sempre no mesmo horário, era comum as crianças se juntarem, mas, para assistir ao teatrinho, tinham sempre que comprar algo. Eu comprava um dia e assistia no meio das crianças; já, no dia seguinte, não comprava nada e assistia afastada do grupo, somente ouvindo a história contada pelo homem. A parte do dinheiro que eu economizava era levada até a Estação de trem mais próxima da minha casa, onde dois soldados recém-chegados da guerra pediam esmolas: um não tinha braços e cantava; outro não tinha pernas, mas tinha braços e tocava o violão. Esse episódio ficou marcado em minha memória por muito tempo, e influenciou minha formação no futuro¹¹⁷.

4.1.3 Motivos para a emigração da Família Kondo para o Brasil

Meu irmãozinho Shinji foi hospitalizado com meningites por causa de uma complicação de sarampo. Ele tinha cinco anos e no mesmo quarto ficava outro menino com mesma idade e mesma doença. O pai desse menino contou a meus pais que, assim que o filho melhorasse da doença, iriam emigrar para o Brasil, porque havia sido retomada a relação entre o Japão e o Brasil, em 1953, e o Brasil passou a receber novamente imigrantes japoneses. Ele explicou detalhadamente como devia preparar a documentação e aonde deveria dirigir-se, caso se interessasse a emigrar ao Brasil. O menino desse senhor morreu e logo depois Shinji também faleceu.

Meus pais ficaram muito tristes pela morte do filho e culparam a Guerra, que trouxe tantas consequências sérias para a população, causando má alimentação e o surto de doenças contagiosas. Havia também uma nova guerra na região, pois a Coreia estava

¹¹⁷ Pelo fato de gostar de teatro e literatura resolvi estudar Letras: japonês e português, literaturas modernas e clássicas de ambas as línguas. Mais tarde estudei Direito e interessei-me no Direito Internacional Público, indagando os motivos das guerras e conflitos políticos e sociais.

dividida e havia um conflito entre o Norte e Sul¹¹⁸. Essa guerra coreana podia ser vista como uma ameaça ao Japão. Meu pai estava preocupado com a política e minha mãe continuava triste pela perda do filho. Lembrou-se, então, da vida tranquila e do período de paz que viveu em Lima, no Peru. Ambos desejavam sair do Japão e começar uma nova vida em algum país da América do Sul. Então venderam a casa e a microempresa. Apesar de o governo japonês pagar a viagem, os emigrantes deveriam levar certa importância até acertar a vida no novo país. Assim, os pais resolveram sair do Japão com o sonho de ter uma vida melhor no Brasil. O meu pai não esqueceu de levar os projetos necessários para a construção da fábrica de lâmpadas no Brasil¹¹⁹.

A minha irmã Yoko estava entusiasmada por causa de um filme a que assistira sobre a vida na Amazônia, no Pará, que mostrava a Fordlândia, próxima à cidade de Santarém, Estado do Pará, onde se pretendia criar um polo de produção industrial de borracha a partir da plantação de seringueiras. Viu também as casas brancas com a varanda cheia de flores, a igreja, a escola e o hospital. Porém, eu não me entusiasmava com a ideia da mudança, porque estava indo bem na escola fundamental e pensava “agora que o meu pai começou a ganhar dinheiro com a fábrica de lâmpadas... Ele fez um sacrifício para instalação...”. Além disso, o pai trabalhava o dia e noite, mas, quando entregava as lâmpadas para National Matsushita Denki¹²⁰, a empresa responsável pela exportação de produtos aos Estados Unidos, recebia uma importância boa e, na volta, passava no Restaurante de Sushi e tomava o saquê que gostava e voltava feliz, sempre trazia sushi para a esposa e filhos. E aos domingos levava as crianças para o cinema e assistia ao filme que ele gostava e que não era proibido para crianças. Ao sair do cinema, levava as crianças à sorveteria. E o irmão – que se candidatou para *tokkôtai* aos 14 anos já estava com 24 anos – cantava e dançava mambo e rumba com o primo que era muito divertido. Essa era uma vida calma e feliz para mim.

¹¹⁸ "Guerra de Libertação da Pátria", 25 de junho de 1950 – 27 de julho de 1953, foi um conflito armado e travado entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, no contexto macro da Guerra Fria. As Nações Unidas, com os Estados Unidos como sua principal força, vieram em ajuda aos sul-coreanos. A China, por sua vez, interveio em favor do norte, com a União Soviética lhes dando apoio logístico e político.

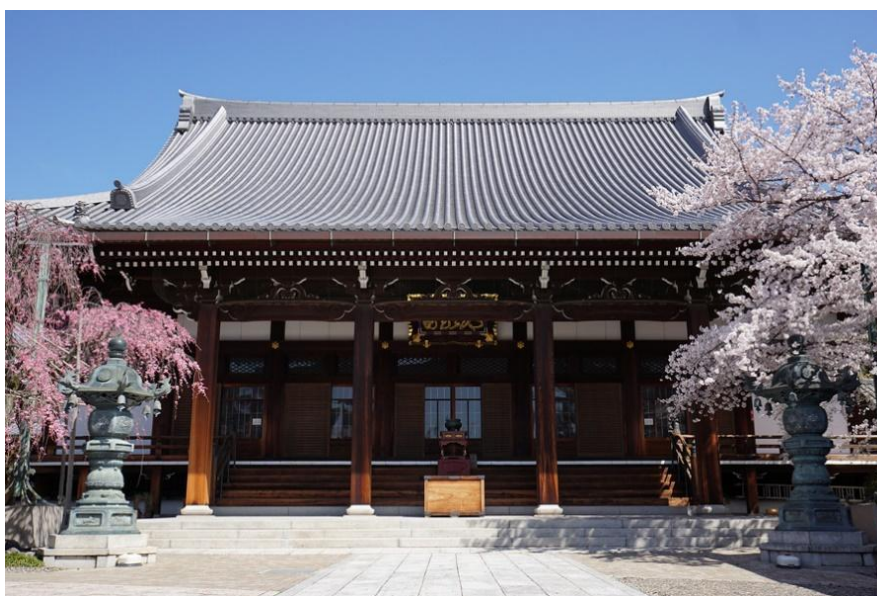
¹¹⁹ Ele decidiu emigrar com a família para o Brasil como agricultor, com contrato de um ano, após este período pensava abrir uma microempresa para fabricação de lâmpadas.

¹²⁰ National Matsushita Denki era o nome da atual Empresa Panasonic.

4.1.4 De Tóquio ao Kobe

Após vender a casa, a família começou a se preparar para a mudança. Devia partir da Estação de Trem Tóquio rumo à cidade de Kobe, onde havia um estabelecimento para os emigrantes receberem as instruções adequadas para a viagem. Era fevereiro de 1955. Na Estação, a família foi recebida pelos parentes e amigos que não podiam se despedir no Porto de Kobe. Meu pai planejou permanecer durante dois dias na antiga Capital do Japão, Kyoto, para mostrar as construções históricas para a família¹²¹. A minha mãe ficou feliz, porque no primeiro dia pela manhã ia visitar o Templo Matriz Yuuseiji¹²² e ela queria mostrar aquele maravilhoso templo para os filhos (Figura 25), além de aproveitar para pedir proteção e uma boa viagem e sorte no Brasil. O meu pai escolheu um dos melhores hotéis de estilo japônês, onde tinha um enorme *ofurô*¹²³ e pratos típicos japoneses. Ele sempre foi preocupado com a instrução dos filhos e queria deixar boas recordações da cultura japonesa.

Figura 25 – Templo Matriz Yuseiji, Kyoto, Japão.



Fonte: *Honmon Butsuryu-shu*¹²⁴

¹²¹ Minha irmã mais velha, Eiko, de 17 anos, conheceu a cidade de Kyoto, porque participou de uma excursão organizada pela escola, no último ano do Curso Fundamental.

¹²² Yuseiji, o Templo Matriz de *Honmon Butsuryu-shu*, é o templo mais antigo de todas as seitas do budismo Nitiren Daibossatsu, em Kyoto, na região de Kansai (metade sudoeste do Japão, incluindo Nara, Osaka, Kyoto e Kobe).

¹²³ Banheira de água quente, pequena piscina, onde poderia banhar-se toda a família, calmamente.

¹²⁴ *Honmon Butsuryu-shu*. Disponível em:

<https://ryosetsu.com/yuseiji-only-head-temple-and-central-training-center-of-hbs/> Acesso em: 04/01/2023

No estabelecimento de emigrantes, meus pais conheceram os companheiros de viagem. Havia engenheiros, arquitetos, professores e agricultores. Alguns emigrantes eram retornados da Manchúria, China, ou provenientes das Províncias de Hiroshima e Nagasaki, onde caíram as bombas atômicas, não sendo possível reconstruir suas casas. Meus pais fizeram amizade com a família de agricultores para receber as instruções sobre agricultura, uma vez que nunca haviam trabalhado nesse campo. Compraram os utensílios necessários para a agricultura numa loja que vendia tudo o que os emigrantes precisariam levar ao país de destino. Todas as famílias de emigrantes compraram um tambor de metal, onde poderiam colocar os objetos comprados e, depois de esvaziá-lo, serviria também como *ofurô*¹²⁵. Eu, com apenas dez anos de idade, como já tinha sido tesoureira da classe e controladora do dinheiro, fui ficando preocupada com os gastos feitos pelos meus pais, pensando se o dinheiro não acabaria antes mesmo de chegar ao Brasil. Pensava comigo se valia a pena a minha mãe comprar uma caixa de mexerica e uma lata de salgadinho japonês daqueles que ela gostava muito. “Esse último tudo bem, porque é durável, mas a mexerica poderia estragar durante a longa viagem”. No entanto, eu pensei... “Como a mamãe trabalhou muito durante e após a guerra e, afinal, quando viajou para o Peru tinha ido de navio de primeira classe, agora seria natural que estivesse desejando uma viagem com um pouco de luxo”.

4.1.5 A travessia do Oceano Pacífico

O navio partiu no princípio de março de 1955. Durante a viagem, as crianças continuavam a ter aulas na parte da manhã para não perderem a disciplina. Alguns dos professores e professoras eram apenas formados no curso médio ou universitário sem qualificação do Curso de Pedagogia, mas tudo funcionava bem. Havia um curso de português para adolescentes e adultos. Como esse curso era na parte da tarde, eu assistia ao curso de português também. O professor era um japonês que atuava como intérprete para acompanhar os emigrantes por ordem do governo japonês. Intuitivamente, eu percebia que o professor não era fluente em português, porque a maior parte da aula era em japonês, ensinava os silabários latinos, explicava a gramática e algumas sentenças. Para os japoneses que não sabiam nada, já era um bom começo da aprendizagem.

¹²⁵ O banho no *ofurô* é considerado uma terapia de relaxamento para os japoneses.

Organizaram no navio um concurso de “Miss America Maru” e a minha irmã mais velha, Eiko, de 17 anos, foi a vencedora. Quando o navio ia atravessar a linha do Equador, teve uma outra festa com desfile de fantasia e uma apresentação teatral. Nesta ocasião, Eiko apareceu como rainha e portava uma coroa dourada de papel. No desfile, meu irmão Antônio fez papel de um soldado japonês que andava ao lado de um mestiço que fazia o papel de mulher. Era filho de pai japonês e mãe russa branca, de olhos azuis¹²⁶. O título era “Se o Japão vencesse a Guerra...”, e meu irmão tinha um bigode falso que ora tirava, ora colocava de volta, numa interpretação bem divertida.

Foram necessários 3 dias para passar pelo Canal do Panamá. Lá, os emigrantes podiam descer do navio. Iam ao mercado comprar frutas. Meu pai trouxe um cacho de bananas, que, no Japão, era uma fruta rara naquela época, importada das Filipinas. Teve outra parada na Venezuela, e o navio levou quase quarenta dias para chegar finalmente ao Porto de Belém do Pará, no Brasil.

4.1.6 A chegada ao Brasil

No porto de Belém do Pará, havia famílias que prosseguiriam a viagem para São Paulo a bordo do mesmo navio. Mas a maioria dos imigrantes tinha que se despedir do navio America Maru e embarcar no pequeno navio de navegação fluvial no Rio Amazonas para ir ao destino Belterra, próximo à cidade de Santarém. A embarcação era movida a vapor, pela queima de madeira, por isso a cada dia tinha que parar em algum vilarejo das margens do Rio Amazonas para reabastecer; os emigrantes jovens desciam para ajudar a carregar as madeiras, muitos dos quais motivados pela curiosidade de conhecer o local. Um dia, colheram limões para fazer limonada, e foram procurar açúcar, mas não sabiam dizer isso aos tripulantes. Meu pai, que falava o espanhol, serviu de intérprete e pediu açúcar. Admirei o seu conhecimento e pensei: “como é importante saber outra língua além da materna”. Ao mesmo tempo pensei: “nunca esquecerei o japonês e aprenderei bem o português para servir de intérprete como papai”.

¹²⁶ A mãe desse rapaz deveria, possivelmente, ter fugido da Rússia para a China por ocasião da Revolução Russa, e lá conheceu um japonês com quem se casou, deveria ter vivido no Japão por um longo tempo, pois falava o japonês perfeitamente.

Houve um incidente; quando desembarcamos em Belterra, minha mãe estava se sentindo muito mal e foi internada no hospital local, onde foi diagnosticado que ela estava com uma espécie de “ameba”, uma doença que nós japoneses não conhecíamos. O hospital não permitia acompanhante, por isso foi sozinha, levando um livrinho de conversação em português com a tradução em japonês, mas não era um dicionário de português-japonês. A enfermeira, segundo minha mãe, perguntou algo que ela imaginava ser seu nome, mas, ao ouvir a palavra /*nomí*/, que, em japonês, significa ‘pulga’, optou por responder: “não tem”. A enfermeira, então, passou a chamá-la de Maria. Assim, minha mãe que era japonesa recebeu o nome de Maria, logo que chegou no Brasil. Isso é uma história que parece ser cômica, mas é verdadeira.

No local onde os imigrantes desembarcaram não havia aquelas casas de madeira pintadas de branco, tal como mostrado no filme em Kobe. O governo japonês havia mostrado as fotos de casas de Fordlândia, que foram construídas pelos americanos em outra época. Além de um pequeno hospital, havia uma igreja, mas a escola fundamental que lá existia, ia somente até o 4º ano¹²⁷. As casinhas eram cobertas de ramos de palmeiras, tudo muito simples.¹²⁸ Nessa nova terra, as crianças frequentavam a escola, mesmo não entendendo bem o português. A professora era muito atenciosa. Ali, ofereciam merenda escolar: um dia era sopa e outro dia comida típica paraense, de que eu não gostava, e a professora percebia isso. Antes de iniciar a aula, as crianças locais cantavam o hino nacional brasileiro.

Os imigrantes haviam vindo a Belterra para trabalhar na extração de látex da seringueira. Entretanto, havia pouco serviço, porque o látex estava se tornando desnecessário para a fabricação de borracha, uma vez que o petróleo o substituíra em vários setores de fabricação: borrachas, plásticos e demais produtos industriais. Um funcionário do governo japonês que acompanhou os imigrantes explicou a situação e sugeriu ir para a floresta da região de Monte Alegre, que, à época, era ainda uma floresta virgem a ser explorada. Seria uma vida difícil, mas, em recompensa, cada família receberia o terreno para a plantação. Os habitantes da região já tinham tomado conhecimento dessa situação dos imigrantes japoneses.

Naquela ocasião, machuquei a mão e minha irmã Eiko levou-me ao pequeno hospital que lá havia, onde fui atendida por um jovem médico. Após costurar alguns

¹²⁷ A obrigatoriedade da educação era até 4º ano primário, ou seja, atual curso fundamental I.

¹²⁸ Essa era a realidade enfrentada pelos imigrantes, muito diferente da propaganda, mas não se pode dizer que o governo japonês tinha agido de má fé, mas foi a maneira que usaram para atraí-los para a nova terra.

pontos no corte da mão, olhou para a Eiko e comentou que a família não devia ir para Monte Alegre. Ele falou bem devagarinho para as duas meninas japonesas que não entendiam bem o português. Olhou para a irmã mais velha com o ar preocupado e disse: “Naquela floresta, há muitos bichinhos que picam a pele, infecciona e deixa uma marca feia. Lá não tem médico nem hospital, e a menina precisa estudar, mas lá não há escola”.

A minha irmã e eu ficamos impressionadas e contamos sobre esse conselho do médico aos meus pais, assim que chegamos em casa. Então eles decidiram não ir à floresta de Monte Alegre. O meu pai conversou com duas famílias que vieram de Tóquio e com a família Yoshida, composta pela viúva russa, dois filhos mestiços e a esposa de um dos filhos. Todos decidiram ir à cidade de São Paulo. Entretanto, meu pai, respeitando o contrato que veio como imigrante agricultor durante um ano, resolveu ir à capital Belém do Pará, e dedicar-se como agricultor numa chácara próxima à cidade para trabalhar na plantação de hortaliças. Meu pai comunicou ao funcionário do governo japonês sua intenção de ir embora, então ele aconselhou que fôssemos de caminhão até a cidade de Santarém, lá procurasse a família Iida, que tinha tido êxito no comércio. Essa família poderia oferecer hospedagem e instruir como tomar a embarcação para Belém. Nossa família e a família Yoshida fomos então juntas no mesmo caminhão até Santarém. Durante a viagem, meu irmão Tomoharu e os filhos da viúva sentados no meio das bagagens, cantavam em japonês os vários tipos de canções para alegrar a viagem.

4.1.7 Parada na cidade de Santarém

O Sr. Iida e a sua esposa vieram do Japão muito jovens, antes da Segunda Guerra Mundial, conversavam em japonês com as famílias recém-chegadas. Entretanto, aos poucos, percebia-se que ele tinha mais facilidade de falar em português, uma vez que na cidade de Santarém não havia comunidade japonesa. Outro motivo era que, como comerciante do local, tinha que falar em português com os clientes. Sua mulher falava com maior facilidade a língua japonesa, mas de vez em quando misturava algumas palavras em português, conforme a situação, por exemplo, quando a filha mais nova, que não dominava a língua japonesa, estava presente. A senhora Iida contou à minha família que suas duas filhas maiores estudavam o Curso Normal em Belém para serem

professoras¹²⁹. Ela aconselhou minhas duas irmãs, Eiko e Yoko, que trabalhassem na feira perto do Mercado Municipal, que ficava perto do cais de Belém. Como ela conhecia bem a cidade de Belém, porque sempre ia visitar suas filhas, descreveu em detalhes como era Belém, a bonita capital do Pará. Era a empregada que preparava o almoço e a janta, mas de vez em quando a dona da casa fazia doces caseiros, bolo, pudim e gelatinas. Oferecia essas guloseimas para agradar aos hóspedes e assim ficávamos muito à vontade e felizes durante a permanência na casa do Sr. Iida. Ela era uma boa pessoa. Minha mãe, além de pagar pela hospedagem, deu um presentinho para ela, um belo leque japonês.

4.1.8 Chegada a Belém do Pará

Entre a cidade de Belém e a pequena cidade portuária de Icoracy, havia uma região chamada Tapaná, onde ficava a Casa de Migração. Nesse estabelecimento, permaneciam amazonenses e paraenses do interior que esperavam a embarcação para a região Sul, em busca de emprego ou de iniciar uma nova vida. A instituição também acolheu a minha família e a família Yoshida. O Superintendente da Casa de Migração chamava-se Dr. José, que era ainda jovem, e a sua esposa chamava-se Elizabeth e tinha um filho de seis anos com o nome de Sérgio. O menino gostou de mim e quando eu ia perto do casarão, onde ele morava, vinha correndo para brincar. Os pais do Sérgio aceitavam de bom grado essa amizade entre nós, embora não deixassem o seu filho brincar com as crianças amazonenses, nem com os paraenses do interior que estavam na Casa de Migração. Muitas vezes, a Dona Elizabeth convidava para tomar lanche em sua casa e oferecia bolo, tratava muito bem a nova amiguinha de seu filho.

Numa sexta-feira à tarde, uma jovem chamada Isabel, irmã mais nova do Sr. José, a qual trabalha na cidade de Belém e, no final de semana, vinha visitar o irmão, ficou me conhecendo. Ela trouxe uma cartilha e começou a me ensinar a ler e depois a escrever em português. Todas as sextas-feiras, havia aula de língua portuguesa, e, aos poucos, eu ia aprendendo a falar e a escrever o português do Brasil.

O Sr. José disse ao meu pai que havia duas famílias japonesas dedicadas à plantação de pimenta do reino e aconselhou procurar por eles para receber a orientação sobre como comprar um terreno no local. O senhor Kimura, chefe de uma dessas famílias,

¹²⁹ Naquela época, para ser professora do curso fundamental não era exigido que fosse formada na Faculdade de Educação.

era muito bem-intencionado e começou a ajudar no que foi preciso. Então, acharam um bom terreno com 100m de frente e 500 m de fundos, que era coberto por um bosque com alguns arbustos baixos. No início, os meus pais saíam bem cedo para desmatar, com a intenção de desmatar somente, 100m por 100m para plantação de hortaliças, mas para quem não está acostumado, esse tipo de trabalho demoraria muito e o Sr. Kimura aconselhou a contratar um trabalhador local para fazer esse serviço. Foi contratado um caboclo chamado Joaquim, que conhecia bem sobre a vegetação e não cortava as mudas de goiabeiras e mangueiras, deixando que crescessem e dessem frutos. Depois da derrubada do bosque, construiu-se uma casinha e furaram um poço, enquanto a família ainda permanecia na Casa de Migração. Essa permanência foi uma boa experiência para a aquisição da nova língua, pois eu brincava com o menino que falava o português e, no final de semana, aprendia a ler e a escrever com a Isabel. A secretária do Sr. José, chamada Beatriz, também vinha conversar comigo, assim ganhei simpatia por ela e um dia chegou a dizer que queria me adotar como filha, assim eu poderia frequentar a escola e não precisaria viver no meio da mata, mas minha mãe não aceitou essa proposta, porque um dia pretendia viver na cidade de São Paulo com toda a família.

Quando a casinha ficou pronta e nós íamos sair da Casa de Migração, o Sr. José deu para mim sementes de pimentão e de berinjela, recomendando que os colhessem quando crescessem, demonstrando com a forma com as duas palmas das mãos, pois os brasileiros gostam de comer recheados de carne moída e ia vender mais caro. Parecia que ele conhecia a diferença no modo de preparo da alimentação dos brasileiros e dos japoneses. Após alguns meses, levei pimentões e berinjelas bem grandes para o Sr. José, e a Dona Elizabeth ofereceu-me o almoço, depois deu-me queijo e goiabada de presente. Essa visita foi o último contato que tive com a bondosa família. Eu me lembro bem das pessoas daquela família, principalmente, do menino Sérgio, do qual guardo uma boa recordação de amizade com os brasileiros. Desde aquela época eu sempre tive facilidade de fazer amizades com os brasileiros, independentemente de classe ou origem.

Aos poucos, ficamos sabendo que havia outras famílias japonesas na região, e meus pais fizeram amizade com elas. Um casal que tinha a formação de professores do Curso Fundamental no Japão disse à minha mãe que o filho de 12 anos frequentava a escola, que não era muito perto, mas achava que eu e minha irmã poderíamos frequentar a mesma escola e irmos juntas, com o filho. Assim, eu reiniciei meus estudos na escola brasileira, aos onze anos de idade.

As minhas duas irmãs, Eiko e Yoko, moravam na cidade de Belém e vendiam verduras que a família plantava e alguns cereais comprados dos fornecedores na feira próxima ao cais. Um dia, apareceu na barraca o Sr. Tanaka, que veio de São Paulo à procura de um amigo. Ele conversou em japonês com Eiko, explicou o motivo da viagem a Belém e disse que seu dinheiro havia acabado e não podia mais se hospedar no Hotel. Ela ofereceu levá-lo à casa da chácara, pensando em ajudá-lo, por outro lado, meus pais poderiam se informar sobre a cidade de São Paulo, já que era de lá. Assim, ele foi até a casa e contou aos meus pais que, em São Paulo, era fácil de conseguir emprego para o filho e para as filhas, porque na cidade havia a Cooperativa Agrícola de Cotia e a Cooperativa Sul-Brasil, onde Tomoharu poderia trabalhar. E nas lojas japonesas poderiam empregar as filhas. E se arrumasse algum emprego para os pais, a família poderia viver bem em São Paulo.

Nessa época, ao redor da nossa chácara, vieram morar outros imigrantes conterrâneos que estavam no mesmo navio. Muitas famílias saíram de Monte Alegre, por causa da demora no plantio e nenhum dos governos, nem o japonês nem o brasileiro, auxiliavam financeiramente, por isso saíram de lá antes que acabassem seus recursos. Ainda que meus pais nunca tivessem trabalhado como agricultores, mesmo assim conseguiram produzir verduras para vender na feira e achavam que a terra da região era boa, por isso muitos outros imigrantes japoneses vieram comprar lotes na vizinhança. Quando meu pai resolveu vender a chácara, foi muito fácil de encontrar um comprador.

4.1.9 Mudança para São Paulo

O navio levou cerca de 15 dias para chegar ao Porto do Rio de Janeiro. Era uma embarcação mista de carga e de passageiros, por isso parou um dia no Maranhão e em algumas outras cidades grandes do Nordeste brasileiro para carregar e descarregar mercadorias. Em São Luís do Maranhão, toda a família desembarcou para conhecer essa bonita cidade. O Sr. Tanaka disse que, naquele local, o ouro era barato, por isso aconselhou ao meu pai que comprasse anéis para todas as filhas. Afinal, em São Paulo, tinham que andar mais arrumadas. Eu escolhi um anel de ouro com uma pedra de rubi.

A minha família desembarcou no Rio de Janeiro, onde passaríamos uma noite e, no dia seguinte, iríamos seguir de viagem com o trem da Estrada de Ferro Central do Brasil. Naquela noite no Rio de Janeiro, o Sr. Tanaka levou a minha família para jantar em um restaurante de comida japonesa. Todos nós gostamos muito da ideia, afinal no

Estado do Pará não havia restaurante japonês. De tão alegres que nós estávamos no restaurante, a família chamava muita a atenção.¹³⁰ O dono do restaurante, gostou da minha irmã mais velha, Eiko, que falava o japonês polido, de Tóquio, a língua oficial do Japão, e era bonita, pediu ao pai que deixasse trabalhar no restaurante, que era frequentado pelos funcionários da Embaixada Japonesa, inclusive o Embaixador. O meu pai hesitou, não queria deixar a filha numa cidade desconhecida, à grande distância de São Paulo. Mas o dono prometera que daria folga nos feriados prolongados para que ela pudesse ir a São Paulo para encontrar com os familiares. Assim, Eiko, já com 18 anos e seis meses, logo arrumou um emprego, mas teve que morar longe da família. Depois das muitas dificuldades enfrentadas no período do Pós-guerra no Japão, estávamos acostumadas com os contratemplos, e levávamos a vida sem lamentações.

O Sr. Tanaka levou a minha família para a casa dele, que ficava numa região afastada no bairro de Santo Amaro. Ele vivia da plantação de mexerica, mas a esposa cultivava também hortaliças. Ela acordava cedo, preparava a refeição para a própria família e para os hóspedes, sem reclamações e depois ia trabalhar na roça. Mas, um dia comentou sobre o passado e questionou por que alguns japoneses falavam mal do seu marido, se ele se preocupava tanto com os conterrâneos. De fato, seu marido ajudou muito minha família a vir a São Paulo.

Nós ficamos nessa casa até alugar uma casa perto da Av. Nazaré, no bairro do Ipiranga. Ficamos sabendo que tinha havido uma briga entre os japoneses *kachigumi* (lê-se /katigumi/) e *makegumi* em São Paulo. O Sr. Tanaka era dos *kachigumi* que pensava que o Japão tinha ganhado a Segunda Guerra Mundial. No contato com o meu pai, acabou entendendo que o Japão, realmente, tinha perdido a guerra. A maioria dos japoneses *kachigumi* respeitava a Família Imperial, a cultura e a identidade japonesa, mas eram materialmente pobres.¹³¹

No primeiro feriado prolongado de Sete de Setembro, Eiko veio do Rio de Janeiro para visitar a família em São Paulo, acompanhada de um moço que tínhamos conhecido no restaurante; ele também teria vindo visitar a família dele. Eiko ficou trabalhando por um ano no Rio de Janeiro, mas meu pai achou melhor vir para São Paulo, morar junto com a família, também, porque, na cidade de São Paulo, havia muitas lojas japonesas que

¹³⁰ Estava lá um moço Nikkei que simpatizou com Eiko. Como queria o destino, mais tarde, ele casou-se com ela e tiveram 5 filhos: Kazuo, Hideo, Isao, Masao e Norio.

¹³¹ Veja também a Dissertação de Mestrado (KOMATSU, 2010, p. 45).

vendiam produtos importados do Japão e precisavam de vendedoras que entendessem bem a cultura japonesa e soubessem falar o japonês.¹³²

A partir daquele período, por volta de 1956, os japoneses que viviam em colônias japonesas e dedicavam-se à agricultura começaram a se mudar para a cidade de São Paulo em busca de uma nova vida e de educação para os filhos. Nos bairros da Liberdade, Aclimação, Vila Mariana e do Ipiranga, moravam muitas famílias japonesas.

Estabelecidos numa casa no bairro do Ipiranga, eu e minha irmã menor, Kazuko, fomos matriculadas na Escola Estadual “Dom Cavalcanti”. No segundo semestre daquele ano letivo, eu completei 12 anos e comecei a frequentar o primeiro ano do curso fundamental. Após dois meses, a diretora da escola veio até a sala de aula e perguntou se eu sabia fazer as contas de somar e de subtração, então eu disse que sim e em seguida fiz rapidamente uma conta. No final, a diretora deixou que eu passasse para o segundo ano.

A família vivia bem e papai conseguiu um emprego numa fábrica, cujo dono era um japonês que tinha enriquecido na lavoura. Meu pai contou a ele que já tinha tido uma pequena fábrica de lâmpadas em Tóquio e, em São Paulo, pretendia continuar a trabalhar nesse ramo, se tivesse algum patrocinador, assim ele poderia participar como sócio. O dono dessa fábrica gostou muito da ideia e parecia que ia aceitar a proposta. Meu irmão Tomoharu trabalhava como contador na Cooperativa Sul Brasil e Eiko, na Loja Hase, que vendia produtos nacionais e importados do Japão, inclusive revistas japonesas. Sabendo que eu gostava muito de ler, a cada mês ela trazia uma revista japonesa para mim. Enquanto Yoko, minha irmã mais velha, cursava a Escola de Cabeleireiros Akaboshi.

Wasetzu Hoshino, que a minha irmã Eiko tinha conhecido no Rio de Janeiro, voltou para São Paulo e foi morar com a família na Rua Fidalga, Vila Madalena, próximo ao ponto final do bonde. A família tinha uma microempresa de moagem de café, com a marca Serra Negra. Eles tinham peruas para a entrega de café e dois carros Ford para passeio. Era uma família muito bem-sucedida, mas os avós dele contavam sobre as dificuldades que passaram quando chegaram para trabalhar numa fazenda de café. Por exemplo, para as mulheres grávidas não havia hospital quando chegasse a hora do parto, nem havia parteira na região. Em alguns domingos, o rapaz vinha a nossa casa para encontrar com a minha irmã Eiko. Ele chegava sem avisar, pois naquela época o telefone não era acessível para todos como é hoje e, em nossa casa, ainda não tinha sido instalado.

¹³² Naquela época (1956), no bairro da Liberdade, na Av. Conselheiro Furtado, Rua da Glória, Rua Galvão Bueno e nas ruas transversais, havia várias lojas de presentes, livraria, restaurantes, supermercado que vendiam peixes, verduras e demais ingredientes para o preparo de comida japonesa.

Conversava um pouco com meus pais, depois ficava sentado na mesa da sala aguardando a chegada de Eiko. Era a mesma mesa em que eu estudava e, às vezes, eu perguntava alguma coisa para ele, quando não entendia bem o português. Ele era muito boa pessoa e tentava explicar para que eu entendesse as questões, principalmente quanto às dúvidas referentes ao português. A minha mãe oferecia o jantar e procurava agradá-lo, pois o rapaz era considerado um bom partido para minha irmã Eiko. Mas minha irmã tinha apenas 19 anos e nem pensava em casamento naquele momento. Muitas vezes ela saía com minhas outras irmãs e ia para a casa de alguns conhecidos ou para assistir a algum filme no cinema.

Perto de nossa casa, morava uma outra família japonesa, Kirino, cujos pais eram idosos e tinham dois filhos moços e duas moças. Os dois filhos eram sócios e trabalhavam na mercearia. O mais jovem era geralmente encarregado da entrega de mercadorias e eles tinham um carro para fazer isso. O irmão mais velho era casado e sua esposa e a filha moravam na casa dos pais. Os meus pais visitavam frequentemente a casa deles para conversar com os idosos. Na parede da sala de estar havia fotos do Imperador e da Imperatriz, algo que no Japão já era raro de ser visto. Não sei bem se as casas do Japão não tinham mais fotos da família imperial nas paredes, porque foram destruídas pelo bombardeio, ou porque o Japão perdeu a guerra e os tempos mudaram, ninguém tinha mais tempo para pensar na Família Imperial. Mas, no Brasil, ainda era comum nas casas dos colonos japoneses cultivar a família imperial. Eu percebi que as famílias que guardavam essa devoção eram solidárias e bondosas para com a minha família, por sermos imigrantes do Pós-guerra e por não sabermos falar bem o português.

Muitas vezes meu pai contava como era o Japão antigamente, durante e depois da guerra, como o Japão perdera para os americanos e sobre como a vida do povo japonês mudou radicalmente. Meu pai comentava que muitas famílias da colônia japonesa não sabiam muito sobre a realidade da guerra, ainda que a rendição do Japão já tivesse acontecido há mais de dez anos. Isso explicava o fato de eles não quererem aceitar a derrota do Japão, ou então porque não entendiam bem o português para ler os jornais brasileiros. Percebi que a colônia japonesa estava dividida em duas facções definidas, uma que acreditava na vitória do Japão na guerra e respeitava a família imperial, enquanto a outra, principalmente os filhos estudados, aceitavam as informações que liam nos

jornais brasileiros, constatando que afinal o Japão tinha perdido a guerra. Eu tinha quase 12 anos e já percebia isso tudo¹³³.

A minha irmã Eiko aprendia corte e costura com a filha mais nova da família Kirino. Naquela época, os filhos das famílias mais simples não se preparavam para cursar a Faculdade. Minha irmã, depois de aprender corte e costura, começou a costurar e fazia saias e vestidos para minha mãe, para minhas irmãs e para mim. Assim, vestíamos-nos relativamente bem.

A família Kirino gostava de fazer festas com pratos da cozinha japonesa e brasileira. O aniversário de um ano da filha do irmão mais velho teve salgadinhos e doces japoneses e brasileiros. Fiquei surpresa, uma vez que eu estava acostumada no Japão com as festas simples na época que nós vivíamos lá depois da guerra. Senti que o Brasil era uma terra farta na alimentação.

Em São Paulo, havia uma emissora de rádio que transmitia conteúdos em língua japonesa, nos horários das seis às oito da manhã. Havia também quatro cinemas na região da Liberdade, onde os filmes eram importados do Japão, legendados em português. Eu gostava de ir ao cinema com papai porque ouvia os diálogos em japonês e lia a legenda em português, assim praticava as duas línguas ao mesmo tempo. Nessa época, eu ainda usava o dicionário japonês-português, porque dominava melhor o japonês. Porém, quando aparecia algum ideograma que eu não sabia ler, pedia a meu pai que ensinasse a leitura.

Assistimos ao filme “Hiroshima”, que era proibido para menores de 18 anos. Eu já havia assistido a esse filme, quando estava no terceiro ano do curso fundamental no Japão, quando os professores levaram os alunos acima de nove anos. Eles queriam que os alunos do curso fundamental sentissem o que tinha sido a guerra, a bomba atômica e toda a destruição causada. Eu não entendia por que o filme, no Brasil, era proibido para menores de 18 anos. Pensava em dois motivos: a exibição de cenas horríveis e tristes, por um lado; e a imposição dos americanos para que não fossem mostradas às crianças as atrocidades que eles cometeram. Lembrava de algumas cenas o tempo todo, mas procurava não indagar muito sobre a guerra, afinal estávamos num país de paz.

Em 1957, eu estava no terceiro ano, apesar de ainda não falar bem o português, tinha boas notas escolares, principalmente, em matemática, história e geografia. Mas foi

¹³³ Eu não imaginava que, 53 anos mais tarde, eu viria a escrever uma Dissertação de Mestrado na USP (KOMATSU, 2010) sobre o tema do *Shindô-Renmei*. Em 1957, ainda existia a disputa entre as facções de japoneses que acreditavam que o Japão perdera a guerra e outras que não aceitavam esse fato histórico.

um ano muito triste em minha vida. Contraí a gripe asiática, um vírus que veio da China e causava doenças pulmonares. A escola recomendou radiografia dos pulmões no Sanatório. O meu pai levou-me para fazer uma radiografia e, de fato, eu estava com aquela doença. Tive que parar de estudar e fazer o tratamento adequado. Papai faltava ao serviço uma vez por mês e levava-me para consultar o médico, pois ele conseguia se comunicar com o doutor, falando uma mistura de espanhol e de português. Infelizmente, esse pai que fora intérprete da família, que ensinava ideogramas para a filha e levava ao cinema aos domingos, faleceu repentinamente, num dia de sábado.

Um conhecido de meu pai que estava presente quando ele foi acometido de um mal súbito, disse que ele começou tremer, enquanto tomava uma cerveja e caiu desmaiado. Em seguida foi levado ao Hospital das Clínicas, mas não resistiu. Naquela noite, meu pai faleceu devido a um derrame cerebral. Quando minha família foi avisada já era tarde. Hoshino, namorado de minha irmã, levou-nos em seu carro Ford para o hospital. Eu era uma menina de apenas 12 anos e chorei muito. Mas no dia seguinte, não chorei no enterro. Pensei comigo: “Vou estudar duas línguas, japonês e português, para chegar a ser como meu pai, que tinha sido o intérprete da família. Agora que ele morreu, seguirei ajudando a minha família”. Ele não deixou bens materiais, conforme constava no atestado de óbito. Lendo isso, fiquei triste, por ele não ter conseguido realizar seus sonhos de instalar a fábrica de lâmpadas em São Paulo. Porém, ele nos deixou a cultura e a língua japonesa como herança, que seria muito importante na vida dos filhos e netos.

Hoshino providenciou tudo, desde a retirada do corpo do falecido do hospital até o atestado de óbito no cartório, além do enterro, uma vez que ninguém da minha família sabia falar bem o português, nem preparar a documentação e contatar o cemitério. Ele fez tudo isso sozinho. Ao observar essa sua atitude e generosidade, nós ficamos muito gratos, principalmente, minha irmã Eiko, que decidiu casar-se com ele. Assim, logo em seguida eles ficaram noivos.

4.2 A adolescência e os anos de formação

Minha irmã Eiko trabalhava na Loja Hase, uma loja de importação que vendia diversos artigos japoneses. Mensalmente, ela trazia para mim uma revista japonesa (Figura 26). Era uma publicação para adolescentes que acabou me influenciando bastante

e fez com que eu viesse a apreciar a literatura, ao mesmo tempo em que eu ia praticando a leitura da língua japonesa escrita.

Figura 26 – Revista japonesa para adolescentes, 1958.



Fonte: Acervo pessoal.

Meu irmão Tomoharu, que trabalhava como contador na Cooperativa Sul Brasil, trouxe um colega de serviço que morava perto de nossa casa. Era um jovem nikkei de 16 anos chamado Júlio Ogasawara. Ao entrar na sala, reparou no altar budista onde havia o brasão do *Honmon Butsuryu-shu* e disse que, na casa dos seus pais e dos avós, que também eram budistas, havia os mesmos brasões no altar.¹³⁴ Então minha mãe ficou interessada em conhecer a família e ele convidou a minha mãe e eu para conhecermos a casa dos avós. Eles eram idosos, e só conversavam em japonês. Disseram que a família do filho morava em Santos, mas que estavam em São Paulo para tomar conta dos netos que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. Confirmaram que eram praticantes

¹³⁴ Julio Ogasawara foi morar com os pais em Santos, a fim de cursar Direito na Faculdade. Soube por meio de alguns fiéis do Templo Nikkyoji que após ser advogado, tornou-se procurador na Comarca de Cubatão. Atualmente, ainda advoga, mesmo após aposentar-se. Ao participar do Culto on-line, às vezes pelo *chat* vejo o nome dele e da esposa Miriam, presentes nos cultos. Miriam é brasileira, mas tornou-se budista, enquanto o Júlio herdou a cultura de herança dos avós.

da mesma religião da minha família. Explicaram que, infelizmente, não havia um templo da religião budista *Honmon Butsuryu-shu* em São Paulo, mas que havia um núcleo religioso no bairro do Jabaquara, onde havia reuniões regulares de culto religioso.

Minha mãe e eu passamos a frequentar esse núcleo religioso e conhecemos vários fiéis. Uma delas disse que era dona de uma oficina de confecção de luvas, meias e cachecóis. Essa senhora ficou sabendo que nós éramos recém-chegados do Japão e que minha mãe tinha ficado viúva recentemente, então ofereceu à minha mãe a possibilidade de fazer o acabamento manual das peças, podendo trabalhar na própria casa. Somente teria de buscar o material na casa dela. Minha mãe aceitou o serviço de bom grado e anotou o endereço da casa da empresária.

No primeiro dia, acompanhei minha mãe, pois ela não dominava o português e tinha dificuldade para tomar o ônibus. Depois eu comecei a ir sozinha fazer as entregas. A minha mãe costumava dar o dinheiro da condução, apesar de a oficina não ficar muito longe de onde morávamos. Eu preferia ir andando até lá, enquanto no caminho ficava repetindo a conjugação de alguns verbos que eu levava por escrito numa folha de papel. Cada dia era um verbo diferente que eu tinha para memorizar e com a economia da condução comprava caderno para fazer cópias do texto do livro didático, a fim de aprender e fixar as sentenças mais simples, orações longas e parágrafos. Assim, além de ajudar a minha mãe no que fosse necessário, eu era muito estudiosa.

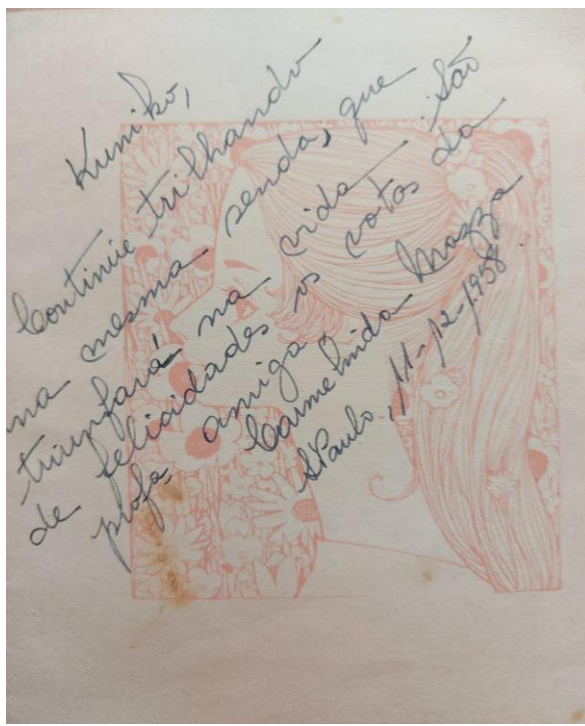
Na ocasião em que estava cursando o terceiro ano do curso fundamental, um dia a professora examinou meu caderno e percebeu que continha ali muito mais do que as lições de casa. Mostrou para os outros alunos da classe dizendo: “ela faz várias cópias, preenchendo um caderno por semana”. Era um elogio para mim ao mesmo tempo em que incentivava os outros alunos para que seguissem o meu exemplo e se esforçassem mais.

Ao refletir sobre a forma de aquisição da linguagem, percebo que a maneira como aprendi uma língua nova deu-se sem nenhum método, faltou a ajuda de uma professora particular de português para corrigir a pronúncia, no plano fonológico, e orientação para escrever uma redação coesa e com a aplicação de regras gramaticais corretas. Como aprendiz de uma segunda língua, eu estava praticamente sem nenhum apoio, uma vez que, na minha família, ninguém dominava o português e nós falávamos somente a língua japonesa em casa. Hoje eu me pergunto, se minha mãe teria a possibilidade de pagar uma professora particular para mim. Creio que não. Entretanto eu estava feliz de poder frequentar a escola e nunca faltava às aulas, porque conseguia acompanhar os colegas de classe.

Adorava ir à escola; a professora e os colegas tratavam-me bem. Não me tratavam como uma pobre imigrante, ou uma estrangeira que não sabia falar bem o português. Quando eu demorava para copiar a lição da lousa porque tinha dificuldade em enxergar o que estava escrito no quadro negro, a colega do lado ditava para mim ou mostrava o caderno dela.

Dona Carmelinda era uma ótima professora. Em sala de aula, ela nunca repreendia os alunos sem razão e era sempre atenciosa. Comigo ela tinha uma atenção especial, por eu não saber bem o português. Às vezes, me convidava para almoçar na casa dela aos domingos e depois íamos ao cinema. Sempre perguntava se eu tinha entendido o filme e fazia comentários inteligentes. Desse modo, ela me ensinou não só a falar, mas também a pensar em português.¹³⁵

Figura 27 – Álbum de recordações, com a dedicatória da Profa. Carmelinda, 1958.



Fonte: Acervo pessoal.

No segundo semestre do quarto ano, frequentei à noite o curso preparatório para a admissão no Ginásio. Nessa época, o curso obrigatório era até o quarto ano do curso fundamental. Terminei o quarto ano com notas boas, sendo considerada a primeira aluna

¹³⁵ A professora Carmelinda serviu de exemplo para mim, quando mais tarde fui dar aulas de japonês para os adolescentes no Curso Médio do Centro de Línguas, procurei sempre ser paciente e atenciosa com meus alunos.

da escola; tinha acertado tudo nos exames escritos, mas tive 98 de nota por eu não ter muita fluência no português falado. Assim mesmo, fiquei muito feliz, porque ganhei uma caneta tinteiro da Diretora do Grupo Escolar, por ela saber que eu ia frequentar o Ginásio, enquanto a professora Carmelinda presenteou-me com um dicionário de francês e no meu álbum de recordações ela deixou uma mensagem muito encorajadora (Figura 27).

Passei no exame de admissão para o Curso Ginásial em 4º lugar. Mas o estudo no ginásio era difícil para mim, tudo era diferente do curso fundamental e tive que me dedicar muito mais. Além do português, o currículo incluía matemática mais complicada, desenho e trabalhos manuais. Tinha também aulas de latim, inglês e francês. Eu falava o japonês em casa, na escola usava o português e ainda tinha que estudar mais outras três línguas. Eu gostava do latim, apesar de suas declinações complicadas, achava a língua exótica e adorava ler as histórias de Esopo. Além disso, tal como ocorre no japonês, em latim não havia artigos, isso facilitava para mim, pois eu tinha dificuldade do uso do artigo, quando escrevia em português.

Quando estava cursando o Ginásio, sentia a necessidade de ler romances em português, a fim de melhorar o entendimento do plano discursivo. Julio Ogasawara, que já cursava o primeiro ano do Curso Médio, lia muito. Ele assinava a coleção Saraiva e a cada mês recebia um romance. Gentilmente, emprestava para mim depois de acabar de ler, e depois perguntava sobre o conteúdo para ver se eu havia entendido bem. Isso ajudou muito para aumentar meu interesse pela leitura dos romances brasileiros. Eu escolhia os romances de conteúdo mais acessível e de fácil compreensão. Gostava de ler as obras de José de Alencar, principalmente, aquelas do “Indianismo”, como *Iracema*, que conta a história de uma índia que se apaixona por um jovem branco. Sentia que essa era a própria história do Brasil, que contribuiu para a formação do povo brasileiro, misturando brancos, índios e negros e imaginava que num futuro próximo haveria também a mistura da raça amarela, chineses e japoneses, que moravam na cidade de São Paulo. Outro tipo de romance que eu apreciava era do gênero regionalista, por exemplo, li “*Olhai os Lírios do Campo*”, de Érico Veríssimo; e de Graciliano Ramos, li obras como “*Angústia*” e “*Vidas Secas*”, que tratava sobre a vida difícil no sertão nordestino.

Júlio Ogasawara tinha um irmão mais velho e um mais novo. Como após o casamento da minha irmã Eiko, sobraram em casa três irmãs: a mais velha Yoko, depois eu e a mais nova, Kazuko. Nós costumávamos ir ao cinema aos domingos. Era uma época em que os filmes de Hollywood faziam grande sucesso. Assistíamos “Os Dez

Mandamentos”, “Ben Hur”, “Cleópatra”, que eram filmes de grande sucesso e formavam-se longas filas na entrada das grandes salas de cinema, como o Cine Ipiranga, o Cine Olido, o Cine Paissandu. Lembro-me de que, após aquela moda de filmes históricos, assistimos *My Fair Lady* (1964), com Audrey Hepburn, e, depois, *Dr. Jivago* (1965), com Julie Christie. Eu gostava muito de filmes históricos e dos musicais hollywoodianos.

Os irmãos Ogasawara moravam com os avós e conversavam com eles em japonês, mas entre irmãos falavam o português e, conosco, às vezes falavam algumas vezes em japonês, outras vezes em português, dependendo do assunto. Quando se tratava de assuntos de sua família falavam em japonês, enquanto os comentários sobre livros e filmes preferiam conversar em português, que era a língua aprendida na escola. O japonês era a Língua de Herança (LH) falada na casa dos avós, mas não sabiam escrever nem ler esta língua, porque não estudaram na escola japonesa.

Certo dia, meu irmão Tomoharu trouxe sua namorada, a fim de apresentar para a nossa família. Ela trabalhava na mesma Cooperativa Sul Brasil, e se chamava Tuyako, filha de imigrantes que vieram antes da Segunda Guerra Mundial. Ela falava muito bem o japonês polido com a minha mãe e comigo. Estudou o japonês desde a infância e fez o curso médio na São Paulo *Saihou Jogakuin*, uma instituição bem-conceituada na Colônia, que ensinava corte e costura, boas maneiras e língua japonesa¹³⁶. O curso era ministrado por professores japoneses nativos, e adotavam-se as disciplinas de língua japonesa, além de cursos de ikebana, corte costura e música (Figura 28). Em seguida, passou a estudar o Curso Médio numa escola brasileira, portanto era uma pessoa bilíngue simultânea. Duas amigas dela, que estudaram na mesma instituição, frequentavam o Salão de Beleza da minha irmã Yoko; eu as conheci e falavam bem o japonês polido, eram bilíngues simultâneos. Eu ajudava a minha irmã Yoko no Salão de Beleza às sextas-feiras e sábados. Foi nessa época que ganhei o apelido de Elisa, porque as freguesas achavam difícil pronunciar o meu nome Kuniko.

¹³⁶ Em 1935, Dona Michie Akama e seu marido organizaram um curso de língua japonesa de nível médio, para dar aos imigrantes a oportunidade de uma educação formal ao nível das escolas japonesas. Inicialmente, importaram do Japão material didático equivalente ao utilizado e convidaram professores de formação universitária para lecionar no Brasil. Assim nasceu a escola São Paulo Saihou Jogakuin (*/saihou/* significa ‘corte e costura’ e */jogakuin/* ‘Colégio feminino’). Disponível em: <https://fundacaomichieakama.org.br/dona-michie-akama/> Acesso em: 06/01/2023

Figura 28 – Turma de alunas da escola São Paulo Saihou Jogakuin, fundada em 1935.



Fonte: Fundação Instituto Michie Akama.¹³⁷

Meu irmão mostrava à namorada Tuyako, orgulhosamente, o meu boletim escolar, dizendo que sua irmã Kuniko era muito estudiosa e lia muito. Ela me elogiava ao ver minhas notas das provas, mas comentava que a disciplina de Língua portuguesa era difícil para ela também. Tuyako dizia que estudava no cursinho para poder ingressar no Curso de Nutrição que era em tempo integral, mas com a duração de um ano.

Naquela época, eu queria traduzir um livro sobre seringueira no Estado do Pará escrito em japonês que meu pai trouxe do Japão. A tradução era para a disciplina de Geografia. Então Tuyako mostrou-se muito gentil comigo e prontificou-se a ajudar nesta tradução e na finalização do trabalho. A professora de geografia gostou das informações novas que eu trouxe e que ela não conhecia e ficou com o meu trabalho.¹³⁸ Depois de terminar o Curso de Nutrição, Tuyako e o meu irmão se casaram. Após o casamento, ela trabalhava no Hospital, mas sempre me ajudou nas dificuldades de estudos ou problemas emocionais. Ela era protestante; contudo, converteu-se ao budismo depois, por ser a religião de nossa família.

¹³⁷ Fundação Instituto Michie Akama. Disponível em: <https://fundacaomichieakama.org.br/dona-michie-akama/>. Acesso em: 08/01/2023

¹³⁸ Naquela época, não havia a copiadora Xerox e tive que entregar a versão original do trabalho.

Segui estudando no Curso Médio na Escola Estadual Alexandre de Gusmão. Matriculei-me no Curso Científico, que incluía disciplinas como matemática, física, química e biologia; seria o atual curso de exatas e biológicas. Escolhi esse curso, pois eu ia bem em matemática e em biologia. Uma amiga brasileira que conheci no Ginásio, Cristina, também escolheu esse curso. Nós conversávamos muito, trocávamos ideias. Ela comentava que eu devia seguir o estudo de medicina na área de psiquiatria, porque eu sempre procurava entender os problemas dos outros. Ouvia atentamente os problemas dela que eram próprios de uma adolescente. Apesar das dificuldades com a língua portuguesa, eu conseguia acalmar as suas ansiedades. Entretanto, no último ano, comecei a sentir dificuldades para resolver os problemas de física e memorizar as fórmulas de química. Durante uma aula do curso de biologia, senti dor de cabeça e pedi à professora que me deixasse voltar para casa mais cedo. Ela colocou a mão na minha testa e disse: “você está com febre! Veio assistir à aula nesse estado?” Faltei alguns dias, um colega de curso veio trazer as anotações no caderno, mas eu não tinha mais vontade de continuar o curso científico.

Esse amigo era muito estudioso; chamava-se Leon Beviláqua, que – mais tarde fiquei sabendo – conseguiu entrar no Curso de Economia da USP, assim como minha amiga Cristina entrou no Curso de Física também da USP. No Curso Científico, conheci alguns outros descendentes de japoneses, mocinhos estudiosos que falavam bem o português, entendiam o japonês, mas que não sabiam falar. Percebi, já naquela época, que muitos que adquiriram a Língua de Herança herdada dos pais ou avós quando criança, não alcançam a fluência, pois não houve continuidade na aprendizagem em uma instituição de língua japonesa, durante o curso fundamental.

No ano seguinte, pedi transferência para o curso clássico, área de humanas, e tive que prestar o exame de adaptação de francês. Nesse curso, a maioria era de mocinhas e havia algumas descendentes de japoneses, *nikkeis*. Elas gentilmente me ajudaram nas aulas de francês. Uma delas, que se chamava Teresa, mais tarde entrou no Curso de Letras da USP, português e inglês. A família dela veio de Presidente Prudente, onde moravam muitos japoneses. Os pais falavam o japonês, a mãe dela e a irmã mais velha trabalhavam no instituto de beleza e eram pessoas humildes. Teresa não falava o japonês, nem se interessava pela cultura japonesa, e, de vez em quando, comentava que o pai havia acreditado que o Japão tinha vencido a guerra, mas ela achava que isso era porque ele era um ignorante. Eu não concordava com ela nesse ponto, mas como era bondosa comigo e bastante esforçada ficamos muito amigas.

Percebi que, na época em que cheguei a São Paulo, em 1957, a profissão da maioria das moças descendentes de japoneses era costureira ou cabeleireira, atividades que não exigiam grande conhecimento da língua portuguesa. Aos poucos, isso foi mudando e cresceu o interesse para cursar a universidade, ao mesmo tempo estudar o japonês também, na comunidade *Nikkei*. Essa opção de aprendizagem da língua japonesa envolvia alguns fatores importantes, os filhos que queriam aprender a língua dos pais para se comunicarem bem com eles, ou dos netos que se interessavam pela língua e cultura dos avós, desejando manter a língua dos antepassados como uma Língua de Herança. Em certos casos, o interesse em estudar uma outra língua podia ser motivado por fatores econômicos. Como, por exemplo, a opção pelo inglês ao invés do japonês como segunda língua visava ao vestibular ou a conseguir um bom posto de trabalho, já que na época havia muitas empresas americanas no Brasil e as moças podiam trabalhar como secretárias bilíngues, que era considerada uma boa profissão.

4.2.1 *Shindô-Renmei* e o Sr. Kawasaki

Retomando minhas lembranças para o ano de 1957, quando contraí a gripe asiática e fui encaminhada ao centro de saúde Sanatorinhos para tomar penicilina injetável. Por isso fui a uma farmácia perto de casa, cujo dono era o Sr. Kawasaki, um imigrante japonês que conversava comigo só em japonês. O farmacêutico que aplicava a injeção também era de origem japonesa, mas nascido no Brasil e falava bem o português. Sempre que eu ia lá, o Sr. Kawasaki recebia-me com um sorriso, mas depois da aplicação da injeção, ele começava a falar sem parar um assunto que não era muito adequado para a minha idade, mesmo assim eu ficava ouvindo com atenção. Era acerca da Segunda Guerra Mundial, comentava sobre os inimigos do Japão, os americanos e Franklin Roosevelt, que era Presidente dos Estados Unidos na época. Ele lia a partir de um livro em inglês, mostrando-me a parte grifada. O autor do livro dizia que o Japão perdera a guerra, porque os Estados Unidos haviam lançado duas bombas atômicas. Depois da rendição incondicional do Japão, a guerra psicológica continuaria, mas o Japão se fortaleceria economicamente. De fato, ele tinha razão, conforme fiquei sabendo anos depois:

America funded the doubling of Japanese manufacturing output between 1949 and 1953, and it is no accident that 1966-1970 were the years peak Japanese growth – no less than 14.6 per cent per annum. The role of the Cold War is thus not to be underestimated, even if the long-term economic effect of the vast diversion of resources by states into competitive armaments was damaging.¹³⁹ (HOBSBAWM, 1996, p. 276)

O Sr. Kawasaki contou que havia frequentado a Escola Nakano, em Tóquio, depois veio ao Brasil para pesquisar sobre as minas de manganês existentes na Amazônia. Ele sabia ler as linhas da mão e interpretou as linhas da palma da minha mão. Não me esqueço do comentário dele: “Você tem potencial para entender os assuntos difíceis. Deve estudar muito, principalmente o português, sem esquecer o japonês. Futuramente, viverá no meio de intelectuais e pessoas cultas, deve adquirir boas maneiras e conhecer profundamente as culturas dos dois países”. Comentava também sobre as lutas entre os japoneses residentes no Brasil, principalmente, em São Paulo, durante e após a Segunda Guerra Mundial. Contou que foi perseguido pela polícia e preso várias vezes. O filho, que era estudante de Medicina e falava bem o português, fora à Delegacia para explicar que seu pai não havia cometido crime algum, era apenas uma questão de diferença de ideologia, uma vez que fazia parte da facção política *kachigumi*,¹⁴⁰ sendo considerado um *shindô-renmei*.

A partir da rendição incondicional do Japão, motivada pelas duas bombas atômicas lançadas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, o Imperador Hirohito renunciou a sua divindade, sendo levado a mudar a Constituição Japonesa e a dissolver o Exército Imperial Japonês. A partir de então, o país somente poderia atuar em sua Autodefesa. Também acabou com os latifúndios e houve uma significativa aceleração do sistema capitalista. Os Estados Unidos “*from the start established a completely unilateral*

¹³⁹ Nossa tradução: Os Estados Unidos financiaram a duplicação da produção manufatureira japonesa entre 1949 e 1953, e não é por acaso que 1966-1970 foi o ano de pico de crescimento japonês – nada menos que 14,6% ao ano. O papel da Guerra Fria, portanto, não deve ser subestimado, mesmo que o efeito econômico de longo prazo do vasto desvio de recursos pelos Estados para armamentos competitivos tenha sido prejudicial.

¹⁴⁰ *Kachigumi*: lê-se /katigumi/ são membros do grupo de japoneses que acreditavam na vitória do Japão na guerra contra os Estados Unidos. *Shindô-renmei*: lê-se /shindou-renmei/ e pode ser explicada da seguinte forma: 臣(shin) 道 (dou) 連盟(renmei), que equivale à: *shin* (súdito do imperador) *dou* (caminho) *renmei* (Liga ou Aliança). Os “shindô-renmei” eram japoneses com espírito nacionalista. [Komatsu, Patricia Elisa Kuniko Kondo](#) (Catálogo USP, 2010, p. 49).

*occupation that excluded not only the USSR but any other co-belligerent*¹⁴¹ (HOBSBAWN, 1996, p. 227). Assim os japoneses assistiram a uma virada em seu contexto político e social.

Eu ouvia pessoas da comunidade japonesa comentarem maliciosamente sobre o Sr. Kawasaki e os atos cometidos, erroneamente, por algumas pessoas envolvidas com a tendência *shindô-renmei*, mas preferia ignorar esses fatos. Queria reconhecer nele apenas seu lado melhor, como um bom conhecedor de política, preocupado com a vida e a sociedade japonesa no Brasil. Tinha a certeza de que ele sempre agiu com boas intenções. Eu tinha perdido meu pai e sentia falta de uma figura paterna, por isso ia conversar com ele de vez em quando, mesmo depois de recuperar a saúde e não precisar mais tomar os medicamentos.

O interessante é que ao ingressar no Curso de Pós-Graduação, no Mestrado da USP, fui orientada pela Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes a pesquisar sobre os dossiês do Serviço Secreto do DEOPS, arquivados no Arquivo do Estado de São Paulo. Ao realizar um minucioso levantamento de 400 dossiês, aproveitei para procurar pelo nome do Sr. Kawasaki, entretanto não encontrei nenhuma menção sobre sua pessoa, por isso fiquei mais tranquila, ao recordar uma pessoa na qual acreditei e segui seus conselhos, tendo completa certeza de que ele não cometera qualquer crime durante o episódio do *shindô-renmei*, era apenas um grande conhecedor de política, idealista a favor do Japão e de sua cultura.

4.2.2 A Família Ikeda e a cultura japonesa

A família Ikeda tornou-se conhecida pela sua dedicação ao teatro *kabuki*¹⁴² (Figura 30). O casal tinha dois filhos moços e duas filhas de 16 e 18 anos. Nos anos da década de 1960, essa família era frequentemente convidada a interpretar um espetáculo de teatro *kabuki* (Figura 29) sempre que havia alguma atividade festiva nas associações da colônia japonesa. A Sra. Ikeda era professora de *ikebana* do Estilo *Mishouryu*.¹⁴³ Além de ser

¹⁴¹ Nossa tradução: “desde o início os EUA estabeleceram uma ocupação completamente unilateral que excluiu não apenas a URSS, mas qualquer outro co-beligerante (HOBSBAWN, 1996, p. 227).

¹⁴² O Teatro Kabuki nasceu em Kyoto, antiga Capital, em 1603. Nos primeiros anos os papéis eram interpretados por mulheres até o ano de 1629. Acredita-se que o Kabuki se originou nas danças e apresentações de teatro leve e é uma forma de espetáculo artístico baseada no teatro popular. O ideograma da palavra *KA, BU, KI* significa “canto”. É uma forma de teatro japonês conhecida pela utilização do drama e pela maquiagem utilizada pelos seus atores, inclusive homens costumam interpretar papéis femininos. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/kabuki>

¹⁴³ *Ikebana* é a arte de arranjos de flores, há dois estilos: clássico e moderno; o clássico possui uma filosofia

bilíngue em japonês-português, a filha mais velha, Sumiko, era professora de *Ikebana*, cerimônia do chá e danças de estilo japonês, sendo uma fiel defensora da cultura de herança japonesa.

Figura 29 – Kabuki, estilo de teatro japonês, surgido em 1603.



Fonte: <https://coisadeator.wordpress.com/2015/12/09/teatro-kabuki/>

Quando eu estava cursando o primeiro ano do curso médio, tive que apresentar um trabalho escrito e resolvi fazer uma tradução de um texto sobre a Cerimônia do Chá, pois eu apreciava tanto a sua forma, quanto a sua filosofia. Procurei ajuda de minha amiga Sumiko, que me orientou e achou meu trabalho interessante pela abordagem histórica e filosófica que apresentava.

Na entrada da sala de cerimônia costuma ter uma porta baixa, isto é proposital, porque todos os frequentadores, independentemente da classe social, grau de instrução, ricos ou pobres devem abaixar a cabeça, humildemente, para entrar na sala de cerimônia. Nesse ambiente deve reinar paz e harmonia. O fundador da Cerimônia de Chá, o mestre Sen Rikyû (1522-1591) criou essa filosofia numa época em que havia enorme desigualdade social no Japão, mesmo na casta dos samurais os mais poderosos costumavam ser arrogantes. Evidentemente, os samurais deviam deixar a espada do lado de fora antes de entrar na sala da Cerimônia do Chá, pois neste local deveria reinar uma total paz e harmonia espiritual entre o anfitrião e seus convidados (Figura 30). Quatro

própria e deve obedecer às regras tradicionais no arranjo, já o moderno admite arranjos mais livres.

princípios da Cerimônia do Chá são: 1. /*wa*/ harmonia; 2. /*kei*/ respeito; 3. /*sei*/ pureza; e 4. /*jaku*/ tranquilidade.

Figura 30 – Yoshu Chikanobu, Cerimônia do Chá em Kyoto, Era Meiji (1868 a 1913).



Fonte: Aflo Images, Mundo Nipo.¹⁴⁴

Numa ocasião, Sumiko convidou-me para participar de uma reunião de jovens, entre eles estavam o filho e a filha do Cônsul Geral do Japão, que haviam chegado de Tóquio. Desejavam trocar ideias com brasileiras, mas que fossem falantes de japonês, pois eles não sabiam se comunicar em português. Fui convidada e participei da conversa, que gostei muito. Depois de falarmos sobre a cultura e os costumes brasileiros, poderíamos perguntar sobre atualidades do Japão, no final da reunião eles cantaram as músicas populares japonesas que estavam em sucesso; não esqueço até hoje desse encontro com os filhos do Sr. Cônsul Geral e de uma música em especial que lá ouvi.

A casa da família Ikeda tinha um quintal espaçoso, e bem no fundo havia um palco e uma cobertura. No mês de junho, faziam as Festas Juninas. Um dos irmãos de Sumiko era delegado, e participou como delegado no casamento caipira. Eu apreciava esses eventos, e admirava a família que respeitava as duas culturas: brasileira e japonesa.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/artes/25/08/2015/origem-e-principios-da-cerimonia-do-cha-no-japao/> Acesso em: 05/01/2023

4.3 Secretária bilíngue na Indústria Toshiba-IRNE

Eu tinha terminado o Curso Médio e, durante o dia, ajudava a minha irmã no Instituto de Beleza. À noite estudava, duas vezes por semana, o japonês na Aliança Cultural Brasil Japão e o inglês na Aliança Cultural Brasil-Estados Unidos. Também estudava para prestar o vestibular na área de Letras Japonês-Português na USP.

A Indústria Toshiba do Japão havia comprado uma parte da fábrica de motores de carro da empresa Irmãos Negrini-IRNE, que se encontrava em falência. O dono do IRNE seria vice-presidente e o presidente passaria a ser um funcionário da Toshiba, que vinha do Japão para assumir o cargo, juntamente com um economista e alguns engenheiros-mecânicos. Naquela ocasião, o vice-presidente procurou-me e solicitou que trabalhasse como secretária dos dois presidentes, além de assumir a função de intérprete. Aceitei o trabalho com satisfação porque queria ser útil nos negócios entre o Brasil e o Japão. Entretanto, o presidente da Toshiba comentou: “quando eu aprender o português, não precisarei mais de sua ajuda”. Falou rindo, mas o que para ele poderia ser uma brincadeira, soava muito mau gosto para mim. Passaram-se 22 anos após o término da Segunda Guerra. O Japão passou a adotar o capitalismo, mudando profundamente o modo de pensar dos japoneses, porém eu acreditava que nem todos pensam assim.

O Departamento financeiro era composto de um Diretor japonês, que era um economista, e de seu auxiliar, um descendente de japoneses que falava japonês e português e servia de intérprete para os contadores e auxiliares brasileiros. No Departamento técnico já trabalhavam alguns engenheiros brasileiros e dois engenheiros descendentes de japoneses que falavam bem o japonês e português, também servindo de intérpretes para os três engenheiros-mecânicos que vieram do Japão. Todos eles tratavam-me com muito respeito. Porém, após um ano de trabalho, resolvi pedir demissão, porque desejava conseguir um emprego de meio período num lugar como um banco, por exemplo, para poder me dedicar mais aos estudos e passar no vestibular.

4.3.1 First National City Bank e estudo na USP

Uma freguesa de minha irmã Yoko a qual trabalhava no Departamento Pessoal do First National City Bank me aconselhou a prestar o teste de inglês e português. Consegui passar e fui encaminhada para trabalhar no Departamento Estrangeiro no período da tarde. Pela manhã frequentava o cursinho preparatório para o exame vestibular, e duas vezes por semana continuei com as aulas de inglês, pois o City Bank reembolsava a

mensalidade, desde que obtivesse boas notas no curso. Assim, a minha vida estava resumida entre os estudos e o trabalho, utilizando três línguas simultaneamente.

Naquela época, nas tardes de domingo, vinham à minha casa os estudantes intercambistas do Japão. Minhas irmãs, Yoko e Kazuko, convidavam estes jovens japoneses para visitar pontos turísticos da cidade de São Paulo. Eu costumava conversar em japonês com eles alguns minutos, mas só uma vez ou outra acompanhava-os nos passeios, porque tinha que estudar e dedicar-me à leitura de livros recomendados para o exame vestibular.

No ano de 1969, finalmente consegui passar no vestibular do curso de Letras: português-japonês da USP. Estudava no curso matutino e, na parte da tarde, trabalhava no Departamento Estrangeiro do First National City Bank. Sempre solicitei as férias do Banco no mês de novembro, a fim de estudar para o exame final. E, assim que entrava nas férias da Faculdade, fazia a compensação das horas, indo trabalhar uma hora antes e ficava uma hora mais, após o expediente, porque, nessa época, muitos funcionários preferiam tirar as férias para viajar com os familiares. Portanto, sobrava muito serviço para mim. O chefe do setor de Câmbio e o chefe do Departamento Estrangeiro comunicavam ao Departamento Pessoal que eu era uma excelente funcionária. Esse mérito ajudou-me no futuro, quando ganhei uma Bolsa de Estudos para o Japão e precisei pedir um ano de afastamento do City Bank.

Com o Curso de Letras fiz muitos progressos na aprendizagem das regras gramaticais. Assim consegui dominar a língua padrão e aplicar a norma culta, tornando-me, assim, uma falante bilíngue japonês-português do Brasil. Esse processo seria complementado com as idas e vindas entre o Brasil e o Japão.

Mais adiante, em época futura, aceitei o trabalho como professora de Língua Japonesa no Centro de Estudos de Língua – CEL numa Escola Estadual do Curso Médio. A partir daí, comecei a observar com atenção as diferenças gramaticais, principalmente em sintaxe, entre o japonês e o português. Isso despertou meu interesse em prosseguir meus estudos e, futuramente, ingressar no Curso de Pós-Graduação da USP, na área de Letras.

4.3.2 A Sra. Emiko e o Sr. Fujii

A minha irmã Yoko estudava o português básico na Aliança Cultural Brasil-Japão, no período noturno. Conheceu um rapaz chamado Hirose, recém vindo do Japão como

imigrante, porque o seu irmão Masao Daigo¹⁴⁵ havia imigrado ao Brasil há alguns anos, e era conhecido como um escritor literário da Colônia Japonesa. Hirose estudou literatura na Universidade de Waseda, em Tóquio. Em seguida, começou a frequentar a nossa casa. Assim que soube que eu pretendia concorrer a uma bolsa de estudos para o Japão pela Prefeitura de Tokyo, convidou-me para frequentar a casa do Sr. Fujii aos domingos à noite, quando havia reunião dos Grupos de interpretação de obras literárias em língua japonesa. Ele era o organizador do grupo e escolhia uma obra literária japonesa ou internacional que deveria ser lida em japonês, português ou em inglês, mas a discussão devia ser sempre em língua japonesa. A reunião era uma vez por mês e uma ótima oportunidade para eu praticar conversação em japonês, pois frequentadores eram jovens bilíngues japonês-português ou falantes da língua japonesa.

O Sr. Fujii era Presidente do Banco Mitsubishi e morava num palacete no bairro de Sumaré. Sua esposa, a Sra. Emiko Fujii, estudou no Jogakkan em Tóquio, universidade feminina, conceituada para o ensino de boas maneiras, cultura japonesa e hábitos internacionais. Era uma universidade particular frequentada pelas filhas de famílias tradicionais e da classe alta. Eles tinham um único filho adotivo que morava no Japão, por isso ela tratava os jovens frequentadores da casa como se fossem seus próprios filhos. A esposa e uma amiga preparavam o jantar para todos, já que a reunião tinha início às sete horas da noite. Após uma hora e meia de discussões, ofereciam um bolo especial feito pelo marido de uma das empregadas que trabalhava numa confeitaria. O chá verde era servido em xícaras japonesas, *yunomi*.¹⁴⁶ Uma vez contei e havia por volta de quarenta *yunomí* na bandeja. Achei a senhora extremamente generosa pela disposição em sempre preparar o jantar e oferecer bolo para todas essas pessoas. Ela não teve a sorte de ter filhos, mas estava sempre sorridente e feliz. Quando soube que eu frequentava a reunião, a fim de aprimorar a língua japonesa, e que pretendia prestar o exame para obter uma Bolsa de Estudos da Prefeitura de Tokyo, ela começou a me ensinar as boas maneiras conforme o costume japonês, como atender o telefone e maneira correta de falar e se dirigir às pessoas importantes. Esses bons modos são muito valorizados no Japão e servem como traços de distinção social.

¹⁴⁵ Daigo é um pseudônimo, seu sobrenome é Hirose. Era formado na Universidade Gakushuin, Universidade particular, onde os filhos da família imperial, a classe de nobreza e ricos de alta sociedade estudavam. Frequentava a casa dos Ikeda, pois praticava a Cerimônia do Chá com Sumiko. Ele e Sumiko se casaram, posteriormente.

¹⁴⁶ *Yunomi* é a xícara apropriada para servir o chá verde.

O Prof. Sudou era professor de Direito Internacional Público da Universidade de Keio, em Tóquio e viera para fazer uma pesquisa no Curso de Direito Internacional na Universidade de São Paulo, sua presença era muito marcante. Ele se tornara amigo do Sr. Fujii por estudarem na mesma Universidade. Ele frequentou a Reunião de Discussão Literária durante três meses. Percebi que, com sua participação no Grupo, a discussão tornou-se mais erudita e eu aprendi vários termos que antes não ouvia, nem conhecia. Além da discussão sobre obras literárias, o grupo promovia alguns passeios em parques, festa junina e a tradicional festa de Ano Novo japonesa, de maneira que havia atividades biculturais, brasileiras e japonesas.

Figura 31 – Festa de despedida no Pavilhão Japonês, 1972.



Fonte: Acervo pessoal.

O Prof. Sudou ficou durante seis meses em São Paulo, e ia retornar ao Japão no final do mês de setembro de 1972. Quando soube que eu iria para Tóquio pela bolsa de estudos da Prefeitura de Tokyo e chegaria no início de outubro, deu-me o endereço e telefone da casa dele, para que eu procurasse a sua família. Disse-me que ele e a sua esposa treinavam o canto que acompanha a dança “*Nô*” e primeiros passos da dança *Nô*, chamado “*Shimai*”, e incentivou-me a praticar também. Na festa de despedida que teve lugar no Pavilhão Japonês no parque do Ibirapuera (Figura 31), prometi a ele que seguiria os seus conselhos e, chegando no Japão, iria procurá-lo e praticar essa dança tradicional recomendada por ele.

4.4 Bolsa de estudos no Japão

A partir do mês de outubro de 1972, aconteceu uma reviravolta total em minha vida. Ganhei a almejada Bolsa de Estudos da Prefeitura de Tokyo para estudar durante um ano inteiro no Japão. Isso me deixou muito feliz por poder finalmente rever o Japão, depois de 17 anos desde que havia deixado meu país de origem. Mas, ao chegar lá, percebi que o Japão não era mais o mesmo, tinha se modificado muito, principalmente a cidade de Tóquio, que tinha sido totalmente reconstruída como uma metrópole moderna. Em 1964, a cidade tinha sido a sede das Olimpíadas de verão e foi completamente remodelada. O funcionário da Prefeitura de Tóquio e um dos meus tios vieram receber a bolsista nipo-brasileira no Aeroporto Internacional de Haneda (Figura 32). Foi um momento muito especial que deu início a uma nova fase de minha vida.

Figura 32 – Chegada ao Aeroporto de Tóquio-Narita, Kuniko Kondo à esquerda tio materno, à direita funcionário da Prefeitura de Tóquio, outubro de 1972.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao chegar na Universidade Metropolitana de Tóquio, fui apresentada ao titular da Língua Japonesa, Prof. Dr. Teruo Hirayama¹⁴⁷. Eu assistia regularmente às aulas do meu

¹⁴⁷ O Prof. Dr. Hirayama e o Prof. Dr. Oshima eram considerados como autores importantes, algumas de

orientador, Prof. Dr. Ichiro Ooshima, mas ele me aconselhou a estudar a língua japonesa básica e o método de ensino de língua para os estrangeiros, porque isso era um dos principais temas de estudo como bolsista. Ele escreveu uma carta de recomendação para que eu frequentasse a International Christian University, que recebia os estudantes estrangeiros do mundo inteiro para aprender o japonês básico. O Curso Básico de Japonês era de um ano, após obter o conhecimento da língua japonesa, os estudantes matriculavam-se em disciplinas específicas, que continuavam estudando durante mais quatro anos para obtenção do diploma.

O Prof. Dr. Teruo Hirayama apresentou-me sua doutoranda, Reiko Shinogi (篠木 れい子)¹⁴⁸, que dominava duas culturas: a japonesa e a ocidental. Ela revelava isso ao vestir quimono, tocar o instrumento japonês *koto*, além de tocar música clássica ao piano. Ela tornou-se minha professora particular e conselheira durante toda a minha permanência no Japão e, mesmo após meu regresso para o Brasil, mantivemos contato.

Figura 33 – Kuniko Kondo como professora de português, em Japan Emigration Service (JEMIS), Tóquio, 1973.



Fonte: Arquivo Pessoal

suas obras encontravam-se na Biblioteca Teichi Suzuki da Casa de Cultura Japonesa na USP.

¹⁴⁸ Após terminar o Curso de Pós-Graduação, Reiko Shinogi foi trabalhar como docente na Universidade Feminina da Província de Gunma e, posteriormente, tornou-se pesquisadora em Fonética e Língua Japonesa.

Do mês de outubro de 1972 e o ano de 1973, fiz alguns cursos de aperfeiçoamento como “Língua e literatura japonesa” pela Universidade Metropolitana de Tóquio, “O método de ensino de língua Japonesa para estrangeiros” e “Audiovisual do ensino de idiomas” pela International Christian University.

À noite, duas vezes por semana, ministrava aulas de português para os emigrantes japoneses que pretendiam vir ao Brasil, no Serviço de Emigração Japonesa (Japan Emigration Service - JEMIS), respondendo a uma solicitação da Prefeitura de Tóquio (Figura 33). A instituição governamental também oferecia o curso de espanhol para quem fosse para a Argentina ou outros países da América Latina, assim como o curso de inglês para os que pretendiam ir para o Canadá. Na ocasião, saiu uma matéria do Jornal **Asahi Shimbun**, falando sobre as aulas de português no Japan Emigration Service (Figura 34).

Figura 34 – Matéria do Jornal **Asahi Shimbun**, artigo sobre aulas de português no Japan Emigration Service (JEMIS), Tóquio, 02 de junho de 1973.



Fonte: Acervo pessoal

A partir do mês de abril, quando se iniciou o ano letivo no Japão, em 1973, fui solicitada a dar aulas de português na Universidade de Sofia, por um semestre. Ministrava a aula uma vez por semana para os alunos do primeiro ano, os jovens de 19 anos. Eu seguia o livro de português editado pela própria Universidade, mas, como era exclusivamente ensino de gramática, incluí no currículo os materiais que levei do Brasil, alguns contos infantis, que são mais fáceis de entender, letras de músicas populares brasileiras e suas melodias, para cantarmos. Nesta mesma ocasião, fui solicitada pela Embaixada do Brasil a ser intérprete de português-japonês para um empresário brasileiro que fazia parte da Missão Econômica do Governo do Estado de São Paulo.

Foi um ano bem atarefado para mim, mas tive que cumprir a promessa feita ao Prof. Sudou sobre aprender a dança *shimai*¹⁴⁹. Eu havia procurado a família Sudou, assim que me habituei aos cursos da Universidade e aprendi a circular de metrô e de trem pela cidade de Tóquio. A senhora Sudou aprendia *shimai* e o canto que acompanha essa dança. Era mestre em vestir o quimono e arranjo de flores *ikebana*, portanto conhecia bem a cultura japonesa, além de dominar a norma culta da língua japonesa adotada pela alta sociedade.¹⁵⁰ O Prof. Sudou levou-me à residência do Mestre Izumi, onde dava aulas de arte e cultura tradicional japonesa. A esposa do Mestre Izumi também falava em um nível de linguagem bem-educado.

Eu tive que agradecer a oportunidade que me foi oferecida, pois aquele não era um lugar acessível a todos. Mesmo sendo uma humilde bolsista brasileira, fui muito bem aceita no ambiente requintado da alta cultura japonesa. A partir de então, tive que prestar muita atenção ao modo de agir e de falar, devagarinho, medindo as palavras. Lembrei-me do comentário do Sr. Kawasaki, que havia lido as linhas de minhas mãos, quando eu tinha 12 anos, e disse-me que eu devia estudar muito, porque um dia viveria no mundo de alta sociedade.

No Ano Novo de 1973, pela manhã, fui à casa do meu tio materno, Hiroshi Kato, para cumprimentar meus parentes que moravam em Tóquio. À tarde, fui à casa do Prof. Dr. Teruo Hirayama encontrar com o meu orientador Prof. Dr. Ichiro Oshima e orientandos do Prof. Hirayama para cumprimentá-los também (Figura 35). O Ano Novo no Japão, que se comemora entre familiares, professores e amigos no dia primeiro de

¹⁴⁹ *Shimai* é o básico da aprendizagem da dança *nô*, pois a dança *Nô* costuma ser interpretada pelo Mestre ou artistas famosas.

¹⁵⁰ A língua japonesa é falada de acordo com o *status* social do falante, diferença de idade e de gênero. Por isso, falar e escrever em japonês exige conhecimentos extralinguísticos.

janeiro, é considerada uma data muito especial e repleta de significados culturais, como acontece com o Natal e a Páscoa no Brasil

Figura 35 – Festa de Ano Novo, residência do Prof. Dr. Teruo Hirayama, este no centro, à minha direita Reiko Shinogi, embaixo meu orientador, Prof. Dr. Ichiro Ooshima, 1973.



Fonte: Acervo pessoal

No fim da tarde, ainda fui cumprimentar a família do Prof. Jirou Sudou. A Sra. Sudou ofereceu-me uma refeição típica de Ano Novo (*ossechi ryouri*, *lê-se /osseti ryouri*), começando com o *ozouni*, um caldo bem temperado que acompanha um saboroso *mochi* grelhado. Na conversa que se seguiu, falamos sobre os planos para o ano que se iniciava. Eles sugeriram que, caso concordasse, poderia vestir o kimono *furisode*¹⁵¹ da filha deles (Figura 36), que na época estava morando em Londres para fazer um curso de inglês. O Prof. Sudou acrescentou ainda que, se eu quisesse, poderia fazer uso das roupas usadas da filha e economizar para comprar um kimono, *furisode*, novo para as ocasiões especiais. Aceitei de bom grado os conselhos e, no final do ano, levei a importância para a Sra. Sudou escolher e comprar um kimono que, posteriormente, usei na cerimônia de meu casamento no final de 1974, em São Paulo.

¹⁵¹ *Furisode* é um tipo de quimono de manga comprida próprio para solteiras e usado em ocasiões especiais, como no Ano Novo, Festa de Maioridade ou festa de formatura. No Japão, é comum as noivas se vestirem de branco na cerimônia religiosa, tanto em estilo japonês ou ocidental, mas durante a festa trocaram para o kimono *furisode*.

Figura 36 – Kuniko veste Kimono, *furisode* e segura raquete (*Hagoita*), ao fundo arranjo de flores (ikebana), Tóquio, 01 jan. 1973.



Fonte: Acervo pessoal.

Em 1973, assisti à partida do Nippon Maru, o último navio que partia em direção ao Brasil, levando emigrantes japoneses (Figura 37). Fui até ao Porto de Yokohama para a despedida de ex-alunos que partiam para trabalhar em terras brasileiras. Eles tinham acompanhado as minhas aulas de português e espero que isso lhes tenha servido na missão como técnicos e agricultores. Fiquei muito emocionada com esse acontecimento e recordei com nostalgia os momentos em que eu também me distanciava do arquipélago japonês a bordo do navio America Maru com a minha família, rumo a uma terra completamente desconhecida para nós.

Figura 37 – Partida do porto de Yokohama do Nippon Maru, o último navio de imigrantes japoneses para o Brasil, 14 fev.1973.



Fonte: Acervo pessoal.

4.4.1 Noivado e casamento

Logo que cheguei ao Japão, conheci um funcionário do Governo japonês que tomava conta do setor de cursos no Japan Emigration Service e, após seis meses de uma amizade cordial, começamos a namorar. Hyogen Komatsu nasceu na Província de Akita, situada a nordeste da ilha de Honshu e famosa por ser produtora de arroz. Ele era o caçula dos nove filhos de Ryuzo e Yuri Komatsu, proprietários de uma fazenda nesta região. Após terminar o ensino médio num colégio local, ele se mudou para Tóquio, onde cursou a faculdade de Agronomia e conseguiu um emprego na JAMIC¹⁵², órgão do Governo japonês que auxiliava os imigrantes japoneses no exterior e que, posteriormente, passou a incorporar a JICA (Japan International Cooperation Agency)¹⁵³ do Ministério das Relações Exteriores do Japão.

Minha mãe ficou muito apreensiva e escrevia cartas para mim, pedindo que eu não ficasse noiva, pois ela tinha receio de que a filha ficasse morando para sempre no Japão. Na ocasião, o tio de Hyogen, Sr. Funabashi, que era um dos Diretores do Ministério de Agricultura e esteve em São Paulo, encontrou-se com a minha mãe e prometeu a ela que iria transferir o sobrinho para São Paulo. De fato, logo depois que eu retornei ao Brasil, meu futuro marido foi transferido para agência da JAMIC, cuja sede estava localizada na cidade de São Paulo.

Porém, tanto minha mãe quanto eu sabíamos que a permanência do jovem em São Paulo não haveria de ser por muito tempo, pois teria que enfrentar uma mudança internacional bastante complicada. Mesmo assim, decidi conhecer os pais dele e ficar noiva antes de voltar para o Brasil. Hyogen vinha de uma família grande, era o filho caçula de nove irmãos. Decidi ficar noiva por três razões: gostava do jovem, não queria deixar os sogros idosos tristes e o jovem era estudado e funcionário do governo japonês. Retornei a São Paulo em janeiro de 1974 e, após seis meses, meu noivo foi transferido para São Paulo. O casamento foi marcado para o dia 08 de dezembro de 1974. Apesar de eu ser de uma família tradicionalmente budista, a cerimônia religiosa foi realizada em

¹⁵² Foram criadas duas empresas ligadas ao Ministério das Relações Exteriores (外務大臣, Gaimu Daijin): JAMIC (Japanese Immigration and Colonization), que se encarregava de organizar assentamentos e orientar a gestão agrícola, e JEMIS (Japan Emigration Service), que se encarregava de financiar emigrantes com várias fontes de recursos. Ambas as empresas trabalhavam em conjunto e pertenciam ao Ministério da Agricultura.

¹⁵³ Agência de Cooperação Internacional do Japão. Veja também: Postwar emigration agencies in: 100 Years of Immigration to Brazil. Disponível em: https://www.ndl.go.jp/brasil/e/s7/s7_2.html, acesso em: 30/03/2023

uma igreja católica, porque eu desejava compartilhar com os amigos brasileiros esse momento feliz da minha vida. Para a celebração do matrimônio na Igreja Católica, é necessário ser batizado, mas como meu futuro marido ainda não dominava a língua portuguesa naquele momento não conseguiria acompanhar o cursinho que é recomendado para o batismo. Mesmo assim, o padre consentiu em realizar a cerimônia que aconteceu na Igreja de Santo Ivo no Jardim Lusitânia, em São Paulo (Figura 38).

Após cerimônia religiosa, troquei o vestido de noiva para o kimono, *furisode*, a fim de respeitar a tradição japonesa. Uma amiga da Sra. Fujii ajudou-me a vestir o quimono enquanto minha irmã, Yoko, que era cabeleireira e conhecia o penteado próprio para traje tradicional, penteou e prendeu os meus cabelos conforme manda os costumes japoneses e adequado ao uso do quimono (Figuras 39 e 40).

Figura 38 – Casamento na Igreja de Santo Ivo, Jardim Lusitânia, São Paulo, 08 dez. 1974.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 39 – Kuniko Kondo Komatsu e Hyogen Komatsu, casamento, 08 dez. 1974.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 40 – Kuniko Komatsu e Hyogen Komatsu, com os padrinhos de casamento, Sr. e Sra. Fujii, 08 dez. 1974.



Fonte: Acervo pessoal.

Depois do casamento, Hyogen permaneceu no Brasil como funcionário do governo japonês, sua função era dar apoio aos imigrantes japoneses que vinham trabalhar

no Brasil. Ele colaborou no projeto da EMBRAPA no âmbito do Acordo de Cooperação entre os governos do Japão e do Brasil, na área da pesquisa agrícola, que foi firmado em 30 de setembro de 1977. Esse acordo teve uma duração inicial de 5 anos e foi prorrogado até setembro de 1985. O projeto de cooperação técnica entre a Japan International Cooperation Agency (JICA) e a Embrapa Cerrados oferecia desde orientações técnicas conjuntas de peritos japoneses e brasileiros, até doação de equipamentos, treinamentos no Japão ou a combinação de ambos, objetivando a formação de pessoal, a criação de organizações e sistemas, o desenvolvimento de pesquisas e a difusão de tecnologias. O acordo previa também cooperação com outras instituições, tais como a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) e o Projeto de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP), conforme relatório de Roberto Teixeira Alves (2021, p. 9).

Figura 41 – Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP), na frente estão Kuniko e o casal de assentados com crianças, Minas Gerais, 1976.



Fonte: Acervo pessoal.

Em 1976, visitei com Hyogen um desses assentamentos experimentais no Triângulo Mineiro (Figura 41). Tive o prazer de rever uma de minhas alunas que tinha estudado português comigo no Japão, quando eu ministrava aulas no JAMIS (Japan Emigration Service), a pedido da Prefeitura de Tóquio. Naquela ocasião, ela ia se casar por correspondência com um dos assentados do PADAP e, depois, viria morar no Brasil, por isso precisava de aprender o português.

Fiquei feliz por ter participado, ainda que indiretamente, dessa parceria entre o Brasil e o Japão, cujos resultados podem ser sentidos até os dias atuais, atestando a viabilidade técnica dos Cerrados brasileiros na produção de alimentos, fibras e energia para o Brasil e para exportação. Isso pode ser notado principalmente no desenvolvimento de Métodos de cultivo de soja e de trigo no cerrado brasileiro. Como parte desse processo, foi implantado, em 1973, o Programa de Assentamento do Alto Paranaíba (PADAP), que abrangia uma área de aproximadamente 600 km², entre os municípios de São Gotardo, Rio Paranaíba, Ibiá e Campos Altos, todos no estado de Minas Gerais. A JAMIC e a JAMIS costumavam apoiar os assentados, oferecendo financiamento facilitado, no entanto esse serviço foi incorporado à JICA, a partir de 1983, quando essa política sofreu grandes transformações. Eu participei ativamente nesse processo de mudança institucional, colaborando com meu marido na tradução de documentos da JAMIC.¹⁵⁴ Uma das mudanças no órgão governamental foi a doação de um imóvel que pertencia à JAMIC, onde se realizava o recrutamento dos imigrantes japoneses, que, a partir de então, passaria a pertencer à Beneficência Nipo-brasileira. Naquela época, nunca se podia imaginar que, futuramente, o meu filho Ernesto Akito viria a trabalhar no Hospital Nipo-Brasileiro (ENKYO)¹⁵⁵.

Atualmente, quando ouço falar que o Brasil é o maior produtor mundial de soja, fico satisfeita em pensar que os japoneses contribuíram para isso com pesquisa e envio de técnicos e agricultores que foram aqui assentados. Mas não posso deixar de lembrar também daqueles primeiros imigrantes humildes que vieram para trabalhar nas plantações de café no começo do século XX.

4.4.2 Naturalizada brasileira e ensino de língua japonesa

Meu marido queria que eu me naturalizasse brasileira, para que ele pudesse obter os documentos brasileiros. A intenção dele era comprar uma propriedade e permanecer definitivamente no Brasil. No dia 05 de julho de 1976, recebi o certificado de naturalização e meu nome de casada passou a ser Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu. O nome Patrícia era a tradução aproximada de Kuniko, mas Elisa era meu apelido

¹⁵⁴ Cursei o Curso de Direito na FMU, a fim de entender os trâmites legais e o conteúdo dos documentos escritos em português em linguagem jurídica e ser capaz de traduzir para o japonês.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://enkyo.org.br/> Acesso em: 14/01/2023

brasileiro e queria retirar, mas nessa ocasião recebia as correspondências nesse nome e resolvi, então, adotá-lo definitivamente, a partir daquela data. Meu marido não se naturalizou brasileiro, seguindo sua carreira como alto funcionário da JICA no Brasil.

Quando meu filho e minha filha já estavam crescidos, voltei a trabalhar profissionalmente em dois cursos de japonês, em 1998, no Centro de estudo de Línguas da E.E. Rui Bloem e, entre 2001 e 2006, no Centro de Estudo de Línguas da E.E. Prof. Alberto Levy. Além das aulas de língua japonesa, eu buscava informar aos alunos sobre a cultura e a história do Japão. Costumava organizar passeios culturais pela Liberdade e participava de eventos, como o Festival do Japão. Também íamos a restaurantes típicos japoneses para conhecer a culinária e aprender sobre a etiqueta japonesa à mesa. Com essas atividades eu tentava despertar a curiosidade dos alunos pelas tradições e a cultura japonesas (Figura 42). Isso talvez tenha sido uma influência deixada em mim por aquele grupo que frequentei na casa da família Fujii, quando, nos fins de semana, nos reuníamos para fazer diversas atividades culturais e passeios a parques e museus da cidade.

Figura 42 – Patrícia Kondo Komatsu com alunos do E.E. Prof. Alberto Levy, festa japonesa *Tanabata Matsuri*: Festival das Estrelas, Liberdade, S. Paulo, julho de 2001.



Fonte: Acervo pessoal, foto de Tanabata Matsuri.

Certa vez, um de meus ex-alunos, William, comentou que, se não fosse pelo Curso de Japonês que o motivava, talvez nem tivesse terminado o Curso Médio. Isto, porque para se matricular no Centro de Línguas, o aluno devia estar regularmente matriculado no Curso Médio. Após o Curso de Japonês em que eu ensinei a leitura dos ideogramas, interessou-se por estudar o chinês, que usa um sistema de escrita semelhante. Mais tarde, ele entrou na Faculdade de Educação e, depois de formado, passou a dar aulas de

português para os imigrantes refugiados. Nessa mesma época, eu ganhei uma bolsa de estudos da Fundação Japão para fazer um Curso de Aperfeiçoamento para professores de Ensino da Língua Japonesa no Japão (Figura 43). Este era um curso para estrangeiros que dão a aula de japonês no exterior. Foi nos meses de julho e agosto de 2000.

Figura 43 – Colegas de diferentes origens, Romênia, Brasil, Nepal e Índia, do Curso de Aperfeiçoamento para Professores da Língua Japonesa, agosto de 2000.



Fonte: Acervo pessoal

Sinto que como professora de língua japonesa eu consegui influenciar positivamente algumas pessoas. Apesar de meu objetivo não ser converter meus alunos ao budismo, mas, algumas vezes, em ocasiões especiais, quando se realizavam os Grandes Cultos, eu os convidava a conhecer o templo. Anos mais tarde, meu ex-aluno William procurou-me, dizendo que queria voltar a frequentar o templo Nikkyoji do Budismo Primordial - Honmon Butsuryu-shu do Brasil, ao qual pertença.

William disse-me que se sentia muito bem no Templo Nikkyoji. Em seguida pediu-me que eu o apresentasse à congregação e fosse sua madrinha, pois ele queria se converter para a religião budista. Infelizmente, não pude atender aos seus pedidos naquele momento porque não estava bem de saúde, mas pedi à minha filha, Fabíola Yumi, que o encaminhasse e, de fato, ele acabou se convertendo ao budismo e passou a frequentar a Catedral Budista Nikkyoji, a partir de 2021. Assim que recuperei a saúde, a mãe de William pediu-me que fosse a madrinha dela, pois também estava decidida a converter-se ao budismo. Atualmente, mãe e filho vão juntos ao Templo Nikkyoji.

Enquanto eu ministrava aulas de japonês na escola pública, meu marido seguia sua carreira na JICA, chegando ao posto de Presidente, quando trabalhou em São Paulo (Figura 44) e, posteriormente, passou a servir na sede, em Brasília.

Figura 44 – Recepção oferecida pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, ao Presidente da JICA, Hyogen Komatsu, São Paulo, 2001.



Fonte: Acervo pessoal

Na sua posse, houve uma recepção organizada pelo Consulado Geral do Japão, que foi muito bonita, e os ex-bolsistas da JICA ofereceram um jantar. Quando fui cumprimentar os funcionários em português, eles ficaram surpresos e comentaram: “A esposa do Presidente da JICA fala o português, ainda bem, nos jantares anteriores, cumprimentávamos em japonês “*Konbanwa*” (boa noite), mas não podíamos alongar a muito a conversa, e todo mundo ficava em silêncio parecia um jantar de velório”. A maioria dos bolsistas era Doutor, médico e engenheiro, que tinham realizado um estágio no Japão, contudo, perderam o hábito de falar em japonês.

Era o mês de janeiro de 2002, aconteceu uma festa de *Hatsugama*, Cerimônia do Chá, na Escola Urasenke (Figura 45). Minha família foi convidada. Após a Cerimônia, teve um almoço bem elegante que misturava as culturas oriental e ocidental. Nessa festa, tive o prazer de rever muitas pessoas saudosas. Encontrei-me com a Sumiko Daigou, que

já praticava Cerimônia do Chá quando eu era jovem. Ela lembrou meu nome de solteira e chamou-me carinhosamente de *Kuni-chan*, exatamente como me chamavam, quando eu era uma adolescente. Foi um reencontro feliz depois de 40 anos.

Desde então, ela tornou-se conhecida e eu fiquei sabendo, por meio do Jornal Paulista, que quando vieram o Príncipe Hitachi e a Princesa Hanako em São Paulo e se hospedaram no Hotel Cesar Park, onde Sumiko trabalhava no setor cerimonial japonês, foi ela a encarregada da recepção, por conhecer bem a cultura japonesa.

Figura 45 – Cerimônia do Chá (*Hatsugama*), Escola Urasenke. São Paulo, Janeiro de 2002



Fonte: acervo pessoal.

Encontrei também outra amiga, Consuelo Yoshida (à direita), que conheci na época em que cursava a graduação na USP. Naquele tempo, ela estudava Letras português-inglês na USP e Direito na PUC. Depois, optou por seguir os estudos na área de Direito, fez mestrado e doutorado, em seguida prestou concurso para a magistratura. Atualmente é Desembargadora Federal. Foi convidada para a festa, por ser a única desembargadora Nikkei, descendente de japoneses naquela época. Ela é de terceira geração e, apesar de não saber falar o japonês, aprecia muito a cultura e a arte culinária japonesas. Dra. Kiyomi, ex-bolsista da JICA, chefe da Radiologia do Incor, onde Ernesto Akito fazia residência médica, encontra-se posicionada à sua direita na fotografia acima.

4.5 Ernesto Akito e Fabíola Yumi

Meu primeiro filho, Ernesto Akito, nasceu no Hospital Pro Mater Paulista. A partir de seu 3º dia de vida, ele já recebia *inputs* linguísticos variados (Figura 46). Quando a enfermeira trazia o recém-nascido para a amamentação, eu conversava com o bebê utilizando a linguagem que se caracteriza como “*baby talk*”, com palavras em português, enquanto o pai só falava japonês com ele.

Figura 46 – Nascimento do primeiro filho, Ernesto Akito, em primeiro de novembro de 1975, São Paulo



Fonte: acervo pessoal.

Além disso, o bebê tinha contato com a avó, *obaachan*, que também só falava em japonês com ele. Mamãe costumava dar banho no bebê, ao mesmo tempo em que brincava e conversava em língua japonesa, que era a língua falada em nossa casa. Minha mãe veio morar comigo, a fim de cuidar do seu nono netinho. Só falava o japonês conosco, mesmo vivendo há mais de 20 anos no Brasil, nunca aprendeu, propriamente, a falar o português.

De acordo com o costume japonês, a mãe da criança deve obedecer a resguarda de 21 dias, a contar do dia de nascimento. Por isso, era a minha mãe quem dava o banho

em Ernesto Akito (Figura 47), que, ao nascer, já contava com quatro quilos. Ele continuou ganhando peso, pois mamava muito o leite materno além de tomar leite Ninho na mamadeira. Mas era um bebê muito calmo e sempre dormia bem.

Figura 47 – A vovó Hatsu Kondo brinca com o bebê, Ernesto Akito, em 1975.



Fonte: Acervo pessoal.

Em seu aniversário de 100 dias é costume japonês alimentar o bebê com comida japonesa com o uso de *hashi*, para que os dentes nasçam fortes (Figura 48). Segui esse costume conforme a tradição e Ernesto Akito aceitou de bom grado o alimento que lhe ofereci.

Figura 48 – A mãe, Kuniko, alimenta Ernesto Akito, bebê de 100 dias, com comida japonesa e uso de *hashi*. São Paulo, jan. 1976.



Fonte: Acervo pessoal.

Com um ano de vida, Ernesto Akito iniciou os contatos com crianças falantes de português brasileiro (Figura 49), a língua majoritária da vizinhança, em São Paulo, mas sempre tinha por perto a avó, que só falava japonês em casa, para brincadeiras em língua japonesa (Figura 50).

Figura 49 – O bebê Ernesto Akito, o pai Hyogen Komatsu e uma vizinha, à esquerda a mãe Kuniko Kondo Komatsu, 1976.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 50 – O bebê Ernesto Akito, brincando com a vovó Hatsu Kondo (*Obaachan*), 1976.



Fonte: Acervo pessoal.

No aniversário de um ano de Ernesto Akito, organizamos uma festa muito animada, em casa, misturando os familiares de origem japonesa e amigos e vizinhos falantes de português brasileiro (Figura 51). Esse ambiente bicultural sempre foi o entorno da vida de meu filho primogênito. Inclusive, seus padrinhos de batismo são brasileiros e católicos praticantes (Figura 52).

Figura 51 – Primeiro aniversário de Ernesto Akito, Patrícia Kuniko com o bebê, à esquerda a madrinha Suely Knizak e a avó Hatsu Kondo, além de algumas crianças, 01 nov. 1976.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 52 – Primeiro aniversário de Ernesto Akito, os padrinhos Roberto e Suely Knysak, 01 nov. 1976.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 53 – Ernesto Akito, com babá nordestina, São Paulo, 1977.



Fonte: acervo pessoal.

Quando Fabíola Yumi nascesse, eu precisaria me dedicar intensamente a ela; nesse novo ambiente, Ernesto Akito poderia distrair-se com as outras crianças e não ficar com ciúmes da irmãzinha, além de facilitar a aprendizagem do português correto falado pelas professoras do maternal, Jardim da Infância,¹⁵⁶ pois a convivência somente com a babá (Figura 53) estaria proporcionando a aprendizagem de um português nem sempre de acordo com a norma culta. Não sei se a minha decisão foi a mais acertada, mas assim foi decidido considerando a hipótese de que, se ele não se adaptasse ao ambiente escolar, poderia desistir, pois não era um curso obrigatório. No entanto, ele sempre saía de casa animado. Percebi que ele era uma criança curiosa e que se adaptava facilmente a qualquer ambiente.

Fabíola Yumi, a irmãzinha de Ernesto Akito, nasceu em 29 de abril de 1978 (Figura 54). O menino não ficou com ciúme, mas lembro-me de que, quando Fabíola Yumi e eu ficávamos na cama do meu quarto, Ernesto Akito vinha deitar-se ao lado e queria cantar uma canção de ninar japonesa, a mesma que eu cantava para ele, quando era bebê. Ele queria dar à irmãzinha o mesmo carinho que tinha recebido.

¹⁵⁶ Na época, a Educação Infantil chamava-se Jardim da Infância e, atualmente, alterou-se para Educação Infantil, Grupo 1 (Grupo 1 a 2 anos).

Figura 54 –Fabíola Yumi, com 3 meses, São Paulo, em junho de 1978.



Fonte: Acervo pessoal.

Quando Fabíola Yumi contava com apenas 4 meses, meu marido foi chamado para trabalhar no Japão. Eu tinha que preparar a mudança internacional com as duas crianças pequenas, numa situação bem diferente daquela em que viajei para o Japão como bolsista da Prefeitura de Tóquio. Levei na bagagem todos os brinquedos que as crianças estavam acostumadas a brincar em casa e comprei alguns discos de músicas infantis brasileiras, como as “Cantigas de Roda”. A ideia era evitar que o choque cultural fosse muito marcante.

Depois de uma longa viagem, com uma parada em Atlanta (Figura 55), fomos morar na Província de Gunma, localizada numa região montanhosa chamada Akaguiyama, que fica no centro da ilha Honshu, sem acesso ao mar. O distrito é famoso por suas fontes termais (*onsen*) e áreas de esqui. Essa mudança ocorreu num momento muito delicado da aquisição de linguagem de meu filho. Naquela época, Ernesto Akito tinha apenas três anos e, repentinamente, teria que se adaptar a um ambiente linguístico e cultural completamente novo para ele, onde a língua majoritária não era mais o português brasileiro, mas o japonês.

Figura 55 – Família Komatsu, parada em Atlanta, EUA, em trânsito para o Japão, 1978.



Fonte: Acervo pessoal.

A Capital da Província de Gunma chama-se Maebashi e a 50 minutos de carro está localizada a pequena cidade de Akaguiyama. Nessa região interiorana, foi criado o Centro de Treinamento de Emigrantes Agricultores, onde Hyogen Komatsu foi trabalhar como instrutor, por ter frequentado o Curso de Agronomia na universidade.

O alojamento da JAMIC ficava a 20 minutos de Maebashi, numa cidadezinha chamada Oogo. Havia cinco casas que faziam parte do alojamento e duas já estavam ocupadas. Em uma delas morava o supervisor do meu marido com a família, o Sr. Nishioka. Eles tinham morado em São Paulo e, naquela ocasião, o filho único que se chamava Makito frequentou o jardim de infância tal qual tinha feito Ernesto Akito. No Japão, frequentava o sexto ano do curso fundamental. No período em que moraram no Brasil, a família se acostumou à comida brasileira e a Sra. Nishioka sabia preparar alguns salgadinhos brasileiros muito gostosos. Fizemos amizade e ficamos muito próximos. Quando eu precisava ir ao médico ou fazer algumas compras na cidade de Maebashi, que não podia levar a Fabíola Yumi, que ainda era muito pequena, a Sra. Nishioka cuidava dela. Ainda bem que a minha filha se dava bem com essa gentil senhora. Da mesma forma, eu fazia tudo para retribuir a gentileza, quando a Sra. Nishioka tinha que ir à casa de sua

família, que morava na província de Chiba, próximo a Tóquio, ofereci para preparar o jantar com algum prato da cozinha brasileira, sabendo que o menino apreciava muito.

Nas proximidades do alojamento, havia uma casa de uma família tradicional da região com quem também fizemos amizade. A dona da casa, que se chamava Sra. Kitazume, era professora do curso fundamental. Entretanto, ela estava licenciada por motivo de doença. Diariamente, costumava caminhar na redondeza da nossa casa e, às vezes, convidava o Ernesto Akito para acompanhá-la em seus passeios matinais. Eu estava sempre ocupada com as tarefas domésticas, pois no Japão não era fácil encontrar uma empregada doméstica, mesmo no interior do país. Uma certa manhã, quando a Sra. Kitazume estava passando em frente à nossa casa, Fabíola Yumi estava tomando banho de sol na sacada enquanto eu estendia roupas na varanda. Então, ela veio conversar comigo, dizendo que meu filho, ao qual ela chamava de Akito-chan¹⁵⁷, era um menino muito bem-educado, mas que faltava para ele dominar o vocabulário japonês correspondente a sua idade. Expliquei-lhe que eu conversava com ele em português, e o pai em japonês, porque queríamos dar uma educação bilíngue a nossos filhos.

Ela entendeu, mas demonstrou certa preocupação no rosto e disse que o seu irmão mais novo morava no Brasil, era casado com uma brasileira e trabalhava como agricultor. Mas parece que eles levavam uma vida bastante humilde. Eu entendi as suas preocupações. Não somente com relação à situação econômica do irmão, mas também por este ser casado com uma brasileira que não falava japonês. Portanto, os filhos do casal não estavam aprendendo o japonês e teriam problemas de comunicação com ela e família caso voltassem um dia para o Japão. Eu contei a ela que, no Brasil, havia muitas escolas de língua japonesa, nas grandes cidades e mesmo no interior, onde havia associações dos imigrantes. Nelas, eram oferecidos cursos de língua japonesa. Em seguida, ela ficou interessada em saber mais sobre o Brasil e convidou-me para fazer uma visita à casa dela assim que eu pudesse.

No dia marcado fomos para casa da Sra. Kitazume. Eu estava com a Fabíola Yumi nos braços, enquanto Ernesto Akito foi andando na frente e entrou na casa dela apressadamente. Então, aconteceu um pequeno incidente. Após a primeira porta, costuma haver nas casas japonesas um pequeno hall (*/genkan/*) onde as pessoas tiram os calçados

¹⁵⁷ *Akito-chan* é uma forma afetuosa de tratamento para crianças. Na língua japonesa usa-se o sufixo para tratamento. */chan/* é diminutivo e afetivo e coloquial. */San/* é o tratamento usado nas escolas para meninas, a partir de curso fundamental; sendo que, para chamar os meninos, usa-se */kun/*. Para os adultos é usado, geralmente, */san/* em ambos os sexos.

com os quais vieram da rua e trocam por pantufas ou sandálias antes de penetrar no interior da casa. Meu filho tinha pé chato e usava uma bota ortopédica de couro com um cadarço que era difícil de desamarrar. Na hora que eu me preparava para desamarrar o cadarço da bota dele, Ernesto Akito já tinha passado pelo hall sem tirar as botas e correu para o interior da casa. Em nossa casa, ele estava acostumado a tirar as botas antes de entrar, mas deve ter ficado ansioso para entrar naquela gigantesca sala cheia de objetos que atraíram a sua curiosidade. Naquele instante, a Sra. Kitazume fez um comentário pouco lisonjeiro: “ontem fiz a faxina, limpei o soalho para receber vocês e hoje...” Pedi desculpas; devia ter feito a faxina com a ajuda de um dos filhos, pois, afinal, ela estava se recuperando de uma doença. Disse-lhe que eu poderia ajudar a limpar o chão, mas em seguida achei melhor ir embora, se não meu filho poderia começar a mexer nos objetos expostos e a situação poderia ficar ainda pior. Pedi mil desculpas e fomos logo para casa.

Após esse episódio, compreendi como é importante respeitar os costumes culturais de cada povo. Desde então, adotei uma divisória atapetada na entrada de nossa casa onde as pessoas vindas da rua podiam trocar os calçados. Mesmo quando voltamos para São Paulo, mantivemos esse costume japonês. Só assim poderia garantir que meus filhos adquirissem naturalmente esse hábito da cultura japonesa e não se sentissem pouco à vontade quando estivessem no Japão.

À noite, antes de as crianças dormirem, eu tocava as músicas ou canções japonesas de ritmo lento para relaxar e, de manhã, ao acordarem, eu tocava as músicas e canções mais animadas das cantigas de roda brasileira. Algumas canções, Ernesto Akito sabia de cor e Fabíola Yumi disse-me, mais tarde, que ainda se lembrava de alguns trechos.

Durante o inverno pela manhã, fazia mais frio do que estávamos acostumados em São Paulo, por isso as crianças ficavam na sala com aquecimento e eu lia algumas historinhas infantis (Figura 56). Depois disso, Ernesto Akito assistia à TV em que se apresentava numa programação para crianças até dez horas. Quando o dia era de sol e a temperatura subia um pouco, era hora de desligar o aquecimento e liberar as crianças para brincar fora de casa. No início, Ernesto Akito passeava com a Sra. Kitazume, mas logo fez amizade com uma menina da vizinhança que tinha um irmãozinho pequeno.

Figura 56 – Ernesto Akito e Fabíola Yumi, os irmãos brincam em casa, misturando português brasileiro e japonês. Oogo, Gunma, Japão 1979.



Fonte: Acervo pessoal.

Geralmente, meu marido voltava do serviço por volta das 17h20 e brincava um pouco com os filhos. Nesse horário, no verão, ainda estava claro e que eles podiam sair para fazer um passeio, mas, no inverno já estava escurecendo e era melhor ficar dentro de casa com os jogos e brinquedos. Dificilmente eu ia à cidade de Oogo durante a semana. Um dia, no entanto, meu marido teve que ir a Tóquio e precisei fazer algumas compras, levando as crianças.

Eu conversava com o Ernesto Akito em português, e o atendente da loja comentou com um outro freguês que o menino era japonês, mas não sabia falar a língua japonesa, insinuando uma reprovação. Por outro lado, comentaram com admiração que o menino tão pequeno já sabia falar o inglês. Eu entrei na conversa para esclarecer que a língua que falávamos no Brasil era português, e não inglês.

Figura 57 – Fabíola Yumi, brinca com vizinha no aniversário de 1 ano, Japão, 29 de abril de 1979.



Quando Fabíola Yumi completou 1 ano de vida (Figura 57), organizamos uma festa à moda brasileira com alguns pratos da cozinha japonesa. Resolvemos preparar um churrasco, mas tinha também uma salada de salsão, pão e bolinho de arroz japonês. A Sra. Nishioka fez dois tipos de salgadinhos brasileiros e o famoso brigadeiro que as crianças tanto gostam. Dois alunos do Centro de Treinamento de Emigrantes Agricultores vieram ajudar a preparar o churrasco. Convidei alguns vizinhos, além da família da Sra. Kitazume e a nova amiguinha do Ernesto Akito. O Sr. Nishioka gostou muito da festa, dizendo que estava com saudades do churrasco brasileiro. A festa continuou até a noitinha, com muitas conversas e cantos japoneses e brasileiros.

Permanecemos em Gunma durante dois anos e seis meses. As crianças cresceram em contato com a natureza daquela região montanhosa (Figura 58).

Figura 58 – Fabíola Yumi, brincando na neve, Gunma, Japão, 1981.



Fonte: Acervo pessoal.

Em seguida, o Sr. Komatsu foi transferido para trabalhar em Tóquio com uma função administrativa. O alojamento ficava na cidade de Sagamihara, na província de Kanagawa, mas uma estação anterior era a cidade de Machida em Tóquio. Havia prédio de três andares, organizados de A até D, equivalentes aos quatro blocos, e cada bloco com 18 famílias. Era uma espécie de Condomínio, que se chamava Green Heights. Para cada bloco, havia um pequeno parque infantil, onde as crianças podiam brincar com areia ou usar os brinquedos.

Não havia estacionamento no conjunto residencial onde morávamos, o que não fazia muita falta porque poucas famílias possuíam automóveis. Havia um estacionamento particular que ficava num local um pouco afastado dos prédios, mas era pouco utilizado porque a maioria das famílias utilizava bicicleta. Sendo assim, era um local tranquilo para a educação das crianças. Próximo ao prédio D, onde morávamos, havia um pequeno supermercado, uma clínica médica e uma agência de correio.

As crianças de cinco a seis anos, que moravam no Green Heights, frequentavam o Jardim de Infância,¹⁵⁸ *Uno Mori Youchien*, onde Ernesto Akito também foi matriculado e passou a frequentar essa escola infantil durante dois anos. Foi nessa época que ele

¹⁵⁸ No Japão ainda é usado o termo correspondente ao Jardim da infância, *Uno Mori Youchien*. No Brasil, atualmente, a denominação mudou para a Educação Infantil, dividida em Grupos de 1 a 5. Grupo 5 (cinco anos).

consolidou a fala e iniciou o letramento, aprendendo a ler e escrever a língua japonesa. Na parte da manhã, no jardim de infância, só se falava japonês. Ao voltar para casa, na hora do almoço, conversava comigo em português e, na parte da tarde, brincava com amiguinhos do local, ou andava de bicicleta e voltava para casa por volta das 17 horas. Nessa hora, tocava um sino no centro do Green Heights para avisar às crianças que retornassem imediatamente para casa. Já a Fabíola Yumi, que ficava mais tempo comigo, conversava mais em português. Falava o japonês, quando algumas vezes brincava com as crianças e com o pai nos finais de semana.

Após 4 anos no Japão, em abril de 1982, meu marido foi novamente transferido para São Paulo. Mais uma vez as crianças tiveram que conviver com um ambiente linguístico completamente diferente, no qual a língua majoritária voltou a ser o português brasileiro.

Ernesto Akito entendia o português, porque eu conversava diariamente com ele, mas estava perdendo a fluência na fala. Assim aconteceu durante todo o tempo que passamos no Japão, entretanto a língua japonesa era dominante fora do lar. Não por acaso, essa mudança radical ficou marcada na memória de Ernesto Akito:

Quando completei 6 anos de idade, meu pai foi transferido mais uma vez para São Paulo. Voltei sem saber falar bem o português. Fui estudar na escola Centro Educacional Pioneiro e me lembro vagamente que alguns meninos da classe diziam: “Coitadinho... não sabe nem falar português”. (KOMATSU, 2007, on-line)¹⁵⁹

A mãe de um dos coleguinhas de meu filho, que me conhecia desde muito tempo, pois quando jovem ela frequentava o Templo Nikkyoji, comentou comigo: “falei para o meu filho ficar amigo do Ernesto e ensinar o português para ele”. O nome dela era Hiroko Matsubara de Freitas. Tinha se casado com um arquiteto brasileiro que era católico e Hiroko adotou a religião do marido e se afastou do templo budista. O nome do filho era Luís Fernando e tinha irmãzinha chamada Sílvia Cristina. Por coincidência Fabíola estava na mesma classe desta menina no maternal. Hiroko perguntou-me se podia levar meus filhos para a Chácara que ficava em Mairiporã nos finais de semana. Assim, as crianças poderiam brincar e com a convivência Ernesto Akito e Fabíola Yumi iriam aprendendo a falar o português com facilidade. Eu aceitei o convite com muita gratidão.

Nessa mesma época, fui chamada pela Diretora do Centro Educacional Pioneiro para uma conversa. Ela contou-me que o meu filho Ernesto Akito fazia perguntas em

¹⁵⁹ Minha história – Projeto incorporado ao Museu da Imigração Japonesa no Brasil.

Enviada em: 11/10/2007. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/> Acesso em: 27/12/2022

japonês para a professora Teresa. Essa professora, que, naquela época, as crianças chamavam de tia, era nikkey e entendia o japonês, mas não falava japonês em sala de aula, porque nem todas as crianças entendiam o japonês. Respondi-lhe que, naquele ano, deixasse o menino continuar nesta mesma classe com a tia Teresa, uma vez que ela entendia a língua japonesa e até que meu filho se acostumassem com a escola e que fosse capaz de falar um pouco de português. Na minha opinião, o fato de a professora ter traços orientais, pode ser que na mente da criança ficasse confusa, achando que ainda estivesse no Japão. Ou então ele ficasse em dúvida e talvez se perguntasse: se a tia Teresa era falante da língua japonesa e entendia o que ele falava, por que se esforçar em falar o português? Entretanto, no ano seguinte, Ernesto Akito já parecia estar mais acostumado com o ambiente escolar brasileiro. A partir daí, pedi que deixasse que ele fosse transferido para outra sala em que a professora tivesse feição de brasileira, assim o menino não ficaria confuso e mesmo com a dificuldade se esforçaria em falar português. E eu reconhecia que o Ernesto Akito era um menino curioso e interessado por biologia, mas naquele momento a língua portuguesa constituía um obstáculo para ele.

Perguntei para a minha amiga, Maria Nísia, que fez o Curso de Português na USP comigo, se poderia dar aulas particulares de português para meus filhos. Lembrei que em japonês não há sons do português, tal como a fricativa lábio-dental [v] das palavras *ovo*, *vovó*; nem a velar aproximante lateral [l], usada nas palavras *leite*, *legumes*; tampouco a vibrante [r] presente nas palavras *rio*, *rir*, principalmente com dois [rr] como nas palavras *arroz*, *cachorro*. Seguindo o conselho da professora de meu filho, procurei uma fonoaudióloga para ajudá-lo a reconhecer e utilizar essas consoantes, para que mais tarde conseguisse pronunciá-las corretamente e não adquirissem sotaque. Essas dificuldades na pronúncia eu pude observar a partir da minha própria experiência, mas na época da minha aquisição de língua portuguesa, a minha família não tinha condição financeira para eu frequentar as aulas de fonoaudiologia.

Com quatro anos de idade, Fabíola Yumi entrou para a Educação Infantil do Grupo 4 (naquele tempo chamava-se Jardim da Infância) do Centro Educacional Pioneiro e conseguiu acompanhar as outras crianças com facilidade, pois as atividades eram baseadas em jogos e brincadeiras. A professora era brasileira e não falava o japonês, quando Fabíola Yumi não entendia o que ela dizia, perguntava em japonês para uma amiguinha que era bilíngue, a qual traduzia para ela. Além disso, Fabíola Yumi sempre teve grande facilidade em aprender línguas, tanto que num futuro próximo àquele

momento, ela se formou no Curso de português-japonês na USP, e estudou também inglês, espanhol e francês.

Recentemente, Fabíola Yumi enviou-me pelo WhatsApp um texto intitulado “Biografia da trajetória bilíngue”, onde ela relata um fato curioso sobre as diferenças entre o português e o japonês, comentando sobre as dificuldades que as crianças bilíngues encontram na aquisição dessas duas línguas.

Quando eu tinha uns 5 anos, me lembro de que eu conjugava o verbo caber no pretérito perfeito “cabeu”. A minha mãe e a minha prima mais velha e as pessoas ao meu redor, me corrigiram, dizendo “coube”. Fui crescendo e, naturalmente, consegui falar do modo correto. Mas, com carinho, tenho uma reminiscência e que carregava e carrego jogos de linguagem com intuito de aprender da forma mais lúdica possível. Por exemplo, “o arroz, o feijão e a “COUVE”, foi um prato cheio para memorizar o verbo conjugado “coube”. Um detalhe importante é que para antigos falantes de japonês, não havia distinção, sendo ambas “b”. Acontecia algo parecido para o meu irmão, Ernesto Akito. Segundo ele, foi com a mamãe à papelaria, logo que retornou ao Brasil em 1982 e que tinha seis anos. A minha mãe pediu um bloco de papel para a balconista da loja. De imediato, ele se empolgou com a vinda de um brinquedo novo. É que “burokku” em japonês era como se fosse o atual “lego” brasileiro. Mas, o misto de surpresa, decepção e graça veio, quando foi entregue uns papéis de anotação nas mãos da minha mãe, escrito “Bloco de papel”. (FABÍOLA YUMI, 2023, n.p.)

Para que Ernesto Akito pudesse se entrosar com os outros meninos brasileiros e se integrar à cultura local, contratei um professor de futebol, e convidei as crianças da vizinhança e meus sobrinhos para formar um time. Dessa maneira, brincando e praticando esportes, fazendo amizade com outras crianças, aos poucos ele foi assimilando os aspectos da cultura brasileira e se adaptou à sociedade envolvente.

Contratei também uma empregada em tempo integral que morava perto da nossa casa. Ela chamava-se Benedita, uma senhora de idade que cozinhava muito bem e gostava das crianças, embora não conseguisse fazer a faxina por causa de sua saúde frágil. Por isso, para compensar, tive que contratar uma faxineira uma vez por semana, enquanto Benedita cuidava das crianças. Eu decidi continuar meus estudos na Faculdade de Direito, que estava trancado desde a viagem ao Japão. Com o retorno a São Paulo, a Faculdade exigiu que eu retomasse o curso para não ser jubilada. Matriculei-me no curso noturno. Por isso precisava de alguém como Benedita, alguém de confiança que tomasse conta das crianças até a hora em que meu marido voltasse. Lembro-me de que as crianças e o pai, às vezes, vinham buscar-me na Estação de Metrô Santa Cruz. Aquele foi um tempo bom, porque eu gostava de estudar.

Pela manhã, eu sempre passava as lições de casa das crianças, porque o meu marido queria que eles fizessem o curso de japonês por correspondência. À noite, após voltar do trabalho e aos sábados de manhã ou domingos à tarde, quando ficávamos em casa, ele dava aulas de reforço para as crianças. No período de provas do Curso de Direito, algumas colegas da classe vinham a minha casa para estudarmos juntas, principalmente aquelas que tinham dificuldade em anotar as aulas e dependiam das minhas anotações, pois eu anotava tudo. Elas trabalhavam em período integral e só sobrava tempo para estudar aos sábados e domingos. Eu podia estudar na parte da tarde durante a semana, enquanto as crianças estavam na escola. O meu apartamento parecia um recanto de estudantes. Na hora do jantar, meus filhos conversavam com minhas colegas. Meus filhos demonstravam uma grande sociabilidade e faziam amizade com facilidade.

Assim que as crianças se adaptaram ao ambiente de estudo no Brasil, contratei um professor de música que tinha feito Faculdade no Japão, para dar aulas de piano e canto em japonês do Curso Fundamental.¹⁶⁰ Uma vez por semana, eu levava as duas crianças para o curso de Kumon de matemática, para exercitar o raciocínio rápido. Quando Fabíola Yumi completou 5 anos, começou a frequentar uma escola de ballet, a que a Benedita levava. A convivência com esta empregada bondosa fez com que meus filhos conversassem em português em casa. Ernesto Akito também frequentava um grupo de escoteiros aos domingos pela manhã, mais uma oportunidade de socialização em língua portuguesa e assimilação de informações culturais.

4.5.1 Alegrias e dificuldades entre Brasil e Japão

Nessas idas e vindas entre o Brasil e o Japão, eu sempre pensava nas dificuldades pelas quais passaram os imigrantes japoneses que vieram de navio no período entre 1908 e 1973, nas longas travessias de dois oceanos que podiam durar mais de 50 dias. Mas a viagem aérea, que levava mais ou menos 23 horas, com três crianças pequenas, também não era nada fácil.

No dia 1 de abril de 1986, nasceu meu terceiro filho, Augusto Massato. Contudo, devido a complicações ocorridas durante o parto, ele teve de ficar internado durante 20 dias na UTI, e acabou ficando com uma seqüela cerebral. Como Ernesto Akito, ele

¹⁶⁰ O curso de música com o professor japonês era importante porque eu ainda não tinha certeza se meu marido iria trabalhar no Brasil definitivamente. Era necessário preparar as crianças para frequentar a escola japonesa, caso voltássemos a morar no Japão.

também nasceu na Maternidade Pro-Mater, um centro médico muito conceituado, e eu fui atendida pelo mesmo médico que cuidara dos meus outros dois filhos. Logo em seguida, foi chamado um médico neurologista que era Professor do Hospital das Clínicas para realizar o tratamento. Entretanto, aos três meses de idade, o bebê ainda não conseguia levantar a cabeça, nem movimentar os membros e tinha dificuldades inclusive para se alimentar, por isso precisou ter acompanhamento de uma fisioterapeuta e fonoaudióloga.

Para complicar ainda mais a situação, meu marido foi transferido novamente para Tóquio, no mês de junho, quando o bebê tinha apenas três meses (Figura 59). Ele achou melhor não pedir demissão imediata para ficar definitivamente no Brasil, devido à má situação econômica do país naquele período. Além disso, para proporcionar um bom tratamento ao bebê, precisaria garantir os recursos financeiros.

Figura 59 – Foto de família com o bebê, Augusto Massato no colo, antes da partida do pai para o Japão, em junho de 1986.



Fonte: acervo pessoal.

Eu queria criar meu filho doente ao lado do pai, para que ele acompanhasse a evolução do estado de saúde do menino. Ao mesmo tempo, pensava que os médicos Japoneses pudessem oferecer um tratamento melhor para o caso dele. Mas tinha que resolver os problemas das escolas dos dois outros filhos maiores. Procurei a Diretora da escola em que estudavam, e pedi que guardasse as vagas durante dois anos. Ela aceitou reservar as vagas, mas me aconselhou que fosse conversar com o inspetor da Diretoria do Ensino Regional, para que não perdesse dois anos do curso. Ele orientou-me que deveria seguir o calendário escolar japonês, e frequentar no início do ano letivo e voltar terminando o ano letivo. E trazer o boletim escolar, e apresentar à Escola brasileira o

boletim traduzido por um tradutor juramentado. Nesse caso, precisaríamos viajar para o Japão no princípio do ano seguinte, no mês de março, uma vez que o ano letivo no Japão iniciava no mês de abril.

Antes de partir para o Japão, conversei com a assistente social da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD). Contei-lhe que estava cursando o último ano do Curso de Direito, mas que pretendia parar de estudar para me dedicar integralmente ao bebê doente. Entretanto, ela deu uma resposta contrária aos meus planos, dizendo que ela sugeria que eu devesse continuar estudando Direito para obter o diploma de advogada. Ela achava que, dessa forma, eu poderia conseguir um emprego de meio período e com esse rendimento pagar uma cuidadora para tomar conta do menino deficiente. E argumentou que, se eu me dedicasse, exclusivamente, ao meu filho em tempo integral, poderia me decepcionar caso ele não se recuperasse e isso seria motivo de frustração. Seguindo esse conselho continuei estudando à noite, e duas vezes por semana levava o Augusto Massato para a fisioterapia e fonoaudiologia, enquanto pela manhã conferia as lições de casa dos filhos maiores.

Em meio a tantos dissabores, houve um acontecimento feliz que alegrou toda a nossa família. O irmão do Imperador do Japão, Príncipe Hitachi, acompanhado de sua esposa, Princesa Hanako, iriam fazer uma visita de alguns dias à cidade de São Paulo, após participarem das comemorações do cinquentenário da Imigração Japonesa em Assunção, Capital do Paraguai. A Comissão organizadora solicitou a participação de algum escoteiro que soubesse falar japonês. Entraram em contato com o chefe dos escoteiros onde Ernesto Akito frequentava. Assim, Ernesto Akito foi escolhido para recepcionar o príncipe e a princesa. Fui acompanhá-lo até ao Aeroporto Internacional de Guarulhos. Quando o Príncipe Hitachi e a Princesa Hanako apareceram na chegada, foram ovacionados pelo público que os aguardava. Lina Kawazoe, de 7 anos, e Ernesto Akito Komatsu, de 10 anos, dirigiram-se respeitosamente ao casal imperial para entregá-lhes um singelo buquê de flores (Figura 60), gesto que foi retribuído pelas altezas imperiais com um sorriso de agradecimento e um caloroso cumprimento.

Figura 60 – Ernesto Akito Kondo Komatsu, homenagem ao Príncipe Hitachi, Aeroporto Internacional de Guarulhos, São Paulo, outubro de 1986.



Fonte: acervo pessoal.

Prestei o exame escrito da OAB e tive que esperar quase um mês para obter os resultados. Após ter passado nessa primeira fase, teria que enfrentar o exame oral no mês de março de 1987. A nota do exame oral saiu no mesmo dia e fui aprovada. Fiquei satisfeita, mas assim que cheguei em casa lembrei-me de que tinha de pensar nos preparativos da mudança para o Japão. Como era uma viagem de mudança, cada um dos passageiros poderia levar 40 quilos. As malas de 20 quilos destinavam-se a roupas e a objetos pessoais e outros pacotes de 20 quilos para os materiais escolares e livros brasileiros. Ernesto Akito, que já tinha 11 anos e cinco meses e era muito esperto, preparou sozinho a mala dele. O restante eu tive que preparar sozinha. Eu me preocupava somente com as roupas e os objetos que ia levar para o Japão. Minha irmã Yoko junto com o marido dela, Toshio, iriam ajudar a fazer a mudança, para deixar os móveis, utensílios e livros depositados na casa do meu irmão Tomoharu. Para além disso, eu tinha mais tarefas para cumprir antes de embarcar, tal como combinar com o meu irmão para que fizesse a contabilidade bancária, o pagamento do condomínio até a entrega do

apartamento. Também teria que fazer o pagamento da prestação do apartamento em construção que eu havia comprado, pensando que no prazo de dois anos estaria pronto para morar, quando voltássemos para São Paulo. Além disso, tinha o trancamento da matrícula da Escola das crianças. Ainda tive que procurar o médico neurologista que tratava do Augusto Massato, para pedir que escrevesse um laudo médico em inglês contendo o diagnóstico dele, para que pudesse mostrar quando fosse atendido no Japão.

Durante a viagem, houve momentos bastante difíceis, pois o Augusto Massato não queria ficar no bebê conforto e tive que segurá-lo colo o tempo todo. Na hora das refeições, Ernesto Akito comia primeiro. Depois, segurava o Augusto Massato, enquanto eu fazia minha refeição rapidamente, pois tinha que dar a mamadeira para o Augusto Massato. Durante a noite, na hora de dormir, eu ficava em pé na medida do possível, pois, se eu ficasse sentada, poderia cair no sono e deixar cair o bebê no chão. Mas, quando acendia a luz, o Ernesto Akito o segurava e a Fabíola Yumi brincava para distrair o irmãozinho, enquanto eu dormia. E assim foi até que chegamos ao Aeroporto de Narita, em Tóquio, onde o pai das crianças foi nos receber.

Ainda bem que nós fomos morar no alojamento em Green Heights, um local já conhecido. Durante três dias, eu e o bebê só dormíamos e descansávamos, sentindo o impacto de uma diferença de 12 horas de fusos horários. Enquanto isso, meu marido pediu uma licença no serviço e levou Ernesto Akito e Fabíola Yumi para a escola, a fim de matricular as crianças e comprar os livros e demais materiais escolares necessários.

Fomos ao Hospital Universitário, Kitazato Daigaku Byouin, para o tratamento de saúde do Massato. Fizemos uma junta médica com o pediatra, neurologista, fisioterapeuta e assistente social. O neurologista alertou que ele não tinha coordenação motora para segurar qualquer objeto, tratando-se de grave paralisia cerebral do tipo atetose. Não teria coordenação motora suficiente sequer para a respiração ao mesmo tempo em que devia engolir a saliva ou soltar o catarro. Aconselhou que não deixasse pegar a gripe. Só com a fisioterapia poderia melhorar aos poucos. A assistente social orientou-me, para que eu pudesse cuidar da educação escolar dos outros filhos, a deixar o bebê doente no *baby home*, uma espécie de creche mantida pela prefeitura da cidade.

No Japão, durante o Curso Fundamental, os professores responsáveis pelo corpo docente costumam fazer visitas periódicas à residência de cada aluno, no início do ano letivo. O intuito dos professores é verificar se a família tem condições de oferecer em casa um ambiente propício para o estudo. Cada criança tinha que ter pelo menos uma escrivaninha apropriada para se dedicar aos estudos e fazer os deveres de casa.

Primeiramente, veio nos visitar a professora responsável pelo Ernesto Akito, que, na ocasião, irá cursar o sexto ano. Ela disse que iria dar as aulas numa classe com os mesmos alunos do ano anterior, e achava positiva a presença de Akito-kun, pois eles precisavam de novidades, e a chegada de um menino vindo do Brasil poderia acrescentar algo diferente e animador à monotonia do ambiente escolar. A Profa. Shimajiri era muito generosa e simpática.

Fabíola Yumi estava matriculada no terceiro ano, e o responsável era um outro professor. Ofereci o chá como se costuma fazer nas casas japonesas; ele tomou um pouco vagarosamente, mas permaneceu em silêncio, parecia procurar as palavras certas para me dizer algo que o incomodava. Eu percebi logo que estava sem jeito para dizer a verdade sobre Fabíola Yumi. Então, antecipei-me às palavras para o professor, dizendo: “O senhor quer dizer que Fabíola Yumi Komatsu é a aluna mais atrasada da classe, não é isso?”. Pedi a ele que tivesse paciência com ela, porque, em menos de seis meses, ela alcançaria a classe e surpreenderia a todos. Argumentei que o importante naquele momento de transição era que ela não se sentisse rejeitada pelas coleguinhas e que se sentisse acolhida pelo professor. Ele entendeu perfeitamente o meu ponto de vista e foi embora com o semblante tranquilo.

Eu levava o Augusto Massato para a fisioterapia duas vezes por semana. Ainda bem que consegui a Permissão Internacional para Dirigir e levava o menino com o meu carro até a clínica. Na parte da tarde, ficava dividida entre os cuidados dedicados a ele, os serviços de casa e a ajuda na lição de casa das crianças. Ernesto Akito quase sempre conseguia estudar sozinho, a dificuldade dele era entender a História do Japão, que eu tinha que explicar com toda calma. Um país do Extremo Oriente com mais de 2000 anos de existência, sua história nem sempre era fácil de entender. Ainda bem que eu gostava de ensinar história e por isso não precisei contratar um professor particular. A Fabíola Yumi, por sua vez, tinha dificuldade em escrever a redação em japonês. Havia dias em que, enquanto eu preparava o jantar, ficava contando a história e ela ia escrevendo no caderno; depois, eu corrigia os erros e pedia para ela passar a limpo para, depois, entregar ao professor. Às vezes, Ernesto Akito estudava com o bebê no colo, quando ele estava cansado de ficar no bebê conforto. Em geral, o bebê era calmo. Quando a Fabíola Yumi dançava, rodando a saia, ele ria e parecia estar contente.

Figura 61 – Ernesto Akito e Fabíola Yumi, Heian Jinguu, Santuário Heian em Kyoto, agosto de 1987.



Fonte: acervo pessoal

Agosto era um mês de férias de verão no Japão. Decidi deixar Massato no *Baby home* do qual me tinha falado a assistente social e levar as crianças para conhecer as antigas cidades do Japão, a fim de que entendessem melhor a história daquele país milenar. Como verificado na foto acima (Figura 61), Fabíola Yumi conseguiu escrever em seu diário durante as férias que era a lição de casa das férias de verão. Ela escreveu sobre a viagem que fizemos pela região de Kansai, onde estavam as antigas capitais japonesas, Kyoto e Nara (Figura 62). Conseguiu escrever com a redação perfeita, até usando ideogramas. O professor fez uma observação de elogio.

Figura 62 – Ernesto Akito e Fabíola Yumi, Nara, antiga Capital do Japão, 1987.



Fonte: Acervo pessoal

Felizmente, Ernesto Akito, que ia completar 12 anos de idade naquela ocasião, era bastante comportado e estava sempre pronto para me ajudar nos serviços de casa. Ele fez um relato sobre aqueles momentos difíceis em seu depoimento:

Comecei a ajudar os meus pais fazendo faxina, lavando roupas, fazendo compras no supermercado, e tudo o mais que estivesse ao meu alcance para que eles pudessem dar toda a atenção que o meu irmão precisava e merecia. Eu desejava profundamente que meu irmão conseguisse andar, falar, brincar... Foi nessa época que eu decidi que queria ser médico. (KOMATSU, 2007, on-line)¹⁶¹

Akito começou a cursar a 6ª série no Oonoshougakkou (大野小学校), correspondente ao primeiro ano do II Curso Fundamental no Brasil. A escola japonesa era muito diferente da brasileira, e o ensino fundamental era bem mais rigoroso (Figura 63), com aulas de segunda-feira a sábado em tempo integral. Começavam por volta das oito e meia da manhã e terminavam às três da tarde, exceto no sábado, quando as crianças eram liberadas ao meio-dia.

Figura 63 – Ernesto Akito, com a turma de alunos da escola fundamental II. Sagamihara Oonoshougakkou, Kanagawa, Japão, 1987.



Fonte: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil.¹⁶²

Além dessa carga horária pesada, os alunos ainda “tinham de participar de pelo menos duas reuniões todos os dias com a professora responsável pela sala, antes do início

¹⁶¹ Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/historia/28/> Acesso em: 13/04/2023.

¹⁶² Minha história – Projeto incorporado ao Museu da Imigração Japonesa no Brasil.

Enviada em: 11/10/2007. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/galeria/?foto=95> Acesso em: 29/12/2022

e no final das aulas” (KOMATSU, 2007, on-line). O senso de responsabilidade dos alunos também era valorizado e a higiene era praticada na escola ao lado das atividades físicas.

Também havia reuniões semanais com os colegas da mesma sala para tratar de assuntos diversos, por exemplo, organizar a faxina (*souji*) da escola (cada grupinho da classe era responsável por alguma área da escola), o festival de cultura, o *undôkai* (gincana esportiva). Felizmente não tive dificuldade para me adaptar. Nessa época, comecei a treinar kendô, a arte marcial tradicional japonesa com espadas de bambu. (KOMATSU, 2007, on-line)

No final das férias escolares de verão dos meus filhos, preparei uma festa de aniversário de um ano do Massato. Convidamos a Sra. Sakaguchi e sua família que praticava a mesma religião da minha família e que tinha três filhos e um deles tinha a mesma idade da Fabíola Yumi; a família morava no prédio C do mesmo Condomínio. Convidados na casa, enfeites de bolas de bexigas, salgados e doces na mesa, Massato não pronunciava nada, mas ria muito e parecia estar feliz, eu, pai, Akito e Yumi também ficamos felizes durante a festinha.

Entretanto, terminando as férias de verão, entramos na estação de outono, Massato contraiu a gripe. Demorou acordar num dia de manhã. Peguei ele, enrolei no cobertorzinho e levei ao médico, cujo consultório ficava no Condomínio próximo ao prédio D. O médico examinou-o, perguntei se era melhor internar no Hospital Kitazato Daigaku Byouin. Ele fez a respiração artificial, mas disse que já estava morto. O médico telefonou para o meu marido e falou que ia preparar o atestado de falecimento para poder levar ao Cartório e depois fazer o enterro. O médico, percebendo que eu estava muito triste, sem entender nada, aconselhou-me a ir para casa com o bebê e ficar descansando. A Sra. Sakaguchi avisou ao monge do Templo próximo de *Honmon Butsuryu-shu* para realizar o enterro. O marido dela faltou um dia de serviço para ajudar o meu marido nesses procedimentos. A sra. Sakaguchi emprestou-me o kimono preto próprio para o enterro e vestiu-me. Foi cremado. Tudo aconteceu de um dia para outro e ali acabou a minha esperança.

Após o culto do sétimo dia, eu não conseguia sair da cama, entrei em depressão. Mas, nos momentos em que estava melhor, pensava: o bebê veio para esta terra para cumprir uma missão e, por ele ter nascido doente, Ernesto Akito escolheu a carreira de médico, para salvar a doença física; e a Fabíola Yumi que brincava muito com ele, cresceu bondosa e compreensiva com as pessoas que sofrem interiormente.

As três vizinhas vinham preparar a janta uma vez por semana. Elas faziam compras no supermercado, e a Fabíola Yumi pagava as despesas e as atendia. No ano

seguinte, Ernesto Akito terminou o curso fundamental e cursou o primeiro ano do Curso Ginásial. Não tinha mais a merenda escolar e tinha que levar a marmita. A mãe de uma colega de estudo do Ernesto Akito ofereceu preparar a marmita para ele. Fiquei grata com todas e, antes de voltar ao Brasil, agradei com meus objetos pessoais, como jóias ou móveis usados por meus filhos. Eu sabia que o agradecimento não seria retribuído por materiais, mas, no momento, tive que fazer assim.

E com essa experiência triste entendi que todos nós fomos preparados para no futuro sempre ajudar as pessoas que passam por dificuldades materiais ou por problemas emocionais. Assim, o Augusto Massato cumpriu a sua missão neste mundo, ensinando-nos a viver dignamente, como seres humanos.

Em 1988, aos 13 anos de idade, meu filho Ernesto Akito cursou o primeiro ano de “*tyuugakkou*” em Unomorityuugakkou (鵜野森中学校), equivalente à 7ª série do Curso Fundamental do Brasil. Paralelamente, ele continuou se dedicando aos estudos do português comigo em casa. Após as aulas, treinava *kendou*,¹⁶³ que era extremamente rigoroso. O condicionamento físico era obrigatório e, antes do início das aulas, tinha que correr durante 30 minutos gritando bem alto: *iti, ni, san, shi, go, roku, shiti, hati*, isto é contagem dos números um a dez. Além disso, “Durante os treinos eu precisava gritar ainda mais e eu realmente levava a sério! Dentre os membros do grupo, eu era um dos que gritava mais alto, tanto de manhã, enquanto corria, quanto à tarde, durante as lutas” (KOMATSU, 2007, on-line).

Quando Ernesto Akito e Fabíola Yumi completaram dois anos letivos no Japão, resolvi voltar ao Brasil, para dar continuidade à educação deles em língua portuguesa. A partir daí, resolvi, definitivamente, encerrar essa série de migração circular entre o Brasil e o Japão, pelo menos junto com os filhos, para não prejudicar os estudos. Coloquei meu filho de volta no Centro Educacional Pioneiro, onde cursou a 7ª e a 8ª séries. Minha amiga Maria Nísia prontificou-se a dar aulas particulares de reforço ao menino, que tinha dificuldade com a língua. Ela tinha dois filhos adolescentes, um deles tinha a mesma idade do Ernesto Akito, por isso sempre o convidava para viajar com eles ou fazer atividades conjuntas. Mesmo assim, meu filho levou um bom tempo para se adaptar aos costumes brasileiros e ao uso cotidiano do português do Brasil com os amigos e colegas de classe.

¹⁶³ *Kendou* é a prática da tradicional luta de espada do tempo dos samurais, que visava fortalecimento físico e espiritual.

Eu repetia o que os outros falavam, algumas vezes porque eu não entendia, outras vezes para confirmar se havia entendido certo; usava roupas “fora de moda” e falava com sotaque japonês. O resultado foi uma série de adolescentes tirando “um sarro” desse japonês confuso. Apesar de hoje achar graça, foi uma época difícil para mim, principalmente porque sentia muita falta do meu pai. (KOMATSU, 2007, on-line)

Quando Ernesto Akito terminou o 1º grau, resolvi matriculá-lo no Colégio Bandeirantes, uma das instituições de ensino médio mais bem conceituadas daquela época, uma vez que ele desejava cursar Medicina. Sabia que o método utilizado nessa escola demandava muito esforço dos alunos. No começo foi muito bom para ele porque tudo era novidade, conheceu pessoas, fez novas amizades. Porém, quando recebeu o boletim de notas do primeiro bimestre, ficou apavorado. Conforme ele mesmo conta: “Eu tinha 7 notas vermelhas, sendo a pior de língua portuguesa. Percebi que eu precisava estudar ‘pra valer’, caso contrário, seria jubilado. Virei ‘nerd’! Só estudava, lia jornal e escrevia redações quase que diariamente” (KOMATSU, 2007, on-line). A sua sorte foi nunca ter abandonado a cultura japonesa, que serviu de referência para o seu desenvolvimento como pessoa.

Nesta época, comecei a praticar kendô em “Kabukan”, na Praça da Árvore, onde conheci o Harashima sensei (Professor Harashima). Ele foi uma das pessoas que mais me influenciou e ajudou espiritualmente. Além de me ensinar kendô, foi também mestre na escola da vida, transmitindo muitos ensinamentos que me ajudaram nas horas difíceis. Eu comecei a ir ao kendô não só para aprimorar as técnicas, mas também para ouvir seus conselhos. (KOMATSU, 2007, on-line)

No final, felizmente Ernesto Akito conseguiu superar as dificuldades com a língua portuguesa, não foi reprovado, nem teve que abandonar o Colégio Bandeirantes, conseguindo se formar. Em seguida, prestou o vestibular para Medicina, mas não passou da primeira vez. Teve que frequentar um ano de cursinho no “Anglo” da Rua Tamandaré para finalmente conseguir ingressar na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), em 1995. Com isso, ele ficou muito feliz, já que ser médico era o seu sonho desde a infância.

Figura 64 – Ernesto Akito, Leeds Castle, Inglaterra, 1997.



Fonte: Acervo pessoal.

Os Simpósios da área de Medicina eram sempre em inglês. Para ser fluente em inglês e poder participar nas apresentações, ele pediu-me que pagasse um curso de inglês na Inglaterra. Achei que era uma boa ideia e Ernesto Akito partiu para Londres durante as férias para fazer um curso intensivo (Figura 64). Creio que essa época do estudo de Medicina foi um período bom e divertido de sua vida. Com isso eu também me senti mais tranquila e feliz. Ele veio a se formar na turma de 2000 (Figura 65).

Figura 65 – Formatura de Ernesto Akito, Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, 2000.



Fonte: Acervo pessoal.

Depois de formado na FMUSP, Ernesto Akito ganhou uma bolsa de estudos para estudar Medicina Oriental no Japão, foi morar com o pai, que continuava lá, em Tóquio. Mergulhou na cultura japonesa e treinou artes marciais com Tsuyuki sensei (Figuras 66 e 67). Apesar de ter sido um período curto de apenas 4 meses, aquela foi uma experiência rica e muito importante para o seu futuro, como ele mesmo conta: “comecei a ter outro tipo de visão em relação à vida, à medicina e à cura” (KOMATSU, 2007, on-line).¹⁶⁴

Figura 66 – Ernesto Akito Kondo Komatsu, treino com Tsuyuki sensei, Tóquio, 2001.



Fonte: Conte sua História, Projeto incorporado ao Museu da Imigração Japonesa no Brasil.¹⁶⁵

¹⁶⁴ Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/historia/26/> Acesso em: 13/04/2023

¹⁶⁵ Conte sua História, Projeto incorporado ao Museu da Imigração Japonesa no Brasil. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/galeria/?foto=95> Acesso em: 29/12/2022

Figura 67 – Ernesto Akito Komatsu, jornal São Paulo Shimbun sobre Medicina Oriental, São Paulo, 2001.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao voltar para o Brasil, Ernesto Akito ingressou no Incor (Instituto do Coração) para fazer residência em radiologia. Paralelamente, começou a participar em um programa de assistência médica móvel conhecido como *Junkai Shinryou* (巡回診療), promovido pelo setor social da Beneficência Nipo-Brasileira. São equipes formadas por médicos, enfermeiras, laboratoristas que viajam pelo país afora, prestando serviços de consultas médicas, exames e orientação nutricional em comunidades de imigrantes japoneses. O atendimento é bilíngue, podendo ser em português ou japonês. Os idosos, a partir de 70 anos, recebem o atendimento gratuitamente. Assim, nos finais de semana, Ernesto Akito se encontrava com esses grupos de médicos de diversas especialidades para juntos, tomarem o ônibus rumo às regiões onde se concentravam os imigrantes japoneses tanto na capital quanto no interior, inclusive cidades afastadas, como as localizadas no interior dos Estados do Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Santa Catarina.

Nesse contexto, Ernesto Akito foi capaz de prestar um importante serviço humanitário como médico e como bilíngue, consciente de que muitos dos imigrantes japoneses não sabiam falar o português, apesar de terem vindo para o Brasil há várias décadas. Ele dizia estar satisfeito com isso: “Fico feliz em poder ajudar, ainda que só um pouquinho..., ainda que às vezes essa ajudinha se resume a apenas uma conversinha em “*nihongo*” (língua japonesa)”.¹⁶⁶

O bilinguismo também foi importante em sua carreira como profissional da saúde. A partir do final de 2003, começou a fazer parte do setor de radiologia do Hospital Nipo-Brasileiro, um renomado centro médico pertencente à Beneficência Nipo-Brasileira. Em 2005, o hospital iniciou o serviço de *check-up* de saúde, voltado principalmente para idosos falantes de língua japonesa e executivos de empresas japonesas residentes no Brasil, cujos resultados dos exames, laudos médicos e as recomendações clínicas deveriam ser redigidos em japonês. E os prontuários do Hospital redigidos em português.

Como vimos até aqui, a aquisição do bilinguismo desenvolvido pelos filhos da família Kondo Komatsu foi facilitada pela profissão do pai, funcionário do governo japonês. Sua função exigia grande mobilidade, de modo que, a cada quatro anos, tinha que intercalar períodos de trabalho entre o Brasil e o Japão. Por outro lado, a mãe que se formou no curso de Letras, nas áreas de português e japonês na Universidade de São Paulo, e era conhecedora dos problemas sociolinguísticos decorrentes de uma educação bilíngue, permitiu que as crianças fizessem aulas de japonês em casa, conforme relata Ernesto Akito:

Fiz o curso primário de língua japonesa em casa, através de um curso por correspondência, com o auxílio do meu pai. Várias vezes eu queria brincar ou assistir TV ou filmes, mas só podia me distrair após terminar os deveres. Hoje, eu acho que valeu a pena ter estudado (KOMATSU, 2007, on-line).¹⁶⁷

De fato, desde muito jovem, o bilinguismo serviu a Ernesto Akito como um diferencial, como ocorreu na ocasião em que Ernesto Akito, ainda pré-adolescente, representou o grupo de escoteiros em São Paulo, sendo escalado para homenagear o príncipe herdeiro do Japão em sua visita ao Brasil, por falar o japonês corretamente.

¹⁶⁶ Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/historia/26/> Acesso em: 13/04/2023

¹⁶⁷ Minha história – Projeto incorporado ao Museu da Imigração Japonesa no Brasil. Enviada em: 11/10/2007. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/>

Fabíola Yumi, recebeu praticamente a mesma educação de Ernesto Akito. Porém cada um tem suas próprias aspirações, que são muito diferentes entre si. Tanto Ernesto Akito quanto Fabíola Yumi foram matriculados no Colégio Bandeirantes. Para ela, com tendências mais fortes para o estudo de línguas e de artes, o currículo voltado para as ciências exatas e biológicas não lhe dava o espaço que precisava para se desenvolver. Já para Ernesto Akito essas mesmas disciplinas fortaleceram as bases para seu ingresso no Curso de Medicina na USP. A despeito disso, Fabíola Yumi desenvolveu seu talento para cantar tanto música japonesa quanto ritmos modernos internacionais, além de MPB (Figura 68).

Figura 68 – Fabíola Yumi, Apresentação musical no Bar Avenida Club, 2005.



Fonte: Face Book, Fabiola Yumi Kondo Komatsu.¹⁶⁸

Concluiu o curso de japonês-português na USP e se aperfeiçoou em tradução, tornando-se uma pessoa bilíngue simultânea. Dá aulas de japonês para crianças e português para estrangeiros, além de servir como tradutora e intérprete japonês-português. Ela aprecia muito a cultura japonesa moderna e, porque costumava frequentar karaokê, fez curso de canto na Voice-Escola de Música.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1086613191478129&set=ecnf.1035931791>
Acesso em: 30/12/2022

Figura 69 – Fabíola Yumi, festa junina com Pedro Shinji e Daniela Akemi, 2018.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao mesmo tempo em que segue com grande devoção a religião deixada por minha mãe – *Budismo Primordial Honmon Butsuryu-shu* (HBS), servindo como Mestre de Cerimônia nos Grandes Cultos da Catedral Budista Nikkyoji, localizada na Vila Mariana, Yumi usa o japonês e português nessas ocasiões, a depender do público, além de atuar como intérprete quando algum visitante do Japão marca presença. Yumi tem grande habilidade para ensinar línguas para crianças (Figura 69), por isso incentiva a nova geração que tem crescido, atualmente, na família, os filhos de Ernesto Akito, a aprenderem a língua japonesa. Trabalhou no Instituto Multicultural & Idiomas como tradutora, intérprete, professora português/japonês e revisora (Figura 70).

Figura 70 – Fabíola Yumi, Festa de aniversário surpresa preparada pelos alunos-amigos e professor-amigo do Hinode, São Paulo, 30 abr. 2017.



Fonte: FaceBook, Fabiola Yumi Kondo Komatsu.¹⁶⁹

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1086613191478129&set=ecnf.1035931791>
Acesso em: 30/12/2022

Apesar das diferenças de gosto e aptidão, Ernesto Akito e Fabíola Yumi se davam muito bem desde pequenos. Brincavam juntos o tempo todo, fazendo companhia um para o outro numa época em que estávamos bastante isolados da sociedade local, não tanto por causa da língua japonesa, que era majoritária, mas pelas grandes diferenças culturais entre o Brasil e o Japão. Quando jovens, os dois irmãos viajaram juntos, algumas vezes com os pais, pelas províncias do interior do país (Figuras 71), conhecendo os principais centros turísticos, templos e santuários antigos, assim como centros comerciais modernos (Figura 72).

Figura 71 – Ernesto Akito, Patrícia Kuniko, Fabíola Yumi e Hyogen Komatsu, em viagem pelo Japão, visita a um Santuário Xintoísta (Jinja), Kyoto, 1994.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 72 – Ernesto Akito e Fabíola Yumi, Centro Comercial Akihabara, Tóquio, 1994.



Fonte: Acervo pessoal.

A figura abaixo (Figura 73) mostra que chegamos ao local do Santuário Xintoísta (*Jinja*). Depois de transpor o grande portal de madeira pintado de vermelho brilhante

chamado torii (と り い), seguimos em direção ao prédio principal do santuário. Transpor esse portal sinaliza que, a partir daí, os visitantes se encontram em um espaço sagrado.

Figura 73 – Ernesto Akito e Fabíola Yumi, lavando as mãos, para entrar no Santuário Xintoísta, Kyoto, 1994.



Fonte: Acervo pessoal.

O trajeto entre o *Torii* e o Santuário é chamado de *Sando*, ou caminho de aproximação. Segundo a crença Xintoísta, esse breve percurso serve para relaxar e acalmar a mente dos visitantes¹⁷⁰. Nas proximidades do Santuário, há uma fonte de purificação chamada *Temizu-sha*, com uma bacia de pedra com água e conchas de metal com cabo de madeira onde os visitantes devem lavar as mãos. Neste local, Ernesto Akito e Fabíola Yumi purificaram-se conforme recomendam os costumes xintoístas, lavando as mãos com a ajuda da concha de madeira para, depois, seguir em direção ao prédio principal do santuário.

Fabíola Yumi sempre teve grande respeito pela religião *Honmon Butsuryu-shu* (HBS), que significa Religião Budista do Caminho Primordial do Sutra Lótus, estabelecida pelo Buda Primordial, mais conhecido no Brasil como Budismo Primordial¹⁷¹. Ultimamente ela está dedicando uma parte maior de seu tempo às atividades no templo. Sem imaginar, está dando continuidade a uma herança de sua avó materna. Além de servir ocasionalmente como mestre de cerimônia nos Grandes Cultos,

¹⁷⁰ Diferenças entre Templos e Santuários Japoneses, in: Japão em Foco. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/diferencas-entre-templos-e-santuarios/> Acesso em: 19/02/2023

¹⁷¹ *Budismo Primordial Honmon Butsuryu-shu*. Disponível em: <https://budismo.com.br/budismo-primordial-2/> Acesso em: 03/01/2023

colabora na organização dos eventos. Desde 2018, dedica-se ao departamento de jovens (Figura 74), reunidos na Catedral Budista Nikkyoji.

Fabíola Yumi participa ativamente dos eventos organizados pela comunidade budista na Catedral Budista Nikkyoji (Figura 75) e em atividades externas. Em 2022, participou da 15ª Caminhada pela liberdade religiosa, que teve lugar no Rio de Janeiro (Figura 76), acompanhando o Monge Gyouun Vieira, a quem se afeioou e do qual ficou noiva nesse mesmo ano (Figura 77). Ele é natural de Londrina, Paraná, e estudou jornalismo. Não é descendente de imigrantes japoneses, mas já é monge budista há 8 anos e sempre admirou muito a cultura japonesa¹⁷². Em Curitiba, Gyouun Vieira foi sacerdote auxiliar da Bispa Myoushuu Kondo, que, por coincidência, é minha cunhada, viúva de meu irmão Tomoharu Kondo.

Figura 74 – Fabíola Yumi Kondo Komatsu, com outras 21 pessoas do departamento de jovens do *Budismo Primordial Honmon Butsuryu-shu* (HBS), São Paulo, 2018.



Fonte: FaceBook, Fabíola Yumi Kondo Komatsu.¹⁷³

¹⁷² Entrevista com o Monge Budista Gyouun Vieira, Rádio Santa Cruz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OiWe46k1uOk> Acesso em 03/01/2023

¹⁷³ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1086613191478129&set=ecnf.1035931791> Acesso em: 30/12/2022

Figura 75 – Fabíola Yumi Kondo Komatsu, Grande Culto Kaidou-E no Templo Nikkyoji, São Paulo, 10 de julho d 2022.



Fonte: Templo Nikkyoji.

A religião budista *Honmon Butsuryu-shu*, também denominada Budismo Primordial, pode ser considerada um elo entre Japão e Brasil. Naquele país, há aproximadamente 270 templos dessa vertente budista, enquanto aqui são 11 templos e 5 núcleos, fazendo do Brasil a maior concentração em número de adeptos fora do Japão¹⁷⁴. A expansão da *Honmon Butsuryu-Shu* para o Brasil teve início no século XX¹⁷⁵ com a chegada no Monge Ibaragui, que veio a bordo do navio Kasato Maru, em 1908 (Komatsu, 2010).

Com a entrada de muitos brasileiros não-descendentes de imigrantes japoneses para essa religião, com o desaparecimento dos mais idosos e com a perda da fluência cada vez mais acentuada da Língua de Herança, desenha-se uma tendência de cada vez menos presença da língua japonesa durante os cultos e demais cerimônias religiosas. No entanto, como é comum que haja a visita de convidados vindos do Japão ou autoridades da religião *Honmon Butsuryu-Shu*, também cada vez mais haverá a necessidade de que os eventos sejam bilíngues. Em ocasiões como estas, Fabíola Yumi tem sido frequentemente chamada para servir como mestre de cerimônia.

¹⁷⁴ *Honmon Butsuryu-Shu* (HBS) significa Religião Budista do Caminho Primordial do Sutra Lótus estabelecida pelo Buda Primordial, mais conhecido no Brasil como Budismo Primordial – Honmon Butsuryu-Shu. Disponível em: <https://budismo.com.br/budismo-primordial-2/> Acesso em: 03/01/2023

¹⁷⁵ Hoje, há templos e fiéis também na Coreia do Sul, Taiwan, Estados Unidos da América, Havaí, Sri Lanka, Austrália, Itália, Filipinas, Cingapura, Índia e Nepal.

Figura 76 – Monge Gyounun Vieira, Fabíola Yumi e outras 4 pessoas, 15ª Caminhada pela liberdade religiosa, Rio de Janeiro, 2022.



Fonte: acervo pessoal

Figura 77 – Fabíola Yumi com Monge Gyoun Vieira. Rio de Janeiro, 2022.



Fonte: acervo pessoal

4.6 A Família estendida

Na foto de casamento a seguir (Figura 78), podemos ver a família estendida Kato-Kondo-Komatsu: Hyogen Komatsu, Kuniko Kondo Komatsu (noivos); à direita, a matriarca, Hatsu Kondo. À esquerda encontra-se Yoko, sua filha, com a netinha. Yoko não estudou no Brasil. Fez um movimento circular em direção ao Japão, indo trabalhar com o marido, Toshio. Quando regressou, passou a residir na Vila Clementino, mesma

região em que os japoneses majoritariamente se concentraram ao longo dos anos. A filha de Yoko teve uma educação brasileira e, embora seja herdeira da cultura japonesa, já não fala japonês. O irmão Fábio, seguindo o exemplo familiar, assumiu o movimento circular e, após ter feito um curso de mecânica avançada da Toyota, mudou-se para o Japão onde exerce sua profissão. Esse será talvez um membro que alimentará a raiz japonesa na família, caso ali permaneça e se case com alguma japonesa.

Na fileira de cima, atrás da matriarca, estão meu irmão Tomoharu e sua esposa Tuyako; ao lado estão minha irmã Kazuko e o cunhado Paulo Hirai; ao lado, está a irmã Eiko e seu marido, Wasetsu Hoshino, ladeados pelos cinco meninos, os filhos que Eiko levou à Escola Showa de curso de japonês durante dez anos.¹⁷⁶ Ao lado do filho mais velho de Eiko, está o marido da Yoko, Toshio Endo.

Figura 78 – Hyogen Komatsu, Kuniko Kondo Komatsu (noivos), mãe e parentes, São Paulo, 08 dezembro 1974.



Fonte: Acervo pessoal.

O pai de minha cunhada chegou ao Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Quando ela se casou com meu irmão, já era protestante, mas, depois, converteu-se ao budismo e passou a frequentar o Templo Nikkyoji da Religião *Honmon Butsuryu-shu* do

¹⁷⁶ Os filhos de minha irmã Eiko, de cinco a quinze anos frequentaram a tradicional Escola Showa, curso de japonês, durante meio período do dia. Isso não prejudicou, como o senso comum acredita, a aprendizagem do português. Todos ingressaram na USP. O mais velho, no Curso de odontologia, os três na Medicina e o caçula, no Curso de Economia.

Brasil (HBS) – que sempre foi e ainda é a religião praticada pela nossa família. Esse casal não teve filhos.

Após a morte de meu irmão, minha cunhada passou a praticar fervorosamente os princípios do Budismo Primordial, ministrando cultos em São Paulo no Templo Nikkyoji e no Templo Nyorenji, em Curitiba. No Paraná, tornou-se bispa e permaneceu uma longa temporada. Ela é a bilíngue simultânea e, por esse motivo, consegue fazer a celebração das cerimônias tanto em português, quanto em língua japonesa. Mesmo com a idade avançada, atualmente com 85 anos, a Monja Myoushuu Kondo (Figura 79), como passou a ser chamada, segue sendo uma pessoa de grande espiritualidade e liderança, orientando atividades religiosas que transmitem paz, conforto e esperança aos frequentadores. Seu lema “Iluminação para Todos” traduz o espírito de compaixão de Buda. Para além de tudo isso, ela segue a tradição familiar e revela uma circularidade cultural impressionante.

Figura 79 – Bispa Myoushuu Kondo, Grande Culto no Templo Nyorenji, Curitiba, 2021.



Fonte: Acervo pessoal.

O nome “Myoushuu” adotado por minha cunhada está escrito corretamente e rigorosamente de acordo com a leitura do ideograma japonês, que denota a existência da vogal “u”. Ela mesma transcreveu seu nome para o português sem omissão da vogal final, porque conhece bem a leitura ideogramática. Mesmo o sobrenome japonês, que vem da família do meu pai, deveria seguir esse modelo, pois Kondo – lê-se /*Kondou*/. Porém, os nomes próprios foram registrados, há muito tempo, por escrivães brasileiros que não conheciam a língua japonesa, sendo assim fixados nos documentos individuais.

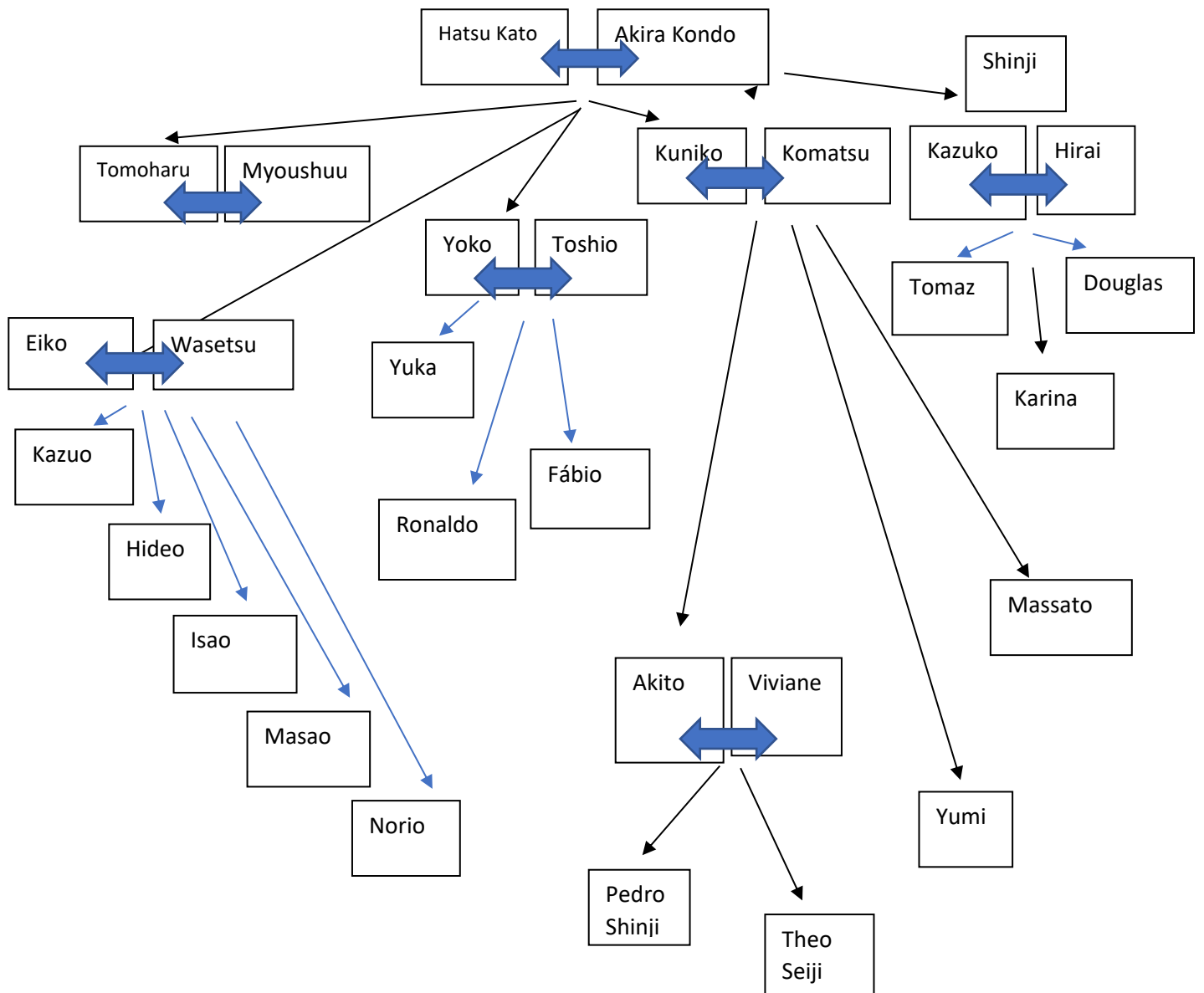
Cabe aqui uma observação sobre a pronúncia japonesa e a transcrição do ideograma para o português, conforme o uso recorrente na comunidade dos imigrantes japoneses no Brasil, por exemplo, em Nikkyoji – lê-se /*Nikkyouji*/ e Nyorenji - lê-se /*Nyourenji*/. Pela leitura do ideograma japonês existe “u” final. Como “u” é vogal fechada, e é levemente pronunciada, é comum ocorrer a omissão na transcrição. Essa não é uma exceção do japonês, pois, como Souza e Santos justificaram em sua obra: “Ninguém escreve como fala”. Apresento, a seguir, uma tabela representativa de leitura ideográfica em contraposição à transcrição na língua portuguesa:

Quadro 3 – Transcrição Fonética e Leitura Ideogramática

Transcrição para o português do Brasil	Leitura ideogramática do japonês
Shindô-renmei	lê-se / <i>Shindou-Renmei</i> /
Nô	lê-se / <i>Nou</i> /
Tóquio ou Tokyo	lê-se / <i>Toukyou</i> /
Kondo	lê-se / <i>Kondou</i> /
Kato	lê-se / <i>Katou</i> /
Endo	lê-se / <i>Endou</i> /
Saito	lê-se / <i>Saitou</i> /

A seguir, apresento um quadro com a árvore genealógica das famílias Kato, Kondo e Komatsu que integraram o estudo da circularidade do conceito de Língua de Herança nesta tese.

Quadro 4 – Árvore Genealógica das Famílias Kato, Kondo e Komatsu



Poderia terminar aqui este capítulo da tese de Doutorado, onde relatei a história pessoal como meio de exemplificar a dinâmica de línguas de herança num movimento circular. A circularidade aplicada ao conceito de Língua de Herança faz com que uma língua que é materna deslize para o papel secundário e redutor de “língua de casa”. A instabilidade desse conceito esconde uma série de questões pertinentes ao indivíduo e a sua família, conceitos esses parcialmente tratados na literatura sobre as línguas de herança.

No campo da Linguística, comumente vemos que o bilinguismo é um conceito rígido e delineado independentemente do espaço em que se ingresse. Essa forma de concepção desde sempre me incomodou como pesquisadora, pois ali mesmo em minha vida eu via a inconstância da fluência e da identidade de um indivíduo bilíngue em suas experiências pessoais. Pela minha origem, sou japonesa; pela oficialidade dos registros, sou brasileira. Todos, contudo, que me escutam falar, logo veem que sou japonesa e também – mas posteriormente – brasileira. Demonstrei, ao longo desta tese, como isso ocorre e os esforços implicados na manutenção de raízes familiares para que a experiência com o bilinguismo e a Língua de Herança sejam admissíveis em famílias de raízes imigrantes, como é o caso dos japoneses. Também pude demonstrar o papel da família quanto a determinar políticas linguísticas em casa e proteger as raízes familiares em seus descendentes, embora essa seja uma decisão sempre pautada pela vontade e projetos de vida.

Há um depoimento de Ernesto Akito, enviado ao projeto *Conte a sua História*, um projeto incorporado ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil¹⁷⁷. Neste depoimento, ele diz muito sobre o que significa ser bilíngue português-japonês no nosso país e o papel desempenhado pela família nesse processo.

Hoje, penso que valeu a pena ter me esforçado para aprender e não esquecer a língua japonesa. Devo à aprendizagem da língua muitas das minhas conquistas atuais. No final de 1995, eu conheci a Vivi... namoramos durante 11 anos (!!!) e finalmente nos casamos em abril deste ano. Escolhi o Brasil para iniciar essa nova etapa de minha vida. Aqui é o local onde nasci e onde (se tudo der certo) meus filhos irão nascer. Acredito que a mistura de culturas tão diferentes só tem um lado: o positivo! Só temos a ganhar se tirarmos proveito dessas culturas tão diferentes e ao mesmo tempo tão próximas. Basta buscar o equilíbrio e a harmonia. (KOMATSU, 2007, on-line)

¹⁷⁷ Projeto Conte a sua História. Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/18/historia/26/> Acesso em: 19/02/2023

Foi numa festa na Faculdade de Medicina que uma colega apresentou para Ernesto Akito a irmã do seu namorado, Viviane Caroline Abe. E a história da circularidade e da manifestação de raízes voltou a ser um ímpeto na família. Como descendente de quarta geração (*yonsei*), já que sua avó nascera no Brasil, ela encontrou um ambiente em que a língua japonesa estava mais afastada das interações cotidianas. Também em sua formação houve o movimento circular cultural por meio de seu pai, que, apesar de engenheiro, é um grande apreciador da comida e da cultura japonesa. Sua mãe, formada em Ciências Sociais e Belas Artes, revisita a cultura ancestral nesses momentos, tal como ocorreu com Viviane Caroline, minha nora, por meio de Ernesto Akito. Aliás, ela vivenciou a circularidade após sua formação na Faculdade de Arquitetura da USP, foi contemplada com uma Bolsa de Estudos para o Japão, pela JICA e aprendeu japonês.

Enquanto Viviane Caroline se encontrava no Japão, Ernesto Akito foi visitá-la. Naquele mesmo ano de 2002 estava se realizando a Copa do Mundo da FIFA, simultaneamente no Japão e na Coreia. Ernesto Akito não tinha certeza se conseguiria ingressos, mas, ao chegar, foi surpreendido, com a surpresa da namorada: ela havia reservado dois ingressos para os jogos do Brasil. Depois disso, Ernesto Akito relatou ter ficado muito emocionado com a vitória do Brasil sobre a Alemanha na disputa final no Estádio de Yokohama. Ele contou que nunca se sentiu tão brasileiro, embora estivesse no Japão. Creio que, nesse relato de Ernesto Akito demonstra como um falante de herança em movimentos de circularidade traduzem a fluidez identitária.

Depois de um longo namoro, eles se casaram em 2007. Quando nasceu o primeiro filho, Pedro Shinji, em 20 de outubro de 2011, no papel de avó, eu cantava para o bebê canções de ninar japonesas e conversava em japonês. Minha esperança é que meu neto possa receber uma herança integral. Temos consciência de que mais do que uma herança cultural, há um ganho impressionante para a mente bilíngue.

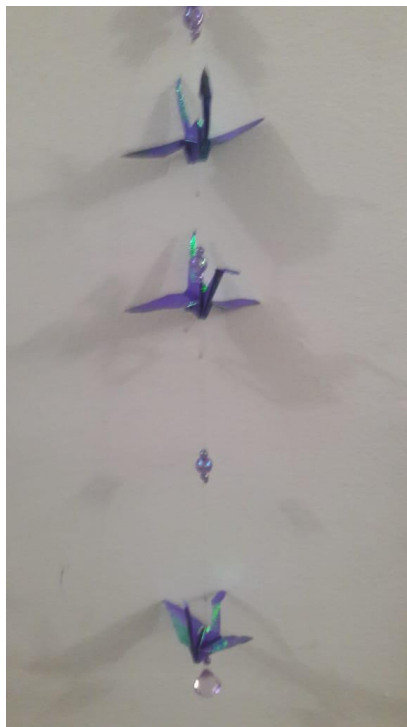
Eu procurava ter um contato constante com o meu primeiro neto para ele ouvir a língua japonesa desde pequeno. Quando ele tinha 6 meses, contraiu a doença *Kawasaki-byou*.¹⁷⁸ Teve febre muito alta e ficou internado na UTI do Hospital Santa Catarina. Todos ficaram muito preocupados com o estado de saúde do menino. Eu e Fabíola Yumi fomos à Catedral Nikkyoji rezar pela melhora do Pedrinho. Naquele tempo, a Catedral trocava o telhado e, como forma de recolher doações para ajudar na reforma, fez uma campanha

¹⁷⁸ A enfermidade *Kawasaki-byou*, que recebeu o nome do médico que a descobriu, tem como característica febre alta, lábios e os olhos avermelhados, seguido de descamação da pele em partes sensíveis do corpo e aumento dos gânglios. Em algumas crianças, pode causar inflamação cardíaca e articular.

oferecendo a gravação do nome do doador numa das telhas. Pedimos que o nome do Pedrinho ficasse ali gravado. Na manhã seguinte, Ernesto Akito foi ao culto na Catedral Nikkyoji e ouviu a prece pela melhora do seu primeiro filho. Sentiu-se muito agradecido. Novamente, a circularidade expressa-se na cultura de herança.

Quando finalmente baixou a febre e o menino saiu da UTI, Ernesto Akito passou na minha casa para avisar e convidou-me para que fosse visitá-lo. Levei uma dobradura de papel de cegonha (*origami-tsuru*) com enfeites de cristais que brilhavam (Figura 80).

Figura 80 – Cegonhas de dobradura de papel (*origami*) com cristais. São Paulo, Abril de 2012.



Fonte: acervo pessoal.

Esses enfeites de papel de cegonhas representam um costume japonês de presente que se oferece para desejar melhoras de uma doença grave, pois, conforme a crença popular, a cegonha tem uma vida longa e chega a viver mil anos. Quando entrei no apartamento, o bebê sorria ao olhar para mim. Fiquei feliz, pois vi que ele me reconheceu. A avó materna comentou: “O Pedrinho gosta da *obaachan* Patrícia”. Após lavar minhas mãos, cheguei mais perto do bebê, balançando as cegonhas com cristais e cantei para ele músicas infantis japonesas. Então, o menino levantou as mãos e tentou pegar nos cristais que brilhavam. Fiquei mais tranquila, ao perceber que a doença não tinha afetado a mente

de meu neto. Tinha aprendido essa técnica com o médico neurologista quando cuidava de meu filhinho, Augusto Massato.

Figura 81 - Visita dos filhos Ernesto Akito e Fabíola Yumi com Viviane Caroline, Pedro Shinji, São Paulo, 2013.



Fonte: Acervo Pessoal

Depois que Pedro Shinji recuperou bem a saúde, o pai começou a trazer o menino para a minha casa aos domingos à tarde (Figura 81). Percebi que a mente dele estava ótima e que prestava muita atenção nos fatos que se passavam ao seu redor. Um dia, ele queria sair para brincar no playground do prédio, mas não sabia falar ainda. Então pegou um pé da sandalhinha dele e a minha também e mostrou para mim, apontando a porta da sala. Ele queria dizer “Vamos calçar as sandálias para brincar fora do apartamento”. Eu entendi imediatamente o que ele queria dizer e fomos brincar no escorregador. Ele se divertiu muito e eu fiquei feliz, porque percebi que, apesar de não saber ainda se comunicar verbalmente, ele soube encontrar uma forma inteligente de comunicar sua vontade.

Por meio de brincadeiras com objetos simples, comecei a ensiná-lo a falar japonês, usando um jogo de tampinhas coloridas (Figura 82). Selecionei, primeiramente, o nome das cores e pedi para ele repetir depois de mim. Depois as mesmas cores com tampinhas de tamanhos diferentes. No final ensinei contagem numérica e ele logo aprendeu a contar de um a dez em japonês. Posteriormente, não foi difícil chegar até cem. Algumas caixas

de produtos cosméticos serviam para diferenciar as formas quadradas e retangulares, de tamanho pequeno, médio e grande (Figura 82 e 83). Esse joguinho envolve a intuição e reconhecimento do mundo ao mesmo tempo em que se trabalha a diferenciação de cores, formas, número e grandeza por meio da linguagem. O importante era fazer com que ele entendesse que a mesma ideia poderia ser expressa tanto em português quanto em japonês.

Figuras 82-83 – Jogo de tampinhas coloridas e de caixas de várias formas preparadas pela avó. São Paulo, 2013



Fonte: Acervo pessoal.

O segundo filho, Theo Seiji nasceu em 12 de novembro de 2013. Até completar um ano de idade (Figura 84), sempre ficava no colo do pai, mas prestava atenção no que se passava em volta e observava tudo. Quando começou a engatinhar, logo quis participar das brincadeiras também, mas não sabia falar. Parece que tinha memorizado as nossas conversas, pois dois anos mais tarde, quando começou a falar ele repetia o que eu havia ensinado para Pedro Shinji, o irmão mais velho.

Figura 84 – Convite para a festa de um ano de Theo Seiji, São Paulo, 12 de novembro 2014.



Fonte: Acervo pessoal

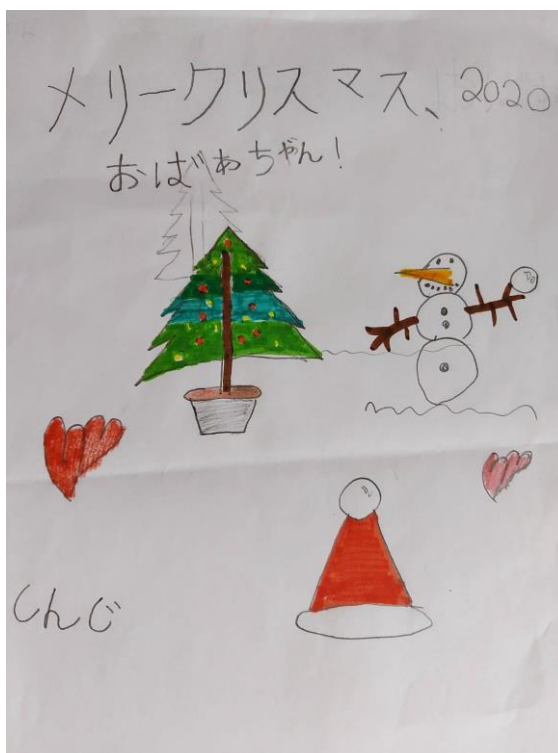
A partir dos dois anos de idade até três, Pedro Shinji frequentou a Escola Infantil Mika Youtien, equivalente ao Jardim de Infância no Japão. É uma Escola de Educação Infantil¹⁷⁹ bilíngue japonês e português, a qual adotava a metodologia japonesa. Por isso ele desenvolveu bem a língua japonesa, logo depois conseguindo ler as historinhas infantis como Três Porquinhos, Pinóquio, Chapeuzinho Vermelho, em japonês. Mas ele se interessava mais pelos contos antigos infantis de tradição oral japonesa. Aos sete anos, queria escrever em japonês, então ensinei o *hiragana* (平仮名), que é o alfabeto japonês de 50 sons, usados para escrever somente as palavras japonesas. Após dominar bem essas letras, ensinei o *katakana* (カタカナ), que são os caracteres usados para escrever as palavras de origem estrangeira. Em seguida, eu queria ensiná-lo os ideogramas e as sentenças japonesas, pois a ordem das palavras é diferente entre a língua portuguesa e a japonesa, mas um evento mundial interrompeu esse contato tão próximo.

Com a Pandemia de COVID-19, passamos a respeitar o distanciamento social por vários motivos, dentre os quais a preservação de minha saúde, já que sou idosa. Ernesto Akito assumiu a tarefa de ensinar pelo menos dez minutos por dia para cada um dos filhos. Dessa maneira, Theo Seiji também foi aprendendo a ler o japonês. Nós não nos encontramos durante todo o ano de 2020. Embora meu filho não estivesse trabalhando no setor de tratamento dos pacientes de COVID, por precaução ele deixou de me encontrar e não trazia mais as crianças à minha casa.

¹⁷⁹ Atualmente, no Brasil é usado o termo “Educação Infantil” ao invés de maternal ou Jardim de Infância. Educação Infantil é dividido por grupos: Creche e berçário (0 a 11 meses); Grupo 1 (1 a 2 anos); Grupo 2 ((2 anos); Grupo 3 (3 anos); Grupo 4 (4 anos); Grupo 5 (5 anos).

No auge da pandemia, no final de dezembro de 2020, encontrámo-nos em um local aberto, fora da minha casa. Vieram Ernesto Akito, Viviane Caroline, e meus netinhos. Pedro Shinji deu-me um cartão como presente. Era um desenho com motivos natalinos, escrito em japonês: “Para *obaachan* Patrícia, um Feliz Natal!” Assinado Shinji (Figura 85). Escreveu as palavras japonesas em caracteres *hiragana* (平仮名) e usou *katakana* (カタカナ) para a expressão em inglês “*Merry Christmas*”, conforme o uso correto do alfabeto japonês. Pedro Shinji comentou que para o Ano Novo queria escrever no cartão em ideograma (漢字). Demonstrou grande interesse em aprender as sentenças, pois percebeu que a sintaxe da língua japonesa é bem diferente a do português.

Figura 85 – Desenho de Pedro Sinji Desenho desejando Feliz Natal (*Merry Christmas*) escrito em japonês, São Paulo, dezembro de 2020.



Fonte: Acervo pessoal.

Theo Seiji, que não aprendeu a escrita, também me deu um desenho com motivos natalinos (Figura 86), escrito em japonês, mas com alfabeto latino, *rômajî* (ローマ字). Ele não aprendeu a escrita japonesa, por não ter frequentado Mika Youtien, que o irmão mais velho frequentou. Também não foi possível que eu lhe ensinasse por causa do distanciamento social devido ao COVID-19.

Figura 86 – Desenho de Theo Seiji Desenho, desejando Feliz Natal (*Merry Christmas*) escrito em alfabeto japonês *romaji*, São Paulo, dezembro de 2020.



Fonte: Acervo pessoal.

Refletindo sobre a aquisição de linguagem e de segunda língua, quando se trata de um alfabeto com caracteres próprios, estrutura sintática e pronúncia diferentes da língua materna, passei a compreender que o ideal é iniciar a aprendizagem bem cedo para que permaneça na memória inconscientemente. Além disso, o elogio deve ser uma constante nos progressos, mesmo que se sinalize algum “erro” no percurso.

Acompanhei até aqui a aquisição de linguagem de duas gerações de bilíngues e falantes de herança. Ernesto Akito cursou a Educação Infantil no Japão, durante três anos, conviveu com professores e amiguinhos japoneses, por esse motivo, quando voltou ao Brasil, com seis anos, e ingressou no curso antes do primeiro ano do Curso Fundamental no Instituto Educacional Pioneiro¹⁸⁰, teve dificuldades de falar português. Mas, quando retornou ao Japão com 12 anos e cursou a sexta série do Curso Fundamental¹⁸¹, teve grande facilidade em se adaptar ao currículo do curso. Já Fabíola Yumi, que voltou ao Brasil com quatro anos e aprendeu o português naturalmente, quando voltou ao Japão, com 9 anos de idade, teve dificuldade em redigir em japonês. Para Ernesto Akito a língua japonesa estava mais consolidada, enquanto para Fabíola Yumi a língua portuguesa era a língua dominante. Essas diferenças devem-se ao fato de que cada um aprendeu japonês

¹⁸⁰ Naquele tempo, havia um ano de curso entre o Jardim da Infância e o Curso Fundamental.

¹⁸¹ No Japão, o Curso Fundamental dura seis anos. Seguido de três anos de Curso Ginásial. São nove anos de estudo obrigatório para entrar no Curso Médio e entrar para o Curso Universitário.

ou português na idade mais favorável para a aquisição de linguagem. Com isso, há uma janela de aquisição muito importante que facilita a aprendizagem de uma língua.

Antes da crise sanitária, encontrávamos frequentemente para a comemoração de aniversários (Figura 87), Dia das Mães e Ano novo. Os contatos familiares e conversas em língua japonesa entre avó e netos, a tia e sobrinhos eram importantes para o desenvolvimento da aprendizagem da língua de herança.

No dia 08 de outubro de 2022, aconteceu o Torneio Interno de Xadrez do Colégio Santa Amália, onde Pedro Shinji e Theo Seiji estudam. Meu neto maior, com dez anos na época, conseguiu o primeiro lugar e ganhou um bonito troféu. Ele comentou que, na última rodada, ele já estava cansado e ia desistir, mas decidiu que deveria ir até o final, independentemente de ganhar o troféu ou não. Dessa maneira, ele concentrou-se no jogo e acabou ganhando o primeiro lugar. Esse seu modo de pensar é parecido com o do pai, Ernesto Akito, que sempre enfrentou todas as dificuldades com perseverança.

Figura 87 – 44º Aniversário de Ernesto Akito, restaurante Gendai, 01 de novembro de 2019.
Da esquerda para a direita: Ernesto Akito, Patrícia Kuniko, Fabiola Yumi,
Pedro Shinji, Theo Seiji e Viviane Abe Komatsu.



Fonte: acervo pessoal

Como podemos ver na foto (Figura 88), Ernesto parece ter ficado muito feliz com essa vitória do filho. Aos sábados à tarde, costuma levar os meninos para frequentar um grupo de escoteiros em Cotia e disse que mais tarde deseja que eles pratiquem Kendou. Deseja educá-los conforme a educação que ele mesmo recebeu, pois, quando criança, também fez escotismo e praticou artes marciais no Japão e no Brasil. Portanto, está

empenhado em transmitir para os meus netinhos não somente a língua japonesa, mas também a cultura de herança. É um direito de todos os descendentes de imigrantes.

Figura 88 – Pedro Shinji com troféu de 1º lugar do 9º Torneio Interno de Xadrez e Theo Seiji com a medalha de participação, Colégio Santa Amália, São Paulo, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Pedro Shinji completou 11 anos no dia 20 de outubro e Theo Seiji completou nove no dia 12 de novembro. Ambos muito próximos ao aniversário do pai, 01 de novembro. São muitas comemorações nos dois últimos meses do ano. No dia da festa de aniversário do Ernesto Akito, conversei com o Pedro Shinji, contando que eu vim do Japão, exatamente na idade dele. Disse-lhe que sua *obaachan* Patrícia viera do Japão na idade de dez anos e logo depois fizera onze. Só sabia falar o japonês, mas com muito esforço, aprendera a falar e a escrever o português sem esquecer da Língua de Herança. Perguntei-lhe se entendia o significado da expressão “Língua de Herança” e “árvore genealógica”. Ele demonstrou que era capaz de entender perfeitamente esses conceitos.

Disse-lhe também que estava escrevendo uma tese sobre Língua de Herança e nela havia um relato sobre a minha vida e a história dos seus pais e gostaria de escrever também sobre ele e o seu irmãozinho Theo Seiji. Pedi-lhe que posasse para uma fotografia

que gostaria de colocar junto com o texto. Ele ficou feliz e aceitou de bom grado. O irmãozinho que ouvia a conversa se aproximou e também quis sair na foto (Figura 89). Pedrinho abraçou-me carinhosamente e Theo Seiji ficou satisfeito por estar participando dessa história comigo e o irmão.

Figura 89 – Patrícia Kondo Komatsu com Pedro Shinji e Theo Seiji, São Paulo, novembro de 2022.



Fonte: Acervo pessoal

Eu tenho grande afeto pelos meus netinhos, cada um com suas qualidades próprias. Pedro Shinji comenta que pretende ser médico, seguir a profissão do pai. Theo Seiji ainda é muito novo para esse tipo de conversa. Mas, segundo Fabíola Yumi, que atualmente está dando aulas de língua japonesa para os dois, Theo Seiji tem vocação para as artes. Talvez possa vir a ser um artista, ou então seguir o exemplo da mãe que estudou arquitetura.

No dia primeiro de janeiro de 2023, a família do Ernesto Akito veio até a minha casa para me cumprimentar pelo Ano Novo. É um costume japonês passarmos festejando o Ano Novo durante três dias (*Oshougatsu*). No primeiro dia, muitas famílias vão ao Santuário (*jinja*) para agradecer e pedir que o Ano Novo seja repleto de saúde e de felicidades. Eu e a Fabíola fomos à Catedral Budista Nikkyoji no dia 31 às 23h30 para

participarmos do Culto do Ano Novo, que teve início à meia-noite. A família do Ernesto Akito não participou do Culto, mas assim que chegaram à minha casa fomos para a sala de cima, onde fica o altar sagrado, eu rezei em japonês, agradecendo por ter passado o ano de 2022 com boa saúde e pedi a mesma proteção para as famílias Abe e Komatsu no ano que se iniciava. Meus netinhos já sabem rezar, porque, desde pequenos, ensinei os dois a rezar e respeitar o altar sagrado.

Em seguida, brincamos com o quebra-cabeça do mapa do Japão. Minha amiga, Luzia Tanaka, do Grupo de pesquisa Linguagem e Cognição – Língua de Herança, que vive no Japão e dá aulas de português para crianças brasileiras, enviou-me esse quebra-cabeças e mais três brinquedos tipicamente japoneses chamados *sugoroku*. Lembro-me que quando era criança e morava no Japão brincava com os presentes ganhados no Ano Novo, mas o atual *sugoroku* se modernizou e ficou bastante diferente, afinal com o tempo tudo se altera e sofre mudanças.

Figura 90 – Pedro Shinji e Theo Seiji, com mapas do Japão na casa da *obachan* Patrícia, São Paulo, 01 de janeiro 2023.



Fonte: Acervo pessoal.

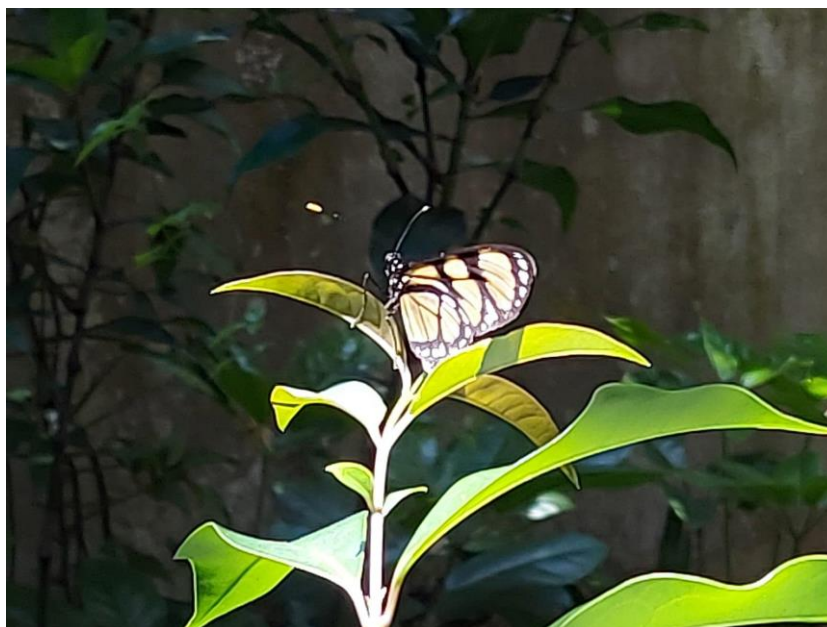
No fim do dia, Pedro Shinji e Theo Seiji pousaram para a foto segurando o mapa do Japão montado por eles (Figura 90). Desejo que eles cresçam respeitando o país dos antepassados e seus costumes milenares, e aprendam a Língua de Herança deixada pelos avós. Por outro lado, quero que tenham amor pelo Brasil, o país que nos acolheu. Que se sintam brasileiros e se preocupem com os problemas sociais e ecológicos desta terra, preservando o meio ambiente, evitando as catástrofes causadas pelas mudanças

climáticas. O Japão sofreu muito com a Segunda Guerra Mundial e é um país sujeito a terremotos e tsunamis, desejo que meus netinhos tenham consciência disso tudo e se preparem para o futuro.

4.7 Epílogo

Hoje, 2 de julho de 2022, é um dia de sábado. À tarde fez tempo bom, com o sol brilhando no céu azul. Eu precisava caminhar um pouco, coisa que há muito tempo não fazia, apesar de que faço alongamento todos os dias na sacada do escritório, que fica nos fundos de casa, onde há um pequeno jardim com duas árvores grandes. A amora que está plantada na entrada está gigantesca e anualmente dá frutos graúdos, mas só os passarinhos conseguem comer porque os ramos estão altíssimos. Eles costumam voar em grupos ou casais, agarram com os bicos as amoras mais maduras, quando deixam cair alguma no chão, descem para a terra à procura delas. A pata de vaca, que fica perto da sacada, também está enorme. Alguns galhos foram podados com a serra elétrica, mas de cada galho cortado nascem vários novos brotos. Agora está num tamanho que os passarinhos se sentem seguros para posar com toda tranquilidade e, quando o tempo está bom, aparecem até mesmo abelhas e borboletas (Figura 91).

Figura 91 – Borboleta, vista parcial do jardim dos fundos de casa, São Paulo, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Vejo um casal de sabiás e seus filhotes que ora pousam nos galhos mais altos, ora voam entre folhas das árvores. De manhã, sempre ouço do meu quarto o canto dos passarinhos, entre eles, periquitos, bem-te-vis e, principalmente, os sabiás. Esse cenário me acalma e me deixa feliz, uma vez que o budismo e a cultura japonesa tradicional inspiram um grande respeito pela natureza.

Tenho saudades dos tempos anteriores à pandemia de Coronavírus, quando meus netinhos, Pedro Shinji e Theo Seiji costumavam vir aos domingos à tarde na minha casa. O mais velho, agora com 10 anos, portanto com a mesma idade em que cheguei ao Brasil, também gostava de olhar os passarinhos da janela do escritório (Figura 92), desde criança. Quando uma árvore na frente de casa foi derrubada por um vendaval, Pedro Shinji ficou preocupado com as árvores do jardim, porque acreditava que, nessas árvores, ficavam as “casinhas dos passarinhos” (ninhas).

Figura 92 – Casal de passarinhos, vista parcial do jardim dos fundos de casa, São Paulo, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Naquela época, quando eles vinham me visitar eu dava aulas de língua japonesa para os dois meninos e buscava somente falar em japonês com eles, para qualquer explicação dos acontecimentos cotidianos. Tanto que, em uma ocasião, Pedro Shinji viu que eu estava falando português com o pai dele e se surpreendeu, porque pensava que eu não soubesse falar português. Uma vez, ele comentou o seguinte: “Eu entendo o japonês que *obaachan* Patrícia fala, porque fala devagar, mas não entendo meu pai e o *Ojiichan* Gen (avô) porque eles conversam muito rápido”.

Figura 93 – Natal em família, Patrícia Kuniko, São Paulo, 2019. À direita Pedro Shinji. à esquerda Theo Seiji e o primo Guilherme.



Fonte: Acervo pessoal.

Apesar dos banhos de sol da sacada do escritório e do alongamento no jardim, o que eu precisava mesmo era caminhar ao ar livre. À tarde resolvi ir até o Parque das Bicicletas, que fica a uns dez minutos de carro. Fazia quase dois anos que não dirigia, porque não saía de casa devido ao distanciamento social. Tive que criar coragem e sair e, aos poucos, retomar a vida normal seguindo as recomendações de minha orientadora.

Lá no Parque, andei ao sol; após 30 minutos de caminhada, fiquei cansada e sentei-me num banco. Perto dali havia um grupo de japonesas que fazia piquenique no gramado. Puxei conversa com duas senhoras que acompanhavam uma menina que parecia ter uns seis anos. Elas contaram que tinham vindo do Japão com as crianças por motivo de trabalho do marido, que trabalhava numa empresa japonesa, e os filhos frequentavam o primeiro ano do ensino fundamental na Escola Japonesa de São Paulo (サンパウロ日本人学校, Sanpauro Nihonjin Gakkō). Uma instituição administrada pela Sociedade Japonesa de Educação e Cultura, localizada na Estrada de Campo Limpo, região de Santo Amaro. É uma escola internacional japonesa para estudantes do primeiro ao nono anos do ensino fundamental, seguindo o currículo japonês.

Em seguida, quando o grupo de japonesas se preparava para ir embora, fui tomar lanche num quiosque do parque. Conversei com o garçom que se chamava William Eiji Medeiros Inoue, mestiço de pai descendente de japoneses de segunda geração e a mãe

nordestina de Pernambuco. No início da conversa, demorei para perceber que ele tinha sangue japonês por ser moreno com um fenótipo tipicamente nordestino, mas, conforme íamos conversando, percebi que tinha interesse pela cultura japonesa e falamos bastante sobre isso. Ele mesmo contou que era mestiço e tinha o segundo nome e sobrenome japonês, Eiji e Inoue, apesar de ser conhecido como Wiliam. Ele disse, ainda, que seus irmãos mais velhos estavam trabalhando no Japão como decasséguis e não pretendiam voltar tão cedo para o Brasil, mas ele não desejava ir trabalhar lá porque achava que não valia a pena.

No final do dia, fiquei feliz por ter conhecido essas pessoas durante a minha primeira caminhada depois da fase mais restritiva da pandemia. Constatei que, afinal, a imigração japonesa para o Brasil não cessou totalmente, cidadãos japoneses continuam vindo para o Brasil para trabalhar e aqui encontram para seus filhos escolas que ensinam a língua japonesa e seguem o currículo japonês. Ao mesmo tempo em que cidadãos brasileiros, descendentes de imigrantes japoneses, continuam indo para o Japão como decasséguis, mas isso também não é uma regra – há os que não desejam passar por essa experiência e há os que se arrependem e retornam. Tudo isso garante a continuidade de uma migração circular que começou há mais de cem anos, favorecendo com isso o bilinguismo português-japonês e a manutenção dessas línguas como LH.

Figura 94 – Centro Educacional Pioneiro, Vila Clementino, São Paulo, 2022.



Fonte: Acervo pessoal.

Em outra caminhada, realizada mais recentemente, passei pela frente do Centro Educacional Pioneiro, onde meus dois filhos estudaram o Curso Fundamental. Fiquei satisfeita ao notar que parte do que eu vivi virou história. Na lápide, em granito negro, está gravado o nome de Dona Michie Akama (Figura 94), fundadora dessa instituição de ensino, uma senhora que dedicou toda a sua vida à cultura japonesa e ajudou muita gente da comunidade de imigrantes japoneses em São Paulo, e à qual me sinto imensamente grata.

Considerações Finais

Quando iniciamos esta pesquisa, em 2018, o principal objetivo era descrever o contexto de Língua de Herança de famílias imigrantes do Japão para o Brasil em dois períodos específicos de intensa ebulição social no Japão e no Brasil, motivado pelos efeitos da Segunda Grande Guerra Mundial, especialmente. Feito esse estudo histórico-familiar, estava previsto um estudo sobre o peso da dinâmica circular na manutenção da Língua de Herança como uma das competências dos falantes descendentes dessas famílias.

Estava totalmente envolvida com o trabalho de campo naquele momento. Mas a Covid-19 tornou pessoas ilhas. E eu também me isolei do mundo. Inicialmente, parecia algo similar a uma guerra mundial. Muitas vidas foram perdidas. As pessoas evitavam o contato e a máscara veio para nos proteger e nos calar. O inadiável passou a ser o suficiente para a interação cotidiana. A partir daí tive que mudar a minha metodologia e a abordagem do tema.

Felizmente, a ciência continuamente se renova e apresenta outras possibilidades, inclusive nesses momentos de grande tragédia, como foi o caso do aprendizado dos médicos brasileiros nos estágios feitos no Japão. Aprimoraram técnicas de tratar efeitos da bomba atômica no corpo das pessoas. A Pandemia me obrigou a olhar para dentro de mim. Notei que o que eu tomava como objeto científico era, em grande medida, parte do que vivi ao longo dos dois séculos entre o Japão e o Brasil. Eu mesma consolidava esse fluxo circular que mantinha as duas línguas vivas em mim e nos meus filhos, e agora na vida de meus netos.

Passei a compreender que o conceito científico de Língua de Herança precisaria ser revisto. Todas as evidências mostravam que LH é um conceito ligado a percursos individuais que se reverberam em núcleos familiares. O que está em jogo é a luta das línguas – e não das etnias – por sobrevivência. Entre os participantes de minha pesquisa, encontrei muitos descendentes de japoneses que sequer sabiam falar uma palavra em japonês. Identifiquei também os que falavam ambas as línguas com perfeição de entrelaçamento, como num *code-switching*. Encontrei os que não se sentem confortáveis em falar o português do Brasil, apesar de ali viverem.

Então uma segunda – e muito importante – descoberta que eu fiz: LH é também cultura ou é essencialmente sociocultural. É a sociocultural que enraíza os contatos de comunidades dispersas – nascidas do outro lado do globo – desde que haja um espaço especialmente veiculador dessa cultura. Para a família Morita foi a luta pelos direitos dos sobreviventes de Hiroshima, por meio da fundação da Associação das Vítimas da Bomba Atômica no Brasil. Essa causa atraiu os filhos dos sobreviventes para vivenciarem a cultura japonesa, mesmo que nunca tivessem vivenciado a circularidade. Também foi o espaço do teatro que favoreceu a interação entre comunidades que quiseram conhecer a história dos japoneses migrados para o Brasil. Esses são alguns dos exemplos. Um último exemplo – e muito relevante – foi a luta de famílias para manter seus descendentes vinculados a um ambiente de fé e conduta, como foi o caso da religião de minha mãe, o *Budismo Honmon Butsuryu-Shu*, conhecido no Brasil como Budismo Primordial – Honmon Butsuryu-Shu do Brasil.

Na ocasião em que entreguei esta tese para a apreciação de minha orientadora, ocorreu um fato de grande impacto, o falecimento de Hyogen Komatsu, uma das personagens principais de minha história de vida e que acompanhou toda a trajetória que percorri nessa circularidade Japão-Brasil. Participei da cerimônia de seu funeral, ministrada por monges do *Budismo Primordial*. Ele, se pudesse, deporia – hoje –, em japonês, que várias missões estão cumpridas neste ano de 2023.

O **objetivo** desta tese era cercar de fatos e argumentos, extraídos das experiências pessoais de imigrantes japoneses, o tema da mobilidade circular como fenômeno ligado intrinsecamente ao tema das LH. Uma pergunta que inseria costumeiramente nas conversas que mantive com imigrantes em São Paulo era como sua Língua de Herança sobrevivera numa sociedade cuja língua majoritária é o Português do Brasil. Eu alimentava a **hipótese** de que a mobilidade de descendentes em movimentos de circularidade era o que garantia essa manutenção. Aos poucos fui vendo que, para além disso, havia elementos arraigados na habitualidade das famílias que os obrigava a entrar em contato direto com a LH. Os bilíngues simultâneos representariam, nesse contexto analisado, os que cumpririam as duas condições hipotéticas: além de aderirem a hábitos culturais japoneses no Brasil, também vivenciaram a circularidade geográfica.

Vários relatos ratificaram as hipóteses e consolidaram-se mais claramente na história da família japonesa Kato-Kondo, que se replicou no novo núcleo familiar Kondo-Komatsu. Circularidade, assim, deixa de ser concebido como um rótulo puramente geográfico, assim como LH. Uma língua majoritária nem sempre consegue vencer a

batalha cultural empreendida por famílias de imigrantes, desde que contem com um aparato cultural que engendre hábitos cotidianos de revisitação àquela língua.

Planejei esta tese em quatro capítulos. No capítulo I, intitulado *Fundamentação e dinâmica apreendida*, abordei a questão da linguagem humana, como mote para discutir a pertença sociocultural. No capítulo II, *Fluidez linguístico-cultural, bilinguismo e Língua de Herança*, apresentei algumas ideias relevantes sobre os mecanismos cognitivos implicados na aquisição de duas línguas simultaneamente. Demonstrei como o rótulo LH é compreendido fora do enquadramento da circularidade para chegar, depois, a refletir sobre a alternância do estatuto dessas línguas, quando o falante assume a dinâmica de conviver num país diferente de tempos em tempos, imerso em ondas de circularidade que vão compondo seus traços identitários de uma forma misturada, mas não misturada o tempo todo. No capítulo III, organizei a *História de vida, cultura e LH* dos participantes com que pude interagir previamente à Pandemia. Em todas as narrativas, houve o cuidado de inseri-las num enquadramento histórico de migração. E, no capítulo IV, intitulado *Língua de Herança e bilinguismo: uma reconstrução memorável*, reconstruí a história de uma família japonesa e sua diversidade em termos de adesão ao bilinguismo eletivo e simultâneo. Ao longo das narrativas, recrudescer a ideia de que a religião de linhagem materna construiu os hábitos japoneses de membros dos núcleos familiares referidos. LH não é só a língua, mas, a partir dali todo aparato cultural material ou imaterial que fortaleça a integração do grupo. Demonstrei como isso ocorreu comigo própria e como tenho me esforçado para passar o bastão da herança cultural aos meus netos.

Nesta tese, em suma, procurei demonstrar que ninguém é bilíngue apenas por vontade própria, mas depende de uma história social e de um determinado contexto geográfico, onde a pessoa vive. Além disso, cada família tem o seu percurso que é inserido numa história geral. Os fenômenos migratórios envolvem questões econômicas e sociais, embora a iniciativa de migrar para um país estrangeiro seja uma decisão que pertence à instância familiar e individual. Meus pais resolveram tentar a vida num novo país do outro lado do mundo, porque tinham sofrido muito com a Segunda Guerra Mundial, que atingiu o Japão de 1941 a 1945, e se sentiam incomodados com os novos conflitos na região do Extremo Oriente, como era o caso da Guerra da Coreia (1950-1953). Eles queriam trabalhar e educar os filhos num país em que a paz não fosse, constantemente, ameaçada.

Verifiquei, ao longo da pesquisa, que as escolhas pessoais e a história de vida de cada um constituem-se como elementos-chave na formação do bilinguismo simultâneo. Isso deve ter ficado claro no relato pessoal que fiz a partir de minhas recordações e da análise da trajetória de outras famílias (capítulo III) e outros núcleos familiares dentro de minha própria família (capítulo IV). É aí que vai entrar também a capacidade cognitiva de cada um e de como esta fluidez é aproveitada pelo indivíduo. A visão detalhada mostra que, numa mesma família, um filho pode desenvolver um bilinguismo simultâneo, enquanto outros irmãos chegam a falar somente uma língua híbrida, ou seja, caracterizada pela alternância de código sem reverberar grande fluidez. Isso não significa, no entanto, que a habilidade de escrita – que é outro mundo de vivências – seja compulsória. As oportunidades oferecidas pelo contexto social (*inputs*) e os acontecimentos históricos são alavancadas pelo potencial cognitivo individual. Portanto, esses fatores subjetivos dependem da história pessoal e da força de vontade de cada um para tomar posse de sua herança linguística e cultural. No caso do bilinguismo português-japonês, é exigida uma dedicação ainda maior, por serem duas línguas completamente diferentes no léxico, nas estruturas gramaticais, na sintaxe e, principalmente, na escrita.

Como vimos, o bilinguismo pode se caracterizar como linguístico apenas ou ser associado à cultura de herança. Isso vai depender das oportunidades oferecidas pelo círculo social ou pela posição dos pais, além das escolhas pessoais de cada indivíduo. Um dos membros entrados na família Kondo, por exemplo, uma pessoa bilíngue simultânea, que era protestante, quando se casou com meu irmão Tomoharu (legítimo membro da família Kondo), converteu-se, ao longo do tempo, ao budismo. Com a intensa dedicação, foi nomeada bispa do *Budismo Primordial* no Templo Nyorenji, de Curitiba (PR). Desde que a conheci, converso com ela somente em japonês. Já com suas duas irmãs, que guardam uma diferença de dois e quatro anos mais novas do que eu, nossa conversa era costumeiramente tecida em português. Como explicar esse fenômeno da diversidade dentro de um mesmo núcleo familiar, se não pelos hábitos culturais e atitudes cotidianas?

Notei ao longo dos estudos que os participantes que eram pais denotavam uma força de atração relevante à cultura de herança (capítulo III). Posteriormente, dei-me conta de que eu própria agia como força centrípeta junto aos meus filhos. Procurei oferecer a eles uma educação que contemplasse tanto a cultura brasileira quanto a japonesa. Ambos foram batizados na igreja católica para que tivessem acesso aos costumes brasileiros, no entanto, a força atratora foi guiada pelo budismo japonês, já que era esse o hábito familiar que congregava a todos.

Portanto, como pude evidenciar, os costumes e práticas culturais são experiências decisivas para orientar o desenvolvimento linguístico-cultural de famílias de imigrantes. Discutir a LH de descendentes japoneses permite repensar as práticas escolares, inclusive, que se destinam às crianças que vivem numa sociedade, onde sua língua e cultura de herança são minoritárias, esmagadas pela língua majoritária. A revisitação contínua aos polos que criam tensão, de modo positivo, entre as culturas, como é o caso da diversidade religiosa pode estimular o falante de herança a se destacar positivamente na sociedade em geral, ao mesmo tempo em que se sinta parte de uma rede identitária da comunidade de origem. A circularidade – seja de sociocultural no espaço brasileiro ou japonês, seja de circularidade geográfica – é, de fato, a grande salvaguarda para a manutenção da LH.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução J.Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.

AKIOKA, Silvia Lumy. Capítulo 8: Lembranças de uma ex-dekassegui. Descubra Nikkei – os imigrantes japoneses e seus descendentes, 28 Jan 2010. Disponível em: <http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2010/1/28/brasileira-outro-lado-do-mundo/> Acesso em: 22/12/2022

ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Editora 34, 2015.

AQUINO, Rubim Santo Leão de. **História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2009.

ALVES, Roberto Teixeira. **História da cooperação técnica entre a Embrapa Cerrados e a Jica**. Planaltina, DF: EMBRAPA, 2021. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/227044/1/Historia-da-cooperacao-tecnica-entre-a-Embrapa-Cerrados-e-a-Jica-DOC386.pdf> Acesso em: 11/01/2023

BASHÔ, Matsuo. **Sendas de Oku**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1983. [Oemigrante.pdf](#) Acesso em: 02/12/2022

BOULOS, Alfredo. **História: Sociedade e Cidadania**. São Paulo: FTD, 2011.

BROUGÈRE, Gilles. Uma teoria da aprendizagem adaptada: a aprendizagem com participação. In: Brougère, G.; Ulmann, A.L. (orgs.). **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas: Autores Associados, 2012.

BRUNER, Jerome. **Comment les enfants apprennent à parler**. Paris: Editions Retz, 1987.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas”. In: **Revista da USP**, No.119, 2014. Disponível em: <https://jornal.usp.br/revistausp/revista-usp-119-textos-8-imigrantes-indesejaveis-a-ideologia-do-etiquetamento-durante-a-era-vargas/> Acesso em: 22/12/2022

CAETANO, Sheila Cavalcante; RESENDE, Briseida Dôgo de; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MÓDULO, Marcelo; PAULA, Fraulein Vidigal de. **Linguagem e Cognição: Um diálogo interdisciplinar**. Itália: Pensa MultiMedia, 2015.

CORREIA, Kyohaku. **O que é Primordial – Budismo com Cem Anos – Centenário da Imigração Japonesa**. São José de Pinhais: Ed. RCM, 2008.

COSTA, João Pedro Corrêa. **De Decasségui a Emigrante**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/CgToquio/pt-br/file/De%20decassegui%20a%2>

CUMMINS, Jim. **Bilingualism and Special Education**. Clevedon, England: Multilingual Matters, 1984.

FILIPOVIĆ, Danijela. “The implementation of the UNESCO Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage in the Republic of Serbia: documentation of the National Register of Intangible Cultural Heritage at the Ethnographic Museum in Belgrade”. In: **Intangible Cultural Heritage: Safeguarding Experiences in Central and Eastern European Countries and China**. The 10Th Anniversary of the Entry into Force of the 2003 Convention through the Prism of Sustainable Development, editado por Andrzej Rottermund. Warsaw: Łódzkie Zakłady Graficzne, 2017.

FUJII, William Kyoshi. **Jovens universitários brasileiros nas linhas de produção japonesas uma contribuição ao estudo do fenômeno migratório entre o Brasil e o Japão** (1908-2008). Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-05082009-163233/publico/WILLIAM_KYOSHI_FUGII.pdf Acesso em: 04/12/2022

GARDENAL, Luiz Maximiliano Santin. **A alternância de código das falas de nipo-brasileiros de Aliança e Fukuhaku-mura dos informantes isseis na pesquisa: as línguas faladas nas comunidades Nikkei do Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociolinguística do Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2008. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-10032009-174547/publico/LUIZ_MAXIMILIANO_SANTIN_GARDENAL.pdf Acesso em: 23/03/2023

GEERAERTS, Dirk, GRONDELAERS, Stefan & BAKEMA, Peter. **The Structure of Lexical Variation: Meaning, Naming, and Context**. *Cognitive Linguistics Research*, 5. Berlin - New York: 1995.

GIVÓN, Talmy. **The Genesis of Syntactic Complexity: Diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Gramaticalization: A Conceptual Framework**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1991.

HEYE, J.; SAVEDRA, M. Dimensões de bilingüismo e bilinguagem na aquisição formal da L2. **Revista Palavra**, n. 3. Rio de Janeiro. Departamento de Letras, PUC-Rio, 1995, p. 78-96.

HOBBSAWN, Eric. **The age of extremes: a history of the world, 1914-1991**. New York: Vintage Books, 1996.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva: USP, 2004.

JENNINGS-WINTERLE, Felicia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (orgs.). **Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim**. New York: Ed. Brasil em Mente, 2015.

KAMATA, Fátima. Filhos de brasileiros no Japão começam a superar barreiras no mercado de trabalho qualificado, de Tóquio para a **BBC News Brasil**. Publicado em 09.06.2019. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48522436> Acesso em:

Acesso em: 11/04/2023

KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros?** – Imigrantes Brasileiros no Japão. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

KAWAMURA, Lili. “Mudanças na recente migração Brasil-Japão: núcleos e redes migratórias”. In: Baeninger, Rosana; Dedecca Claudio Salvadori (orgs.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo: Estudos Temáticos**. Coleção por dentro do Estado de São Paulo, v. 10. Campinas: Núcleo de Estudos de População (NEPO) – UNICAMP, 2013. pp. 495-508.

KAWAMURA, Sayaka; GOZA, Franklin. “English Acquisition and Japanese Language Maintenance Among Japanese-American Youth”. **International Migration** (IOM- UN Migration). Wiley Online Library, 08 September 2013. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-2435.2009.00538.x> Acesso em: 22/12/2022

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. “Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação.” In: Frade, I.C.A.S. [et al.] **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: autêntica, 2010.

KOMATSU, Ernesto Akito Kondo. **Conte a Sua História** – Projeto incorporado ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Disponível em:

<http://www.japao100.com.br/home/> Acesso em: 29/12/2022

KOMATSU, Patrícia Elisa Kuniko Kondo. **À Espreita de “Súditos do Eixo” – Para a História Social dos Imigrantes Japoneses e a Situação do Português Paulista do Século XX**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2010.

KOMATSU, Patrícia Elisa Kuniko Kondo; RODRIGUES, Talita Silva da. “Neurociência, Estudos em Cognição e a Perspectiva Funcionalista da Linguagem: abordagem multidisciplinar sobre o verbal”. In: DE RESENDE, Briseida; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Linguagem e Cognição: um diálogo interdisciplinar**. Lecce, Itália: Prensa MultiMedia, 2015.

KOMATSU, Patrícia Elisa Kuniko Kondo. “Os japoneses órfãos na China: um difícil retorno”. In: MILTON, John; ABI-SÂMARA, Raquel; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (orgs.). **Cruzamentos: Brasil, Portugal e Grande China**. São Paulo: Paulistana Editora, 2019A

KOMATSU, Patrícia Elisa Kuniko Kondo. “Português como Língua de Herança no Japão”. In: CARVALHINHOS, Patrícia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **A casa, o sapo e o baú português**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019B.

KONDO-BROWN, Kimi. **Heritage Language: focus on East Asian immigrants.**

Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-4781.2008.00692_9.x Acesso em: 22/12/2022

LAKOFF, George. “Cognitive Linguistics I "Metaphor and war: The metaphor system used to justify war in the gulf”. Published by De Gruyter Mouton, 18 de outubro de 2013.

Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/cogsem.2012.4.2.5/html> Acesso em: 11/04/2023

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**, Vol. I, Theoretical Prerequisites. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

LEONTIEV, A. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CARVALHINHOS, Patrícia; TEIXEIRA E SILVA, Roberval. “Nomeação e batismo: processos inclusivos na Macau do início do século XX”. In: **Revista de Cultura**, Instituto Cultural, Macau, RAEM, No. 46, 2014.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CIOCCHI-SASSI, Karina Viana. “Língua de Herança como integradora de identidades”. In: JENNINGS-WINTERLE, Felicia; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (orgs.). **Português como Língua de Herança: a filosofia do começo, meio e fim**. New York: Ed. Brasil em Mente, 2015.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **O efeito fênix nos estudos das Línguas de Herança – dinâmicas de circularidade**. Conferência apresentada no II Congresso Mundial de Bilinguismo e Línguas de Herança e II Congresso Brasileiro de Português Língua de Herança (CMBELH/CBPLH). Brasília: UnB, 2022. (no Prelo)

LIMA-HERNANDES, Maria Célia; ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **O efeito fênix nos estudos das Línguas de Herança – dinâmicas de circularidade**. Conferência apresentada no II Congresso Mundial de Bilinguismo e Línguas de Herança e II Congresso Brasileiro de Português Língua de Herança (CMBELH/CBPLH). Brasília: UnB, 2022. (no Prelo)

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. “Sociolinguística e línguas de herança”. In: MOLLICA, Maria Célia; FERRAREZI JR., Celso (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

LUKE, Allan. On this writing: an Authotheoretic Account. In: NUNAN, David; CHOI, Julie. **Language and Culture Reflective Narratives and the Emergence of identity**. New York: Routledge, 2010.

MARANGONI, Gilberto. “Anos 1980, década perdida ou ganha?”. IPEA – Desafios do Desenvolvimento, Ano 9. Edição 72 - 15/06/2012.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro - Víctor Parede. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. Disponível em:

<http://projetosntenoite.pbworks.com/w/file/etch/57862773/Humberto%20Maturana%20-20Cogni%C3%A7%C3%A3o,%20Ci%C3%Aancia%20e%20Vida%20Cotidiana.pdf>
Acesso em: 22/12/2022

MORAIS, Fernando. **Corações sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORATO, Edwiges Maria. “Da relação entre linguagem e cognição”. In: RESENDE, Briseida Dôgo de; PAULA, Fraulein Vidigal de. “Filogênese e ontogênese da linguagem”. In: RESENDE, Briseida; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Linguagem e Cognição: um diálogo interdisciplinar**. Lecce, Itália: Prensa Multimedia, 2015.

MORITA, Takashi. **A última mensagem de Hiroshima: o que vi e como sobrevivi à bomba atômica**. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

NAKAGAWA, Kyoko Yamagida. **Crianças envolvidas no movimento de kassegui**. Dissertação de Mestrado em Serviço Social PUC/SP: 2000.

NUNAN, David; CHOI, Julie. **Language and Culture Reflective Narratives and the Emergence of identity**. New York: Routledge, 2010.

OGURO, Susan; MOLONEY, Robyn. “Misplaced Heritage Learners of Japanese in Secondary Schools”. In: **Heritage Language Journal**, 9 (2), 2012, p. 207-220. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328530128_Misplaced_Heritage_Learners_of_Japanese_in_Secondary_Schools

PEREIRA, Sônia; SIQUEIRA, Sueli. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. REMHU - **Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 117-138, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/nkVKnYpJcKCb9qtnJjXn3FR/?lang=pt&format=pdf>
Acesso em: 11/04/2023

PIAGET, Jean. *A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PINKER, Steven. **The Language Instinct**. New York: William Morrow, 1994.

RESENDE, Briseida Dôgo de; PAULA, Fraulein Vidigal de. “Filogênese e ontogênese da linguagem”. In: RESENDE, Briseida D.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; MÓDOLO, Marcelo; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Linguagem e Cognição: um diálogo interdisciplinar**. Lecce, Itália: Prensa Multimedia, 2015.

SAKAMOTO, Mitsuyo. “Balancing L1 maintenance and L2 learning”. In: **Heritage Language Development: Focus on East Asian Immigrants**. John Benjamins Publishing Company 2006. 33–56. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/sibil.32.06sak>
Acesso em: 22/12/2022

SAKAMOTO, Rita de Cássia. **Situação da educação e ensino das crianças brasileiras no Japão**, em 30 de julho de 2012. Disponível em:

<http://cassiameuambiente.blogspot.com.br/2012/07/a-situacao-da-educacao-e-ensino-das.html> Acesso em: 30/03/2023

SANO, Aiko; NAKAJIMA, Kazuko; THOMSON, Haidee; FUKUKAWA, Misa; IKUTA, Yuko; NAKANO, Tomoko. **Writing abilities of grade 1-9 Japanese English bilinguals: linguistic interdependence and abe, LOR and AOA**. Osaka: OUKA – University of Osaka Knowledge Archive, 2014.

SANTOS, Ana Cecília Costa. **Documentário em primeira pessoa: relatos íntimos no audiovisual**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 2012.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. “O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios”. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1969.

SCHMOLL, Laurence. **L’emploi des jeux dans l’enseignement des langues étrangères: Du traditionnel au numérique**. Science du jeu, 5, 2016.

SHISHITO, Katiani Tatíe; SHISHITO, Fabio Akira. “O impacto da crise econômica de 2008 sobre o movimento *dekassegui*”. In: Baeninger, Rosana; Dedecca Claudio Salvadori (orgs.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo: Estudos Temáticos**. Coleção por dentro do Estado de São Paulo, v. 10. Campinas: Núcleo de Estudos de População (NEPO) – UNICAMP, 2013. pp. 509-522.

SHIZUNO, Kinue. Minha História, Projeto incorporado ao Museu da Imigração Japonesa no Brasil. Depoimento à jornalista Kátia Arima, Enviada em: 11/10/2007. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/perfil/27/historia/40/> Acesso em: 26/03/2023

SHOUNIN, Nissen. **Coletânea de versos do Budismo Primordial**. São Paulo: Religião Budista Honmon Butsuryu-Shu do Brasil, 2017.

SIM-SIM, Inês. “Aquisição da linguagem: Um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento”. In: Maria João Freitas & Ana Lúcia Santos (eds.) **Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Language Science Press. Disponível em: <https://langsci-press.org/catalog/book/160> Acesso em: 11/04/2023

TALMY, Leonard. "Figure and ground in complex sentences". In: J. Greenberg (ed.). **Universals of Human Language**. Stanford: Stanford University Press, 1978, pp.625-649.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TANIGUTI, Gustavo Takeshy. “Imigrantes japoneses e mercado de trabalho agrícola em São Paulo, 1908-1958”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; HIRANO, Sedi. **Histórias migrantes: um mosaico de nacionalidades e múltiplas culturas**. São Paulo: Humanitas, 2014.

TAYLOR, John R. & MACLAURY, Robert E. (eds.). **Language and the Cognitive Construal of the World**. Berlin - New York: 1995.

TITONE, Renzo. **Bilinguismo precoce e educazione bilingue**. Roma: Armando Editore, 1993.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

UEHARA, Kokei (org.). **Cem anos da imigração japonesa no Brasil através de fotografias**. São Paulo: Museu Histórico da imigração Japonesa no Brasil, Fukyo-sya, 2008.

VYGOTSKI, Luria; LEONTIEV, Alexei. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/USP, 1988.

OUTRAS FONTES DE PESQUISA ON-LINE

CAPOEIRA NO JAPÃO – a arte brasileira na terra do sol nascente. Coisas do Japão. Disp.

‘1’em: <https://coisasdojapao.com/2017/10/capoeira-no-japao-arte-brasileira-na-terra-do-sol-nascente/#:~:text=Atualmente%20no%20Jap%C3%A3o%2C%20existem%20mais,no%20respeito%20m%C3%BAtu%C3%A3o%20e%20amizade>. Acesso em: 27/12/2022

Código de Conduta do Grupo Muzenza de Capoeira. Disponível em: <https://muzenza.com.br/site/codigo-de-conduta/> Acesso em: 28/11/2022

Conte a Sua História – Projeto incorporado ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/home/> Acesso em: 29/12/2022

GRUPO DE CAPOEIRA REGIONAL TEMPO – Mestre Tony. Disponível em: <http://capoeiragrupotempo.blogspot.com/p/biografia-resumida-do-mestre-tony.html> Acesso em: 27/12/2022

100 Years of Japanese Immigration to Brazil. Disponível em: https://www.ndl.go.jp/brasil/e/s7/s7_2.html Acesso em: 12/01/2023

JAPÃO EM FOCO. Hiroshima antes e depois da bomba atômica. 2015. Disponível em: <http://www.japaoemfoco.com/hiroshima-antes-e-depois-da-bomba-atomica/>. Acesso em 20/03/ 2016.

MADE IN JAPAN. A Vida depois da bomba. 2005. Disponível em: <http://madeinjapan.com.br/2005/08/06/a-vida-depois-da-bomba/> Acesso em 21/04/ 2016.